



psycho killer

gossip girl

Cecily von Ziegesar

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



psycho killer

gossip girl

Cecily von Ziegesar

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



psycho killer

gossip girl

Cecily von Ziegesar

Com louvor

Série Gossip Girl:

- Volume 1 – *As delícias da fofoca*
- Volume 2 – *Você sabe que me ama*
- Volume 3 – *Eu quero tudo!*
- Volume 4 – *Eu mereço!*
- Volume 5 – *Do jeito que eu gosto*
- Volume 6 – *É você que eu quero*
- Volume 7 – *Ninguém faz melhor*
- Volume 8 – *Nunca mais!*
- Volume 9 – *Vai sonhando*
- Volume 10 – *Eu não mentiria para você*
- Volume 11 – *Não me esqueça*
- Volume 12 – *Eu sempre vou te amar*

O início – *Só podia ser você*
Psycho Killer

Série It girl:

- Volume 1 – *Garota problema*
- Volume 2 – *Uma garota entre nós*
- Volume 3 – *Garota sem limite*
- Volume 4 – *Garota inesquecível*
- Volume 5 – *Garota de sorte*
- Volume 6 – *Garota em tentação*
- Volume 7 – *Garotas em festa*

Série Gossip Girl – Os Carlyle:

- Volume 1 – *Os Carlyle*
- Volume 2 – *Você nunca se satisfaz*

Cecily von Ziegesar

psycho killer
gossip girl

Tradução de
RYTA VINAGRE



G A L E R I A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Von Ziegesar, Cecily

V92g

Psycho Killer / Cecily von Ziegesar; tradução de Ryta Vinagre. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.

Tradução de: Gossip Girl: Psycho Killer

Formato: ePub

Requisitos de acesso: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40245-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

12-3939

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

Gossip Girl: Psycho Killer

Copyright © 2011 by Alloy Entertainment and Cecily von Ziegesar

Publicado mediante acordo com Rights People, London.

Criado por Cecily von Ziegesar.

Haikais nas páginas 163, 192 e 194 © 1994 Robert Hass. Retirados de *The Essential Haiku: Versions of Basho, Buson & Issa*, editado e traduzido em inglês por Robert Hass, New Jersey: The Ecco Press, 1994.

“Sexyback” de Nathaniel Hills Floyd, Timothy Z. Mosley, Justin R. Timberlake (Tennman Tunes, Universal Music-Z Tunes, LLC, Virginia Beach Music, WB Music Corp.). Todos os direitos reservados.

“Le Freak” de Bernard Edwards, Nile Gregory Rodgers (Bernard S Other Music e Sony/ATV Songs LLC). Todos os direitos reservados.

“Whip My Hair” de Ronald M. Jackson, Janae Liann Ratliff (Dime 4 My Jukebox, EMI April Music, Inc., The Levite Camp Music, Universal Music Corporation). Todos os direitos reservados.

“Ballad of Sweeney Todd” de Stephen Sondheim (Revelation Music Publishing Corporation,

Rilting Music, Inc.). Todos os direitos reservados.

“Emotional Rescue” de Michael Phillip Jagger, Keith Richards (EMI Music Publishing LTD).
Todos os direitos reservados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-40245-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Tens sangue no teu rosto.

— *Macbeth*, William Shakespeare



gossipgirl.net

[temas](#)[◀ anterior](#)[próxima ▶](#)[faça uma](#)[respostas](#)[pergunta](#)

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Vocês querem saber como é a vida dos eleitos? Bem, eu vou contar, porque sou um deles. Não estou falando de modelos ou atores, da realeza nem de estrelas de reality show, de líderes cult ou dos mortos-vivos. Estou falando de pessoas que *nasceram para isso* — as que têm tudo o que qualquer um pode querer e que não dão valor a nada. As que literalmente se safam de homicídios.

Bem-vindos ao Upper East Side de Nova York, onde meus amigos e eu moramos, estudamos e nos divertimos — e às vezes nos matamos. Todos nós moramos em apartamentos enormes, temos nosso próprio quarto, nosso próprio banheiro e nosso próprio telefone. Temos acesso ilimitado a dinheiro, bebidas, armas antigas, venenos apocalípticos, os melhores limpadores de carpete, malas sob medida, sedãs de luxo e qualquer coisa que a gente quiser. Nossos pais raramente estão em casa, então temos toneladas de privacidade e oportunidades ilimitadas de cometer crimes escandalosamente sujos. Somos inteligentes, herdamos uma beleza clássica, usamos roupas incríveis e sabemos nos divertir. Nosso cocô ainda fede, mas não dá para sentir o cheiro porque a cobertura é descontaminada de hora em hora e a empregada borrifa um desodorizador refrescante feito exclusivamente para nós por perfumarias francesas.

É uma vida de luxo, mas alguém tem de vivê-la... Até que morra.

Nossos apartamentos ficam perto do Metropolitan Museum of Art, na Quinta Avenida, e das escolas particulares exclusivas para meninas ou meninos, como

a Constance Billard, que a maioria de nós frequenta. Até de ressaca e com uma câibra por causa da última noite de chacina a Quinta Avenida sempre parece linda de manhã, com a luz do sol brilhando na cabeça dos meninos gostosões da St. Jude's School.

Mas há algo de podre no caminho do museu...

flagra

B com a mãe, trocando olhares fatais na frente da **Barneys**. **N** apertando um na escadaria do **Met**, com o bastão de lacrosse aos pés. **C** torrando uma fortuna em sapatos novos para a escola na **Hermès**. E uma loura alta, conhecida e sinistramente bonita, saindo de um trem de New Haven na **Grand Central Station**, carregando uma bolsa de viagem suficientemente grande para caber um cadáver e um estojo de violino, embora não toque nada. Idade aproximada: 17. *Pela coceira nos meus dedos, something wicked this way comes* ou, para resumir, *vem coisa perversa por aí*. Será ela? **S** voltou?!

a garota que vai para o internato, é expulsa e volta para nos assombrar, ou pior do que isso

Sim, **S** está de volta do internato. Seus cabelos estão mais compridos e mais claros. Os olhos azuis têm o mistério e a profundidade de um armário tão cheio de esqueletos que a porta nem fecha mais. Está usando as mesmas velhas roupas fabulosas, agora em trapos depois de rechaçar os meninos enfeitçados do internato e as estalactites dos longos invernos da Nova Inglaterra. Hoje de manhã, o riso jubiloso e arrepiante de **S** ecoou na escadaria do Met, onde não poderemos mais curtir um fumo e um cappuccino sem vê-la acenando para nós usando a mão rija de uma de suas vítimas, da cobertura dos pais dela do outro lado da rua. Ela agora tem o hábito de roer as unhas até tirar sangue, o que nos deixa ainda mais curiosos, e embora todos estejamos morrendo de vontade de lhe perguntar por que ela foi expulsa do internato, ninguém pergunta, porque preferimos que ela fique bem longe. Mas **S** definitivamente está aqui para nos assombrar.

Só por segurança, devemos todos sincronizar os relógios, avisar ao porteiro, trocar as fechaduras e ter à mão um bastão de beisebol ou taco de golfe. Se não tivermos cuidado, **S** vai conquistar nossos professores, usar aquela roupa que não cabe na gente, comer a última azeitona, transar na cama dos nossos

pais, derramar Campari no nosso tapete, roubar o coração de nossos irmãos e namorados, nos estrangular durante o sono e basicamente acabar com nossas vidas e nos irritar ao extremo.

Vou ficar de olho. Vou ficar de olho em todos nós, enquanto caímos feito moscas. Este será um ano turbulento e perverso. Dá para sentir o cheiro dele.

Beijos,

gossip girl

como muitas histórias de matar, esta começou numa festa

— Fiquei assistindo às reprises de *Dexter* a manhã toda no meu quarto, assim não teria de tomar o café da manhã com eles — disse Blair Waldorf a duas de suas melhores amigas e colegas de turma da Constance Billard, Kati Farkas e Isabel Coates. — Minha mãe fez fígado frito para ele. Eu não tinha a menor ideia de que ela sabia usar o fogão.

Blair prendeu os longos cabelos castanho-escuros por trás das orelhas e bebeu um gole do uísque da mãe no copo de cristal que segurava. Já estava no segundo copo e pretendia beber muito mais. Qualquer coisa para evitar a fúria assassina que ameaçava dominá-la. A testa ficava toda enrugada e nada atraente quando ela se zangava.

— Que episódios você assistiu? — perguntou Isabel, tirando um fio de cabelo do cardigã de cashmere preto de Blair.

— Que diferença faz? — disse Blair, batendo o pé. Usava as novas sapatilhas pretas, um visual bem caretinha de aluna de escola preparatória do qual conseguiu se safar porque em um instante poderia mudar de ideia, borrar o batom, zangar o cabelo, colocar as botas surradas, pontudas e de salto alto e aquela saia metalizada e criminosamente curta que a mãe dela odiava. *Puft*: uma mistura de presidiária foragida com peruinha meio rock. Miau. — O caso é que eu fiquei presa no quarto a manhã toda porque eles estavam ocupados tendo um baita café da manhã romântico, cada um com um roupão de seda vermelha combinandinho. E eles nem mesmo tomaram *banho*. — Blair bebeu outro gole. A única maneira de aguentar a ideia de sua mãe dormindo com *aquele homem* era ficando bêbada, muito bêbada, e imaginar os dois morrendo da bactéria da vaca louca em seu fígado frito.

Por sorte, Blair e as amigas vinham daquele tipo de família para a qual beber era tão comum quanto um sangramento nasal ou ter uma cicatriz cirúrgica. Os pais acreditavam na ideia meio europeia de que

quanto mais acesso as crianças tivessem ao álcool, menos provável seria que abusassem dele. Então Blair e as amigas podiam beber o que quisessem, sempre que quisessem, desde que mantivessem as notas altas e as aparências, e não passassem vergonha nem envergonhassem a família vomitando em público, urinando na calça ou falando demais na rua. O mesmo valia para qualquer outra coisa, como sexo, drogas ou homicídio — desde que você mantivesse as aparências, tudo bem.

Mas nada de arriar a calcinha. Isso fica para depois.

O homem com quem Blair estava irritada era Cyrus Rose, o novo namorado da mãe. Naquele momento Cyrus Rose estava parado do outro lado da sala, recebendo os convidados para o jantar. Ele parecia alguém que podia ajudar você a escolher os sapatos na Saks — careca, bigodudo, a barriga gorda meio aparente sob o terno azul brilhante trespassado — ou alguém a quem você pagaria para dar fim naquele tio-avô podre de rico que se recusava a morrer. Ele tinha as moedas no bolso sem parar e, quando tirava o paletó, havia manchas de suor grandes e horrendas nas axilas. Ria alto e era muito gentil com a mãe de Blair. Mas não era o pai de Blair. No ano anterior, o pai de Blair tinha fugido para a França com outro homem, que pelo que ela sabia, podia muito bem ser um psicopata muito lindo.

Embora o vinho *private label* que os dois produzem no chateau deles seja excelente.

É claro que nada disso era culpa de Cyrus Rose, mas não fazia diferença para Blair. Para ela, Cyrus Rose era um *fracassado* gordo irritante que merecia morrer — talvez por estrangulamento, depois de ter o pescoço inchado preso no cinto de seu horrível roupão de seda vermelho.

Mas não esta noite. Hoje à noite Blair ia ter de aguentar Cyrus Rose, porque o jantar que sua mãe dava era em homenagem a ele, e todos os amigos da família Waldorf estavam lá para conhecê-lo: a família de sangue azul Bass e seus filhos, Chuck e Donald; o viúvo trágico Sr. Farkas e sua filha, Kati; o produtor de filmes sanguinolentos dos anos 1980 Arthur Coates, a esposa coveira Titi e as filhas, Isabel, Regina e Camilla; os descendentes da finada realeza britânica Patty e Roger Scott Tompkinson e seu filho, Jeremy (que na verdade não dava as caras, devia estar doidão no banheiro da empregada); o capitão “Mate ou Morra” Archibald, a mulher Sra. Archibald e seu filho, Nate. Os únicos que ainda não tinham chegado eram o Sr. e a Sra. Van der Woodsen, cuja filha adolescente, Serena, e cujo filho, Erik, estavam

fora, estudando.

A mãe de Blair era famosa por seus jantares, e este era o primeiro desde o divórcio infame. A cobertura dos Waldorf tinha sido dispendiosamente redecorada naquele verão em vermelho-hematoma e marrom desbotado, e estava repleta de antiguidades e obras de arte impressionantes, habilidosamente garimpadas por seu decorador nos espólios de colecionadores de arte recém-falecidos, pouco antes de irem a leilão. No centro da mesa de jantar havia um enorme vaso de prata cheio de lírios brancos, escaravelhos petrificados e salgueiros desidratados. Havia cartões folheados a ouro sobre cada prato laqueado de vermelho marcando os lugares. Na cozinha, Myrtle, a cozinheira, sussurrava em tom audível músicas de Ozzy Osbourne para o suflê, e a empregada irlandesa desleixada, Esther, ainda não havia derrubado seu famoso chouriço ou deixado cair canapés de biscoito Ritz no vestido de ninguém, graças a Deus.

Blair estava ficando impaciente. Se Cyrus Rose não parasse de aporrinhar Nate, o namorado dela, ela teria de atravessar a sala, derramar todo seu uísque nos sapatos italianos horrorosos dele e golpeá-lo até a morte com seu copo vazio. Ela nunca matou ninguém, mas era divertido imaginar.

Tão divertido.

— Você e Blair estão saindo há bastante tempo, não é? — disse Cyrus, cutucando Nate no braço. Ele tentava fazer com que o garoto relaxasse um pouco. Esses garotos do Upper East Side eram travados demais.

Daí o alto índice de mortalidade.

— Você já dormiu com ela? — perguntou Cyrus.

Nate ficou mais vermelho do que uma mancha de sangue no avental de um açougueiro.

— Bom, a gente se conhece praticamente desde que nasceu — murmurou Nate. — Mas só estamos juntos há mais ou menos um ano. Não queremos estragar tudo, sabe como é, apressando tudo antes de estarmos prontos. — Nate só estava repetindo a frase que Blair sempre dizia quando ele perguntava se ela estava pronta para transar. O caso é que ele estava falando com o namorado da mãe de sua namorada. O que devia dizer? “Cara, se dependesse de mim, a gente estaria transando *agorinha mesmo?*”

— Tem razão. — Cyrus Rose apertou o ombro de Nate com a mão gorducha e vermelha. No pulso carnudo tinha uma daquelas pulseiras

Cartier de ouro, muito populares na década de 1980 e não tão populares agora, que você atarraxa e nunca mais tira, a não ser que decepe o próprio braço.

Ou alguém decepe para você.

— Deixa eu te dar um conselho — disse Cyrus, como se Nate tivesse escolha. — Não ouça uma palavra do que aquela garota diz. As meninas gostam de surpresas. Elas querem que você mantenha as coisas interessantes. Está me entendendo?

Nate assentiu, franzindo a testa. Tentou se lembrar da última vez em que tinha surpreendido Blair. Só o que lhe veio à mente foi a vez em que ele comprou para ela um sorvete de casquinha quando a buscou na aula de tênis. Isso já fazia um mês e era uma surpresa insatisfatória sob qualquer padrão. Nesse ritmo, ele e Blair não iam transar nunca.

Nate era um daqueles garotos que a gente olha e percebe que estão pensando, *Essa garota não consegue tirar seus olhos de mim porque eu sou demais*. Mas ele não era convencido. Não podia evitar ser gostoso, só nasceu daquele jeito. Coitadinho.

Naquela noite Nate usava o suéter de cashmere verde-musgo com gola em V que Blair tinha dado a ele na última Páscoa, quando o pai dela os levou para esquiar em Sun Valley por uma semana. Em segredo, Blair costurou um coraçõzinho de ouro no lado de dentro de uma das mangas do suéter, assim Nate sempre estaria usando o coração dela na manga. Blair gostava de se achar uma romântica incurável, no estilo de atrizes do cinema antigo como Lana Turner em *O destino bate à sua porta*, Sissy Spacek em *Carrie, a estranha*, ou Glenn Close em *Atração fatal*. Ela sempre se saía com reviravoltas de enredo no filme que estrelava no momento. E normalmente alguém acabava morto.

C'est la vie.

— Eu te amo — disse uma arfante Blair a Nate quando deu o suéter a ele.

— Eu também — respondeu Nate, embora não tivesse muita certeza disso.

Quando ele vestiu o suéter, caiu tão bem que Blair quis uivar como um lobisomem, arrancar toda a roupa e pular nele. Mas não parecia atraente gritar no calor do momento — estava mais para Janet Leigh em *Psicose* do que Marilyn em *Quanto mais quente melhor* —,

então Blair ficou em silêncio, tentando se manter frágil como um filhote de passarinho nos braços de Nate. Eles se beijaram longamente, as bochechas quentes e frias ao mesmo tempo por ficar na rampa de esqui o dia todo. Nate enroscou os dedos nos cabelos de Blair e a deitou na cama do hotel. Blair colocou os braços acima da cabeça e deixou Nate começar a despi-la, até perceber aonde tudo aquilo estava levando, e que não era um filme afinal, era *real*. Assim, como a boa moça civilizada e bem educada que devia ser, ela sentou-se e fez Nate parar.

Até hoje ela o fazia parar bem na hora. Só duas noites atrás, Nate apareceu depois de uma festa com uma garrafa de conhaque pela metade no bolso, deitou na cama com ela e murmurou, “Eu quero você, Blair”. Novamente, Blair quis gritar até morrer, pular em cima dele e sufocá-lo com beijos. Mas resistiu. Nate dormiu, roncando baixinho, e Blair se deitou ao lado dele, imaginando que ela e Nate estrelovam um filme em que eram casados e ele tinha problemas com a bebida, talvez um distúrbio de múltipla personalidade, mas que ainda assim ela ficaria com ele e o amaria para sempre, mesmo que ele falasse disparates e molhasse a cama de vez em quando.

Blair não estava tentando ser implicante, só não estava *pronta*. Ela e Nate mal se viram durante o verão inteiro porque ela teve de ir a um acampamento horroroso de uma escola de tênis na Carolina do Norte, onde tentou envenenar o Kool-Aid de todos, e Nate foi velejar com o pai na costa do Maine. Blair queria ter certeza de que depois de passar todo o verão separados, eles ainda se amavam como sempre. Ela queria esperar para fazer sexo depois de seu aniversário de 17 anos, no mês seguinte.

Mas agora estava cansada de esperar.

Nate estava melhor do que nunca. O suéter verde-musgo deixava os olhos dele de um verde-escuro brilhante, e os cabelos castanhos ondulados estavam riscados de fios dourados devido ao verão no mar. E de repente Blair entendeu que estava pronta. Tomou outro gole do uísque e ergueu os dedos em volta do copo como se estivesse disparando uma pistola calibre .38.

Se conseguisse tirar Cyrus daquele cenário — *bam!* E todo mundo da festa, aliás — *bam! Bam! Bam! Bam! Bam! Bam! Bam!* Depois ela e Nate podiam transar ali mesmo na sala de jantar, nus, com toda a porcaria da cobertura só para eles, exceto os cadáveres.

Ela terminou a bebida e colocou o copo numa mesinha lateral de

mármore com tanta força que o copo e o mármore racharam.

Ah, sim. Definitivamente, ela estava pronta.

os fins justificam os meios

— Pode ficar com o troco — disse Serena van der Woodsen ao sair de um táxi na esquina da Lexington Avenue com a rua 84, a três quadras da casa dos Archibald.

O percurso da Grand Central até ali foi rápido. Serena precisava de um pouco de ar fresco, e certamente não precisava ser vista bem na frente da casa de Nate. Hoje não. Claro que qualquer um que fosse relevante já estava na *soirée* de outono de Eleanor Waldorf. Além disso, ninguém acreditaria nos próprios olhos se visse Serena van der Woodsen ali, no Upper East Side, quando deveria estar no internato.

As surradas botas de montaria com cadarço marrom Ralph Lauren não fizeram ruído na calçada quando ela caminhou até a casa, os imensos óculos escuros Céline com armação de tartaruga escondendo os enormes olhos azul-escuros. Um ciclista parou para deixá-la passar. A Park Avenue não era tão larga em suas lembranças, e as tulipas no canteiro central já haviam murchado há muito tempo. Um porteiro entediado a fuzilou de maneira acusadora quando ela virou a esquina, o toldo verde acima dele lançando uma sombra melancólica no caminho dela. Logo os portões de ferro da imponente casa de calcário dos Archibald assomariam à sua frente. Serena apertou o cinto do sobretudo xadrez marrom transparente que comprara na Bluefly.com para o caso de haver sujeira — a única peça de roupa que ela já comprara online, fora de temporada e com desconto —, respirou profundamente e tocou a campainha.

Ninguém atendeu. Ela tocou outra vez e esperou. De novo, nenhuma resposta. Passava das cinco horas. Com sorte, Lourdes e Angel — a dupla que fazia o serviço de arrumadeira, cozinheira, jardineiro, faz-tudo, manicure, massagista, limpador de chaminés, dedetizador, lavadeira, costureira, paramédico e serviço de recado dos Archibald — tinham ido para casa.

Serena colocou as luvas Sermoneta de pele de cabra forradas de cashmere cinza-claro e pegou a chave na bolsinha de pele de enguia Dolce & Gabbana — a chave que Nate havia lhe dado no verão

retrasado, quando tudo deu tão errado, ou muito certo, dependendo do lado em que se estava. O portão rangeu ao abrir, e um esquilo preto correu da cerca-viva que margeava o muro. Ah, que ironia! Por acaso Serena tinha veneno suficiente na bolsa para matar todo um exército de esquilos pretos. *Os pretos são os jovens?*, ela se perguntava vagamente, como se estivesse tentando se distrair da verdadeira natureza de sua invasão.

Qual? Estamos *morrendo* de vontade de saber.

Os ladrilhos pretos e brancos do saguão cintilavam com uma familiaridade imaculada. Quando criança, Serena passou quase tanto tempo na casa de Nate quanto na própria. Serena, Blair e Nate — um trio sempre precoce e inseparável. No primeiro ano eles se molhavam com a mangueira de jardim dos fundos. No terceiro ano praticaram beijos, decididos a aprender direito antes de todos serem amaldiçoados com aparelhos nos dentes. No quinto ano roubaram metade das garrafas do armário de bebidas e prepararam coquetéis a partir de um livro de receitas que Blair afanara da Corner Bookstore.

Colocando os óculos de sol no alto da cabeça, Serena subiu a elegante escadaria acarpetada de vermelho e trotou ao segundo andar. Parou à porta da suíte principal, muito dourada e náutica com sua decoração Luís XVI, claraboia em forma de escotilha acima da cama e tapete persa vermelho, azul e dourado resgatado do *Titanic*. Olhando para cima, o céu era um mar turquesa apático. Outubro era mesmo um mês esquisito.

Serena continuou pelo corredor e subiu uma escada mais estreita que levava aos aposentos de Nate. Lá estavam suas cuecas no piso do banheiro, onde ele as deixara. Havia uma colcha xadrez amarfanhada caindo retorcida da cama. Havia seus modelos de veleiros e a foto dele com Serena e Blair na praia, atrás da casa de Blair em Newport. Os olhos de Nate brilhavam mais verdes do que o mar atrás dos três. Blair ria. Serena examinou o próprio rosto. Na época tinha sardas e um sorriso tranquilo. Será que ainda conseguia sorrir assim?

Com a mão enluvada, ela pegou a manga da camiseta Abercrombie & Fitch cinza que Nate havia usado para jogar lacrosse naquela manhã e a levou ao nariz, aspirando o cheiro inebriante de sabonete e suor dele. Nate, o seu Nate. O Nate de Blair.

Ela voltou a olhar a foto. Seus braços despreocupados de menina de 12 anos estavam nos ombros de Nate e Blair enquanto eles riam. Covinhas mínimas e felizes marcavam seu rosto sardento. Ela piscou e,

de repente, Nate se foi. Ela o fizera desaparecer da foto. Só o que viu foi a si mesma e Blair, as duas meninas. Nate era só um pontinho mínimo, afastando-se, dissolvendo-se ao flutuar para o mar.

Ainda de luvas, Serena largou a bolsa na mesa e pegou a seringa imensa que havia arranjado no barracão do jardineiro da Hanover. Duas caveiras cortadas por um X e a palavra VENENO escrita em letras pretas imensas em negrito ornavam a seringa de tamanho desproporcional. Ela havia conseguido contrabandear a seringa até a cidade levando-a dentro do estojo do violino roubado de um segundanista da Hanover, que tocava como primeiro violinista na orquestra da escola — antes de fazer snowboard com Serena e ter de ser levado ao hospital com o queixo fraturado, a língua decepada, um pulmão perfurado e os pulsos estraçalhados.

Serena abriu a gaveta de meias de Nate e vasculhou até encontrar os meiões de futebol Adidas de poliéster amarelo-néon, enrolados, onde ele escondia a maconha.

“*Que mané*”, ela podia ouvir Blair zombar de Nate com a voz repleta de amor e desejo. “*Eu finalmente transaria com você se não fosse por essas coisas néon horrorosas.*”

Serena segurou as meias cheias de maconha numa das mãos e, com a outra, meteu a agulha da seringa nelas. As meias ficaram consideravelmente mais pesadas ao se encherem de veneno.

O pequeno despertador em formato de veleiro de Nate fazia tique-taque baixinho. O silêncio na casa era torturante.

Serena sempre odiou o silêncio, e seu período na Hanover Academy em New Hampshire foi cheio dele. É claro que ela conheceu algumas pessoas legais lá, porém sempre que ela se aproximava de alguém, acontecia alguma coisa para estragar tudo.

O Jude, por exemplo. O doce Jude. Num sábado ensolarado de outono, ele a levou para colher maçãs numa fazenda montanhosa a alguns quilômetros do campus. Foi muito romântico. Mas quando chegaram ao pequeno bosque de maçãs Granny Smith verdes e reluzentes, ela pensou em Nate. Como Nate adorava a polpa crocante e ácida de uma maçã Granny Smith. Que a casca verde das maçãs favoritas dele combinava com as íris verdes de seus olhos. Os olhos de Jude eram de um cinza opaco, e não de um belo verde. O cabelo de Jude era fino, liso e castanho-avermelhado, e não denso, ondulado e castanho-dourado. Jude era de Massachusetts, e não de Manhattan. E embora a vara de colheita na mão dele parecesse um bastão de

lacrosse, Jude simplesmente não era Nate. Então Serena cravou aquela vara no pescoço de Jude, colocando a língua e a epiglote no pequeno cesto de metal para colheita das maçãs, matando-o instantaneamente.

E depois houve Milos, de Milão. Ele levou Serena para velejar. Que grande erro. Milos ainda estava desaparecido, seu corpo devorado pelos tubarões, flutuando para lá e para cá nas águas geladas entre Cape Cod e a baía de Fundy, no Canadá.

O sensual Soren, capitão da equipe de esqui, construiu um boneco de neve para ela, como aquele que ela e Nate faziam no jardim dos fundos da casa dele. Quando Serena finalmente voltou para o alojamento, o boneco de neve ensanguentado usava a cabeça de Soren.

Nate era o único marinheiro da vida dela, o único construtor de bonecos de neve, o único garoto que adorava maçãs. Ah, como Serena sentia falta dele. Como sentia falta de Nova York. A ideia de Blair e Nate juntos em Manhattan sem ela lhe dava vontade de matar a colega de quarto, o reitor e todo mundo na Hanover.

Mas quanto mais Serena pensava naquilo, mais compreendia que três era demais. Antes de Nate aparecer no jardim de infância, ela e Blair eram uma dupla inseparável desde o nascimento, *a* dupla. Na pré-escola, as duas cortaram as mãos com sacarrolhas e fizeram um pacto de sangue. A amizade entre elas não deveria morrer, nunca. E as duas foram feitas para ficar juntas — parando para comer bolinhos na Sant Ambroeus a caminho da escola e comprando a mesma lingerie na Barneys —, e não separadas por quilômetros e mais quilômetros das lindas estradas da Nova Inglaterra. Porque, sem Blair, ela era só outra garota bonita, furiosa e incompreendida.

Que tal homicida impiedosa anormal?

Durante o ano inteiro, Serena só pensou em consertar a amizade entre eles. Por fim, ficou claro que as coisas seriam mais fáceis se Nate não estivesse na foto — literalmente. A matemática não era o forte de Serena, mas não era preciso ser um gênio para entender que Nate era a variável constante que fodia tudo:

Digamos que Nate = $\mathcal{X}$

$s\mathcal{X} + b$ = culpa e vergonha que, antes de mais nada, a fizeram se afastar

$s + b\mathcal{X}$ = tristeza, fúria, assassinato e mais culpa e vergonha

$s + b = 1 + 1$

Assim, X deve morrer.

A ideia de eliminar Nate ocorreu a Serena pela primeira vez na primavera anterior, durante a aula de Noções de Filosofia Política. A turma passou a semana toda discutindo o consequencialismo. Maquiavel, John Stuart Mill, Henry Kissinger. A teoria era a seguinte: melhorar a vida do povo era a meta definitiva, independentemente de *como* a meta fosse alcançada. Um bom resultado era um bom resultado, não importava como fosse obtido.

Ou quem tivesse de morrer durante o processo.

Na concepção de Serena, Nate era o único obstáculo. Depois de eliminado, ela e Blair seriam felizes de novo. Tudo voltaria a ser como antes. Elas matariam aula e ficariam deitadas de costas no Sheep Meadow do Central Park, vendo as nuvens flutuarem no céu. Ficariam acordadas a noite toda, dançando de calcinha. Veriam *Fome de viver* — aquele filme de vampiros estranhamente viciante estrelado por David Bowie e Susan Sarandon quando eram jovens e lindos — e *A marca da pantera*, outro dos bons. Fariam as unhas na J. Sisters juntas, pedindo saladas Waldorf do Waldorf Hotel na pedicure só para ser superbrega, porque marcariam hora em nome de Waldorf. Todo mundo ficaria com inveja, em segredo ou nem tanto assim, mas as duas fingiriam não notar porque não precisavam de mais ninguém quando tinham uma à outra.

Todo o veneno penetrara. Serena retirou a agulha, devolveu a seringa à bolsa e jogou o par de meias amarelas e pesadas na gaveta. Pronto. Agora só o que Nate precisava fazer era preparar um belo baseado, fumar e...

E?

Ela havia perguntado ao jardineiro da Hanover como ele mantinha a população de roedores da escola sob controle. Ele explicou em detalhes que injetava veneno nas pilhas de folhas e as queimava à noite. Quando os esquilos, ratos, toupeiras e marmotas inalavam a fumaça, o veneno incitava uma torrente repentina de sangue à cabeça, provocando a explosão dos globos oculares dos roedores.

Coloque isso em seu cachimbo e fume.

É melhor não pensar nisso, Serena se repreendeu ao descer a escada, atravessar o saguão reluzente e sair pelo portão da frente.

Agora estava escuro. Táxis amarelos zuniam de um lado a outro da Park Avenue, transportando os moradores do Upper East Side a seus diversos compromissos para jantar. A caminhada que se foda. Serena ergueu a mão para parar um táxi. Estava louca para ver Blair de novo.

Um táxi ocupado parou bem na frente dela. A porta do passageiro foi aberta e um garoto que ela conhecia bem saiu, meio trôpego — Jeremy Scott Tompkinson, um dos amigos de Nate da escola St. Jude. Os pais de Jeremy eram primos de James Hewitt, o jogador de polo que teve um caso com a princesa Diana e suspeitavam ser o pai verdadeiro do príncipe Harry. Eles foram para os Estados Unidos depois de um escândalo de seguros envolvendo uma série de cavalos de polo mortos e um incêndio na casa deles em Kent, e nunca mais olharam para trás. Jeremy era um cruzamento de Mick Jagger (magrelo, lábios carnudos, cabelo comprido caindo sobre os olhos) e Jerry Garcia (sempre doidão).

— E aí Serena caraca o que tá fazendo espero que não tenha sido expulsa do internato você tá uma gata nesse casaco com essas luvas tá tipo uns dois graus esta noite — disse Jeremy, ofegante. Era seguro presumir que ele já estava alto, daí sua falta de pontuação.

— Oi. — Serena agarrou a bolsa junto ao peito, com medo de que ele visse a seringa de veneno. Se tivesse comprado a bolsa normal em vez dessa *micro* idiota... — Posso ficar com esse táxi?

Jeremy deu um passo para o lado enquanto ela se acomodava no banco traseiro. Ele bateu a porta para Serena, oscilando em sua calça cáqui grande demais. O cabelo de astro do rock tinha crescido no verão para algo entre um mullet e uma cabeleira de Sally Hershberger.

— Você tá mesmo uma gata — disse ele com um olhar enviesado de chapado pela janela aberta. — Só tenho de fazer uma coisinha rápida, se não eu, tipo, levava você para a cidade ou coisa assim.

— Que pena — respondeu Serena com um sorriso amarelo. Ela apertou a seta de controle do vidro da janela para cima, fechando-a. — Setenta e dois com a Quinta — disse ao taxista.

O estômago dela roncava enquanto o táxi arrancava do meio-fio. Com sorte, ela não perderia o jantar. E com sorte Eleanor serviria de sobremesa aqueles *red velvet* petit fours da Petrossian. Os preferidos de Serena eram os de glacê de laranja-de-sangue.

Quando o táxi seguiu pela Madison para o lado oeste, Serena abriu a janela e jogou a seringa na avenida, onde rolou em silêncio pela sarjeta. Fechando a janela de novo, ela se recostou, tirando as luvas de

pele de cabra, e ajeitou o cabelo louro e diáfano atrás das orelhas pequenas enfeitadas com brincos de diamantes. Também não cairia mal uma tigelinha de tartare de veado com molho bernaise.

Nada como um pequeno assassinato para estimular o apetite.

uma hora de sexo queima 360 calorias

— Do que vocês dois estão falando? — perguntou a mãe de Blair, esgueirando-se ao lado de Nate e apertando a mão de Cyrus.

— De sexo. — Cyrus deu-lhe um beijo molhado na orelha.

Eca.

— Oh! — guinchou Eleanor Waldorf, ajeitando uma mecha loura que tinha escapado.

A mãe de Blair usava o tubinho de cashmere grafite que Blair ajudara a escolher na Armani, e um par de mules de veludo pretas. Um ano antes ela não caberia no vestido, mas Cyrus pagou para que aspirassem mais de 10 quilos de suas coxas e da cintura e ela estava ótima. Todo mundo achava isso.

— Ela parece mais magra. — Blair ouviu a Sra. Bass cochichar com a Sra. Coates. — Mas aposto que tem uma cicatriz no queixo.

— Você deve ter razão. Ela deixou o cabelo crescer... Isso é um sinal patente. Esconde as cicatrizes — cochichou a Sra. Coates em resposta.

É claro, ela saberia.

A sala zunia com fragmentos de fofoca sobre a mãe de Blair e Cyrus Rose. Pelo que Blair pôde ouvir, os amigos da mãe achavam exatamente a mesma coisa que ela... Tirando as fantasias de empalar o homem com o atizador da lareira, arrancar suas entranhas e atirar tudo pela janela.

— Senti cheiro de Old Spice — cochichou a Sra. Coates para a Sra. Archibald. — Você acha que ele está mesmo usando *Old Spice*?

— Não tenho certeza — respondeu a Sra. Archibald aos cochichos. — Mas é bem possível. — Ela arrebatou um canapé quente de chouriço da bandeja de Esther, colocou-o na boca e mastigou vigorosamente, recusando-se a dizer mais alguma coisa. Não suportaria que Eleanor Waldorf as ouvisse por acaso. As fofocas e o palavrório eram divertidos, mas não à custa dos sentimentos de uma velha amiga.

Que besteira!, teria dito Blair se pudesse ouvir os pensamentos

da Sra. Archibald. *Hipócrita!* Todas aquelas pessoas eram fofoqueiras terríveis. E já que vai fofocar, por que não *se divertir*? Fingir não ser a maior fofoqueira da sala, quando obviamente era, assemelhava-se a estar em uma sala cheia de corpos retalhados com uma faca de caça ensanguentada na mão e querendo saber, “*Quem fez isso?*”.

Do outro lado da sala, Cyrus agarrou Eleanor e a beijou na boca na frente de todos. Blair se encolheu à visão revoltante de sua mãe e Cyrus agindo como adolescentes chatinhos com paixonite aguda, e se virou para olhar a Quinta Avenida e o Central Park pela janela da cobertura. A folhagem de outono estava em fogo — não literalmente, mas figurativamente. Se estivesse de fato pegando fogo ela atiraria Cyrus ali e o veria queimar como uma fatia de bacon. Um ciclista solitário pedalava pela entrada do parque na 72 e parou num carrinho de cachorro-quente na esquina para comprar uma garrafa de água. Blair nunca tinha percebido o carrinho de cachorro-quente e se perguntou se sempre ficava ali, se era novo e se estaria ali depois do pôr do sol. Aquele vendedor de cachorro-quente usava uma faca comprida e afiada para pegar as salsichas da água quente. Eles não costumavam usar uma pinça, ou era sempre uma faca?

Engraçado o quanto a gente pode deixar de reparar nas coisas que vê todo dia.

De repente Blair ficou faminta e sabia que só queria uma coisa: um cachorro-quente. Ela queria um *agora* — um cachorro-quente Sabrett fumegante, com mostarda, catchup, cebola e chucrute. Se Cyrus podia enfiar a língua pela garganta da mãe diante de todos os amigos de Blair, então ela podia comer uma droga de cachorro-quente.

— Eu já volto — disse Blair a Kati e Isabel.

Ela deu meia-volta e começou a atravessar a sala, em direção ao hall da frente. Ia vestir o casaco, sair, comprar um cachorro-quente no carrinho, comer em três dentadas, pegar a faca do cara emprestada, voltar, arrotar na cara da mãe, amputar a língua nojenta de Cyrus, tomar outro drinque e depois transar com Nate.

— Aonde você vai? — gritou Kati por trás dela. Mas Blair não parou; seguiu direto para a porta.

Nate viu Blair saindo e conseguiu se livrar de Cyrus e da mãe de Blair bem a tempo.

— Blair? — disse ele. — Que foi?

Blair parou e encarou os olhos verdes e sensuais de Nate. Eram como as esmeraldas das abotoaduras que o pai dela usava com o smoking quando ia à ópera. Bastava olhar aquelas lindas pedras preciosas para que a assassina dentro dela se acalmasse sempre.

Bom, quase sempre.

Ele está usando seu coração na manga, lembrou a si mesma, esquecendo-se completamente do cachorro-quente. No filme da vida dela, Nate a pegava, a carregava para o quarto e a violava.

Mas a vida real é mais estranha do que a ficção.

— Tenho de falar com você. — Blair ergueu o copo. — Enche pra mim primeiro?

Nate adorava quando Blair bancava a mandona. Pegou o copo dela e o levou para o balcão com tampo de mármore próximo às portas duplas que se abriam para a sala de jantar. Nate serviu uma dose de uísque escocês para cada um e seguiu Blair pela sala de estar mais uma vez. Ela continuou andando. Foi para o quarto.

— Ei, estão indo pra onde, hein? — perguntou Chuck Bass quando eles passaram. Ele ergueu as sobranceiras, olhando sugestivamente de banda.

Blair revirou os olhos para Chuck e continuou andando, bebendo o uísque. Nate a seguia, ignorando Chuck completamente.

Chuck Bass, o filho mais velho de Misty e Bartholomew Bass, era bonito, uma beleza de comercial de loção pós-barba. Na verdade, tinha feito uma propaganda do Drakkar Noir britânico, para consternação pública e orgulho secreto dos pais. Chuck também era o maior galinha do grupo de amigos de Blair e Nate. Uma vez, em uma festa do sétimo ano, Chuck se escondera no armário do quarto de hóspedes durante duas horas, esperando se enfiar na cama com Kati Farkas, que estava tão bêbada que continuou vomitando pizza e vodka com gelatina enquanto dormia. Chuck não deu a mínima para as cobertas sujas de vômito, contanto que houvesse um corpo seminu debaixo delas. Ele era da pior espécie de predador, do tipo que todo mundo mataria se suportasse ficar perto dele por tanto tempo.

É claro que a única forma de lidar com um sujeito como Chuck era rindo na cara dele enquanto tramava secretamente seu fim, e era exatamente isso que todas as garotas que o conheciam faziam. Em outros círculos, Chuck podia ter sido banido como lixo da pior espécie, mas estas famílias eram amigas há gerações. Chuck era um Bass, e portanto todos estavam presos a ele. Eles se acostumaram com seu anel cor-de-rosa com monograma em ouro, seu característico cachecol

de cashmere creme com monograma e as cópias da foto de sua cara que se alastravam pelos muitos apartamentos e casas de seus pais, e cuspiam para fora de seu armário na Riverside Preparatory School for Boys. As meninas jogavam dardos nelas e escureciam seus olhos com pincel atômico.

— Não se esqueçam da camisinha! — gritou Chuck, erguendo o copo para Blair e Nate quando eles se viraram para o longo corredor atapetado em vermelho em direção ao quarto de Blair.

Blair pegou a maçaneta de vidro da porta e girou, surpreendendo Kitty Minky, sua gata Russian Blue, enroscada na colcha de seda vermelha da cama. Blair parou à soleira da porta e se inclinou para Nate, apertando seu corpo junto ao dele. Estendeu o braço para pegar a mão de Nate.

Naquele momento, as esperanças de Nate se reanimaram. Blair agia de um jeito *sexy* e apaixonado e será... *que alguma coisa estava prestes a acontecer?*

Ah, alguma coisa *sempre* está prestes a acontecer.

Blair apertou a mão de Nate e o puxou para dentro do quarto. Tropeçaram um no outro, caindo na cama, e entornaram a bebida no tapete de pelo de cabra angorá. Blair riu; o uísque que ela derrubou tinha ido direto para a cabeça.

Estou quase transando com Nate, pensou Blair, tonta. Depois os dois iam se formar em junho e iriam para Yale no outono, teriam uma cerimônia de casamento enorme quatro anos depois, encontrariam um belo apartamento na Park Avenue e o decorariam todo em peles, com lareiras em todos os cômodos, e transariam como animais na frente de cada uma delas, um dia em cada cômodo.

De repente a voz da mãe de Blair soou, alta e clara, pelo corredor.

— Serena van der Woodsen! Que surpresa agradável!

Nate largou a mão de Blair e se pôs de pé como um soldado depois de levar uma bronca. Blair se sentou dura na ponta da cama, colocou o copo no chão, fechou os olhos e agarrou a colcha com força, com os nós dos dedos esbranquiçados — exatamente como os de Carrie depois de ser ensopada de sangue de porco no baile da escola.

Ela abriu os olhos e fitou Nate.

Mas Nate já se virava para sair, andando a passos largos pelo corredor para ver se aquilo podia ser verdade. Será que Serena van der Woodsen *realmente* tinha voltado?

Blair colocou a mão na barriga, morta de fome outra vez. Devia ter ido comprar o cachorro-quente afinal, ou todo um cordão de salsichas para estrangular a lista inteira de convidados, inclusive Nate e Serena. Ela os pouparia para o final e o faria devagarinho, com ostentação.

E um pouco de mostarda?

s voltou!

— Oi, oi, oi — cacarejou a mãe de Blair, beijando as bochechas macias e encovadas de cada membro da família Van der Woodsen. Se existissem esqueletos sensuais, seriam eles.

Beijo, beijo, beijo, beijo, beijo, *beijo!*

— Eu sei que você não estava esperando pela Serena, querida — sussurrou a Sra. van der Woodsen num tom confidencial e preocupado. — Espero que não seja um problema.

— É claro que não é. Sim, está tudo ótimo — disse a Sra. Waldorf.
— Veio passar o fim de semana em casa, Serena?

Serena meneou a cabeça e entregou seu sobretudo maleável Burberry para Esther. Colocou uma mecha loura atrás da orelha e sorriu para a anfitriã.

Quando Serena sorria, ela usava os olhos — aqueles olhos escuros, quase azul-marinho. Era o tipo de sorriso que você podia tentar imitar, postando-se diante do espelho do banheiro, o sorriso atraente “você não consegue parar de me olhar, não é?” de uma supermodelo ou sociopata. Bem, Serena sorria daquele jeito sem precisar se esforçar.

— Não, eu estou aqui para... — começou Serena.

Matar todo mundo?

A mãe de Serena a interrompeu apressadamente.

— Serena chegou à conclusão de que o internato não serve para ela — anunciou, acariciando o cabelo da filha casualmente, como se não fosse grande coisa.

A mãe de Serena era a versão de meia-idade do cool total. Na verdade, toda a família Van der Woodsen era assim. Todos eram altos, louros, magros e superequilibrados, e nunca faziam nada — jogar tênis, chamar um táxi, comer espaguete, mutilar um professor inocente — sem perder a classe. Especialmente Serena. Ela era dotada do tipo de classe que você não tem como adquirir comprando a bolsa certa nem os jeans certos. Ela era a garota que todos os caras desejavam e que toda garota queria ser.

Ou queria matar.

— Serena vai voltar para a Constance amanhã — disse o Sr. Van der Woodsen, olhando a filha com olhos azuis de aço e uma mistura meio coruja de orgulho e reprovação que o deixavam mais assustador do que realmente era. Corria um velho boato de que ele matou um homem certa vez. Mas, vamos combinar, quem não matou?

— Bem, Serena. Você está adorável, querida. Blair ficará emocionada em ver você — trinou a mãe de Blair.

— Olha quem fala. — Serena a abraçou. — Olha só como você está magra! E a casa está tão fantástica. Uau. Tem umas coisas novas incríveis!

A Sra. Waldorf sorriu, obviamente lisonjeada, e passou o braço pela cintura longa e delgada de Serena.

— Querida, gostaria que você conhecesse meu amigo especial, Cyrus Rose — disse ela. — Cyrus, esta é Serena.

— Fabulosa — retumbou Cyrus. Ele beijou Serena no rosto e a abraçou um pouco apertado demais. — E ela abraça bem também — acrescentou Cyrus, dando tapinhas nos quadris de Serena.

Serena deu uma risadinha, mas não recuou. Tinha passado muito tempo na Europa e estava acostumada a ser abraçada por apalpadores europeus meio galinhas que a achavam completamente irresistível — e que morreriam felizes apalpando-a. Ela era um ímã total para apalpadores. Para sorte de Cyrus, ela havia ido desarmada à festa.

— Serena e Blair são muito, muito, *muito* amigas — explicou Eleanor Waldorf a Cyrus. — Mas Serena foi para a Hanover Academy no início do segundo grau e passou o verão inteiro viajando. Foi tão difícil para a pobre Blair você ter ido embora naquele ano, Serena — disse Eleanor, o olhar ficando vago. — Especialmente por causa do divórcio. Mas agora você voltou. Blair ficará tão *satisfeita*.

— Onde ela está? — perguntou Serena ansiosa, as bochechas perfeitas cor de pêssego brilhando com a perspectiva de rever a velha amiga. Ela se ergueu na ponta dos pés e esticou o pescoço para procurar por Blair, mas logo se viu cercada pelos pais — os Archibald, os Coates, os Bass e o Sr. Farkas — cada um deles beijando-a e dando-lhe as boas-vindas com a mesma mescla de êxtase e ódio sob a qual todos se debatiam na presença de Serena.

Serena abraçou-os alegremente. Aquelas pessoas eram o lar para ela, que havia passado muito tempo fora. Mal podia esperar para sua vida voltar ao que costumava ser. Ela e Blair iriam à escola juntas, passariam na Double Photography do Sheep Meadow no Central Park,

fumariam e beberiam Coca-Cola, arrancariam as pernas das formigas e remendariam minhocas, sentindo-se artistas hardcore. Beberiam coquetéis no Star Lounge no Tribeca Star Hotel novamente, evento que sempre se transformava em festinhas prolongadas, porque elas ficavam bêbadas demais para ir para casa, então passavam a noite no quarto que a família de Chuck Bass tinha ali, correndo o risco de serem atacadas por ele. Elas se esparramariam na cama de dossel de Blair e veriam todos os filmes antigos e tortuosos de Blair, como *O bebê de Rosemary* e *O iluminado*, usando lingerie vintage e bebendo vodca com suco de amora, fingindo que era sangue. Conversariam sobre as provas de latim como sempre fizeram: *Pereo*, *peres*, *peret* — “eu morro, tu morres, ele morre” — ainda estavam tatuados na parte interna do cotovelo de Serena com marcador permanente (obrigada, meu Deus, pelas mangas três-quartos!). Elas iriam de carro à casa de campo dos pais de Serena em Ridgefield, Connecticut, no velho Buick station wagon do zelador, cantando a plenos pulmões os hinos idiotas que repetiam na escola e passando por cima dos bichos já atropelados na estrada. Fariam xixi na escada da entrada da casa de seus colegas, depois tocariam a campainha e fugiriam correndo, latindo como cães furiosos. Levariam o irmãozinho de Blair, Tyler, ao Lower East Side e o deixariam lá para ver quanto tempo seria necessário para ele ser abduzido ou encontrar o caminho de casa. Elas fariam cortes mínimos nas mãos e as esfregariam para renovar seu pacto de sangue, embora o sangue fosse “mais perigoso do que as fezes hoje em dia”, segundo a professora de Fundamentos da saúde que tiveram no sexto ano, que foi demitida por levar a própria matéria fecal à escola para a turma examinar.

Irmãs de sangue mais uma vez, elas voltariam a ter a velha e fabulosa identidade normal, como sempre. E com Nate morto, a amizade entre elas seria ainda mais forte. Serena mal podia esperar.

— Peguei uma bebida para você — disse Chuck Bass, abrindo caminho a cotoveladas pelo grupo de pais e estendendo um copo de uísque para Serena. — Bem-vinda de volta — acrescentou ele, inclinando-se para beijar-lhe o rosto e errando de propósito, para que os lábios pousassem na boca de Serena.

— Você não mudou nada — comentou Serena, aceitando a bebida. Tomou um longo gole. — E aí, sentiu saudade de mim?

— Saudade de você? A pergunta é, *você* sentiu saudade de *mim*?

— disse Chuck. — Qual é, gata, fala aí. O que está fazendo de volta? O que aconteceu? Você tem namorado?

— Ih, sem essa, Chuck — disse Serena, apertando a mão dele com os dedos frios e ossudos. — Você sabe que eu voltei porque desejava você desesperadamente. Sempre desejei você.

Chuck deu um passo para trás e pigarreou, o rosto em brasa. Ela o pegou de guarda baixa, uma proeza rara. Serena era como a maçã de *Branca de Neve e os sete anões* — reluzente por fora, porém venenosa ao toque.

— Bom, estou com a agenda lotada este mês, mas posso colocar você na lista de espera — disse Chuck meio amuado, tentando recuperar a compostura.

Mas Serena não o ouvia mais. Seus olhos azul-escuros varriam a sala, procurando pelas duas pessoas que ela mais queria ver, Blair e Nate.

Finalmente Serena os encontrou. Nate parado à soleira da porta do corredor e Blair bem atrás dele, de cabeça baixa, remexendo os botões de seu cardigã preto. Nate estava olhando diretamente para Serena; quando seus olhares se encontraram, Nate mordeu o lábio inferior do jeito que sempre fazia quando ficava envergonhado. E depois sorriu.

Aquele sorriso. Aqueles olhos. Aquele rosto. Ela estava tão feliz por ele ainda não estar morto.

— Vem cá — murmurou Serena para ele, acenando. O coração dela se acelerou quando Nate seguiu na direção dela. Ele estava melhor do que ela se lembrava, *muito* melhor. Ah, como pôde ao menos pensar em explodir aqueles lindos olhos verde-esmeralda?

O coração de Nate batia mais rápido do que o dela.

— Ei, e aí — murmurou Serena quando Nate a abraçou. O cheiro dele era como sempre foi. O cheiro do garoto mais limpo e delicioso da face da Terra. Lágrimas encheram os olhos de Serena e ela apertou o rosto contra o peito de Nate. Agora ela estava realmente em casa.

As bochechas de Nate ficaram cor-de-rosa. *Calma*, disse ele a si mesmo. Mas não conseguia se acalmar. Queria pegá-la, girá-la e beijar-lhe o rosto sem parar. *Eu te amo!*, ele queria gritar, mas não o fez. Não podia.

Nate era filho único de um capitão da marinha e de uma anfitriã da sociedade francesa. Seu pai era um mestre velejador e atirador perito, mas meio fraquinho no quesito abraços. A mãe era o oposto completo,

sempre adulando Nate, com uma tendência a ter crises emocionais durante as quais se trancava no quarto com um frasco de comprimidos e ameaçava se enforçar até que alguém lhe comprasse um barco novo ou uma casa nova, ou um casaco de peles novo. O pobre do Nate estava sempre prestes a dizer como realmente se sentia, mas não queria fazer uma cena ou dizer alguma coisa da qual pudesse se arrepender depois. Em vez disso, ficava em silêncio e deixava que os outros tocassem o barco, enquanto se recostava e desfrutava o balançar estável das ondas. A maioria as pessoas teria terminado com uma doença mental depois de toda essa repressão — episódios psicóticos delirantes, sonambulismo, um leve incêndio entre a mamãe e o papai na cama. Mas não o nosso Natie. Ele era firmemente controlado.

Pelo menos por enquanto.

— E aí, o que andou fazendo? — perguntou Nate a Serena, tentando respirar normalmente. — A gente sentiu saudades de você.

Notou que ele não teve nem coragem de dizer, “*Eu* senti saudade de você”?

— O que eu andei fazendo? — repetiu Serena. Ela deu uma risadinha. — Nem imagina, Nate. Eu fui tão, tão *má*!

Nate cerrou os punhos involuntariamente. Ah, cara, como ele sentiu a falta dela.

Ignorado como sempre, Chuck se esquivou de Serena e Nate e cruzou a sala na direção de Blair, que mais uma vez estava de pé com Kati e Isabel.

— Aposto mil pratas como ela foi expulsa — comentou Chuck. — Ela não parece ferrada? Ouvi dizer que ela estava metida com alguma coisa de prostituição lá. A Alegre Madame da Hanover Academy — acrescentou ele com um risinho cretino. — Ela faz isso com você, depois te mata de porrada com um secador de cabelo, e então o devora com hashis enquanto você ainda está quente, tipo um sushi vodu.

Ele não está se deixando levar demais pelas fantasias de infância?

— Também acho que ela parece meio chapada — disse Kati. — Talvez seja heroína.

— Ou algum remédio de tarja preta — disse Isabel. — Tipo Valium ou Prozac. Vai ver ela foi abduzida por uma força alienígena e eles estão tipo controlando o cérebro dela lá do espaço.

— Ela poderia estar fabricando as próprias drogas — concordou Kati. — Ela sempre foi boa em ciências.

— O que é aquilo no vestido dela? Campari? Vinho?

— Não, sangue. Já viu as unhas dela? Um nojo. Ouvi dizer que ela aderiu a uma espécie de seita — sugeriu Chuck. — Tipo assim, ela passou por uma lavagem cerebral, e agora só consegue pensar em sexo e, tipo, faz isso o tempo todo. E depois tortura e mata os caras com quem transou. Nua.

Mas que coisa conveniente. Parece exatamente o pesadelo preferido dele.

Quando é que esse jantar vai ficar pronto?, perguntou-se Blair, desligando-se das especulações ridículas dos amigos. Serena era linda e doce demais para entrar para uma seita ou torturar, mutilar ou matar alguém. Blair até teve de fazer toda a dissecação na aula de biologia do sétimo ano porque Serena não queria machucar o coitado do sapinho.

Sua surpresa não seria nada agradável.

Blair tinha se esquecido de como o cabelo de Serena era bonito. Como a pele era perfeita. Como suas pernas eram longas e finas. Como os olhos de Nate ficavam quando olhavam para ela — como se não quisessem piscar nunca. Ele nunca olhou para Blair daquele jeito, o escroto. Ela podia matá-lo por olhar para Serena assim. Arrancar seu coração da manga e enfiar por sua goela. Se ela não o amasse tanto.

— Ei, Blair, Serena deve ter contado a você que ela estava voltando — disse Chuck. — Diz aí, vai. Qual é a parada?

Blair o olhou confusa, sua carinha de raposa ficando corada. A verdade era que ela não falava com Serena havia mais de um ano. Pelo que sabia, Serena se transformara mesmo numa prostituta canibal que havia sofrido lavagem cerebral, fabricava drogas e retalhava gente.

Não exatamente, mas ela estava chegando perto disso.

No começo, quando Serena tinha ido para o internato depois do primeiro ano, Blair realmente sentiu falta dela. Mas logo ficou evidente que era mais fácil brilhar sem Serena por perto. De repente *Blair* era a mais bonita, a mais inteligente, a mais bacana, a mais espetacular da sala. Ela se tornou a garota que atraía os olhares de todos. Então Blair parou de sentir tanta falta de Serena. Sentia-se meio culpada por não manter contato, mas até isso passou, quando ela recebeu torpedos curtos e impessoais de Serena, descrevendo como

estava se divertindo no internato.

Fui de carona para Vermont fazer snowboard. Passei a noite com um gato. Dançamos até ele perder a cabeça!

Fim de semana doidaça. Roupas e sapatos masculinos no meu chão, mas nenhum homem. Pra onde ele foi?

As últimas notícias que Blair recebeu vieram num postal enviado no verão:

Dezessete anos no Dia da Bastilha. Vive la France! O lugar mais incrível para viver intensamente, morrer jovem e deixar um lindo cadáver! Saudades!!! Bjs, S.

Blair tinha enfiado o postal na velha caixa de sapatos Fendi com todas as outras lembranças de sua amizade. Uma amizade que ela teria acalentado para sempre, mas que agora achava que tinha acabado... Até agora.

Serena estava de volta. A tampa estava fora da caixa de sapatos e tudo voltaria a ser como era antes de ela partir. Como sempre, seria Serena e Blair, Blair e Serena, com Blair fazendo o papel da melhor amiga mais baixa, mais gorda, mais calada e menos espirituosa do que a über-gata loura Serena van der Woodsen.

Ou não. Não se Blair pudesse evitar.

— Você deve estar tão empolgada com a Serena aqui! — piou Isabel. Mas quando viu o olhar homicida de Blair, mudou de tom. — *É claro* que a Constance a aceitou de volta. É tão típico. Eles estão desesperados demais para perder qualquer uma de nós. — Isabel baixou o tom de voz. — Ouvi dizer que na primavera passada Serena ficou com um universitário em New Hampshire. Ela fez um aborto — acrescentou ela. — Depois começou a matar os caras que se atreviam até a olhar para ela.

— O que é meio complicado não fazer — disse Chuck. — Quer dizer, olha só pra ela.

E eles olharam. Os quatro olharam para Serena, que ainda conversava alegremente com Nate. Chuck enxergava a garota cujas casquinhas de ferida ele se oferecera para tirar no primeiro ano. Kati enxergava a garota que ela ingenuamente deixou raspar seus braços

com uma lâmina descartável durante um recreio no terceiro ano. Isabel enxergava a garota que a convenceu a furar as orelhas, com um prego. De novo no terceiro ano. Mas Kati e Isabel enxergavam a garota que sempre roubava Blair delas, deixando-as a sós uma com a outra, o que era deprimente demais até para se pensar. E Blair enxergava Serena, sua melhor amiga, a garota que sempre amou e odiou. A garota com quem nunca conseguiu se equiparar e que tentou tanto substituir. A garota que ela queria que todos esquecessem. A garota que ela queria tanto matar que seu cabelo se arrepiava só de pensar nisso.

Por uns dez segundos Blair pensou em contar a verdade aos amigos: ela não *sabia* que Serena estava voltando. Mas como ficaria? Achavam que Blair era antenada, e como é que ia parecer antenada se admitisse que não sabia de nada sobre a volta de Serena, enquanto os amigos pareciam saber tanto? Blair não podia ficar parada ali, sem dizer nada. Isso seria óbvio demais. Ela *sempre* tinha alguma coisa a dizer. Além disso, quem é que iria querer ouvir a verdade quando a verdade era tão incrivelmente chata? Blair vivia para o drama. Esta era sua chance.

Blair pigarreou.

— Foi um acidente... — disse ela num tom enigmático. Olhou para baixo e remexeu no pequeno anel de rubi no dedo médio da mão direita. O filme estava rodando. — Ela não pretendia. Mas ela se atrapalhou toda. E eu prometi que não contaria nada a ninguém.

Seus amigos assentiram como se entendessem totalmente. Parecia sério e picante e, o melhor de tudo, parecia que Serena havia confidenciado tudo a Blair. Se ao menos Blair pudesse escrever o roteiro do restante do filme, certamente terminaria com o garoto. E Serena poderia fazer o papel da garota que cai do penhasco, arrebenta o crânio em uma pedra, é desmembrada e devorada viva por lobos sedentos de sangue, e nunca mais é vista novamente.

— Abre o olho, Blair — alertou Chuck, apontando com a cabeça para Serena e Nate, que ainda conversavam em voz baixa perto do bar, sem tirar os olhos um do outro. — Parece que Serena já achou sua próxima vítima.

s & n

Serena segurava frouxamente as mãos de Nate, balançando-as de um lado para outro. Teria pelo menos esta última recordação, depois que ele morresse.

— Lembra do Dentuço Nu? — perguntou ela, rindo com delicadeza.

Nate deu um risinho, ainda constrangido, mesmo depois de todos aqueles anos. O Dentuço Nu era o alter ego de Nate, inventado em uma festa no oitavo ano, quando a maioria deles se embebedou pela primeira vez. Depois de beber seis cervejas, Nate tirou a camisa, e Serena e Blair desenharam uma cara bobalhona e dentuça no peito dele com marcador preto. Por algum motivo a cara despertou o demônio em Nate e ele começou a fazer o jogo da bebida. Todos se sentaram em círculo e Nate ficou de pé no meio, segurando um livro de latim e gritando verbos para que os outros conjugassem. O primeiro a errar tinha de beber e beijar o Dentuço Nu. É claro que todos erraram, meninos e meninas, então o Dentuço teve muito agito naquela noite. Na manhã seguinte, Nate tentou fingir que nada tinha acontecido, mas a prova estava pintada na pele dele. Levou semanas para o Dentuço sair no banho.

— E o mar Vermelho? — perguntou Serena. Ela analisou a expressão de Nate. Agora nenhum dos dois sorria.

— O mar Vermelho — repetiu Nate, mergulhando no lago azul profundo dos olhos dela. É claro que ele se lembrava. Como poderia esquecer?

Num fim de semana quente de agosto, no verão antes do início das aulas do primeiro ano do Ensino Médio, Nate tinha ido à cidade com o pai enquanto o restante da família Archibald permaneceu no Maine. Serena acordou em sua casa de campo em Ridgefield, Connecticut, tão entediada que pintou uma unha de cada cor, dos pés e das mãos, fez seu próprio jogo de xadrez com rolhas enquanto bebia todo o bar da casa, recheou as garrafas vazias com trapos ensopados de gasolina e as atirou nos gansos reunidos em volta da piscina. Blair estava no castelo Waldorf em Gleneagles, na Escócia, para o casamento da tia. Mas isso

não impediu que seus dois amigos se divertissem sem ela. Quando Nate telefonou, Serena lavou os cabelos sujos com sangue e penas de ganso e pulou direto num trem de New Haven para a Grand Central Station.

Nate encontrou Serena na plataforma. Ela desceu do trem usando um tomara que caia de seda azul-clara e chinelos de borracha cor-de-rosa. Os cabelos louros pendiam soltos, cobrindo os ombros nus. Ela não levava bolsa, nem mesmo uma carteira ou chaves. Nate não precisava saber o que ela fizera com o sujeito que coletava as passagens e seu perfurador quando ele lhe pediu para sair do trem em Stamford, caso ela não pagasse pelo bilhete. Para Nate, Serena parecia um anjo. Que sorte ele tinha. A vida nunca foi melhor do que no momento em que Serena desceu na plataforma de chinelos, atirou os braços em torno do pescoço dele e o beijou na boca. Que beijo maravilhoso e surpreendente.

Primeiro eles tomaram uns martinis no barzinho perto da entrada da Grand Central, na Vanderbilt Avenue. Serena fez Nate rir montando bonequinhas de vodu com as azeitonas e cerejas marasquino e as esfaqueando com palitos de dente e espetos de plástico. Depois pegaram um táxi para a Park Avenue, até a casa de Nate, na 82. O pai dele ia chegar em casa muito tarde, Lourdes e Angel haviam tirado o dia de folga, e Serena e Nate tinham a casa só para eles. O estranho é que era a primeira vez que ficavam a sós juntos, sem Blair nem nenhum dos outros amigos, e sem Serena compensando sua atração proibida esgueirando-se até o banheiro de Nate quando ele não estava olhado e roubando os pelos dele no ralo do chuveiro.

Não levou muito tempo.

Sentaram-se no jardim, bebendo cerveja e fumando cigarros. Nate usava uma camisa polo de mangas compridas e fazia muito calor, então ele a tirou. Seus ombros eram cheios de sardas pequenininhas e as costas musculosas e bronzeadas devido às horas na praia do Maine, atirando pedregulhos no mar, tentando exorcizar da mente todos os pensamentos pornográficos com Serena.

Serena também estava com calor, então subiu na fonte. No meio dela havia uma estátua de mármore de Morta — uma deusa romana da morte, segurando a cabeça e o rabo decepados de uma cobra azarada — que os Archibald haviam importado da Toscana para afugentar os ladrões. Serena sentou-se aos pés de Morta, rindo e borrifando água em si mesma até o vestido ficar ensopado.

Pelo menos desta vez era água, e não sangue.

Não foi difícil ver quem era a verdadeira deusa. Nate cambaleou até a fonte e se juntou a ela, e logo os dois estavam arrancando o restante das roupas um do outro. Afinal, era verão. A única forma de suportar a cidade no verão era ficando completamente nu.

E empurrando alguns turistas da ponte do Brooklyn.

Nate ficou preocupado com a possibilidade de os vizinhos verem, então levou Serena para o quarto dos pais no andar de cima.

O resto é história.

Os dois transaram pela primeira vez. Foi desajeitado e doloroso, excitante e divertido, e tão doce que eles se esqueceram de ficar constrangidos. Foi exatamente como você quer que seja sua primeira vez, e eles não se arrependeram. Em seguida, ligaram a tevê e assistiram à cobertura da série de ataques de tubarão a nadadores do mar Vermelho. No curso de seis dias, um único tubarão tinha aleijado ou matado cinco pessoas que estavam na parte rasa da praia. Abraçados e olhando as nuvens pela claraboia, eles ouviram o narrador até Serena explodir em uma gargalhada.

— Seu tubarão atacou meu mar vermelho! — disse ela às gargalhadas, investindo contra Nate com os travessieiros.

Nate riu e a enrolou no lençol feito uma múmia. Serena estava admirada com o próprio grau de relaxamento. Pela primeira vez, não teve o impulso de machucar ninguém nem de incendiar nada. Nem mesmo puxou os cabelos ondulados e castanhos dourados de Nate para se sentir segura.

Nate pediu sushi de enguia, ovas de ouriço-do-mar e saquê morno de um restaurante do bairro e eles ficaram deitados na cama, comeram e beberam. Depois Nate arreganhou os dentes e fingiu ser um tubarão, atacando o mar Vermelho de Serena mais algumas vezes antes de os dois desmaiarem de cansaço.

Uma semana depois, Serena foi para o internato na Hanover Academy, enquanto Nate e Blair ficaram em Nova York. A partir daí, Serena passou todos os feriados e as férias fora — caçando renas com os parentes suecos no Natal, pescando ubaranas-focinho-de-rato nas Bahamas na Páscoa, de bar em bar, desmembrando e ensacando meninos por toda a Europa ao longo do verão. Esta era a primeira vez que ela voltava, a primeira vez que ela e Nate se viam desde o ataque de tubarões no mar Vermelho.

— Blair não sabe, né? — perguntava Serena a Nate agora.

Que Blair?, pensou Nate, com um ataque momentâneo de

amnésia. Ele sacudiu a cabeça.

— Não — disse ele. — Se você não contou a ela, então ela não sabe.

Mas Chuck Bass sabia, o que era quase pior. Nate tinha deixado a informação escapar em uma festa apenas duas noites antes num acesso de porre totalmente idiota. Eles tinham dado uns tragos e Chuck perguntou: “E aí, Nate? Qual foi a melhor foda que você já teve? Se é que você comeu alguém.” “Bom, tive com a Serena van der Woodsen”, gabou-se Nate como um imbecil.

E Chuck não ia guardar segredo por muito tempo. Era picante demais e útil demais. Chuck não precisava ler aquele livro, *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. Ele praticamente o escreveu. Embora seus únicos amigos fossem os que o aplaudiam de pé sempre que ele se olhava no espelho, e na realidade eles não existissem.

Serena pareceu não perceber o silêncio constrangido de Nate. Ela suspirou, inclinando a cabeça para descansar no ombro dele. Serena não tinha mais o cheiro de *Cristalle* de Chanel que costumava ter. Cheirava a mel, sândalo e lírio, e algo mais que ele não conseguia identificar.

Veneno para esquilos?

O cheiro era muito Serena, irresistível, mas se mais alguém tentasse usar, provavelmente pareceria carne podre.

— Ah, Nate. — Serena suspirou, desejando que aquele momento agridoce jamais tivesse fim. — Se você soubesse como eu fui má, nem estaria falando comigo.

— Como assim? O que você fez de tão ruim? — perguntou Nate, com um misto de receio e expectativa. Durante um breve segundo ele a imaginou promovendo orgias em seu alojamento na Hanover Academy e tendo casos com homens mais velhos em quartos de hotel franceses.

Sem deixar nenhum deles inteiro. Graças a Deus existem os serviços de limpeza!

— E eu também tenho sido uma amiga horrível — prosseguiu Serena. — Mal falei com a Blair desde que fui embora. E aconteceu tanta coisa. Sei que ela está puta comigo, pois ela nem mesmo me cumprimentou.

— Ela não está puta. Talvez seja só timidez.

Serena olhou rapidamente para ele.

— Ah, tá — zombou ela. — Blair, tímida. Desde quando Blair é

tímida?

— Bom, ela não está puta — insistiu Nate.

Serena deu de ombros. Tudo voltaria ao normal depois que ele estivesse morto.

— Bem, de qualquer jeito, é irado estar aqui. Vamos fazer tudo o que a gente costumava fazer. A Blair e eu vamos matar aula e vamos naquele cinema antigo no Plaza Hotel para ver algum filme esquisito até começar a happy hour. Vamos tomar um porre, desmaiar e comer um café da manhã imenso no dia seguinte. E vamos viver felizes para sempre, exatamente como nos filmes.

Nate franziu o cenho. Onde ele se encaixava exatamente naquele cenário?

— Não faz essa cara, Nate — disse Serena, rindo. — Não é assim tão ruim, né?

— Não, parece legal — disse ele, hesitante.

— O que parece legal? — quis saber uma voz ríspida.

Assustados, Nate e Serena desviaram os olhos um do outro. Era Chuck, e com ele estavam Kati, Isabel e, por último, mas não menos importante, Blair, parecendo mesmo muito tímida.

Chuck deu um tapa nas costas de Nate.

— Desculpe, Nate — disse ele. — Mas você não pode roubar a van der Woodsen a noite toda, sabe como é.

Nate bufou e virou seu copo. Sobrou apenas gelo.

Serena olhou para Blair. Ou, pelo menos, tentou olhar. Blair estava muito concentrada puxando as meias pretas, centímetro por centímetro, dos tornozelos aos joelhos ossudos, e mais para cima, pelas coxas musculosas de jogar tênis. Então Serena desistiu e beijou primeiro Kati, depois Isabel, antes de seguir na direção de Blair.

Blair só podia passar uma quantidade limitada de tempo puxando as meias antes que ficasse ridículo. Quando Serena estava a centímetros de distância, ela olhou para cima e fingiu surpresa.

— Oi, Blair — disse Serena animada. Colocou as mãos nos ombros da garota mais baixa e se curvou para beijá-la no rosto. — Desculpe por não ter ligado para você antes de voltar. Eu quis. Mas as coisas têm estado *tão* doidas. Tenho tanta coisa pra te contar!

Chuck, Kati e Isabel se cutucaram e encararam Blair. Era óbvio que era mentira. Ela não sabia nada sobre a volta de Serena.

O rosto de Blair pegou fogo.

Flagrada.

Esther tinha acabado de colocar uma panela quente de fondue de bacalhau na mesa lateral. Garfos afiados de cabo comprido cercavam a panela. Blair podia pegar um, apunhalar Serena em seu irritante pescoço de cisne até que o garfo saísse do outro lado, agarrar Nate e levá-lo para o Pierre Hotel, onde eles finalmente poderiam transar sem interrupções.

Nate percebeu a tensão, mas pensou que fosse por um motivo completamente diferente. Será que Chuck já tinha contado para a Blair? Será que *ele* tinha sido pego no flagra? Não sabia. Blair nem mesmo olhava para ele.

Foi um instante meio frio. Não o tipo de momento que você espera ter com seus amigos mais íntimos e mais antigos. Parecia mais a encarada medonha antes de uma luta entre mulheres, mas sem os maiôs ínfimos, o bronzado falso e os peitos siliconados.

Os olhos de Serena pularam bruscamente de um rosto a outro. É claro que tinha dito alguma coisa errada e rapidamente deduziu o que era. *Eu sou uma imbecil*, resmungou Serena consigo mesma.

— Quero dizer, desculpe por não ter te ligado *ontem à noite*. Eu literalmente estava voltando de Ridgely. Meus pais me esconderam lá até pensar no que fazer comigo. Fiquei *tão entediada*.

Boa saída.

Ela esperou que Blair sorrisse de gratidão por lhe dar cobertura, mas só o que fez a amiga foi olhar Kati e Isabel de soslaio para ver se elas haviam percebido o deslize. Blair estava agindo de um jeito estranho e Serena lutava contra uma crise de pânico. Talvez Nate estivesse errado, talvez Blair estivesse realmente puta com ela. Serena deixou de acompanhar muita coisa. O divórcio, por exemplo. Tadinha da Blair. Mas o quanto antes Nate morresse, mais cedo ela poderia compensar. Serena teria de começar a deixar dicas a Nate sobre o quanto aquela festa melhoraria se os dois ficassem doidões. E assim, com sorte, Nate correria até em casa para pegar a maconha e não conseguiria resistir a preparar um bong rápido para si mesmo. E depois... tchauzinho, Natie.

— Deve ser muito ruim sem o seu pai aqui — disse Serena a Blair num tom solidário. — Mas sua mãe parece tão bem, e Cyrus é um doce, é só a gente se acostumar com ele. — Ela deu uma risadinha.

Mas Blair ainda não estava sorrindo.

— Pode ser — respondeu ela, olhando para a carrocinha de cachorro-quente através da janela. Imaginou-se enfiando uns

cinquenta deles, completos, com pão, salsichão, catchup e tempero, pela linda goela de Serena. — Mas acho que não quero me acostumar com ele.

Os seis ficaram em silêncio por um longo e tenso momento. O que eles precisavam era de outro drinque bem forte. E um par de remos, ou bastões de beisebol, para rachar as cabeças um do outro.

Nate sacudiu os cubos de gelo no copo.

— Quem vai querer outro? — ofereceu ele. — Vou pegar.

Serena estendeu o copo.

— Obrigada, Nate — agradeceu ela. — Estou com uma sede danada. Eles trancavam a porcaria do armário de bebida em Ridgefield. E escondiam todas as facas, os cintos, cachecóis e cadarços de sapatos. Dá pra acreditar nisso?

Blair continuou em silêncio, mas deu de ombros como se dissesse, “Quando você está presente, Serena, todo mundo deve se preparar para o pior”.

— Se eu tomar outro, vou para a escola de ressaca amanhã — disse Kati.

Isabel riu.

— Você sempre vai à escola de ressaca. — Ela entregou o copo para Nate. — Aqui, eu divido o meu com a Kati.

— Eu ajudo você — ofereceu-se Chuck.

Antes que os meninos conseguissem encher os copos, Jeremy Scott Tompkinson cambaleou cobertura adentro com as mãos na cabeça desgrenhada. A cara dele estava inchada e coberta por uma película de transpiração. Na realidade, ele estava muito pior do que quando Serena o encontrou por acaso na frente da casa de Nate, menos de uma hora antes. Ele caiu de joelhos no meio da sala de estar.

— Jeremy, o que foi? — disse Nate. A festa tinha começado tão chata que Nate mandou Jeremy na casa dele para pegar algum bagulho. — Você está bem?

Jeremy fitou os amigos com os olhos desolados e avermelhados. O cabelo comprido estava emplastrado de suor e havia uma vermelhidão nos lábios.

— Sreeeeeeerrrrrrrrrrreeeeeeeeeeeeeeeeee... — balbuciou ele sem sentido nenhum. Tirou um par de meias Adidas amarelas do bolso e jogou no tapete.

Serena ficou lívida. Epa.

— Cara! — protestou Nate. Jeremy nunca foi dado a sutilezas.

— Sreeeeeeennnnnnnnnn...! — Jeremy ofegava, ainda segurando a

cabeça. Os olhos injetados estavam dolorosamente arregalados.

Blair olhou para Serena. Jeremy estava tentando pronunciar o nome dela e Serena só ficou parada ali, olhando para ele como uma estátua lesada.

— Cara! — repetiu Nate. Aquilo não era bom. A maconha nas meias era material tailandês do bom, o melhor. Será que ele devia pegar as meias e se envolver na confusão do Jeremy, ou deixar para lá?

Serena estendeu a mão para Nate, grata de repente por ter acontecido com Jeremy, e não com Nate. Os olhos de Nate eram lindos demais e ele era precioso demais para simplesmente ser envenenado como um furão, uma toupeira ou o que fosse. Jeremy não parecia lá muito bem, mas agora era tarde demais. O que ela poderia fazer?

Os olhos de Jeremy se esbugalharam incrivelmente. Por fim, explodiram.

Pop! Pop!

O sangue se espalhou nas paredes e nos móveis. Jeremy desabou numa poça de sangue no chão.

— Filho? — perguntou o Sr. Scott Tompkinson. — Vamos ter de mandar você para o Little Silver de novo? — O Little Silver Ranch era um centro de reabilitação em Connecticut, onde Jeremy passara muitos fins de semana prolongados.

— Ele não pode ouvi-lo, querido — disse a mãe de Jeremy. — Está apagado.

Era um modo de dizer.

Kitty Minky deslizou de trás do sofá e começou a bater num dos globos oculares ensanguentados com uma pata cinzenta macia. Esther apressava-se em conduzir os convidados para a mesa de jantar e fechava as portas atrás de Jeremy e sua família. Ainda bem que a Sra. Waldorf havia escolhido o vermelho e o marrom para o novo esquema de cores da decoração. O sangue não deixaria nem mesmo uma manchinha.

A Sra. Van der Woodsen tocou o braço da filha.

— Eleanor colocou outro prato para você perto de Blair, assim vocês podem colocar tudo em dia.

Serena lançou um olhar ansioso para Blair, mas esta já havia se virado e se dirigia à mesa, sentando-se perto de seu irmão de 11 anos, Tyler, que estava no lugar há mais de uma hora, lendo a *Rolling Stone*. O ídolo de Tyler era Cameron Crowe, que tinha feito uma

turnê com o Led Zeppelin quando tinha apenas 15 anos. Tyler se recusava a ouvir CDs ou usar o iPod, insistindo que só os discos de vinil prestavam. Blair se preocupava com a possibilidade de seu irmão se transformar no tipo de fracassado que acabaria morando num trailer no meio do mato, caçando esquilos e tordos para comer.

Serena se recompôs e puxou uma cadeira ao lado de Blair.

— Me desculpe por ter sido uma imbecil total — disse ela, retirando o guardanapo de linho do anel de prata e abrindo-o sobre o colo. Agora sentia-se mais à vontade, sabendo que Nate ainda estava vivo, mas também um pouco confusa. O Plano A falhara e não havia um Plano B. — A separação de seus pais deve ter sido um horror.

Blair deu de ombros e pegou um pãozinho fresco de um cesto na mesa. Partiu-o em dois e enfiou metade na boca. Os outros convidados ainda se dirigiam à mesa e procuravam onde se sentar. Blair sabia que era uma grosseria comer antes que todos se sentassem, mas se a boca estivesse cheia, ela não poderia falar, e ela realmente não estava com vontade de conversar.

— Eu queria ter estado aqui — disse Serena, observando Blair besuntar a outra metade do pão com uma grossa camada de manteiga francesa. — Mas tive um ano totalmente doido. Tenho as histórias mais malucas pra te contar.

Blair assentiu e mastigou o pãozinho lentamente, como uma vaca ruminando. Serena esperava que Blair perguntasse que tipo de histórias, mas Blair não disse nada, só ficou mastigando. Blair não queria saber das coisas incríveis que Serena tinha feito enquanto esteve fora e Blair ficara presa em casa, vendo os pais arrancando o cabelo um do outro e trocando golpes sangrentos com os apagadores de vela.

Serena queria contar a Blair de suas proezas na Hanover. Sobre Soren e Jude, e sobre como não suportaria outro inverno em New Hampshire. Queria contar que precisou voltar antes que matasse todo mundo no campus. Queria contar a Blair como estava assustada por voltar para a Constance no dia seguinte porque não tinha estudado muito no ano anterior e sentia-se completamente fora de ritmo.

Mas Blair não estava interessada. Pegou outro pãozinho e deu uma enorme mordida. Os globos oculares de Jeremy Scott Tompkinson tinham acabado de explodir na sala de estar e Blair estava certa de que Serena tinha alguma coisa a ver com aquilo.

— Vinho, senhorita? — ofereceu Esther, parada do lado esquerdo de Serena com a garrafa. O avental de Esther estava sujo com o

sangue de Jeremy, mas ninguém parecia se importar.

— Sim, obrigada — disse Serena. Ela viu o Côtes du Rhone ser vertido na taça e pensou no mar Vermelho outra vez. *Talvez a Blair saiba*, pensou Serena. Será que era esse o problema? Será que é por isso que ela estava tão estranha? Ela olhou para Nate, a quatro cadeiras à direita, mas ele estava envolvido numa conversa com o pai. Falando de veleiros, sem dúvida.

— E aí, você e Nate ainda estão totalmente juntos? — perguntou Serena, roendo a unha ensanguentada do polegar. — Aposto que acabaram de se casar.

Blair engoliu o vinho, tilintando seu anelzinho de rubi na taça. Alcançou a manteiga e passou uma grossa camada no pão.

— Blair? — Serena cutucou o braço da amiga, desesperada. — Não vai falar comigo?

— Hmmmm — balbuciou Blair. Era menos uma resposta à pergunta de Serena do que uma declaração vaga e genérica para preencher o vazio, enquanto se inclinava para pegar outro pãozinho. — Não sei se devo.

Esther trouxe o pato, o suflê de abobrinha, a acelga e o molho de lingonberry, e a mesa se encheu com o som de pratos e talheres de prata se chocando e de murmúrios de “delicioso”. Blair fez uma pilha alta de comida no prato e a atacou como se não comesse havia semanas. Não se importava se passaria mal, desde que não tivesse de conversar com Serena.

— Nossa — exclamou Serena, vendo Blair se empanturrando. — Você deve estar morrendo de fome. — Ela sentia-se meio nauseada depois de todo o vexame com Jeremy.

Blair assentiu e meteu uma garfada de acelga na boca. Um gole de vinho ajudou-a a engolir.

— Estou faminta — disse ela.

— E então, Serena — disse Cyrus Rose da cabeceira da mesa. — Fale-me da França. Sua mãe disse que você esteve no sul da França neste verão. É verdade que as francesas não usam a parte de cima do biquíni na praia?

— Sim, é verdade — disse Serena. Ela ergueu uma sobrancelha de um jeito sacana. — Mas não são só as francesas. Eu nunca usei o sutiã do biquíni lá também. Como é que ia conseguir um bronzado decente?

Blair engasgou com um enorme pedaço do suflê e o cuspiu dentro

da taça de vinho. Serena estava dando mole para Cyrus? Ela os imaginou afogados e inchados, flutuando no líquido carmim da taça de vinho ao lado do naco de suflê. Até que Esther a levou e lhe trouxe uma taça limpa.

Serena manteve o público cativo até a sobremesa com suas histórias muito editadas sobre as viagens pela Europa, omitindo as partes nas quais as pessoas perderam braços e pernas ou morreram. Quando terminou a segunda porção de pato, Blair comeu uma tigela imensa e cheia de pudim de tapioca com calda de chocolate, desligando-se da voz de Serena enquanto enfiava as colheradas na boca. Finalmente seu estômago se rebelou e ela se levantou de repente, arrastando a cadeira para trás e correndo pelo corredor até sua suíte, diretamente para o banheiro.

— Blair? — chamou Serena atrás dela. Ela se levantou e a seguiu às pressas.

A várias cadeiras dali, Chuck deu uma cotovelada em Isabel.

— Alerta de tempestade de merda. Cabeças vão rolar.

Nate ficou inquieto ao ver as duas meninas saindo correndo da mesa. Tinha certeza de que a única coisa de que as meninas falavam no banheiro era sexo.

E na maioria das vezes ele estava certo.

Blair se ajoelhou diante da privada e colocou o dedo médio o mais fundo que pôde na garganta. Seus olhos começaram a lacrimejar e o estômago se sacudiu. Ela já havia feito aquilo, muitas vezes. Era nojento e horrível, e ela sabia que não deveria, mas pelo menos só estava prejudicando a si, coisa que ela não podia dizer a respeito de certas pessoas.

A porta do banheiro estava apenas entreaberta e Serena pôde ouvir a amiga vomitando.

— Blair, sou eu — disse Serena baixinho. — Você está bem?

— Vou sair em um minuto — rebateu Blair, limpando a boca. Ela se levantou e deu a descarga.

Serena empurrou a porta e Blair se virou e olhou para ela.

— Eu estou legal — disse Blair. — Sério.

Serena baixou a tampa da privada e se sentou.

— Ah, não seja tão chata, Blair — disse ela, exasperada. — Qual é o problema? Sou eu, lembra? A gente sabe tudo uma da outra.

Blair pegou a pasta e a escova de dentes.

— A gente era assim — disse Blair, começando a escovar os dentes furiosamente. Cuspiu um monte de espuma verde manchada com

sangue das gengivas. — Quando foi a última vez que conversamos, aliás? Foi tipo no verão retrasado?

Serena baixou os olhos para as botas de couro marrom desgastado.

— Eu sei. Desculpe. Estraguei tudo — disse ela.

Blair enxaguou a escova de dentes e a enfiou de volta ao suporte. Encarou o próprio reflexo no espelho do banheiro.

— Bom, você perdeu muita coisa — disse ela, limpando uma mancha da maquiagem embaixo do olho com a ponta do dedo mínimo. — Quero dizer, o ano passado foi realmente... diferente. — Ela quase disse “difícil”, mas “difícil” a faria parecer uma vítima. Como se ela mal conseguisse sobreviver sem Serena por perto. “Diferente” era melhor.

Com um senso repentino de poder, Blair deu uma olhada em Serena, sentada na privada.

— Nate e eu ficamos muito íntimos, sabe. Conversamos sobre tudo. Ah, é, tá legal.

As duas meninas se encararam desconfiadas por um minuto.

Depois Serena respirou fundo e soltou um suspiro longo e confuso. Blair precisava saber da verdade.

— Bem, não precisa se preocupar comigo e com Nate — disse ela. — Eu meio que queria matá-lo, mas Jeremy pegou a maconha primeiro, fumou o veneno e agora ele é que está morto no lugar do Nate, o que me deixa feliz, porque você ama o Nate, e eu só quero que todo mundo seja feliz, principalmente você.

Ela olhou a amiga, cheia de esperança. Talvez só precisasse fazer as coisas direito — só desabafar, assim as duas poderiam tocar a vida.

Blair sorriu com desprezo. Então Serena tinha envenenado Jeremy. Ela havia até tentado assassinar Nate — o Nate *dela*. Blair puxou o suéter para baixo e olhou seu reflexo no espelho. Uma guerreira de coração frio e olhos de aço a fitava por trás.

De jeito nenhum Serena ia se safar dessa. Era Blair que queria matar as pessoas — o tempo todo. E se Serena realmente podia fazer isso numa boa, então ela também podia. Assassinar alguém provavelmente era muito mais fácil do que ela pensava. A explosão dos globos oculares do Jeremy nem foi tão ruim assim. A empregada já havia limpado quase tudo. Serena achava que ditava moda, como uma revolucionária. Mas Blair era a melhor aluna, e não estava fazendo física avançada à toa. Podia pensar em algo muito mais impressionante do que explodir globos oculares. Guilhotinas, garrotes, floretes, facões! Ela seria superior na arte de matar, assim como em

tudo o mais que fazia.

— Estamos perdendo o café espresso — anunciou Blair, saindo de repente do banheiro.

Droga, pensou Serena, mas ficou onde estava. Será que Blair não estava nem mesmo remotamente surpresa por saber que ela, Serena van der Woodsen, era a responsável pela morte horrenda de Jeremy? Que ela havia tentado matar Nate? Bom, não valia a pena ir atrás de Blair agora, quando ela estava tão obviamente naquele humor horrroso. As coisas iriam melhorar na escola no dia seguinte. Ela e Blair teriam uma de suas famosas conversas sinceras no refeitório, junto dos iogurtes de limão e da alface romana. Não era como se simplesmente pudessem deixar de ser amigas.

Serena se levantou e examinou as sobrancelhas no espelho do banheiro, usando a pinça de Blair para arrancar um fio ou outro. Pegou um brilho Urban Decay *Gash* na bolsa e passou outra camada nos lábios. Quando voltou à mesa, Blair estava comendo sua segunda porção de pudim e Nate desenhava para Cyrus um retrato em pequena escala de seu poderoso veleiro nas costas de uma caixinha de fósforos. Do outro lado da mesa, Chuck erguia a taça de vinho e Serena o acompanhava. Ela não tinha ideia de por que estava brindando, mas estava sempre pronta para tudo.

Até para matar.

Blair pegou a taça de vinho, agarrando a haste com pulso firme. A delicada base se quebrou e o que restava do vinho tinto derramou na mesa. Penetrou na toalha e sangrou entre os dedos dela.

Alguém, alguém exatamente àquela mesa, iria morrer.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

s vista pendurando a cabeça pela janela

Sou eu, ou todo mundo está meio nervosinho ultimamente? É a mudança das estações? Num dia faz calor, no outro, um frio de rachar. É a lua cheia do equinócio? É aquela dose a mais de espresso que a Starbucks põe no venti latte? Deve-se à privação de sono, ao jet lag, TPM, DSTs, S.E.X.O.?

Não?

Mas não conseguimos nos livrar dessa sensação assustadora de filme de terror de que algo ou alguém está nos vigiando, ali na esquina ou atrás da árvore ao lado.

Será que podemos só cruzar os dedinhos agora e prometer não vagar pelas ruas do Upper East Side sozinhos, em especial depois do anoitecer?

Deus do céu. Tenho calafrios só de pensar nisso.

Melhorando o astral, certamente este é um bom começo. Vocês me mandaram uma tonelada de e-mails e me diverti muito lendo todos. Não é legal ser cruel?

seu e-mail

P:

oi, gossip girl

eu soube a respeito de uma garota em New Hampshire que a polícia encontrou nua num campo, com um monte de galinhas mortas. eca. eles acham que ela estava metida numa merda vodu ou coisa assim. você acha que era S? bem que parece ela, né? até mais.

— catee3

R:

Cara Catee3

Não sei, mas não me surpreenderia. S não é muito fã de galinhas. Uma vez, no parque, eu a vi arrancar as asas de um balde inteirinho de frango frito sem dar uma única mordida. Em se tratando dela, eu não descartaria nada.

— GG

P:

Cara GG,

Meu nome começa com S e eu sou loura!!! Também acabei de voltar do internato para minha antiga escola em NY. Fiquei de saco cheio de todas aquelas regras, tipo não poder fumar nem beber, nem levar meninos no quarto. :(De qualquer forma, eu agora tenho meu próprio apartamento e vou dar uma festa no sábado — quer ir? :-)

— S969

R:

Cara S969,

A S de quem estou escrevendo ainda mora com os pais, como a maioria das garotas de 17 anos. Mas isso certamente não atrapalha o estilo dela. Dê uma olhada em seus armários — ela pode ter usado suas almofadas para guardar cadáveres. Não diga que eu não avisei se começar a feder.

— GG

P:

e aí, gossip girl?

ontem à noite uns caras que eu conheço conseguiram um monte de comprimidos com uma gata loura na escadaria do metropolitan museum

of art. tinham a letra **S** impressa em todos. coincidência ou o quê?
— Semn0me

R:

Cara Semn0me,

Nossa, é só o que posso dizer. Ah, e se você gosta de usar suas funções corporais básicas e quer manter os globos oculares intactos, não tome aqueles comprimidos. Vão te levar a uma viagem só de ida e ninguém quer limpar a sujeira ensanguentada que você vai deixar.

— GG

3 guys e 2 girls

I e K vão ter um probleminha para caber naqueles vestidos bonitinhos que compraram na **Bendel's** se continuarem parando na **3 Guys Coffee Shop** para tomar chocolate quente e comer batata frita todo dia. Eu mesma fui lá para ver o babado e acho que posso dizer que o garçom era uma gracinha, para quem gosta de ouvir abobrinha, mas a comida é pior do que na **Jackson Hole** e as pessoas lá têm em média uns 100 anos. No entanto, lá é seguro. E isso é muito mais do que posso dizer do restante do bairro, agora que você-sabe-quem voltou.

flagra

C na **Hermès** comprando outro par daqueles sapatos de couro de porco feitos sob medida dos quais ele gosta. O garoto praticamente mora naquela loja. A mãe de **B** foi vista de mãos dadas com seu novo homem na **Cartier**. Hmmm, quando será o casamento? E mais: uma garota com uma tremenda semelhança com **S** saindo de um daqueles armazéns no Meatpacking District que não foram convertidos em hotel chique nem butique de moda e ainda têm câmaras frias cheias de carcaças. Procurando seu freezer particular? **B** na **Hammacher Schlemmer** da 57, experimentando dardos, facas, bolas de boliche e tacos de golfe, parecendo tremendamente decidida, como sempre. Presentes de casamento para a mamãe, ou está se preparando para uma batalha? E por fim, bem tarde da noite ontem, **S** foi vista recurvada para fora da janela de seu quarto na **Quinta Avenida**, parecendo meio perdida.

Bem, não pule, querida, que as coisas só estão começando a melhorar.

Isso é tudo por hoje. Vejo vocês na escola amanhã — se sobrevivermos a esta noite.

Você sabe que me ama,

gossip girl

eu sei o que você fez no inverno passado

— Serena? Não está acordada? — Lillian van der Woodsen entrou de mansinho no quarto da filha e abriu as cortinas brancas e pesadas que cobriam as janelas. — Vai à escola hoje, lembra-se? Estão esperando por você.

Um raio de luz matinal caiu sobre as pálpebras fechadas e com cílios longos de Serena. *Eu devo parecer tão tranquila e inocente*, ela refletia enquanto fingia dormir profundamente.

A mãe dela se abaixou sob o dossel da cama branca e puxou a colcha branca de ilhoses.

— Serena, francamente. Não queremos nenhum problema em seu primeiro dia.

Até parece que chegar atrasada seria um crime terrível. Se a mãe soubesse...

— Mas mamãe — gemeu Serena, puxando a calcinha Calvin Klein de cashmere cinza pelos quadris. — Está congelando!

Ignorando os protestos da filha, Lillian abriu a porta do armário e vasculhou as roupas. Algo áspero e pesado caiu nas pernas longas e despidas de Serena.

— Este é o seu novo uniforme — instruiu a mãe. — Levante-se logo e vista-o.

Antes de partir para o internato, Serena tinha queimado todos os antigos uniformes da escola, jogado no vaso sanitário e dado descarga. Na semana anterior, Lillian tinha comprado dois novos na loja online da Constance Billard. Um para o inverno, outro para a primavera.

Serena sentou-se e passou os dedos na saia pregueada marrom.

— Bonita. — E bocejou com um desinteresse indolente. Olhou para fora. O Metropolitan Museum of Art a encarava friamente do outro lado da Quinta Avenida, sua gélida escadaria de calcário abandonada e sem vida, a não ser por um turista solitário de mochila e boina. — Peraí — quis saber ela. — Cadê todo mundo?

A mãe abriu a primeira gaveta da cômoda, franzindo a testa de desprazer diante da bagunça que encontrou.

— Onde acha que estão? Já na escola. Malhas. Onde guarda suas malhas?

Sob a gama emaranhada de sutiãs, calcinhas, meias e malhas, enfiado dentro de uma manga de veludo preto, havia um canivete automático italiano com cabo de madrepérola, feito sob encomenda para caber na palma da mão de Serena. Ela deu um salto da cama e tirou a mãe do caminho.

— Obrigada. Eu cuido disso. Posso me vestir sozinha.

Dez minutos depois, Serena estava no hall da cobertura, mascando um pedaço de croissant enquanto esperava pelo elevador. Sua capa de chuva Burberry estava desabotoada. As botas Ralph Lauren, desamarradas. A malha Welford estava velha e esburacada. A camisa masculina Brooks Brothers, esfarrapada e puída. E o cabelo não fora escovado. Mas pelo menos ela estava a caminho.

O elevador tiniu empertigado e as portas se abriram. Serena entrou e se sentou no banquinho de veludo vermelho no canto, curvando-se para amarrar as botas enquanto o elevador mergulhava para o saguão.

Ping.

As portas se abriram e ela se levantou, confrontada por uma garota baixa, de cabelo castanho-avermelhado formal e olhos cinza amedrontados. O elevador ainda não tinha chegado ao saguão. Parou no terceiro andar.

— Oh! — A menina arquejou, hesitando entre as portas. Estava com o uniforme novo da Constance, como Serena. — Eu...

— Bonita saia — comentou Serena com um sorriso simpático. — Vem, entra. Acho que estamos atrasadas.

Mas a menina ficou ali, bloqueando as portas.

— Parlez-vous français? — Serena tentou. — Viens, viens. Vite, vite!

Ping, ping, ping, as portas tentavam se fechar.

— Serena — sussurrou a menina lentamente, boquiaberta. — Serena van der Woodsen.

— É o meu nome. Não use em vão — brincou Serena, usando uma frase que Blair costumava repetir incontáveis vezes no terceiro ano. Ela franziu o cenho para a menina mais nova. — Vai entrar ou não?

A garota estava pálida.

— Eu sei o que você fez — gaguejou. — Na Hanover... Você o matou... Meu irmão Jude. Eu vi pela janela. Eu estava visitando a escola.

Agora era a vez de Serena encarar. Ela sempre considerou aqueles meninos da Hanover descartáveis, sem identidades ou ligações. Mas talvez Jude afinal não fosse tão obscuro.

— Jude era de Massachusetts.

A menina assentiu.

— Nossos pais são divorciados. Papai ficou com o Jude e o levou para Boston. — Ela ajeitou a gola rulê branca e fechou o último botão do cardigã azul marinho J. Crew, como se quisesse proteger o pescoço de algum dano. — A mamãe ficou comigo.

Serena roeu a unha do polegar, reabrindo uma ferida na cutícula. O sangue sujou o lábio inferior, tingindo-o de vermelho.

— Que sorte da mamãe — disse ela, olhando a garota de cima a baixo.

Ping, ping, ping, faziam as portas. O canivete pendia pesadamente no bolso da capa plástica de chuva Burberry de Serena.

— Entre aqui. — Ela pegou a menina pelo pulso e a puxou para dentro do elevador. — Estamos atrasadas para a escola.

Assim que as portas se fecharam e o elevador começou a descer, Serena apertou o botão vermelho de PARE e o elevador estacou, suspenso entre dois andares.

— Você nem devia estar na escola — choramingou a garota. Ela limpou o nariz na manga, deixando um rastro de muco pegajoso e esverdeado na cashmere azul. — Devia estar na prisão. *Assassina*.

Serena tirou o canivete do bolso. Nem gostava de matar gente. Só queria que as coisas voltassem ao normal. Mas não podia deixar que a garota tagarelasse por toda a Constance sobre Serena ter feito espetinho do irmão. Ela deu um suspiro profundo. Já estava atrasada para seu primeiro dia e agora tinha de lidar com isso. Ela torceu o pulso e a lâmina afiada como navalha se abriu com um estalo eficiente e recompensador.

Ah, as alegrias da boa fabricação italiana.

A garota recuou contra a parede lisa de mogno do elevador.

— Não — suplicou. — Por favor, não.

Serena ergueu a mão. A menina investiu para o botão PARE, na esperança de apertá-lo e chegar ao saguão antes que fosse tarde demais. Mas quando estendeu o braço, descobriu que a mão direita não estava mais presa ao pulso. Logo seu escalpo castanho e bonito não estava mais preso à cabeça, nem os globos oculares cinza e penetrantes presos às suas cavidades.

Infelizmente o tapete do elevador era de uma refinada lã de carneiro cor de camelo, doado ao prédio pela mulher do armador grego do 12A. Teria de ser substituído.

Ping. As portas do elevador se abriram para o saguão e Serena saiu, com o rosto rosado de tanto exercício.

Um porteiro uniformizado e elegante abriu a pesada porta de vidro e ferro fundido do prédio.

— Tenha um ótimo dia, minha cara — cumprimentou-a com um sotaque irlandês, tocando o quepe. — É um prazer tê-la de volta.

Espere só até ele ver a sujeira que ela deixou no elevador.

Serena sorriu sedutoramente e correu pela Quinta Avenida até a escola. Do outro lado da rua, no Central Park, as mães bronzeadas nos Hamptons já estavam correndo em volta da represa enquanto suas babás atentas empurravam os bebês para o parquinho. As folhas de outono farfalhavam no caminho e táxis amarelos e ônibus barulhentos rugiam ao passar. Serena respirou fundo; a paisagem, os sons e os cheiros da cidade eram um tônico para sua alma atormentada. Ah, era tão bom voltar!

E com um pouco de sorte de irlandês, ela percorreria as dez quadras até a Constance sem derramar o sangue de mais ninguém.

ouçam os anjos da anunciação cantando

— Bem-vindas de volta, meninas — disse a Sra. McLean, de pé no pódio na frente do auditório da escola. — Espero que todas tenham tido um ótimo fim de semana prolongado. Passei o fim de semana em Vermont e foi absolutamente divino.

As setecentas alunas da Constance Billard School for Girls, do jardim de infância ao último ano do segundo grau, e seus cinquenta funcionários e professores abafaram o riso discretamente. Todos sabiam que a Sra. McLean tinha uma namorada em Vermont. O nome dela era Vonda e ela dirigia um trator. A Sra. McLean tinha uma tatuagem na coxa esquerda que dizia, “Me monta, Vonda”, com a imagem de duas mulheres nuas com cobras no lugar dos cabelos e cabeças de lobo, chicotes compridos de hipismo nas mãos em garra, montadas num trator John Deere.

É verdade, juro por Deus.

A Sra. McLean, ou Sra. M., como as meninas a chamavam, era a diretora da escola. Era tarefa dela encaminhar a nata da escola — mandar as garotas para as melhores faculdades, conseguir os melhores casamentos e a melhor vida possível, apesar de seu gênio incontrolável e sua instabilidade mental — e ela era muito boa no que fazia. Não tinha paciência com fracassadas e, se apanhasse uma das meninas agindo de tal maneira — persistentemente alegando doença, saindo-se mal nos exames de aptidão escolar ou tentando decepar os dedos de uma das colegas de turma —, chamaria psicanalistas, conselheiros e orientadores e se certificaria de que a menina tivesse a atenção pessoal de que precisava para ter notas boas, alta pontuação, nenhuma ficha criminal e uma recepção calorosa na faculdade de sua preferência.

A Sra. M. também não tolerava maldade. A Constance era considerada uma escola livre de panelinhas e preconceitos de qualquer tipo. A citação favorita dela era “Quem dissimula diz sim a uma mula”. A mais leve calúnia de uma menina a outra era punida com um dia de isolamento numa câmara escura no porão e uma carta de

desculpas, escrita a sangue. Mas estes castigos raramente eram necessários. A Sra. M felizmente não tinha conhecimento do que de fato se passava na escola. Sem dúvida não conseguia ouvir os cochichos que corriam no fundo do auditório, onde as veteranas estavam sentadas, dissecando os dramas sociais do dia.

— Achei que você tivesse dito que a Serena ia voltar hoje — cochichou Rain Hoffstetter para Isabel Coates.

Naquela manhã, Blair, Kati, Isabel e Rain tinham se reunido no ponto habitual na esquina para fumar e beber café antes de as aulas começarem. Faziam a mesma coisa toda manhã havia dois anos, e meio que esperavam que Serena se juntasse a elas. Mas a aula começara dez minutos antes e Serena ainda não tinha aparecido.

Blair não pôde deixar de se irritar com Serena por criar ainda mais mistério do que já havia em torno de sua volta. As amigas praticamente se contorciam na cadeira, ansiosas para ter o primeiro vislumbre de Serena, como se ela fosse uma espécie de celebridade. Caso Serena cismasse de matar todas, seria merecido. Ou talvez a própria Blair fizesse isso.

Seria uma lição para elas.

— Vai ver ela está chapada demais para vir à escola hoje — cochichou Isabel em resposta. — Juro que ela passou tipo uma hora no banheiro ontem à noite na casa da Blair. Só Deus sabe o que estava fazendo ali.

— Ouvi dizer que ela está vendendo aqueles comprimidos impressos com a letra S. Ela é totalmente viciada neles — disse Kati a Rain.

— Espera só, você vai ver — disse Isabel. — Ela tá numa rabuda danada.

— É — cochichou Rain. — Soube que ela entrou num tipo de seita vodu em New Hampshire.

Kati riu.

— Imagina se ela convida a gente para entrar.

— Que isso! — disse Isabel. — Ela pode dançar nua com galinhas e fazer tudo o que quiser, mas eu não entro nessa. De jeito nenhum.

— E depois, onde é que você vai conseguir galinhas vivas na cidade? — perguntou Kati.

— Sei lá, no Brooklyn? Eca — disse Rain.

— Agora eu gostaria de começar cantando um hino. Por favor, levantem-se e abram o hinário na página 43 — instruiu a Sra. M.

A Sra. Weeds, a professora hippie de música com o cabelo frisado,

começou a martelar ao piano, no cantinho, os primeiros acordes de um hino conhecido; depois todas as setecentas meninas se levantaram e começaram a cantar.

Suas vozes flutuaram até a 93, onde Serena van der Woodsen virava a esquina, xingando-se por estar atrasada.

Isso sem contar aquele pequeno obstáculo no elevador.

“Ouçam os anjos da anunciação cantan-do!

Gló-ria ao rei que nasceu!

Paz na Terra e misericór-dia,

Deus e pecadores se harmonizam.”

Aluna do sétimo ano da Constance, Jenny Humphrey pronunciava as palavras em silêncio, compartilhando com a vizinha o hinário que a própria Jenny fora encarregada de redigir numa caligrafia excepcional. Levou o verão todo, mas o hinário ficou lindo. Dali a três anos o Pratt Institute of Art and Design estaria batendo à porta dela. Apesar disso, Jenny se sentia doente de vergonha toda vez que usava o hinário, e era por isso que não conseguia cantar em voz alta. Cantar parecia um ato de bravata, como se estivesse dizendo: “Olhem só para mim, estou cantando com o hinário que *eu* fiz! Eu não sou ótima?”

Madona e hostil em casa com o pai e o irmão, Jenny raras vezes falava na escola. Tinha apenas uma amiga em sua turma, uma garota agressiva e estranhamente superconfiante chamada Elise. Na maior parte do tempo Jenny ficava olhando as meninas mais velhas, bonitas e populares, como Blair Waldorf, Kati Farkas, Isabel Coates e Rain Hoffstetter, estudando-as com uma intensidade ávida, odiando-as e amando-as, imitando a todas e morrendo de medo delas. Queria desesperadamente fazer parte daquele mundo especial, mas ao mesmo tempo elas a apavoravam a ponto de uma espécie de rigor mortis. Para elas, Jenny era inferior a uma espinha. Era praticamente invisível. Uma calourazinha baixa de cabelos crespos com peitos tão infelizmente gigantescos que eram seu único traço perceptível, além dos grandes olhos castanhos de bebê foca. Ela parecia o personagem dos desenhos Bob Esponja, só que em vez de uma esponja com pés e braços, era um par de peitos ambulantes.

Jenny Esponja Peito Avantajado?

“Ouçam as hostes celestiais proclamando,

Cristo nas-ceu em Be-lém!”

Jenny estava no final de uma fila de cadeiras dobráveis, perto das grandes janelas do auditório que davam para a 93. De repente um movimento na rua chamou sua atenção. Cabelos louros voando. Capa de chuva Burberry. Botas de camurça marrom surradas. Um uniforme marrom novo — uma escolha estranha, mas que deu certo. Parecia... não pode ser... será possível... Não!... Era?

Sim, *era mesmo*.

Um minuto depois Serena van der Woodsen empurrava a pesada porta de madeira do auditório e parava, olhando a turma. Estava sem fôlego e com os cabelos emaranhados. Suas bochechas estavam rosadas e os olhos brilhavam devido ao assassinato da pobre ruivinha e da corrida por 12 quadras desde a Quinta Avenida até a escola. Ela estava ainda mais perfeita do que Jenny se lembrava. Quando se tratava de beleza sublime e ser totalmente cool, Serena van der Woodsen arrasava com cada uma das outras veteranas.

Literalmente. Espere para ver.

— Ah, meu Deus — cochichou Rain para Kati no fundo da sala. — Será que ela pegou as roupas no abrigo dos sem-teto no caminho pra cá?

— Ela nem penteou o cabelo — riu Isabel. — Vai ver nem dormiu essa noite.

A Sra. Weeds finalizou o hino com um acorde ruidoso.

A Sra. M. pigarreou.

— E agora, um minuto de silêncio por aqueles menos afortunados do que nós. Especialmente pelos nativos americanos que foram massacrados na fundação deste país, a quem pedimos que não se aborream por termos comemorado o Dia do Descobrimento da América ontem — disse ela.

E os nativos do Upper East Side que foram massacrados?

A sala caiu em silêncio. Bem, quase.

— Olha só como a Serena fica com as mãos na barriga. Vai ver está grávida — cochichou Isabel Coates para Rain Hoffstetter. — Você só faz isso quando está grávida.

— Ela pode ter feito um aborto hoje de manhã. De repente é por isso que está atrasada — sussurrou Rain em resposta.

— Meu pai dá dinheiro à fundação Phoenix House — disse Kati a Laura Salmon. — Vou descobrir se a Serena esteve lá. Aposto que foi por isso que ela voltou no meio do ano letivo. Ela estava em reabilitação.

— Soube que estão fazendo essas coisas no internato, misturam

Comet com canela e café instantâneo e viram num gole só. É tipo speed, só que deixa sua pele verde se você tomar por muito tempo — piou Nicki Button na frente de Blair. Ela puxava o imenso pingente de cristal Swarovski que tinha comprado na viagem da família à Rússia no último verão. — Você fica cega e depois morre. Sabe o Jeremy? Ele era totalmente viciado.

Blair chutou as pernas de metal da cadeira de Nicki, irritada. Comet e canela? Que tal uma loura vadia maníaca numa farra de homicídios? Às vezes as amigas conseguiam ser tão sem noção.

A Sra. M. se voltou para cumprimentar Serena.

— Meninas, gostaria que todas dessem as boas-vindas à nossa velha amiga Serena van der Woodsen. Serena está se reintegrando ao último ano hoje. — A Sra. M. sorriu. — Por que não se senta, Serena?

Serena andou lepidamente para a nave central do auditório e sentou-se numa cadeira vaga perto de uma aluna cutucadora de nariz crônica do segundo ano chamada Lisa Sykes.

Jenny mal conseguiu se conter. Serena van der Woodsen! Ela estava *ali*, na mesma sala, a alguns metros de distância. Era *de verdade*. E parecia tão madura agora. E o que era aquilo nas mangas da camisa dela, sujando também o rosto? *Sangue?*

Bom, certamente não é ketchup.

As histórias sórdidas sobre Serena eram contadas desde o sétimo ano, juntamente à história da morte confusa de Jeremy Scott Tompkinson. Para uma menina nova como Jenny, nada era mais sedutor do que uma garota mais velha e escandalosa que também podia ser uma homicida perigosa.

Ela voltou para nos resgatar das veteranas más, Jenny refletiu. *Ela vai matar todas e nos libertar*.

Ainda olhando Serena, Jenny tirou a tampa de sua caneta preta de caligrafia preferida e desenhou um anjo louro sublime na margem do hinário. O sangue pingava das mãos do anjo e da faca metida sob sua asa.

Tão descolada, pensou Jenny. De mãos baixas, Serena van der Woodsen era realmente a garota mais descolada do mundo. Definitivamente mais cool do que qualquer outra veterana. E que classe chegar atrasada, no meio do tempo, com aquela aparência.

O internato de algum jeito dava um toque grunge até às almas mais belas. Almas belamente deterioradas, nesse caso.

Serena não cortava o cabelo havia mais de um ano. Na noite anterior, tinha amarrado os cabelos para trás para a festa dos Waldorf, mas hoje estavam soltos e bem desgrenhados. A camisa masculina branca e suja de sangue estava puída no colarinho e nos punhos, o sutiã de renda púrpura estava visível debaixo dela. Nos pés estavam suas botas marrons favoritas, e as meias pretas tinham um buraco enorme em um dos joelhos. Mas o uniforme novo era o que mais se sobressaía.

Os uniformes novos eram a praga do sexto ano, o ano em que as meninas da Constance passavam do manto para a saia. As saias novas eram feitas de poliéster e tinham pregas duras e artificiais. O tecido tinha um brilho brega horroroso e vinha numa nova cor: marrom. Era medonho. E era este uniforme marrom que Serena tinha escolhido usar no primeiro dia de volta à Constance. Além disso, o dela ia até os joelhos! Todas as outras veteranas usavam a mesma saia azul-marinho de lã que vestiam desde o sexto ano. As meninas cresceram tanto que as saias estavam extremamente curtas. Quanto mais curta a saia, mais descolada era a garota. Blair na verdade não tinha crescido tanto, então encurtou a saia escondido.

— Que porra de roupa é aquela afinal? — sibilou Kati Farkas.

— Vai ver ela pensa que o marrom parece Prada ou algo assim. — Laura riu.

— Acho que ela está tentando afirmar alguma coisa — cochichou Isabel. — Tipo assim, “olha para mim, eu sou Serena, sou linda, mato gente, posso usar o que quiser”.

E pode mesmo, pensou Blair. Essa era uma das coisas que sempre a enfureciam em Serena. Ela ficava bem em qualquer coisa.

Mas a aparência de Serena pouco importava. O que Jenny e todas as outras na sala queriam saber era: *Por que ela voltou?*

Elas esticaram o pescoço para ver. Ela parecia chapada? Será que estava com um olho roxo? Será que ainda tem todos os dentes? Estaria grávida? Esfaqueou alguém recentemente? Será que havia de fato alguma coisa diferente nela?

— Aquilo na bochecha é uma cicatriz? — cochichou Rain.

Blair a fuzilou com o olhar, perguntando-se quando todo mundo iria parar de falar em Serena. E daí que ela tivesse voltado? Grande coisa. A vida continua, gente.

— Ela levou uma facada uma noite dessas quando estava traficando. — Nick Burton se virou para cochichar, o pingente de

cristal balançando no pescoço. — Eu soube que ela fez plástica na Europa nesse verão, mas fizeram um trabalho meio porco. E agora ela está, tipo, matando os homens para se vingar. Está totalmente biruta.

A Sra. McLean estava lendo em voz alta agora. Serena sentou-se novamente em sua cadeira, cruzou as pernas e fechou os olhos, aquecendo-se na velha sensação familiar de estar sentada naquela sala cheia de garotas, ouvindo a voz da Sra. M. Não entendia por que tinha ficado tão nervosa antes de ir para a escola esta manhã. Agora estava em casa. Este era o seu lugar.

— Ai meu Deus, acho que ela dormiu — cochichou Kati para Laura.

— Vai ver só está cansada — sussurrou Laura de volta. — Eu soube que ela foi expulsa porque dormiu com todos os garotos do campus. Tinha umas marcas na parede acima da cama dela. A colega de quarto dela contou que foi assim que eles descobriram.

— E depois, toda aquela dança com galinhas de madrugada — acrescentou Isabel, dando uma risadinha meio frenética para as meninas.

— As marcas foram por todos os meninos que ela matou — insistiu Nicki. — Foi ela que apareceu com o troço de Comet e canela. Foi invenção dela.

Blair mordeu o lábio, reprimindo um rosnado. Já chega. Não conseguia suportar mais. Estendeu a mão para o rabo de cavalo de Nicki, fingindo tirar um fiapo das mechas loiras e brilhantes. Depois, com um puxão forte na corrente de ouro no pescoço de Nicki, esmagou a traqueia da menina antes de macerar o ridículo pingente de cristal através da gola rulê amarela Ralph Lauren e cravá-lo na jugular.

O tênis faz maravilhas pelos reflexos de uma pessoa.

— Todos de pé — instruiu a Sra. McLean. — Agora podem sair e tenham um bom fim de semana.

A Sra. Weeds martelou as notas do “The Battle Hymn of Republic” e ela e a Sra. McLean começaram a cantar em vozes operísticas ensurdecedoras enquanto as meninas saíam do auditório.

*“Glóóó-ria, glória alelu-ia!
Glóóó-ria, glória alelu-ia!”*

Nicki arriou na cadeira, a mochila vermelha Coach caindo a seus pés.

— *Vamos*, Nicki — sibilou Rain Hoffstetter. — Temos duas aulas

seguidas de francês.

Blair empurrou Rain para a porta.

— Ela só está procurando um absorvente. Vai nos encontrar depois.

Mas Nicki ainda estava lá quando a turma de Jenny Humphrey marchou para fora.

Incrível, observou Jenny em silêncio, notando o corpo sem vida de Nicki. Serena não perdia tempo mesmo. Só estava de volta à Constance havia cinco minutos e já tinha matado a primeira!

Ai, que amor. A assassina tinha uma fã obcecada.

outra fã de s

Assim que as orações acabaram, Jenny passou por suas colegas de turma aos empurrões e disparou para o corredor para dar um telefonema. Seu irmão Daniel ia se borrar todo quando ela contasse.

— Alô — atendeu Daniel Humphrey ao celular no sétimo toque com aquela voz monótona falando-da-terra-dos-mortos. Estava parado na esquina da 77 com a West End Avenue, na calçada da escola preparatória Riverside, fumando feito uma chaminé. Semicerrou os olhos castanho-escuros, tentando bloquear a forte luz do sol de outubro. Dan não ficava no sol. Passava a maior parte do tempo livre no quarto, lendo haikais existencialistas de poetas japoneses mortos há muito. Era mais pálido do que um cadáver, os cabelos desgrenhados e sem vida, e magro como uma estrela do rock morta.

O existencialismo pode acabar com o apetite de uma pessoa.

— Adivinha quem voltou? — Dan ouviu a irmã mais nova guinchar excitada ao telefone.

Quando Jenny precisava conversar com alguém, sempre ligava. Foi ela quem comprou iPhones para os dois. E isso também era bom, porque Dan era ainda mais solitário do que ela. Às vezes ele passava dias sem falar. Até mesmo cogitou cortar a própria língua, só para ver se faria alguma diferença a alguém, inclusive a si mesmo.

— Jenny, isso não pode esperar? — respondeu Dan com a voz rouca, parecendo irritado como só os irmãos mais velhos ficam.

— Serena van der Woodsen! — interrompeu Jenny. — Serena voltou para a Constance. Eu a vi durante as orações. Dá pra acreditar nisso?

Dan observava um copo de café de plástico ser levado pelo vento na calçada. Um Prius vermelho passou voando pela West End Avenue, ultrapassando um sinal amarelo. As meias dele estavam úmidas dentro dos Hush Puppies de camurça marrom.

Serena van der Woodsen. Ele deu um longo trago em seu Camel. As mãos tremiam tanto que ele quase errou a boca.

— Dan? — guinchou a irmã ao telefone. — Está me ouvindo?

Ouviu o que eu disse? Serena voltou. Serena van der Woodsen.

Dan puxou o ar ríspidamente.

— Tá — disse ele, fingindo desinteresse. — E daí?

— E daí? — repetiu Jenny, incrédula. — Ah, tá legal, como se você não tivesse acabado de ter um minienfarte. Você é tão presunçoso, Dan.

— Não mesmo — disse Dan, irritado. — O que eu tenho com isso?

Jenny suspirou alto. Às vezes Dan conseguia ser tão irritante. Por que não podia parecer feliz pelo menos uma vez? Ela estava tão cansada daquele modelito poeta introspectivo, pálido e infeliz. Metade do motivo para ela ligar para ele no horário de aula era para averiguar se ele não tinha se jogado na frente de um ônibus ou se trancado na fornalha da escola. Dan cortejava a morte como a maioria dos adolescentes cortejava meninas bonitas. Alguém precisava se certificar de que ele ainda estava vivo.

Ele se divertiria muito mais se tentasse matar os outros em vez de ficar tentando o suicídio.

— Tenho certeza de que ela tem sangue na manga — continuou Jenny sem fôlego, certa de que esta pequena informação chamaria a atenção de Dan. — E todo mundo está falando sobre como ela foi expulsa do internato por matar meninos. Já morreu um cara numa festa nesse fim de semana, e eu tenho certeza de que ela fez alguma coisa com uma garota do último ano agora mesmo, durante as orações. Me dá arrepios. Quero dizer, parece até que ela voltou para nos salvar de alguma coisa, sabe? Quero dizer, eu nem sei do que estou falando, mas, meu Deus, ela é tipo, tão descolada que dá medo!

Dan nem mesmo estava escutando. Estava distraído demais pelas lembranças douradas de Serena: os olhos azul-escuros, o balançar do cabelo louro e exuberante, o jeito como o mundo sempre parecia perfeitamente iluminado na presença dela. *Serena*. Ele fechou os olhos, tonto, e os abriu novamente. *Serena*.

— Dan? Alô? Está vivo?

— Cuidado! — gritou um mensageiro de bicicleta quando Dan desceu do meio-fio às cegas. Ele sempre descia de meios-fios às cegas, como se sempre desejasse que aquela inspiração repentina fosse a última. Mas agora Serena estava de volta. Ele subiu no meio-fio de novo.

— Deixa pra lá — Ouviu a irmã dizer com um suspiro. — Esqueça isso. Coma alguma coisa. Beba algo além de café. Faça algum

exercício. A gente se fala mais tarde.

Ela desligou e Dan enfiou o celular no bolso da calça de veludo cotelê preta e larga. Acendeu outro cigarro com a guimba do que já estava fumando, queimando o polegar. Ele nem mesmo sentiu.

Serena van der Woodsen.

Eles se conheceram numa festa. Não, aquela não era exatamente a verdade. Ele e Jenny a observaram por horas numa festa, a festa dele, a única que ele deu no apartamento da família na 99 com West End Avenue.

Era abril, no oitavo ano, quando Dan tinha 13 anos. A festa foi ideia de Jenny, quando ela fez 10 anos, e o pai, Rufus Humphrey, o infame editor aposentado de poetas beat pouco conhecidos e ele próprio fominha de festa, ficou feliz em concordar. Rufus andara vendo *Criminal Minds* e percebera que Dan tinha todas as características de um serial killer: abandonado pela mãe em tenra idade; às vezes ainda fazia xixi na cama; adorava incendiar coisas, inclusive o cabelo da irmã e Marx, o gato gordo e de pelo curto deles; envolvia-se em tortura de animais — vide Marx. Até então Dan não havia demonstrado nenhum interesse em matar alguém além de si mesmo, mas Rufus pensava que o filho precisava sair mais, conviver com crianças da idade dele.

Rufus mandou um e-mail usando a conta de Dan convidando toda a turma, e disse a eles que podiam chamar quantas pessoas quisessem. Mais de cem crianças apareceram, e Rufus manteve a cerveja rolando de um barril pequeno na banheira, deixando muitos garotos bêbados pela primeira vez. Foi a única festa a qual Dan foi, mas também foi a melhor. Não por causa da bebedeira, mas porque Serena van der Woodsen estava lá. Pouco importava que ela tivesse perdido tempo participando de um jogo imbecil de latim e tenha beijado a barriga toda rabiscada com marcador de um cara que estava lá. Dan não conseguiu tirar os olhos dela. Enfim ele encontrara uma razão de viver.

Depois da festa, Jenny disse a ele que Serena era da Constance, e a partir daí Jenny tornou-se sua pequena espiã, relatando tudo o que via Serena fazer, dizer, vestir etc., informando a Dan de qualquer evento futuro em que ele pudesse vê-la novamente. Tais eventos eram raros. Não porque não fossem muitos — eles eram —, mas porque não havia muitos aos quais Dan tivesse oportunidade de ir. Dan não vivia no mesmo mundo que Serena, Blair, Nate e Chuck. Ele não era ninguém

— só um espectro deprimido e solitário do Upper West Side.

Durante dois anos Dan seguiu Serena, ansiosamente, a distância. Nunca falou com ela. Quando ela foi para o internato, Dan tentou se esquecer dela, certo de que estaria morto quando ela voltasse à cidade.

Porém agora ela estava de volta.

Dan andou metade do quarteirão, depois se virou e fez o caminho de volta. A cabeça dele estava a mil. Ele poderia dar outra festa. Poderia fazer os convites e Jenny enfiaria um deles no armário de Serena na escola. Quando Serena chegasse na casa dele, Dan iria até ela e pegaria seu casaco de mink, dando-lhe elegantemente as boas-vindas a Nova York.

Eu morri o tempo todo em que você esteve fora, diria ele, poeticamente.

Depois eles escapuliriam para a biblioteca do pai e tirariam as roupas um do outro, e se beijariam no sofá de couro na frente da lareira. E quando todos tivessem ido embora da festa, eles dividiriam uma tigela de Red Hots, uma das poucas coisas que Dan comia. A partir daí, passariam cada minuto juntos. Chegariam até mesmo a se transferir para uma escola mista como a Trinity pelo restante do segundo grau, porque não poderiam ficar separados. Depois iriam para a Columbia e morariam num estúdio apertado sem aquecedor, em andar alto, com vista para o mesmo rio Hudson no qual Dan desejara se jogar em tantas noites desoladas. Os amigos de Serena tentariam seduzi-la a voltar para sua antiga vida, mas nenhum baile de caridade, nenhum jantar exclusivo em black-tie, nenhuma festa sofisticada seria capaz de tentá-la. Ela não se importaria de abrir mão de seu fundo de fideicomisso e dos diamantes da bisavó. Serena estaria disposta a viver num chiqueiro se fosse para ficar com Dan. E quando morressem, morreriam juntos, de mãos dadas, como Romeu e Julieta, só que melhor.

Ossos frágeis, lábios quentes...

Primavera, verão, outono, inverno.

Só os vermes sabem.

— Mas que porra, a sineta vai tocar daqui a cinco minutos. — Dan ouviu alguém dizer numa vozinha chata.

Dan se virou, e é claro que era Chuck Bass, ou o “Porta-cachecol”, como Dan gostava de chamá-lo, pois Chuck sempre usava aquele

cachecol de cashmere cor de marfim ridículo com o monograma. Chuck estava parado a apenas seis metros com dois de seus colegas da Riverside, Roger Paine e Jeffrey Prescott. Os três vestiam paletós de smoking de veludo vinho e luvas de couro marrom sem dedos, e Chuck calçava os novos sapatos de couro de porco feitos sob medida, sem meias. Os três meninos — cujo cabelo era cortado por Oscar Blandi em fios médios bem hidratados na altura da maçã do rosto — não falaram com Dan, nem assentiram dando por sua presença. Por que deveriam? Toda manhã aqueles caras atravessavam o Central Park de ônibus para ir à escola, pegando-o na 79, saindo do pretensioso Upper East Side, só se aventurando ao West Side para ir às aulas ou comparecer a uma festa esporádica. Eram da turma de Dan na Riverside Prep, mas certamente não eram *da turma* dele. Dan era nada para eles. Eles sequer o notavam.

— Cara — disse Chuck aos amigos. Acendeu um cigarro. Chuck fumava seus cigarros como se fossem de maconha, segurando-os entre o dedo indicador e o polegar e tragando com força. Ridículo demais para merecer atenção.

— Adivinha quem eu vi ontem à noite? — disse Chuck, bafejando uma torrente de fumaça cinza.

— Amanda Sohotfried ou uma dessas atrizes de olhos grandes e louras gostosas pra cacete? — disse Jeffrey, metendo o cabelo atrás das orelhas com as mãos naquelas ridículas luvas sem dedos.

— É, e você deixou que ela arrancasse suas calças e tudo, né? — Roger riu, espanando cinza de cigarro de seu paletó de veludo. — E depois você montou nos ombros dela.

— Não, ela não. Serena van der Woodsen — disse Chuck.

Os ouvidos de Dan se aguçaram. Estava quase na hora de entrar na sala de aula, mas ele acendeu outro cigarro e ficou ali para poder ouvir.

— A mãe da Blair Waldorf deu uma festinha e Serena van der Woodsen foi com os pais dela — continuou Chuck. — E ela *deu* em cima de mim. Tipo assim, ela é a garota mais devassa que já vi. — Chuck tirou outro trago do cigarro. — E depois, ela é totalmente psicótica. Quero dizer, ela matou gente. Muita gente.

— É mesmo? — disse Jeffrey. — Eu ouvi isso, mas não se pode acreditar em tudo o que você ouve por aí.

— Ah, pode sim — contra-atacou Chuck. — Primeiro, eu descobri que ela estava fodendo com o Nate Archibald desde o primeiro ano do

Ensino Médio. Depois ela definitivamente se educou no internato, tá ligado? Eles puseram Serena pra fora, de tão piranha que ela é.

— De jeito nenhum — disse Roger. — Qual é, cara, ninguém é expulso por ser galinha.

— É, sim, se você registra cada cara com quem dormiu, mete os caras nas mesmas drogas que você toma e depois os mata. Os pais dela tiveram que ir lá para buscá-la. Ela estava tipo assumindo o controle da escola! — Chuck se exaltava cada vez mais. O rosto estava vermelho e ele cuspiu nos sapatos de couro de porco enquanto falava.

— Soube que ela pegou doenças também — acrescentou ele. — Tipo doenças venéreas. Alguém viu a Serena indo a uma clínica no East Village. Ela estava de peruca. E ela tem aquele lance com as galinhas. Mata e bebe o sangue delas.

Os amigos de Chuck puseram o indicador na boca e fingiram vomitar.

— Que nojo! — disseram simultaneamente.

— Vocês souberam daquele cara, o Jeremy, né? — Chuck deu uma forte tragada no cigarro enquanto os dois garotos assentiam ansiosamente. — Foi tudo culpa da Serena. Ela só ficou na festa por cinco minutos e, *bum*, os globos oculares do cara explodiram por toda a merda das paredes. Ela é uma arma letal. — Ele riu e apagou o cigarro com o pé. — Totalmente carregada o tempo todo.

Dan nunca tinha ouvido tanta merda. Serena não era piranha e não mataria ninguém, a não ser em legítima defesa. Serena era perfeita.

Perfeitamente psicótica.

— E aí, tá sabendo daquela festa dos pássaros? — perguntou Roger. — Vocês vão?

— Que festa dos pássaros? — disse Jeffrey, ofendido porque o melhor amigo sabia de algo que ele não sabia.

— Aquela festa beneficente para as aves de rapina do Central Park? — disse Chuck. — A Blair Waldorf está organizando. Na Frick. — Deu outra tragada no cigarro. — Cara, todo mundo vai.

Todo mundo não incluía Dan, é claro. Mas definitivamente incluía Serena van der Woodsen.

— Estão mandando um monte de convites essa semana — disse Roger. — Tem um nome engraçado, não consigo lembrar qual é, um troço de mulherzinha.

— *Beije-me ou Morra* — disse Chuck, esmagando seu cigarro com os detestáveis sapatos feitos sob medida. — É a festa *Beije-me*

ou Morra.

— É, isso aí — disse Jeffrey. — E aposto que vai rolar muito mais do que beijo na boca. — Deu uma risadinha perversa. — Ainda mais com a Serena por lá.

Os garotos riram, congratulando um ao outro por sua incrível perspicácia.

Dan já ouvira o bastante. Atirou o cigarro na calçada a centímetros dos sapatos de Chuck e foi para a entrada da escola. Quando passou pelos três meninos, virou a cabeça e fez um beicinho, produzindo um som de beijo três vezes, como se estivesse dando um beijo estalado em cada garoto. Depois se virou e entrou, batendo a porta.

Beijem isso e morram, seus babacas.

no coração de cada cínica socialmente alienada existe uma romântica incurável

— O que eu procuro é tensão — explicou Vanessa Abrams à pequena turma de estudos avançados de cinema da Constance.

Ela estava de pé na frente da sala, apresentando sua ideia para o filme que realizava, uma adaptação livre de *Assassinos por natureza*, o filme alegremente violento e estranhamente belo de Oliver Stone sobre um casal de psicopatas homicidas e apaixonados. O repertório de Vanessa incluía um curta animado usando Legos, mostrando as corujas de *Harry Potter* durante uma epidemia de raiva, e uma versão subaquática de *Crepúsculo* estrelada por um elenco formado por uma lampreia e uma piranha. Oliver Stone parecia o próximo passo lógico. Além disso, os contos de fadas sobre magos e vampiros não eram a praia dela. Contos de fadas sobre serial killers, sim.

Vanessa exultava com a ideia de uma plateia de colegas, mastigando pipoca enquanto assistiam às imagens mais odiosas e explícitas de violência que ela era capaz de produzir na tela. Todas bancavam as boazinhas. Ela queria mostrar o submundo ríspido do mundo no qual elas viviam. Atirar na cara delas e obrigá-las a engolir em suas gargantas cravejadas de diamantes. Ela queria seduzi-las mostrando uma história de amor, depois fazê-las vomitar.

— Primeiro vou filmar a cena do casamento, quando Mallory e Mickey tornam-se Mallory e Mickey Knox, mas só ela fala. Na verdade, a voz dela é a minha, e não da atriz, dublada. E ele não tem fala nenhuma. — Vanessa fez uma pausa dramática, esperando que uma de suas colegas dissesse alguma coisa. O Sr. Beckham, o professor, sempre dizia que elas deviam manter as cenas vivas com diálogos e ação, e Vanessa estava fazendo deliberadamente o contrário. — Em seguida, vou filmar o caos e a destruição que acontece todo dia por toda a cidade, como se eles estivessem provocando esse caos. Depois mostrarei os dois morrendo,

violentamente.

— Só uma dublagem no filme inteiro? Não tem diálogo de verdade? — perguntou o Sr. Beckham de onde estava, no fundo da sala. Ele estava dolorosamente consciente de que ninguém mais na turma estava ouvindo uma só palavra do que Vanessa dizia.

— Será muito gráfico — insistiu Vanessa. — Quero que as imagens grem. Não preciso de muitas falas.

Ela pegou o controle remoto do projetor de *slides* e começou a passar as fotos em preto e branco que tinha tirado para demonstrar o caos e destruição que já capturara. Um pombo bicando um lenço de papel ensanguentado. Uma peruca preta sem cabeça largada num banco de parque. Um sem-teto pálido, de olhar morto, a mão com unhas sujas. Um rato ensanguentado de boca aberta, achatado por um carro na rua.

— Rá! — exclamou alguém do fundo da sala. Era Blair Waldorf, rindo alto enquanto lia o bilhete que Rain Hoffstetter tinha acabado de passar a ela.

Pelos bons tempos

Ligar para Serena v.d. Woodsen

Você entende de... doença venérea??

Vanessa olhou para Blair. Cinema era a matéria favorita de Vanessa, o único motivo para ela ir à escola. Ela levava o curso muito a sério, enquanto a maioria das outras meninas, como Blair, só considerava o curso de cinema um intervalo para as malditas disciplinas de conhecimentos avançados — cálculo avançado, biologia avançada, história avançada, literatura inglesa avançada, francês avançado. Iam direto para Yale, Harvard ou Brown, aonde suas famílias iam há gerações. Vanessa não era igual a elas. Os pais dela sequer foram à faculdade. Eram artistas e Vanessa só queria uma coisa na vida: ir para a Universidade de Nova York, formar-se em cinema e fazer os filmes sanguinolentos mais artísticos que o mundo já vira.

Na verdade, ela ansiava por outra coisa. Ou outro *alguém*, para ser mais exata, mas vamos falar nisso daqui a pouquinho.

Vanessa era uma anomalia na Constance, a única menina da escola que tinha a cabeça quase raspada, usava suéter preto de gola alta todo dia, lia *O silêncio dos inocentes* repetidamente como se fosse a Bíblia, ouvia The Smiths e bebia chá preto sem açúcar. Não tinha

amigas na Constance e morava em Williamsburg, no Brooklyn, com sua irmã de 22 anos, Ruby. Mas então o que ela estava fazendo na minúscula e exclusiva escola particular para meninas no Upper West Side e suas bizarras princesinhas competitivas usando saias tutu Gucci-Pucci como Blair Waldorf? Era uma pergunta que Vanessa se fazia todo dia.

Ela também se perguntava todo dia por que não matava todas e incendiava a escola.

Os pais de Vanessa eram artistas revolucionários das antigas que moravam numa casa feita de pneus de carro reciclados em Vermont. Quando fez 15 anos, Vanessa raspou a cabeça e parou de sorrir. Ameaçou transformar o fogão a lenha numa bomba e derreter a casa se os pais não a deixassem se mudar para a casa da irmã mais velha, baixista, no Brooklyn. Eles por fim cederam, mas queriam se certificar de que a eternamente infeliz Vanessa tivesse uma educação boa e segura no secundário. Então a matricularam na Constance, que ela logo descobriu ser a pior forma de tortura imaginável.

Vanessa odiava a Constance e todas as garotas que estudavam lá, mas nunca dissera nada aos pais. Pelo menos estava em Nova York e só faltavam oito meses para se formar. Mais oito meses e ela poderia explodir aquela merda toda e escapar para o centro da cidade, para a Universidade de Nova York.

Mais oito meses da piranhazinha da Blair Waldorf — isto é, se Vanessa não a matasse antes — e, pior ainda, de Serena van der Woodsen, que estava de volta em todo seu esplendor. Blair Waldorf parecia absolutamente orgásmica com a volta da melhor amiga. Na verdade, toda a fila de trás da sala de cinema rabiscava, passando bilhetes. Elas que se fodessem. Vanessa queria enfiar aqueles bilhetinhos pela goela das garotas e estrangular cada uma delas com os braços de seus irritantes suéteres de cashmere.

Mas tinha um filme a fazer. Ela ergueu o queixo e prosseguiu em sua apresentação. Era superior àquela bobajada. *Só mais oito meses.*

Se Vanessa tivesse visto o bilhete que Kati Farkas acabara de passar a Blair, talvez se solidarizasse um pouquinho com Serena.

Querida Blair,

Me empresta 5 milhões de dólares? Preciso sair da cadeia porque já matei meus pais, meus avós e aquele agente de fiança e agora não

me resta ninguém.

Que merda, minha cabeça está coçando. Acho que peguei piolho.

Me dê uma resposta sobre o dinheiro.

Um beijo,

Serena v.d. Woodsen

Blair, Rain e Kati riram ruidosamente.

— Shhhhh — sussurrou o Sr. Beckham, olhando para Vanessa com empatia. Blair virou o bilhete e escreveu uma resposta.

Claro, Serena. O que você quiser. Me mande um torpedo da cadeia e vou te mandar o dinheiro... NUNCA. Soube que a comida é excelente na prisão. Nate e eu vamos visitar você quando tivermos tempo, o que pode ser... NUNCA.

Lamento saber dos piolhos. Soube que maionese sob uma touca de banho dá conta deles. Isso ficará ótimo com a sua roupa de hoje.

Beijos,

Blair

Blair passou o bilhete a Kati, sem sentir nem a mais leve pontada de remorso por ser tão cruel. Havia tantas histórias sobre Serena que ela sinceramente não sabia em quem acreditar mais. Talvez algumas fossem verdadeiras. Talvez algumas coisas de fato tivessem acontecido. Afinal, Serena não havia confessado por acaso ter tramado a morte de Jeremy quando pretendia matar Nate? Quem sabia do que mais ela era capaz? Além disso, passar bilhetes distraía a todas do súbito desaparecimento de Nicki naquela manhã.

E passar bilhetes é muito mais divertido do que pegá-los.

“Atenção, senhoras e membros do corpo docente”, a voz da Sra. McLean soou no sistema de som em toda a escola. “Devido a um incidente ocorrido mais cedo, o auditório ficará fechado para manutenção pelo restante do dia. As aulas de teatro e dança foram transferidas para o ginásio de esportes. Obrigada.”

Então o corpo de Nicki finalmente foi descoberto. Blair se perguntou se Serena já havia matado alguém hoje. Para cada pessoa que Serena apagasse, ela pretendia apagar outra.

Vanessa pigarreou.

— Vou escrever, dirigir e filmar. E já escalei meu amigo, Daniel Humphrey, da Riverside Prep, como Mickey Knox.

Suas bochechas arderam quando ela pronunciou o nome de Dan.

Ele não falava muito e era muito mórbido, mas tirou-a do frio quando ela ficou presa do lado de fora de uma festa dois anos antes, e ela vinha controlando o cara desde então. Dan era seu único amigo em toda a cidade, embora ela fosse capaz de matar para que se tornassem mais do que apenas amigos.

— Mas ainda preciso de uma Mallory. Vou fazer a seleção de elenco amanhã no meio da ponte do Brooklyn, ao anoitecer. — No fundo, ela queria colocar uma peruca e fazer Mallory ela mesma, mas não haveria ninguém para segurar a câmera. O Mickey e a Mallory Knox originais foram representados pelo caubói careca e musculoso Woody Harrelson e a desajeitada noiva adolescente do Sul com seus olhos de corça Juliette Lewis. Dan e Vanessa não poderiam ser mais diferentes. Mas uma adaptação era divertida por isso — ela podia usar a história e foder com ela.

— Alguém está interessada? — perguntou. A pergunta era uma piadinha particular. Vanessa sabia que ninguém na sala sequer a estava ouvindo.

O braço de Blair se ergueu.

— Eu vou dirigir! — anunciou. Obviamente não tinha ouvido a pergunta, mas Blair estava tão desesperada para impressionar os funcionários da admissão de Yale, que sempre era a primeira voluntária para tudo.

Vanessa abriu a boca para falar. *Dirija isso*, ela queria dizer, antes de disparar uma bazuca e explodir a cabeça perfeitamente penteada de Blair.

— Abaixе a mão, Blair — suspirou o Sr. Beckham, cansado. — Vanessa acabou de nos dizer que *ela* é a diretora, roteirista e cinegrafista. A não ser que você queira fazer o papel de Mallory, sugiro que se concentre em seu próprio projeto.

Blair olhou para ele de mau humor. Odiava professores como o Sr. Beckham. Ele era agressivo porque era de Nebraska e finalmente tinha conseguido realizar seu triste sonho de morar em Nova York só para se ver ensinando num curso inútil em vez de dirigir filmes de vanguarda e ficar famoso. Um dia a Sra. McLean provavelmente falaria pelo sistema de som, anunciando que o Sr. Beckham rastejou para dentro do forninho no apartamentinho ridículo em que morava e nunca mais saiu de lá.

Ou talvez Blair simplesmente devesse matá-lo ela mesma e livrá-lo de sua infelicidade.

— Não faz mal — disse Blair, enfiando o cabelo escuro por trás das orelhas. — Acho que não tenho tempo mesmo.

E não tinha.

Blair era presidente do Conselho de Serviço Social e dirigia o Clube de Francês; era orientadora da primeira série em leitura; trabalhava num sopão dos pobres uma vez por semana, tinha aulas de preparação para os exames de aptidão escolar nas terças-feiras e, às quintas à tardinha, fazia um curso de *design* de moda com Tim Gunn. Nos fins de semana jogava tênis para manter sua pontuação no *ranking* nacional. Além disso tudo, estava no comitê de planejamento de cada função social que qualquer um se preocupasse em inventar, e o calendário de outono-inverno estava *lotado, lotado, lotado*.

Isso sem contar todos os assassinatos que teria de cometer para acompanhar o ritmo de Serena.

Vanessa acendeu as luzes e voltou para a carteira na frente da sala.

— Tudo bem, Blair, eu queria uma garota mais alta para o papel de Mallory. — Vanessa alisou o uniforme em volta das coxas e sentou-se delicadamente, numa imitação quase perfeita de Blair.

Blair deu um sorrisinho afetado para a cabeça espinhosa e careca de Vanessa e olhou para o Sr. Beckham. Será que ele notaria se ela puxasse o suéter preto horroroso de Vanessa, cobrisse os olhos dela com ele e a empurrasse pelas portas da escola na frente de um Hummer em movimento?

Vanessa retribuiu o sorrisinho, e se perguntou se podia pegar a escova de cerdas de javali Mason Pearson na bolsa Miu Miu de Blair e meter pelo rabo da garota antes de o sinal tocar.

O Sr. Beckham pigarreou e se pôs de pé.

— Bem, é isso, meninas. Podem sair um pouco mais cedo hoje. Vanessa, por que não coloca um cartaz no corredor para a seleção da atriz amanhã?

As meninas começaram a guardar suas coisas e sair da sala. Vanessa rasgou uma folha em branco do bloco e escreveu as informações necessárias no alto da página. Assassinos por natureza, *uma recontagem moderna do clássico violentamente romântico de Oliver Stone. Seleção para Mallory. Quarta-feira, ao pôr do sol. Ponte do Brooklyn.*

Ela resistiu a escrever uma descrição da garota que procurava porque não queria espantar ninguém.

No filme original, Woody Harrelson e Juliette Lewis eram um casal estranhamente complementar. Ele era grandalhão e forte, enquanto ela era magrela e tinha cara de criança. Ele parecia poder dominar dez homens e era totalmente apaixonado por ela. Ela era a assassina mais brutal e duvidava da fidelidade dele. Em sua refilmagem, Vanessa queria inverter os papéis. Mickey seria frágil, mentalmente desequilibrado e mortal. Mallory seria de uma beleza escultural, confiante e forte, e loucamente apaixonada por Mickey. Como no original, Mickey e Mallory Knox se tornariam ícones de seu mundo fodido, um Bonnie e Clyde de maníacos homicidas. Mas quanto mais eles matassem, mais estariam condenados. A morte penderia de seus pescoços como uma jiboia, apertando, sufocando-os. Vanessa queria que seu filme fosse chocante, deprimente, gráfico e lindo — como a poesia que Dan escrevia, só que mais nojento.

A Mallory perfeita seria o tipo de garota para fazer Dan ruborizar, embora ele nunca comesse e andasse o dia todo fumando feito uma chaminé e parecendo meio morto. A Mallory seria cheia de movimentos e risos — exatamente o oposto de Dan, cuja energia muda, movida a cafeína e nicotina, às vezes criava tiques nas pálpebras e fazia as mãos tremerem.

Vanessa abraçou a si mesma. Só de pensar em Dan, tinha vontade de fazer xixi. Sob a cabeça careca, a pele branca e a inacreditável gola rulê preta, ela era só outra garota neurótica, demoníaca e louca pelos meninos.

Encare a realidade: somos todas iguais.

um almoço das poderosas

— Os convites, as bolsas de brindes e o champanhe. É só o que está faltando — Blair ergueu uma fatia de pepino do prato e a mordiscou, pensativa. — Kate Spade ainda está fazendo as bolsas de brindes, mas eu não sei... acha que Kate Spade é monótona demais?

— Acho a Kate Spade perfeita — disse Isabel, enrolando os cabelos num nó no alto da cabeça. — Quero dizer, acho que é muito bacana ter uma bolsa de cetim totalmente preta em vez de todas aquelas peles falsas de animais com zíper e correntes. É tudo tão... *de mau gosto*, não acha?

Blair assentiu.

— Totalmente. Além do mais, o preto não mancha.

O que é sempre uma vantagem quando se tem uma arma ensanguentada para esconder.

— Ei, e meu casaco de pele de foca-leopardo? — disse Kati, parecendo magoada.

— Ele é de foca *de verdade* — argumentou Blair. — É diferente.

As três estavam sentadas no refeitório da Constance, discutindo a festa beneficente *Beije-me ou Morra* que aconteceria em breve para angariar fundos para as aves de rapina do Central Park. Blair era presidente do comitê organizador, é claro.

— Aquelas pobres aves — suspirou Blair.

Como se ela desse a mínima para a porcaria das aves.

Isabel pegou um tubo de gloss *Goldtrotter* Chanel na bolsa e começou a passar nos lábios fartos ressecados.

— Peraí, isso não é da Nicki? — perguntou Kati.

Isabel deu de ombros e jogou o gloss de volta à bolsa.

— Peguei no armário dela. Até parece que ela vai usar.

As meninas ouviram pelos corredores da Constance boatos de que Nicki Button sofrera uma hemorragia cerebral logo depois da reunião da manhã e não frequentaria mais a escola, porque estava morta.

— Quero muito que essa festa seja ótima — insistiu Blair, ansiosa

para voltar ao tema em questão. — Vocês irão à minha reunião do comitê de planejamento amanhã, né?

— É claro que sim — disse Isabel. — E Serena... Já falou com ela da festa? Ela vai ajudar no comitê?

Blair a encarou bestificada.

Kati franziu o narizinho tão arrebitado quanto uma rampa de salto de esquí e cutucou Isabel com o cotovelo.

— Aposto que Serena está ocupada demais, sabe como é, lidando com tudo. Todos os *problemas* dela. Provavelmente ela não vai ter tempo.

Do outro lado do refeitório, a própria Serena estava entrando na fila do almoço. Ela percebeu Blair de imediato e sorriu, acenando animadamente como se dissesse, “Chego aí num minutinho!”. Blair piscou, fingindo ter se esquecido de colocar as lentes de contato, embora nem as usasse.

Serena deslizou a bandeja pelo balcão de metal, escolhendo um iogurte de limão e pulando os pratos quentes até chegar à garrafa térmica com água quente, onde encheu uma xícara e colocou um saquinho de chá Lipton, uma fatia de limão e um saquinho de açúcar no pires. Depois levou a bandeja para o balcão de saladas, onde encheu o prato com uma pilha de alface romana e colocou uma pocinha de molho de queijo bleu ao lado da alface. Preferia um sanduíche de carne de cavalo em fatias finas e rúcula na Gare du Nord em Paris, comido às pressas antes de saltar para o trem Eurostar rumo a Londres, mas isso era quase igualmente bom. Era o mesmo almoço que ela comia na Constance todo dia desde o sexto ano. Blair sempre fazia a mesma coisa. Elas o chamavam de “prato de inanição”.

Blair ficou olhando Serena montar seu prato com uma precisão compulsiva, temendo o momento em que a loura psicótica se sentaria ao lado dela em toda sua glória e tentaria ser amiga novamente. Eca.

— Oi, gente. — Serena sorriu de maneira radiante ao se sentar ao lado de Blair. — Como nos velhos tempos, hein? — Ela riu e abriu a tampa do iogurte. Os punhos da camisa velha do irmão estavam puídos e sujos de sangue. Uns fios balançaram no soro aquoso do iogurte.

— Oi, Serena — disseram Kati e Isabel em uníssono.

Blair olhou para Serena e forçou os cantos dos lábios brilhantes para cima. Era quase um sorriso.

Serena misturou o iogurte no pote e fez um sinal para a bandeja de Blair, onde os restos de seu bagel com cream cheese e pepino estavam

espalhados.

— Parece que você superou o prato de inanição — observou ela.

— Parece que sim. — Blair esmagou um carço de cream cheese no guardanapo de papel com o polegar, encarando os punhos puídos de Serena com uma expressão meio atordoada. Era legal usar as roupas velhas do irmão até o oitavo ano. Naquela época era bacana. Mas agora, com os punhos tão obviamente sujos de sangue, só parecia anti-higiênico.

— Meu currículo está um porre — disse Serena, lambendo a colher.
— Não tenho aula nenhuma com vocês, meninas.

— Hmmm, é porque você não está em nenhuma turma avançada — observou Kati. — Estou surpresa que não tenha precisado repetir de ano.

Serena franziu o cenho. Os professores da Hanover que lhe deram C aumentaram suas notas quando ela pediu. Pouco antes de morrerem.

— Minha notas estavam boas.

— Sorte sua não fazer nenhum curso avançado — suspirou Isabel para o pãozinho intocado. — É tanto trabalho para fazer que nem consigo comer.

Por sorte a moda deste outono é “fatalmente magra”.

— Bom, pelo menos vou ter mais tempo para me divertir. — Serena cutucou o cotovelo de Blair. — O que vai fazer esse mês, afinal? Estou me sentindo tão por fora de tudo.

Blair se sentou reta e pegou o copo de plástico, descobrindo que não havia mais água. Ela sabia que devia contar a Serena tudo sobre a festa *Beije-me ou Morra*, e como Serena poderia ajudar nos preparativos e como tudo iria ser divertido. Mas não conseguiu fazer isso. Serena estava fora, tudo bem. E Blair queria que ela ficasse desse jeito.

— Está bem insatisfatório. Não há muita coisa para fazer até o Natal — mentiu Blair, lançando um olhar de alerta a Kati e Isabel.

— É mesmo? — disse Serena, decepcionada. — E hoje à noite? Vocês querem sair?

Blair olhou as amigas. Estava louca para sair, mas ainda era terça-feira. O máximo que ela costumava fazer numa terça à noite era alugar um filme com Nate. Serena a fazia se sentir uma chata.

— Tenho uma prova de francês avançado amanhã. — Blair se levantou. — Na verdade, tenho uma reunião com a Madame Rogers agora mesmo.

Serena franziu a testa e começou a roer o polegar, um novo hábito

que adquirira no internato.

— Bom, talvez eu ligue pro Nate. Ele vai sair comigo.

Blair pegou a bandeja e se controlou para não atirá-la na cara de Serena. *Mantenha as mãos longe dele!*, ela queria gritar, saltando na mesa no estilo ninja. *Iaaaá-rá!* Mas já havia matado uma pessoa em plena vista hoje.

E por falar no diabo...

— Soube do que houve com Nicki Button? — A voz de Blair era cheia de acidez.

Serena meneou a cabeça.

— O que tem ela? Eu nem a vi...

— Foi-se — interrompeu Blair —, para sempre — acrescentou com um sorriso malicioso.

Serena a encarou.

É isso mesmo, S. Você criou um monstro.

— A gente se vê depois, meninas — disse ela às outras duas, afastando-se toda rígida.

Serena suspirou e sacudiu uma folha de alface para fora do prato. Blair estava sendo uma chata. Quando iam começar a se divertir? Ela olhou para Kati e Isabel com esperança, mas as duas já estavam prontas para sair também.

— Tenho uma reunião idiota com o conselheiro da faculdade — desculpou-se Kati.

— E eu tenho que ir para a sala de arte e guardar meu quadro — justificou-se Isabel.

— Antes que alguém veja? — brincou Kati.

— Ah, cala essa boca — disse Isabel.

Elas se levantaram com as bandejas.

— É tão bom ter você de volta, Serena — entoou Kati em sua voz mais falsa.

— É — concordou Isabel, antes de as duas se afastarem.

Serena ficou rodando a colher pelo pote de iogurte, perguntando-se o que tinha acontecido com todo mundo. Estavam todas agindo como loucas. Ela pegou um fio ensanguentado do punho da camisa e o puxou com os dentes. Precisava ficar feliz. Todo mudo precisava ficar feliz. E, de todo mundo, ela sabia muito bem o que fazer.

Na dúvida, dê uma festa.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

DUAS FESTAS A ESCOLHER E HOJE AINDA É TERÇA-FEIRA

Vejam só como **S** não veio para casa para ser discretinha. Esta noite ela dará a partida na temporada de outono com uma *soirée* de pijamas-e-peppertinis-de-papaia em sua casa, completa, com tochas tiki, e nem tem lista de convidados, então você pode levar seu irmão mais novo e os amigos que tiram meleca e deixar que tomem um porre pela primeira vez na vida; a empregada dela vai até mesmo limpar tudo depois. Ou você pode ir à casa de **B**, porque agora que **S** dará uma festa, ela vai dar outra maior e melhor com DJ, bar completo e serviço de bufê. Não que a gente se importe. Esse é o tipo de decisão que dá graça à nossa vida. Até que um de nós morra, o que é inevitável.

SOBRE AQUELAS MORTES VIOLENTAS E INEXPLICÁVEIS

Eu é que estou paranoica ou este bairro está ficando estranho e loucamente inseguro? Soube que uma milionária da indústria bélica de Nova Jersey está fazendo uma venda de garagem. Com sorte, todas as lindas pistolas não serão vendidas antes que eu chegue lá. No entanto, não faço a menor ideia de como usar uma. Talvez eu seja mais do tipo faca-de-caça-embainhada-na-coxa. Ou eu simplesmente preciso arranjar um cachorrão com dentes do tamanho de facas de carne. Nós, mulheres, temos de nos proteger — umas das outras.

ONDE ESTÃO OS MENINOS

Obrigada por aparecerem, apesar de a maioria de vocês ter pouco a dizer

sobre **S** ou **B**. Com medo demais para falar? Vocês preferem falar dos meninos. E não preferimos todas?

SEU E-MAIL:

P:

Cara gg

D parece um doce. Por que ele se assanha tanto pela **S**? Ela é só uma putinha.

— Bebe

R:

Cara Bebe,

Acontece que eu sei que **D** não é tão doce e inocente. Experimente espiar o que ele costuma ler. São umas merdas pervertidas.

GG

P:

Cara GG,

o que o **N** faz na hora do almoço? vou à escola perto da dele, e penso se vejo o cara o tempo todo sem perceber que ele está ali, será? Caramba!

— Tímida

R:

Tá legal, já quer tanto saber, vou te contar.

A St. Jude's deixa os meninos do Ensino Médio saírem para almoçar. Então agorinha mesmo **N** provavelmente está indo para aquela pizzaria na esquina da 80 com a Madison. A Vino's? Vinnie's? Sei lá. De qualquer forma, eles têm umas fatias boas e um dos caras da entrega vende um bagulho bem decente. **N** é um dos clientes regulares. Em geral, fica um grupo de garotas da L'Ecole parado na calçada da pizzaria, então **N** para por ali e fica azarando aquela menina que vou chamar de *Claire*, que banca a tímida e finge que não fala inglês, mas a verdade é que ela tem um francês horroroso e é uma piranha das brabas.

N sempre faz a gracinha de comprar duas fatias de pizza e oferecer uma à **Claire**. Ela fica segurando a fatia durante todo o tempo em que os dois conversam e finalmente dá uma mordidinha na ponta. E aí **N** diz “Não acredito no que você está fazendo; está comendo a minha pizza!” e arranca a coisa das mãos dela e come tudo em duas dentadas. Isto faz **Claire** rir tão alto que os peitos dela quase saltam para fora da blusa. Todas as meninas da L'Ecole usam roupa apertada, saia curta e salto alto. São tipo as putinhas do sistema educacional do Upper East Side. **N** gosta de azarar todas e fica nessa o tempo todo. Mas, se **B** o enrolar por mais tempo, ele pode começar a dar a **Claire** mais do uma mordida na pizza. Só que dessa vez, no entanto, **Claire** o surpreendeu perguntando se ele conhece **S**. **Claire** afirma ter ouvido que **S** não só engravidou no ano passado, mas que deu à luz na França. O nome do bebê dela é **Jules** e ele passa muito bem, morando em Marselha.

E quanto a **D** — bom, ele está se sentando num canto escuro do pátio da Riverside Prep novamente, lendo um livro de poemas de Sylvia Plath e bebendo um café de 99 centavos. Sei que isso soa muito triste, mas não se preocupe com **D**. A hora dele está chegando. Fique ligada.

Flagra

K foi vista devolvendo uma bolsa de camurça com estampa de zebra Betsey Johnson na **Saks Fifth Avenue**. Pessoalmente, achei a bolsa uma graça. Mas alguém deve tê-la convencido do contrário. Deus nos livre de ela mudar de ideia *sozinha*.

Vejo vocês na festa de **B**. Aposto que estão com muito medo para ir na de **S**.

E não estamos todos?

Pra você que me ama,

gossip girl

os nus e os mortos

— Oi, Nate. É a Serena. Só estou ligando para saber se você pretende vir à minha festinha de pijama esta noite. Espero que sim. Vamos ter tochas de verdade. Mal posso esperar. Te adoro. Tchau.

Serena desligou. Uma festa. Ela espalhou a notícia pela escola e postou um convite aberto na internet. Vestiu short curto Chanel dourado e uma camiseta de pijama com um smiley, que tinha desde o oitavo ano. A cozinheira encheu as banheiras com gelo, vodka sabor pimenta e mamão papaia. A empregada acendeu tochas tiki longas em cada canto. Estava tocando a playlist de festa preferida de Serena, um mix de três horas que ia do violão à dance music. A parte acústica estava quase encerrada, mas até agora ninguém havia aparecido.

O quarto dela estava silencioso. Até a Quinta Avenida estava quieta, exceto por um ou outro táxi que passava. De onde estava sentada, em sua cama de dossel, ela via a foto da família no porta-retratos de prata, tirada num veleiro alugado na Grécia quando Serena tinha 12 anos. Todos estavam em trajes de banho. Seu irmão, Erik, que tinha 14 anos na época, dava um grande e barulhento beijo na bochecha de Serena enquanto os pais olhavam, rindo. Serena tinha menstruado pela primeira vez naquela viagem e Erik nadou até a praia, roubou uma Vespa e comprou para ela uns absorventes tamanho grande. Voltou com eles num saquinho plástico, amarrado no alto da cabeça, seu herói. Serena atirou a calcinha arruinada ao mar. Provavelmente ainda estava lá, presa num recife em algum lugar, com os restos de alguns meninos que ela havia matado.

Os mares são mesmo muito convenientes.

Agora Erik era um calouro da Brown e Serena nunca o via. Ele foi à França no verão, mas ela passou o tempo todo perseguindo ou sendo perseguida pelos homens, e Erik perseguindo as garotas, então não tiveram tempo para conversar.

Serena pegou o telefone novamente e pressionou o botão de discagem rápida para o apartamento do irmão, perto do campus. O telefone tocou até que finalmente a secretária eletrônica atendeu,

como acontecia sempre que ela tentava falar com o irmão na faculdade. Às vezes ela se perguntava se ele a estaria evitando.

“Se você quer deixar um recado para Dillon, aperte um. Se quer deixar um recado para Tim, aperte dois. Se quer deixar um recado para Drew, aperte três. Se quer deixar um recado para Erik, aperte quatro.”

Serena pressionou quatro e hesitou.

— Oi... é Serena. Desculpe por não ter ligado antes. Mas você podia me telefonar também, seu babacão. Fiquei presa em Ridgefield, cheia de tédio. Agora voltei a Nova York. É minha primeira semana na escola. Está meio estranho. Na verdade está um saco. Todo mundo está... tudo está... sei lá... esquisito... Mas então, me liga. Sinto saudades, sua besta. Vou te mandar comida assim que puder. Te adoro. Tchau.

Ela pegou o MacBook e viu a lista de internatos internacionais onde os pais se ofereceram para mandá-la como alternativa a voltar para casa. Um deles era um mosteiro no Tibete. Outro era um “acampamento” em Uganda. Outro ainda era uma “aldeia nas árvores” de uma floresta em Bornéu. E havia um no Pacífico Sul chamado Saint Get Away que soava estranhamente, como uma colônia de leprosos.

Perfeito.

A campainha da portaria tocou. Ela deu um salto para atender.

O porteiro anunciou a chegada do Sr. Nathaniel Archibald. Ele estava subindo.

— Ah, Natie. Eu sabia que podia contar com você! — exclamou Serena, abrindo a porta e entrelaçando os braços no adorável pescoço dele.

— Oi — disse Nate, tímido. O hálito de Serena tinha cheiro de vodka com sabor pimenta e o sutiã de seda turquesa La Perla estava bem visível por baixo da camiseta do smiley. — Oi — repetiu Nate, rindo baixinho enquanto Serena lhe dava um beijo na boca.

— Estou tão feliz por você ter vindo. — Ela suspirou, levando-o para a cobertura vazia à meia-luz. A música tocava num cômodo distante. — Acho que não vem ninguém. Está com fome? Com sede?

Nate segurou a mão dela. Sim, ele tinha fome e sede. E tesão. Meu Deus, por que ele veio? Nunca conseguia se controlar perto de Serena.

— É o Nirvana *Unplugged*?

Ela deu de ombros.

— Acho que sim.

— Vamos ver — disse ele, puxando-a para o quarto. Era tão bom

estar em casa com ela, como sempre fora quando eles eram mais novos, tudo tinha cheiro de flores e fumaça, a cama de dossel, o imenso Metropolitan Museum olhando-os do outro lado da rua, o riso viciante de Serena, seus olhos azul-escuros e a boca sensual, o monte de cabelos louros, ele querendo tocá-la, só que desta vez eles estavam a sós. Blair não estava ali.

Ela se sentou na cama.

— Que bom que você voltou. — Nate se sentou ao lado dela.

Serena pousou a cabeça no ombro dele. O cheiro de patchouli e mel do xampu de Serena se misturou ao cheiro de lavanda que a empregada borrifou nos lençóis, tomando as narinas dele e o deixando abobado.

Serena não queria mais dar uma festa. Um pequeno tête-à-tête serviria. E, diferentemente de alguns meninos com quem ela havia saído na Hanover no ano anterior, a linda cabeça de Nate permaneceria firme nos ombros. Ela nem acreditava que tinha passado quase todo o período da primavera anterior no internato tramando a morte dele. Nate era a única pessoa no mundo que ela não suportaria matar.

Mas como isso é tranquilizador.

— Eu também — sussurrou Serena, rouca, em seu pescoço quente.

— Estou feliz por voltar. — Então ela levantou a cabeça e beijou as pálpebras fechadas dele, ainda grata por não ter conseguido explodir aqueles maravilhosos olhos verdes.

Nate não sabia por que tinha demorado tanto para escolher uma camisa. Os dedos magros e ligeiros de Serena não perderam tempo para abrir os botões e jogar a camisa amassada no chão. A camisa foi seguida pela camiseta e pelo short dela. Logo os dois estavam nus sob as cobertas enquanto o iPod de Serena entoava músicas sobre corações torturados, ciúmes extremos e amor sublime.

Kati e Isabel decidiram passar na festa de Serena antes de ir na de Blair. O porteiro as reconheceu das festas passadas e gesticulou para o elevador sem interfonar para a cobertura dos van der Woodsen.

As portas do elevador se abriram para um saguão vazio. Tochas tiki bruxuleavam e esfumaçavam nos cantos. Parecia a entrada de um palácio de um canibal taitiano rico.

— Uau. — Kati suspirou. — Tipo, não tem ninguém aqui.

— Acho que a ideia é essa. Estão todos na festa da Blair. Ela convidou todo mundo que a gente conhece. Menos Serena, é claro. —

Isabel caminhou pelo piso de madeira reluzente e olhou em volta. — Acho que estou ouvindo música.

As duas meninas pararam para escutar os murmúrios sentimentais do disco *Blood on the Tracks* de Bob Dylan pelo longo corredor que levava ao quarto de Serena.

— Música lenta — observou Kati com malícia. Ela apontou para o casaco com capuz de lona encerada Abercrombie & Fitch de Nate. — Olha.

Sem dizer nada, as duas se esgueiraram pelo corredor iluminado por tochas, agarradas aos celulares.

Serena descansava na cama enrolada apenas com o lençol branco, perguntando-se sem muita seriedade se devia vestir o short ou se os jeans seriam melhores, caso ela e Nate decidissem sair. Nate estava no chuveiro. O vapor subia da fresta da porta enquanto ele narrava uma partida imaginária de lacrosse imitando voz de locutor.

— *E lá vem Archibald disparando do meio-campo. Ele pega uma bola impossível! E dispara! E é Archibald de novo! Gooooooooo!*

— Oi, Serena. — Isabel a provocava da porta. — Sei que é uma festinha de pijama, mas isso não quer dizer que você precise ficar na cama.

Serena saltou, sentando-se. Era impossível esconder os gritos exultantes de Nate no banheiro. E tudo — as roupas no chão, o vapor no ar, os lençóis amarfanhados — dizia uma só coisa: S-E-X-O.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou ela. — Me espionando? Kati cruzou os braços.

— Você nos convidou, lembra? Convidou todo mundo. Devia estar dando uma festa. Mas Blair está dando uma agora também e a dela parece muito mais divertida.

Algo nas sobrancelhas castanhas de Kati pinçadas tão finas, no pó facial bege aparecendo em pontinhos no nariz sob ar úmido, nas pernas cruzadas como se quisesse fazer xixi ou tentasse parecer mais alta e mais magra, fez Serena decidir que ela e Isabel teriam de morrer.

— Ei. — Serena apontou os delicados brincos de coração de granada nas orelhas de Isabel. — Não são os brincos de Nicki Button?

Isabel tocou os brincos com a ponta dos dedos.

— E daí? — Ela revirou os olhos. — Fui eu que comprei para ela. E

até parece que ela vai usar de novo.

Nem você vai, pensou Serena.

Não eram só a cara de Kati e o sarcasmo de Isabel. O verdadeiro problema era elas saberem sobre ela e Nate. Se não matasse as duas agora, Kati e Isabel contariam a Blair, depois Blair poria um fim absoluto e definitivo na amizade com Serena.

As duas meninas estavam com os seus celulares. Serena precisava agir rápido.

— Opa. Nate e eu fizemos uma bagunça danada. — Serena rolou da cama e vestiu a camisa branca de Nate pela cabeça, cobrindo todas as partes nuas. Começou a puxar os lençóis e o edredom Frette em uma pilha grande no alto do colchão. — Podem me ajudar a levar esses lençóis ao incinerador? Está todo sujo de calda de chocolate e champanhe. Não quero que a empregada conte à minha mãe. A mamãe odeia quando eu mancho a roupa de cama.

— *I'm bringing sexy back... Yeah* — cantava Nate de um jeito constrangedor no banho.

Kati e Isabel se cutucaram com os cotovelos ossudos.

— O duto da lixeira fica perto da porta dos fundos — disse Serena, juntando um punhado da roupa de cama nos braços. — Vocês pegam o edredom e eu levo os lençóis e os travesseiros.

Animada com a perspectiva de ter mais obscenidades para contar a Blair, as meninas ficaram felizes em aquiescer. O edredom branco sueco era pesado e sem jeito para carregar. Kati e Isabel seguiram uma Serena descalça, arrastando o edredom entre elas enquanto a anfitriã andava pela enorme cozinha branca.

— A empregada foi fazer compras, graças a Deus. — Ela destrancou a porta dos fundos e a abriu para as duas. — Podem ir. O duto fica à esquerda. — As meninas arrastaram o edredom pelo corredor escuro e empoeirado do prédio, onde era esperado que entrassem apenas o síndico e os empregados.

— Isso aqui tem um cheiro estranho — observou Kati.

Isabel olhou em volta, nervosa.

— Anda logo, abre o duto.

Kati abriu a pesada porta de metal e começou a enfiar o edredom por ali. Nessa hora, Serena apareceu com uma garrafa de vodca Absolut Peppar e uma tocha tiki acesa nas mãos. Encharcou o cabelo e o rosto de ambas com a vodca com pimenta. Cegas, Kati e Isabel caíram de quatro, gemendo. Serena atirou a tocha e as duas se

transformaram num flambé gigante em chamas. Os cílios e os cabelos estalavam e encolhiam. Formaram-se bolhas e saiu fumaça da pele. Suas roupas pareciam inchar, depois enrugar e encolher à medida que elas queimavam.

— *Aiiii*, isso arde! — gritava Kati enquanto Serena tirava o iPhone do bolso traseiro em chamas da menina.

— Sua vaca maluca! — gritou Isabel, engatinhando em círculo como um Labradoodle cego pegando fogo. — O que você fez comigo?

O fogo começou a se apagar. Serena pegou o celular de Isabel no chão, segurou a menina pelos tornozelos do jeans e a arrastou para o duto da lixeira. Tirando o edredom do caminho, ela enfiou a colega de turma desfigurada pelo duto que levava ao incinerador industrial extremamente eficiente do prédio. Uma Kati cega, tostada e lamurienta deslizou facilmente. A porta do duto foi batida com um estrondo metálico, selando o cheiro pungente e carcinogênico de brim queimado, cabelos em brasa e Jimmy Choos derretidos.

Serena enrolou o edredom e os lençóis e os levou para a cozinha, deixando-os numa pilha ao lado da máquina de lavar para a empregada resolver.

O iPod agora estava em modo dance. Nate dançava no quarto dela só de toalha. Os músculos do peito estavam salientes e os cabelos normalmente despenteados estavam molhados e puxados para trás.

— *A-a-a-ahhhhh, freak out! Le freak, c'est Chic...* — cantava ele como um bobalhão usando a escova de cabelo de Serena junto com a antiga música disco.

Ele definitivamente não é *le freak*.

— Oi. O que houve com as cobertas? — Ele olhou para Serena. — Você está com a minha camisa.

Aquele jeito absorto e tesudo dele de filhotinho sempre acabava com ela. Ansiosa por uma distração para a morte das colegas de turma e energizada pelo esforço de enfiá-las no incinerador abaixo, Serena atacou Nate e o puxou para o colchão descoberto. Ocorreu-lhe que talvez eles devessem dar um pulo na festa de Blair — juntos — só para chocar a todos. Mas primeiro precisava mostrar a Nate como ele era especial — por ter ido à festa dela e por ser a única pessoa que ela queria manter viva.

Isto *sim* é especial.

só os bons morrem jovens

— Pareciam cerejas marasquino, de tão sangrentas. Não... Mais pareciam bolas de golfe mergulhadas em catchup.

Se tivesse de ver Chuck Bass reencenar o incidente dos globos oculares de Jeremy Scott Tompkinson mais uma vez, Blair ia estrangular pessoalmente cada um dos oitenta e sete convidados em sua sala de estar e explodir os próprios globos oculares. Que sentido tinha dar uma festa quando você odiava todos os presentes? A música em seu iPod era antiga e batida, a mãe e Cyrus Rose tinham bebido todo o champanhe e o uísque escocês bons, Kati e Isabel tinham desaparecido completamente, Nate ainda não aparecera, o barman contratado decidiu preparar slushies sabor Cosmo com cebolas no vinagrete, duas coisas que a faziam vomitar, e ela estava com muito, muito, muito tédio.

Ela viu o gostoso do bar cravar um picador de metal num bloco de cubos de gelo antes de largar os cubos em uma coqueteleira cheia de Cosmo rosa e gelatinoso. Ele misturou a gosma gelada, pôs em uma taça plástica cor de rosa de Cosmo, espetou uma cebola numa espada plástica de coquetel e atirou no slush.

Alguém quer um globo ocular ensanguentado?

— Estou ficando *tão bêbada* — gritou uma menina que Blair nunca vira. A menina não parecia ter mais do que 12 anos e estava dando mole para o barman, embora ele fosse evidentemente gay. Ela estava com um horrendo casaco de camurça anos 1980 e leggings feia trançada com zíper nos tornozelos, e o cabelo louro na altura da cintura parecia uma peruca feita de palha suja. Blair passou a última hora esperando que Nate aparecesse para poder expulsar todo mundo da festa e finalmente transar, mas lhe ocorria agora que ela podia simplesmente tocar todo mundo para fora e tomar uma boa caneca de chocolate quente na cama com um de seus boxes de DVDs do Stephen King — *Cujo, A dança da morte, Chamas da vingança, A maldição*. Afinal, teria aula no dia seguinte e aquela garota de 12 anos devia estar em casa, na cama.

— Souberam dos abutres no Central Park? — Chuck Bass falou de trás dela. — As porras dos abutres estão *procriando*. Não correm risco de extinção. Estão comendo os esquilos e pombos nas merdas das árvores.

O barman trabalhava em outro monte de gelo com o picador. Blair o olhou com inveja. Ah, o que ela faria na cara de Chuck com aquele picador de gelo.

— Meu amigo, é melhor vir aqui rápido antes que eu beba demais e banque a idiota — disse a menina de 12 anos ao barman. Depois olhou para cima e cobriu a boca, surpresa. — Nossa. Ai meu Deus. Blair Waldorf não está *tão* feliz agora.

Blair seguiu o olhar da garota irritante e viu o que devia aborrecê-la. Nate e Serena estavam no saguão, com as bochechas reluzentes sob o lustre de bronze antigo dos Waldorf, sorrindo como imbecis. Serena desabotoou o casaco e Nate a ajudou a tirá-lo como o cavalheiro que era.

Ou costumava ser.

Eles devem ter chegado juntos só por acaso. Mas o que Serena estava fazendo ali? Devia estar dando a própria festa idiota.

Serena sorriu para Blair e acenou. Na mão, tinha os celulares de Kati e Isabel, o de Kati com a capa Coach de couro vermelho e brega e o de Isabel com a de couro azul da Tiffany. Blair sempre cobiçara aquela capa em segredo.

Um arrepio de alerta subiu pela espinha de Blair.

“I whip my hair back and forth, I whip my hair back and forth, I whip my hair...!”

De repente começou a tocar aquela ridícula música de Willow Smith e Serena e um bando de outras meninas puseram as mãos nos joelhos e começaram a bater cabelo, sem parar, com um entusiasmo constrangedor.

Blair cruzou os braços. Idiotas de merda.

Nate foi até o bar e pediu uma cerveja Sam Adams e um slushie de Cosmo, presumivelmente para Serena.

Alo-ou?! Ela era invisível? Blair acendeu um Parliament e soprou a fumaça na direção dele, sabendo que pagaria por isso mais tarde, quando a mãe lhe desse uma bronca porque seus ditos amigos fumaram na casa.

A menina de 12 anos batia o cabelo de palha ao lado do cotovelo de Nate. Parou e sorriu timidamente para ele.

— E aí, você e Serena estão tipo juntos agora? — perguntou ela em voz alta, para que Blair ouvisse. O barman golpeou outro bloco de gelo com o picador e jogou o gelo na coqueteleira. Do outro lado da sala dispendiosa, Serena ainda balançava o cabelo para todo lado, como Lady Godiva numa orgia.

Blair deu um suspiro longo e se aproximou do bar.

— Oi, Nate — sibilou ela, pegando o picador na bandeja de gelo. Virou-se para a menina de 12 anos. — Oi, lourinha que nunca vi antes. Pode me ajudar numa coisa?

Os olhos azuis da menina se iluminaram.

— Sério?

Agarrada ao picador de gelo, Blair a levou para a cozinha.

— Eu só estava pensando — disse ela, reduzindo o passo para colocar o braço nos ombros da menina —, o quanto eu adoraria ver você — ela se virou e cravou o picador no peito da garota, salpicando os ladrilhos brancos da ilha da cozinha com gotas de sangue rubro — morrer.

A menina arriou no chão, os olhos azuis arregalados e surpresos. Blair não sabia bem o que fazer em seguida. O corpo era grande demais para a lixeira, que era de cromo suíço e tubular, e se arrastasse para a lata de lixo grande do lado de fora da porta dos fundos, sujaria todo o piso branco de sangue. Além disso, o síndico do prédio veria o corpo e diria alguma coisa à mãe dela. A pia larga em estilo country assomava atrás de Blair. E na parede atrás da torneira, o botão do triturador de lixo.

De repente a menina gemeu e vomitou uma mistura de Cosmo slushie e sangue. Pingou na ponta das novas sapatilhas Ferragamo pretas de Blair.

— Eca. Achei que estivesse morta. Vem, vamos. — Com raiva, Blair pegou a menina pelo cabelo e a colocou de pé num puxão.

Ela forçou a cabeça loura pelo ralo e ligou o triturador. As lâminas começaram a operar, provocando faíscas quando atingiram o osso. Nacos de carne e pedaços de cabelo salpicaram o teto branco da cozinha.

Assim que Blair estava colocando os tornozelos e os pés da menina pelo ralo, Myrtle, a cozinheira, apareceu na porta dos fundos para ver a festa de sua patroa.

— Blair, que sujeira! — exclamou Myrtle em seu sotaque cantarolado de Trinidad. Ela pegou o esfregão na despensa. — Da próxima vez que quiser Bloody Mary, me peça para fazer para você.

No saguão, Dan e Jenny Humphrey ainda estavam vivos e inteiros, mas com pouca sorte.

E qual era a novidade nisso?

— Elise prometeu que nos colocaria para dentro — insistiu Jenny enquanto discava para a colega de turma da Constance Billard mais uma vez. Mais cedo naquele dia, ela e Elise bolaram um plano para entrar na festa de Blair, onde estaria todo mundo que era alguém. Elise vestiria o casaco de camurça azul da mãe e fingiria ser uma atriz. Jenny colocaria um suéter com gola em V e fingiria ser namorada de Dan, ou melhor, ela esbarraria num garoto gracinha da St. Jude's no elevador, que se recusaria a entrar na festa sem a companhia de seus peitos imensos. As duas meninas juraram que quem entrasse primeiro ajudaria a outra a entrar.

Dan só foi porque o pai provavelmente o mandaria até lá mais tarde para buscar a irmã. Além disso, não tinha para onde ir. E depois, Serena estaria lá, embora Jenny tivesse dito alguma coisa sobre Serena dar a própria festa, apesar de ela ter a sensação de que ninguém iria porque estranhamente todas as veteranas da Constance estavam sendo meio cruéis com a volta de Serena e... E foi quando Dan se desligou de Jenny.

Dan nunca havia entrado no saguão de um prédio tão elegante. O teto tinha seis metros de altura, com sancas douradas e um lustre de cristal cintilante. Uma parede exibia um enorme espelho em moldura dourada e a outra, um mural de um cervo perseguido por caçadores a cavalo. Na mesa de tampo de mármore diante do espelho, postava-se um imenso vaso de porcelana creme e dourado, decorado com as caras de pugs pretos, com umas cem rosas brancas e frescas. O piso era de mármore creme que ressoava sob as botas Nine West de Jenny e guinchava sob os tênis All Star de Dan. Um porteiro de luvas brancas e colete dourado em seu uniforme verde colocava-se junto à porta de vidro e ferro fundido do prédio, enquanto outro porteiro de luvas brancas operava o interfone atrás de uma estação imponente revestida de madeira e couro.

— Acho que minha amiga está lá em cima — guinchou Jenny timidamente para o segundo porteiro. Ele tinha uns dois metros de altura, era dentuço, enrugado e totalmente apavorante. — Ela acaba de me ligar. Está, tipo, *esperando* por mim.

— Como eu disse, chegou tarde demais — insistiu o porteiro. — Acabo de receber instruções da própria Srta. Waldorf. Não entra mais ninguém. A mãe logo chegará em casa e a Srta. Waldorf vai dormir.

— Mas são só dez horas! — protestou Jenny. Ela precisou de toda sua coragem para ir à festa e não ia desistir tão facilmente.

— Amanhã tem escola — murmurou Dan para o chão. Ele andou trabalhando num novo haikai sobre os sentimentos homicidas que Chuck Bass provocava nele, combinado aos seus sentimentos suicidas, ao gosto da irmã por carne crua e iluminado por seu amor pelos cigarros.

Carne é homicídio.

*Adoro fumar — qual
de nós fica melhor morto?*

Dan ainda não estava muito seguro com o primeiro verso. Ficaria feliz em ir para casa e refletir um pouco mais.

— Ah, fica quieto — rebateu Jenny, como se lesse a mente dele. Ela martelou os botões do celular. A idiota da Elise. Jenny devia ter adivinhado que a outra estava mentindo. Elise já devia estar enfiada na cama com seus ursinhos de pelúcia, como o bebê imaturo que era, morta para o mundo.

Ah, ela estava morta mesmo.

O porteiro olhou o relógio, que era de ouro e parecia ter funcionado perfeitamente pelos quatro mil anos em que era porteiro.

— Talvez seja melhor você levar isso para fora — disse a Dan educadamente, mas com firmeza.

— “Isso”? — Dan queria protestar por Jenny, mas temia que os insultos só piorassem. — Vamos sair daqui — cochichou ele, levando a irmã para a porta. Era provável que Serena nem estivesse na festa mesmo, e ela era a única razão para ele ter ido.

Se eles tivessem ficado só mais uns minutos no saguão...

Depois de matar Elise, Blair pediu a Myrtle para retirar a comida e dizer ao barman que parasse de servir. Depois ligou para o porteiro solicitando que não permitisse que mais ninguém entrasse. Serena ainda dançava, era o centro de um eixo de meninos e meninas que giravam, enquanto Nate a observava do bar. Serena tinha plena consciência de que, se parasse de dançar, cada menino na sala pararia de olhar para ela. Além disso, podia ter de falar com Blair, que podia estar meio puta com ela por matar Kati e Isabel, as leais seguidoras da amiga.

Podia mesmo.

Blair se postou na frente de Nate, bloqueando a visão dele.

— Lembra-se da última vez que você veio aqui? Quando estávamos na minha cama? — Ela roubou um gole da cerveja de Nate, embora cerveja tivesse gosto de meia mofada. Toda aquela atividade na cozinha lhe dera uma sede danada.

Nate assentiu. Ele se lembrava.

— Não começamos uma coisa e meio que deixamos inacabada? — continuou Blair.

Nate franziu o cenho e deu de ombros. Estava tão acostumado com Blair quase transando com ele, sem nunca ir até o fim, que nem acreditava que ela pretendesse fazer isso.

— Talvez — disse ele.

Blair avançou e pôs as mãos no peito dele.

— Bom, eu quero agora. — Ela franziu a testa. — Aliás, agora não... Minha mãe vai chegar daqui a pouco e eu preciso limpar tudo e tomar um banho. Na sexta-feira. Quero transar na sexta-feira. — Ela ergueu o queixo e olhou nos olhos verdes e lindos de Nate. Sempre que ficava tão perto dele, não conseguia parar de sorrir. — Será na sexta-feira 13 — acrescentou ela de um jeito perverso.

Nate sorriu também e beijou a boca vermelha sorridente. Nunca conseguia resistir quando Blair ficava toda tímida, doce, sugestiva e cheia de sorrisos. Dava-lhe vontade de ficar todo tímido, doce, sugestivo e cheio de sorrisos também.

— Tá legal — concordou. — Parece divertido.

Do outro lado da sala, Serena viu os dois se beijando e parou de dançar. Foi ao hall pegar o casaco. Os convidados se agruparam, perguntando-se se ficariam ou iriam embora, agora que o bar tinha fechado. Serena abotoou o casaco. O elevador estava lotado. O saguão tinha luzes demais. A tristeza feria o coração magoado de Serena enquanto ela andava pelas calçadas silenciosas e tomadas de folhas da Quinta Avenida na direção de casa, sozinha.

a vida é frágil e absurda

— Você é tão cheio de merda, Dan — disse Jenny Humphrey ao irmão. Eles estavam sentados à mesa da cozinha de seu enorme apartamento caindo aos pedaços de quatro quartos no décimo andar na West End Avenue. Era um lugar bonito e antigo, com pé direito de 3,5 metros, muitas janelas ensolaradas, grandes armários e banheiras enormes com pés, mas não era reformado desde a década de 1940. As paredes estavam manchadas de umidade e rachavam, e o piso de madeira estava arranhado e fosco. Montes antigos e enormes de poeira se acumulavam nos cantos e junto aos rodapés como musgo. De vez em quando o pai de Jenny e Dan, Rufus Humphrey, contratava um serviço de limpeza para dar uma faxina no lugar; seu enorme gato, Marx, cuidava das baratas, mas na maior parte do tempo a casa parecia um sótão aconchegante e bagunçado. Era o tipo de lugar em que você espera encontrar tesouros perdidos, como fotos antigas, sapatos vintage ou o esqueleto daquele professor de química que teve uma súbita aposentadoria precoce depois de lhe dar um D menos na prova final do ano anterior.

Jenny estava comendo hambúrguer cru com uma colher de grapefruit e bebendo uma xícara de chá de canela. Desde que tinha menstruado na última primavera, tinha desejos cada vez mais estranhos. E tudo o que comia ia direto para os peitos. Dan estava na quarta xícara de café instantâneo Folgers feito com a água morna da torneira e oito colheres de chá de açúcar. Preocupava-se com os hábitos alimentares da irmã mais nova, mas ele nunca comia nada, então o que entendia do assunto?

O roteiro do curta de Vanessa Abrams, filme que ele deveria estrear, estava na mesa diante dele. Dan não precisaria falar no filme — graças a Deus — porque Vanessa narraria ela mesma a coisa toda, mas ela pedira que ele lesse, mesmo assim. Repetidamente, a mesma frase lhe saltava aos olhos: *“A vida é frágil e absurda. Assassinar alguém não é tão difícil.”*

— Vai me dizer que você não se importa que Serena van der

Woodsen tenha voltado — desafiou-o Jenny. Ela colocou uma colherada de carne na boca e chupou. Depois enfiou os dedos na boca, puxou um pedaço branco de gordura e o colocou no prato. — Você tem de ver Serena — continuou ela. — Ela está completamente cool. É como se tivesse um visual novinho. Não estou falando das roupas. É o rosto dela. Ela parece mais velha, mas não tem rugas nem nada disso. É como se fosse a Kate Moss ou uma modelo que morreu e ressuscitou. Ela está totalmente *vivida*.

Jenny esperou que o irmão respondesse, mas ele simplesmente encarava a xícara de café.

— Você não quer nem mesmo ver a Serena? — perguntou Jenny. — Que pena que não tentamos entrar na festa dela, em vez de ir à festa da Blair.

Dan pensou no que tinha ouvido de Chuck Bass sobre Serena. Que ela era a garota mais piranha, drogada e cheia de doenças venéreas de Nova York. Que ela talvez tivesse assassinado alguém. E Jenny disse que ela parecia mais vivida. Mas Dan não acreditava numa palavra daquilo. Era só um monte de mentiras horríveis e boatos idiotas. E quanto mais pensava no assunto, mais queria matar Chuck Bass por espalhar tais mentiras.

A vida é frágil e absurda. Assassinar alguém não é tão difícil.

Dan apontou a pequena pilha de gordura no prato de Jenny e torceu o nariz de nojo.

— Qual é o problema? — disse Jenny. — Não gosto da gordura, só da carne.

Dan empurrou o café com cuidado para não derramar nada no roteiro.

— Ah, cala a boca, Sr. Anorético. — Jenny suspirou. — E depois, você não respondeu a minha pergunta.

Dan meneou os ombros esqueléticos.

Jenny colocou os cotovelos na mesa e se inclinou para a frente.

— Sobre Serena — disse ela. — Eu sei que você quer vê-la.

Dan fechou a cara.

— Pode ser — murmurou.

— Ah, é, pode ser. — Jenny revirou os olhos. — Olha, eu sei que a noite não deu em nada, mas vai ter uma festa na sexta-feira que vem...

A Beije-me ou Morra, sabe? Tipo uma festa beneficente para salvar as aves de rapina que vivem no Central Park. Sabia que tem

abutre no Central Park? Eu não sabia. Mas aí, a Blair Waldorf está organizando e você sabe que ela e Serena são muito amigas, então é claro que Serena vai.

E mais provavelmente, se Serena estiver lá, matará pelo menos uma pessoa, ou talvez um monte de gente. E Jenny queria ver.

Dan continuou lendo o roteiro, ignorando completamente a irmã. E Jenny continuou, ignorando o fato de que Dan a estava ignorando. Estava acostumada, afinal Dan raramente dizia alguma coisa, de qualquer forma.

— E aí só o que a gente tem de fazer é dar um jeito de ir nessa festa. — Jenny pegou um guardanapo na mesa, amassou em uma bola e atirou na cabeça do irmão. — Dan, por favor. Vamos ter mais tempo para planejar do que ontem à noite. Vamos. A gente tem de ir!

Dan colocou o roteiro de lado e olhou para a irmã, os olhos castanhos sérios e tristes.

— Jenny — disse ele com a voz rouca por falta de uso —, você realmente quer ser expulsa por outro porteiro? Não quero ir a essa festa. Na sexta que vem provavelmente vou sair com a Vanessa para ver a banda da irmã dela. Pode vir com a gente, se quiser.

Jenny batia nas pernas da cadeira como uma garotinha, fazendo beicinho com os lábios sujos de carne.

— Mas por quê, Dan? Por que não vai à festa?

Dan meneou a cabeça e se recusou a dizer mais alguma coisa.

— Ai, cala a boca! Você é tão covarde! Você me deixa maluca — disse Jenny, revirando os olhos. Ela se levantou e colocou os pratos na pia, esfregando-os furiosamente com a esponja Brillo. Depois girou o corpo e colocou as mãos nos quadris. Vestia um pijama de flanela rosa e seu cabelo castanho crespo estava todo eriçado, porque tinha ido dormir com ele molhado. Parecia uma minidona de casa insatisfeita com peitos dez vezes maiores do que o corpo.

— Não ligo para o que você diz. Vou nessa festa! — insistiu ela.

— Que festa? — perguntou o pai deles, aparecendo à soleira da porta da cozinha.

Se existisse um prêmio para o pai mais constrangedor do universo, Rufus Humphrey ganharia. Estava com uma camiseta regata branca manchada de suor e cueca samba-canção em xadrez vermelho, e coçava a barriga cabeluda. Não se barbeava há dias, e a barba grisalha parecia crescer a intervalos diferentes. Parte dela estava grossa e comprida, mas no meio havia trechos e mais trechos carecas com uns pelos curtos. Os cabelos grisalhos e crespos estavam emaranhados e os

olhos castanhos remelentos. Tinha um cigarro atrás de cada orelha.

Jenny e Dan olharam para o pai em silêncio por um tempinho. Depois Jenny suspirou e voltou para os pratos.

— Deixa pra lá.

Dan deu um risinho e se recostou na cadeira. O pai deles odiava o Upper East Side e todas as suas presunções. Só matriculou Jenny na Constance porque era uma escola muito boa e porque ele havia namorado uma das professoras de inglês de lá. Mas odiava a ideia de Jenny ser influenciada pelas colegas de turma, ou “aquelas *debutantes* mimadas”, como ele as chamava.

Dan sabia que o pai ia adorar essa. Bateu o pé no chão, cheio de expectativa.

— O Dan não quer me levar a uma festa beneficente na semana que vem e eu quero ir — explicou Jenny, ainda junto da pia.

O Sr. Humphrey tirou um dos cigarros de trás da orelha e enfiou na boca, brincando com ele entre os lábios.

— Em benefício de quê? — perguntou ele.

Dan balançava a cadeira para a frente e para trás, com um ar presunçoso.

Jenny fechou a torneira e o encarou.

— É uma festa para arrecadar dinheiro para aqueles pobres abutres que moram no Central Park.

Dan deu uma risadinha.

— Ah, cala a boca — disse Jenny, furiosa. — Você acha que sabe de tudo. É só uma festa idiota. Eu nunca disse que era uma ótima causa.

— Chama isso de *causa*? — berrou o pai. — Que vergonha. Aquelas pessoas só querem essas aves por perto porque fazem com que se sintam no *campo*, como nas casas que têm em *Connecticut* ou no *Maine*. Provavelmente vão construir uns viveiros-mansões para eles ou coisa parecida. Como se não houvesse milhares de sem-teto que pudessem fazer uso do dinheiro. As classes ociosas que se dediquem a uma obra de caridade que não faz absolutamente *nenhum* bem a ninguém!

Jenny se recostou na bancada da cozinha, cruzou os braços e se desligou do pai. Já havia ouvido esse mesmo discurso. Aquilo não mudava nada. Ainda queria ir àquela festa. Estava cansada de sempre ouvir sobre todas as coisas legais que as meninas descoladas iam fazer no dia seguinte. Queria ser cool também. Se iam derramar sangue na

festa *Beije-me ou Morra*, ela queria ver, ao vivo e em cores.

— Eu só quero me divertir um pouco — replicou ela, teimosa. — Por que fazer esse auê todo?

— É um auê porque você vai acabar se acostumando a esse absurdo idiota de debutantes e vai acabar como um grande simulacro, como a sua mãe, que anda por aí com gente rica o tempo todo porque tem medo de pensar por conta própria — gritou o pai, o rosto barbado ficando vermelho-escuro. — Mas que droga, Jenny. Você a cada dia me lembra mais a sua mãe.

Dan de repente se sentiu mal. A mãe tinha fugido para Praga com um conde ou príncipe e era basicamente uma mulher sustentada, deixando que o conde ou príncipe ou o que fosse a vestisse e a colocasse em castelos por toda a Europa. Só o que fazia o dia todo era comprar, comer, beber e sair para caçar com o príncipe. Escrevia cartas para eles algumas vezes por ano, pagava pela escola e lhes mandava um presente ou outro. No último Natal, mandara-lhes a cabeça empalhada de um babirusa que matara a tiros na Baviera. Estava pendurado num gancho para toalha na parede do banheiro.

Não foi legal o pai dizer que Jenny lembrava a mãe. Não foi nada legal.

Jenny parecia a ponto de chorar.

— Deixa pra lá, pai — disse Dan. — Não fomos convidados para a festa mesmo.

— Viu o que eu quis dizer? — disse o Sr. Humphrey, triunfante. — Por que você quer andar com essa gente esnobe? E além de tudo, sempre que leio o jornal tem um novo assassinato e todos acontecem no Upper East Side. Não quero que vocês andem por lá depois de escurecer. É perigoso demais. Vocês vão ficar em casa.

Jenny encarou o piso sujo e vitrificado da cozinha. Entendia como Serena achava fácil matar as pessoas. Ela mesma podia pensar em duas que gostaria muito de matar no momento.

Dan se levantou.

— Vai se vestir, Jenny — disse ele baixinho. — Vou com você até o ponto de ônibus.

almoço seminu

Para: narchibald@stjudes.edu

De: blairw@constancebillard.edu

Estou no cabeleireiro da minha mãe. O almoço acaba em 38 minutos e estão me fazendo esperar. Senti sua falta quando você foi embora ontem. Mamãe e Cyrus vão viajar na sexta. Você pode ficar para dormir. Desta vez vai mesmo acontecer.

Te amo. Me liga. Bjs B

P.S.: Não estou cortando o cabelo, só fazendo depilação na virilha.;

Toda quarta-feira, Nate e Blair se acostumaram a trocar um bilhete de amor por e-mail (tudo bem, foi ideia de Blair), para ajudar a atravessar a chatice da semana de aulas. Só mais dois dias para o fim de semana, quando eles poderiam passar o tempo que quisessem juntos. Nate passou os olhos pelo bilhete sem ler. Quais pelos Blair escolhia cortar ou depilar, não dizia respeito a ele. Na realidade, ele nem queria saber. Gostava de pensar que ela era linda sem precisar se esforçar. Mas aí seria uma garota diferente.

Correu os olhos pelas porcarias na caixa de entrada e ficou emocionado ao encontrar um e-mail dessa tal garota diferente.

Para: narchibald@stjudes.edu

De: serenavdw@constancebillard.edu

Re: Sexta-feira

Oi. Eu nem vi você sair ontem. Desculpe. Vamos nos ver na sexta à noite, OK? Bjs, S

— Ei, Archibald! Larga da merda do telefone!

Era um ensolarado dia de outubro no Central Park. No Sheep Meadow, grupos de garotos matavam aula, deitados na grama, fumando ou jogando Frisbee. As árvores que cercavam a campina eram um esplendor de tons amarelos, laranja e vermelhos, e para além das árvores estavam os vultos dos belos prédios antigos da Central Park West. Um cara vendia erva, e Anthony Avuldsen comprou um pouco para juntar com a que Nate pegara na pizzaria, no almoço da véspera.

Nate disparou um rápido “OK” a Serena e se juntou aos amigos.

Nate, Anthony e Charlie Dern passaram um enorme baseado entre eles enquanto driblavam uma bola de futebol no gramado, fingindo não sentir falta do amigo pateta Jeremy.

Charlie deu um tapa e passou para Anthony. Nate atirou-lhe a bola e Charlie tropeçou nela. Ele tinha 1,80m de altura e sua cabeça era grande demais para o corpo. As pessoas o chamavam de Frankenstein. Sempre o louro atlético, até quando estava chapado, Anthony avançou para a bola, chutou-a pelo alto e ela voltou a Nate, que a matou no peito. Nate deixou a bola rolar pelo gramado, driblando-a entre os pés.

— Caraca, esse troço é forte — disse Anthony, puxando para cima as calças de moletom sujas de grama.

— É, é mesmo — concordou Nate, passando-lhe a bola. — Estou totalmente fodido. — Os pés de Nate coçavam. Parecia que a grama crescia pelo solado de borracha de seus tênis. Se Jeremy estivesse ali, ele teria algo engraçado a dizer para distraí-lo. Sem Jeremy, Nate sentia que começava a pirar.

Tufos de grama brotavam dos espaços úmidos e quentes entre os dedos. Insetos corriam pelos arcos dos pés. Ele esfregou os ossos dos tornozelos. Logo as formigas, gorgulhos e coisas rastejantes subiam por suas pernas, pelo peito e o pescoço, entrando nas orelhas e no nariz, e deixariam ovos em seu cérebro. Quando ele abrisse a boca, só sairiam insetos. Ele não conseguia mexer as pernas. Estava sendo devorado vivo pela grama, tragado inteiro no Central Park. Não conseguia respirar. Estava morrendo.

Anthony parou de driblar a bola.

— Ei, Nate. Já viu a Serena van der Woodsen? — perguntou. — Continuo ouvindo um monte de merdas a respeito dela.

Nate podia sentir os dois garotos olhando para ele. Abaixou-se e cutucou os bicos dos tênis. Droga. Estavam dormentes.

— É, eu vi a Serena ontem à noite. — Ele tentou manter um tom despreocupado, embora a língua fosse uma massa de aranhas e ele estivesse sendo devorado pela terra.

Charlie pigarreou e cuspiu na grama.

— E aí? — perguntou. — Ela agora está totalmente psicopata? Foi o que eu soube. Ouvi dizer que ela trepou com um grupo inteiro de caras no quarto dela e depois matou todos eles. A colega de quarto a entregou. — Ele bufou. — Epa! Será que a Serena deveria ter matado a colega de quarto também?

Anthony riu e deu uma puxada no fumo.

— Eu soube que ela tem um filho. É sério. Ela teve o filho na França e deixou lá. Os pais dela estão pagando para ele ser criado num convento francês chique, onde as freiras batem em você com espinhos se você falar fora de hora e não tem nada para comer além de um pão velho e bichado, e você tem, tipo, que fazer xixi num penico. Parece um livro daquele cara, como é mesmo? O cara que a gente tem de ler pro inglês... Thomas Hardy. Não, é uma porra de adaptação de filme de terror de um livro do Thomas Hardy.

Serena of the Doobiesvilles?

— Dá para imaginar Serena com todos aqueles caras no quarto dela? Tipo assim, “*Ooooh, gato, mais forte, mais forte!*”. E depois, “*Hasta la vista, baby!*”. — Anthony se jogou na grama, esfregando a barriga sarada e gargalhando histericamente. — Ah, cara!

Nate não conseguia acreditar no que ouvia. Quando os amigos estavam doidões, ficavam tão ofensivos. Deixou-se cair na grama e começou a tirar os sapatos e meias. Não disse nada em defesa de Serena. Só ficou sentado ali, vendo as veias dos pés pulsarem, perguntando-se se iam explodir como os globos oculares de Jeremy.

Enquanto isso, Blair estava ficando impaciente. Deitada de costas numa sala de tratamento, nua da cintura para baixo, exceto pela “saia de depilação” de papel, esperava por uma esteticista há quase 15 minutos. Queria fazer uma depilação completa na virilha antes de sexta à noite, deixando tempo suficiente para sumir a assadura que às vezes aparecia, e escolhera o salão da mãe porque ficava perto da escola e tinham um horário livre na hora de almoço. O salão no Meatpacking District onde ela costumava cortar o cabelo e se depilar era imenso, movimentado e moderno, com uma música descolada, cappuccinos frescos e um andar à parte para o spa. Este salão era íntimo — o que significava abarrotado — com carpete azul, espelhos dourados e música clássica, e estava cheio das clientes da Park Avenue com seus cães no colo, retocando as raízes dos cabelos com stylists tagarelas e irritantes. A porta de sua sala de tratamento estava aberta só um milímetro e ela ouviu um dos stylists falando com a cliente.

— O cabelo é como um músculo — dizia ele. — Ele tem memória. E precisa malhar, senão fica todo blá, entendeu? É como uma criança. Precisa de exercícios. Precisa ser alimentado. E precisa ir para a escola. Ou não vai conseguir entrar em uma boa faculdade. — O

stylist riu. — Não *os seus filhos*, querida. Os seus são todos gênios, é claro.

Blair nunca tinha ouvido nada mais estúpido na vida. O cabelo não era como um músculo. Cabelo era morto. Morto, morto, morto. Assim como aquele cabeleireiro idiota deveria ter sido por falar uma imbecilidade tão grande. Ela olhou o e-mail no telefone pela vigésima vez. Nate ainda não respondera à sua mensagem. Onde ele estava? Dando mole para aquelas piranhudas da L'Ecole na frente da pizzeria que ele frequentava? Matando aula com os amigos? Pior ainda, dividindo uma garrafa de chardonnay e uma baguete no parque com Serena?

Pare com isso, disse Blair para si mesma. *Está agindo feito uma doida*. Mas estava cansada de ficar deitada ali, seminua, com a porta praticamente escancarada e ninguém lhe dando a menor atenção.

— Tem alguém aí pra fazer minha depilação? — chamou Blair, odiando parecer uma dona de casa sustentada de 50 anos de Nova Jersey. — Preciso voltar para a aula.

O cabeleireiro tagarela meteu a cabeça pela porta. Tinha um cavanhaque curto descolorido e um rabo de cavalo louro e liso. Em cada dedo de cada mão cintilavam anéis de ouro David Yurman. Os jeans pretos e apertados eram complementados por suspensórios vermelhos e uma camisa preta desabotoada, revelando um peito bronzeado e musculoso. Para completar o visual, botas pretas Prada de motoqueiro. Sua cliente de mais de cinquenta provavelmente considerava o sujeito sexy. Blair mal suportava olhar para ele.

Ela cruzou as pernas sob a saia de papel.

— Estou esperando por Mina — vociferou.

O stylist tentou franzir a testa cheia de botox.

— Desculpe, querida. Mina teve de pegar o filho. Infecção na garganta. Me dê um segundo para terminar essa escova. Farei sua depilação.

Ele fechou a porta, deixando Blair se sentindo mais exposta do que nunca. Estava prestes a se vestir quando o cara voltou.

— E aí. Como vai querer? — perguntou ele, colocando luvas de látex cuidadosamente por cima dos anéis bregas. Ele apontou os indicadores para Blair como duas pistolas coberta de borracha. — Project Runaway, Triângulo das Bermudas, ou Peladinha Me Bate?

Ele escolheu a garota errada para disparar aquilo. Blair se sentou.

De jeito nenhum ia deixar que aquele babaca chegasse perto de sua virilha.

— Não, obrigada. Vou remarcar — disse-lhe rispidamente.

O cabeleireiro olhou o pote de cera quente em ebulição na bancada e arregalou os olhos para os joelhos de Blair. Sorriu, o cavanhaque descolorido pontuando um monte de dentes horivelmente tortos e amarelos.

— Querida, confie em mim. Já vi de tudo.

Eca. Blair já estava farta daquele idiota armado com secador de cabelo. Nunca mais voltaria àquele salão. Colocou-se de pé num salto, abotoou o uniforme da Constance, recuou um passo nas sapatilhas Chanel douradas e pretas, pegou o blazer de cashmere cinza Calvin Klein no gancho e pendurou no braço a bolsa Mulberry vinho.

— Experimente depilar sua cara feia — exclamou, pegando o rabo de cavalo do cara com a mão de saque. Depois, com a força de uma tenista de ranking nacional, enfiou toda a cabeça do sujeito no pote de cerra fervente.

Ele ficaria muito melhor careca. Como uma batata cozida de suspensórios e botas. O Cabeça de Batata Frédéric Ferrado Fekkai.

Isto é, se sobrevivesse.

O ambiente no refeitório da Constance Billard estava consideravelmente calmo agora que Kati, Isabel e Nicki estavam mortas e não mais iam à escola. Blair fugira para algum lugar, e Laura Salmon e Rain Hoffstetter sentavam-se sozinhas à mesa de sempre das veteranas, dividindo um bagel de centeio. Serena fez menção de ir até elas, apunhalada pelas costas por olhares mudos. Enquanto a espiavam, Laura e Rain deixaram cair as metades dos bagels e a fuzilaram com os olhos de um jeito tão ameaçador que Serena alterou o rumo e fingiu examinar o balcão de saladas.

Até as azeitonas e os tomates-cereja a encaravam, horrorizados e acusativos. Serena abandonou a bandeja, saiu do refeitório e correu para um de seus antigos refúgios na escola, o banheiro privativo ao lado da enfermaria.

O banheiro parecia ter escapado das reformas que a escola sofreu em 1973, 1992 e 2002. O piso era um mosaico antiquado de ladrilhos pretos e brancos. As paredes eram de azulejos de metrô brancos, cinzentos e marcados por pichações de menina em alguns lugares. Havia uma velha banheira de pés, que ninguém usava. As meninas costumavam cochichar que depois do horário a Sra. McLean

convidava a namorada Vonda para tomar um banho de espuma na escola, mas nem isso acontecia há algum tempo, porque a banheira estava forrada por uma fina camada de poeira branca.

Serena olhou a parede à esquerda do suporte de toalha de papel e lá estava. S + B PARA SEMPRE, rabiscado dentro de um coração magrelo. Blair havia escrito aquilo com marcador turquesa no quinto ano, enquanto ela e Serena se revezavam para raspar as pernas pela primeira vez com a lâmina de barbear do pai de Blair. Quantas vezes Serena e Blair escapuliram para este banheiro para discutir sobre o cabelo, dividir as agruras da menstruação e passar gloss? Quantas vezes Serena ficou do lado de fora daquela mesma porta de banheiro enquanto Blair fingia ter um vírus estomacal, dando descarga rapidamente nos restos de seu almoço regurgitado?

Blair agora mal falava com ela.

Serena lavou as mãos, embora já estivessem limpas.

Como é que é, não tem sangue?

Seu reflexo no espelho era tenso e a pele parecia opaca. Ela abriu a torneira fria e borrifou a água gelada na cara, sem parar, desejando que toda a maldade, solidão e mesquinhez desaparecessem.

Atrás dela, a porta do banheiro se abriu.

— Ai, meu Deus! — exclamou uma baixinha de cabelo cacheado e preto e um peito grande demais para seu corpo mínimo.

— Eu devia ter trancado — disse Serena, pegando uma toalha de papel. Passou-o no rosto molhado enquanto a garota a fitava com os enormes olhos castanho-escuros. — O que está olhando? — perguntou Serena mais asperamente do que pretendia.

A menina piscou.

— É que eu nem acredito que estou falando com você. Meu nome é Jenny. Você é Serena. Eu... — A menina mordeu o lábio inferior vermelho. — Sei de tudo sobre você. Você é demais. Você é tipo, famosa.

A garota, Jenny, era quase 30 centímetros mais baixa do que Serena, com olhos castanhos meigos como os daquelas lindas focas bebê que os membros do conselho do World Wildlife Fund mandavam à mãe de Serena por e-mail duas vezes por ano.

Serena deu um passo até ela.

— Tipo o quê? O que sabe de mim?

— Não todos aqueles boatos bobos — disse a menina, tremendo da cabeça aos pés. — Mas sei que você matou Nicki Button. E Kati Farkas. E Isabel Coates. Você é tipo uma super-heroína. Parece o

Robin Hood. Está matando todas as meninas mais cruéis para que garotas como eu possam ter uma chance.

Tal ideia jamais havia ocorrido a Serena. E, embora ela gostasse do modo como soava, Jenny tinha entendido tudo errado. Quem sabia o que ela diria a seguir, e a quem? Para Serena, Jenny podia muito bem ter sido mandada ali por Blair, como uma garota-bomba, só para irritar Serena.

Jenny podia ser uma gracinha, mas infelizmente a impostora de cabelos crespos, batom na boca e olhos de foca teria de morrer.

— Continue — incitou Serena, ganhando tempo ao olhar o banheiro, procurando por algum utensílio para matar a atrevidinha. Tinha o desentupidor da privada, mas quem sabia onde havia estado? A saboneteira de porcelana parecia frágil demais. O suporte da toalha de papel, feito de metal, faria um bom trabalho. Ela podia arrancá-lo da parede, apunhalar Jenny no coração e a afogar na banheira.

— Não vou contar a ninguém — prometeu Jenny, virando-se para sair. — E não se preocupe, posso usar o banheiro de cima. Só queria que você soubesse o quanto eu acho você cool.

Claro, não vai contar a ninguém, pensou Serena com amargura. Ninguém nessa maldita ilha consegue ficar de boca fechada.

— Peraí! — chamou Serena incisivamente. Segurou o suporte da toalha, preparando-se para arrancá-lo da parede.

Jenny se virou e piscou os olhos castanhos de bebê foca para seu ídolo.

Serena hesitou. Podia matar aquela Jenny nanica facilmente. Mas e depois? Voltaria ao refeitório, e a primeira pessoa que lhe dissesse o que não devia seria assassinada também?

Quando isso teria um fim? Quantos outros morreriam antes de ela e Blair reatarem a amizade? Não foi por isso que ela havia voltado? Não foi por isso que tentou matar Nate? Por que ela matou Jeremy, e aquela garota no elevador, e Kati e Isabel — para proteger sua amizade com Blair? Mas isso não estava acontecendo. As coisas agora eram diferentes, irreparavelmente diferentes. Ela e Blair nunca mais voltariam a ser amigas.

Ela soltou o suporte da toalha.

— Deixa pra lá — disse ela com desdém. — Eu ia te pedir a escova de cabelo emprestada, mas acabo de lembrar que tenho a minha. — Ela tentou sorrir. — Foi um prazer conhecê-la, Jenny.

O rosto da menina mais nova corou ao ouvir seu nome saindo da

boca de Serena.

— Igualmente! — guinchou ela antes de fechar a porta do banheiro ao sair.

Pegando outra toalha de papel no suporte, Serena passou no rosto, tentando restituir alguma cor. Espiou o coração turquesa de novo, refletido no espelho. S + B PARA SEMPRE.

Ela voltou à cidade e à Constance na esperança de tudo voltar ao que era. Mas pisou na bola. Dormiu com Nate de novo. E quer Blair soubesse ou não de seus encontros, Serena nunca poderia ser a amiga que Blair queria que ela fosse. Porque Serena amava Nate e o queria para ela. E Blair sempre a odiaria por isso.

No outono anterior, na Hanover, Serena estudou o reinado dos Tudor na Inglaterra, retratando Henrique VIII, o famoso rei que decapitou duas de suas seis esposas e centenas de seus leais servos. E ela e Blair eram como o rei Henrique VIII e Thomas Cromwell, o chanceler do rei. Seu vínculo era tão forte que em algum momento se tornaria pernicioso, porque os dois homens queriam a mesma coisa — o poder.

Ainda se olhando no espelho, Serena levantou o queixo e semicerrou os olhos com uma expressão majestosa. Quando a amizade com Thomas Cromwell finalmente se acabou, o rei Henrique VIII mandou que decapitassem-no por traição. E assim seria com ela e Blair. Não podiam continuar matando os outros e lutando por Nate. Claro que Serena mataria qualquer um para se proteger. Mas se ela realmente quisesse recuperar seu antigo status e ficar com Nate, a única pessoa que deveria matar, gostasse ou não, era a própria Blair.

Serena olhou o relógio. Só mais três aulas. Estava atrasada para os dois tempos de latim, depois teria hora com a orientadora da Constance de admissão na faculdade. Blair provavelmente estaria ocupada com uma de suas muitas atividades depois da aula. Serena não tinha certeza de quando teria a oportunidade de pegar Blair sozinha, com a arma certa e a determinação cega para se livrar da amiga que tinha desde o nascimento. Mas quando Serena agisse, Blair iria cair.

Matando outra aula, os três meninos estavam deitados de costas na grama, agora doidões demais para chutar a bola. Anthony, cujo avô era um cineasta premiado com o Oscar, aproveitou o momento para mostrar seu extenso conhecimento de cinema.

— Como é que tantos filmes antigos e famosos, tipo O

reencontro... filmes que nossos pais viam... mostram pessoas ficando chapadas? Se era uma coisa bacana e aceitável, por que é ilegal?

— Porque as pessoas viram babacas depois da faculdade — explicou Charlie. — Elas começam a se policiar. Mas é tudo um monte de besteira. A maconha faz bem.

— Falou — concordou Anthony. — A não ser que você seja como Jeremy e fume tanta erva ruim que seus olhos explodam.

Os três tatearam as pálpebras cautelosamente com os dedos.

— Cara, por que tinha de falar nisso? — Charlie gemeu. — Agora estou todo paranoico.

Nate já estava paranoico. Seus pés não o incomodavam mais. A paranoia era outra.

Era só quarta-feira. Seria possível que Blair continuasse sem saber sobre ele e Serena — que transaram não uma, mas duas vezes — até sexta-feira, embora ela estivesse na escola com Serena todo o dia, elas ainda fossem grandes amigas e tal e provavelmente ainda contassem tudo uma à outra? Era provável que não. E Chuck Bass? Ele não era lá muito bom em guardar segredos. A essa altura, todo o Upper East Side devia saber.

Nate esfregou fortemente os lindos olhos verdes. Não importava como Blair descobrisse. De qualquer ângulo que olhasse, ele estava lascado. Ele tentou bolar um plano, mas o único plano em que sua mente chapada conseguia pensar era esperar para ver o que aconteceria quando ele encontrasse Blair na noite de sexta. Ele mesmo poderia contar a ela. Faria uma confissão completa. Depois de eles transarem. Ou antes.

Bom plano.

— Será que Serena sabe quem é o pai? — refletia Anthony, voltando a esse território. Virou a cabeça para Nate. — Você e ela têm um lance, né, Archibald?

— Onde foi que você ouviu isso? — perguntou Nate, carrancudo.

Charlie balançou a cabeça e sorriu.

— Sei lá, cara. Por aí. O que é que tem? Ela é gostosa.

— É, bom, já comi mais gostosas — disse Nate, e imediatamente se arrependeu. Do que é que ele estava *falando*?

— É, a Blair é bem gostosa também, eu acho — disse Charlie, arrastando os calcanhares de seu tênis Stan Smith branco e verde na grama. — Aposto que ela é doidaça na cama.

— O cara aí fica cansado só de pensar nisso! — disse Anthony,

rolando para Nate e lhe dando um cutucão nas costelas.

Irritado, Nate rolou e se deitou de costas na grama, olhando o céu azul e vazio. Se inclinasse a cabeça para trás, veria os telhados das coberturas da Quinta Avenida se projetando acima da copa das árvores, inclusive as de Serena e Blair. Nate deixou o queixo pender para que só pudesse ver o céu azul novamente. Estava doidão demais para lidar com qualquer uma dessas coisas. Desligou-se dos amigos e tentou limpar a mente, queria a cabeça tão vazia e azul quanto o céu. Imagens de Serena e Blair, nuas, ergueram-se diante dele e se atropelaram no vazio.

“Você sabe que me ama”, provocaram elas em uníssono, fazendo-o sorrir.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Não resisto a escrever mais sobre **N**, meu novo tema favorito. Afinal de contas, ele é tão absurdamente bonito. Mesmo que seja meio fraquinho no quesito entusiasmo (vulgo colhões).

CHAPADO NO CENTRAL PARK

Na verdade, meu novo tema favorito é o mauricinoide — a versão de elite do inutiloide, ou chapadão. Ao contrário do inutiloide chapado médio, o mauricinoide não gosta de games de mata-ou-morra em console nem *online*, nem pratica skate, nem come só comida crua. Ele tem um corte de cabelo bonitinho e uma pele boa. É cheiroso, veste os suéteres de cashmere que a namorada compra para ele, tira notas decentes e é um doce com a mãe. Veleja e joga futebol e lacrosse. Sabe amarrar uma gravata. Sabe dançar. É sexy! E ele nunca mataria ninguém. Sujeira demais. Definitivo demais. Na verdade, o mauricinoide nunca investe totalmente em nada nem em ninguém. Ele não é entrão e nunca diz o que pensa. Não assume riscos, por isso é tão arriscado se apaixonar por ele.

Você pode ter percebido que eu sou o contrário. Não que eu entre numa de matar gente, mas nunca sei quando calar a boca! E acredito seriamente que os opostos se atraem. Tenho de confessar que estou me transformando numa tiete de mauricinoide.

E, pelo visto, não sou a única.

P:

Cara Gossip Girl,

andei rolando com **N** num cobertor no central park. pelo menos, acho que era o mesmo **N**. ele é todo sardento, né? tem cheiro de bronzeador e maconha?

— garotadocobertor

P:

Cara garotadocobertor,

Hmmmm. Aposto que era.

— GG

FLAGRA

B comprando camisinha na farmácia **Zitomer**. Extragrande reforçada! O que quero saber é como ela sabia que tamanho comprar. Acho que já fizeram de tudo, exceto. Depois **B** foi direto para um salão brega na Lexington para uma depilação completa na virilha com cera quente. Ai. Não é algo em que se queira economizar. Também peguei **S** nos correios, mandando ou recebendo um pacote grande. Roupas para bebê da **Barneys** para o francesinho, quem sabe? Peguei **R** e **L** na **3 Guys Coffee Shop**, comendo fritas com chocolate quente de novo. Tinham acabado de devolver aqueles vestidinhos bonitinhos que compraram na **Bendel's** outro dia. Que pena que a festa *Beije-me ou Morra* não exige traje muumuu. E por fim, **D** e **V** no departamento de Caça e Pesca da **Paragon Sports** — ou equipando-se para fazer seu filme, ou se preparando para uma noite louca de... caça e pesca.

VOCABULÁRIO

Como muitos de vocês têm perguntado, vou responder à grande pergunta que está frustrando a todos desde que descobriram sobre a festa *Beije-me ou Morra*.

Vamos lá. De acordo com meu dicionário *Webster* tijolão aqui:

ave de rapina, s. qualquer ave carnívora como a águia, o falcão, coruja, abutre etc.

Tenho certeza de que ficaram na beiradinha da cadeira com essa. Mas só estou tentando manter vocês informados. Esse é meu trabalho. Além do mais, as aves não são as únicas que perseguem suas presas hoje em dia.

Vejo vocês no parque!

Pra você que me ama,

gossip girl

guia de caça e pesca para garotos

A Paragon Sports, a única superloja de artigos esportivos em toda Manhattan, localizava-se na Broadway, perto da Union Square, e possuía uma grande seleção de facas impressionantes. Vanessa e Dan marcaram de se encontrar lá durante a aula de educação física e em seu tempo vago de estudos depois do almoço para equipar Dan com o figurino do assassino perturbado Mickey Knox em seu remake de *Assassinos por natureza*.

Neste momento Dan vestia uma camiseta regata O'Neill infantil branca e apertada enfiada numa calça cargo The North Face verde camuflagem tamanho PP, um cinto Patagonia tamanho PP feminino de couro falso preto, botas de trabalho masculinas Red Wing pretas e uma espécie de arnês de poliéster preto entrelaçado pelo ombro que devia carregar um tapete de ioga, mas que Vanessa tinha certeza de que podia ser útil como coldre das várias armas de Mickey Knox.

— Pareço um integrante do Village People — murmurou Dan, olhando-se no espelho de corpo inteiro ao lado da vitrine de facas de caça. A camiseta branca destacava sua caixa torácica ossuda e os braços magrelos. Vanessa não disse que ele teria de se vestir como um bobalhão antes de ele concordar em fazer o filme.

Vanessa o ignorou enquanto examinava as armas brancas. Mickey Knox era um exímio atirador de facas. É claro que ele também portava armas de fogo, mas para isso ela teria de ir à Toys R Us. Só que até mesmo uma arma de brinquedo era arriscada na ponte do Brooklyn. A não ser que fosse laranja néon ou verde elétrico, alguém poderia confundir com uma arma de verdade e chamar a polícia. As facas eram mais seguras.

E bem mais legais. Não sabia que podia haver tantas facas bonitas, com seus cabos variadamente entalhados e lâminas elegantemente pontudas e curvas. E havia a Leatherman, que incluía uma faca, tesoura, duas chaves de fenda, uma chave Allen e uma serra numa linda bainha de couro.

— Posso lhe perguntar para que precisa de uma faca de caça? —

disse o geek de aparência atlética atrás da vitrine. Usava óculos grossos de aro preto, tinha costeletas compridas e devia ser da Universidade de Nova York, pensou Vanessa com inveja. Ela apostava que ele escalava nas Palisades em Nova Jersey nos fins de semana e morava num conjugado sujo e barulhento no Lower East Side, em alguma rua legal nos altos de um bar, onde gente como Blair Waldorf nunca sonharia em colocar os pés.

— É objeto de cena. Para um filme que estou fazendo. — Vanessa sorriu e apontou para Dan. — Ele vai retalhar gente inocente com ela.

Dan olhou a calça cargo idiota com as etiquetas penduradas dos ilhoses do cinto. Queria trocar de roupa.

— Tem de ser impressionante — disse Vanessa ao vendedor. Ela apontou uma faca bowie de aço texturizado de trinta centímetros na vitrine. — Essa é legal.

Dan olhou por sobre o ombro. A faca era imensa e linda, com cabo de titânio dourado incrustada de madrepérola e uma lâmina de aço larga e azulada que se afinava na pontinha, como um minifacão.

O vendedor suspirou e puxou a camisa de flanela xadrez do peito, num gesto que sugeria que a loja estava ficando quente.

— É. Essa é legal. Por um total de quatro mil e quinhentos dólares.

Vanessa franziu o cenho. Talvez devesse ir a uma loja de utensílios de cozinha. Uma boa faca de trincar amolada devia custar só trinta pratas.

O vendedor pegou a faca e a colocou no tampo da vitrine.

— Vem com uma bainha de couro costurada a mão e seu próprio amolador. — Ele passou o polegar na lâmina. — Sinta só. — Ele estendeu a faca para Dan e Vanessa tocarem.

Dan colocou a mão toda na parte mais afiada da lâmina, retirando antes que o vendedor pudesse ver que ele sangrava.

— Legal.

Vanessa não queria tocá-la. Que sentido tinha? Já estava gastando uma pequena fortuna no figurino de Dan.

— Tem alguma coisa na faixa de trinta a cinquenta dólares?

O vendedor baixou a faca e se curvou para ela. Seu hálito cheirava a Altoids.

— Vou lhe dizer uma coisa. Vou deixar que leve esta emprestada, se trouxer de volta intacta. Ninguém vai comprar mesmo. A caça não faz muito sucesso em Manhattan.

Sério?

— Você faria isso? — perguntou Vanessa, incrédula. Sempre que se

arriscava para além da rua 23, as pessoas ficavam cada vez mais gentis.

Dan chupou a mão que sangrava.

— Pode devolver as roupas também — disse o vendedor, baixando a voz. Ele apontou o queixo para Dan. — Desde que ele não as suje — acrescentou, sugerindo que Dan era mentalmente perturbado e podia ter dificuldades de manter as calças limpas. — Deixe com as etiquetas, guarde o recibo e traga de volta em trinta dias. Minha namorada trabalha como assistente de produção em comerciais. Fazem isso o tempo todo.

Vanessa teve vontade de abraçar o cara, mas isso não seria muito cool. Além do mais, ele tinha namorada e ela supostamente estava apaixonada por Dan.

— Obrigada. Muito obrigada mesmo.

Ela olhou para Dan. Ele encarava a faca, ainda chupando a mão.

— Vá trocar de roupa para a gente poder pagar — disse-lhe Vanessa. Às vezes ela se perguntava se Dan *era* um pouco lerdo. Talvez ele só precisasse comer alguma coisa.

Dan perambulou pelas cabines de troca, onde tinha deixado a roupa da escola, maravilhando-se com o gosto bom do próprio sangue. Talvez Jenny tivesse razão. Talvez, se experimentasse, ele pudesse gostar de carne crua.

Ao vestir as roupas comuns, as falas do roteiro de Vanessa para Mickey Knox reverberavam em sua cabeça. “*A vida é frágil e absurda. Assassinar alguém não é tão difícil.*”

Dan se curvou para amarrar os tênis All Star, puxando violentamente os cadarços e apertando bem. Um verdadeiro poeta, ele conseguia enxergar as palavras do roteiro em sua mente, cada letra distinta, com bordas cintilantes. Ele transferiu uma letra para cá, acrescentou outra lá, apagou algumas, até que elas se alinharam e formaram um novo haikai:

*Fúria, ódio, uma linda faca
Lua de outubro, camisa branca justa
Esta lâmina corta até o osso.*

s tenta se aperfeiçoar

— Bem, é maravilhoso que você tenha voltado, querida — disse para Serena a Srta. Glos, a idosa orientadora universitária da Constance Billard School. Ela pegou os óculos pendurados no pescoço por uma correntinha de ouro e os deslizou no nariz para examinar o histórico de Serena sobre a mesa. — Agora, vamos ver. Hmmm — murmurou ela, lendo o histórico novamente.

Serena estava sentada diante da Srta. Glos, de pernas cruzadas, esperando pacientemente. Não havia diplomas nas paredes da Srta. Glos, nenhuma evidência de qualquer credencial, só retratos de seus netos. É de se pensar que, se era para ela dar conselhos sobre o assunto, podia pelo menos provar ser capaz de fazê-lo.

A Srta. Glos pigarreou.

— Sim, bem, seu histórico é perfeitamente aceitável. Não é estelar, lembre-se, mas é adequado. Imagino que você tenha atividades extracurriculares, sim?

Serena deu de ombros e se permitiu um breve sorriso constrangido. *Se você considerar beber Pernod e dançar nua em uma praia em Cannes como atividade extracurricular.*

E tocar fogo nas pessoas, ou escalpelá-las? E que tal transar com o namorado da melhor amiga — *duas vezes?*

— Na verdade, não. Quero dizer, não estou matriculada em nenhuma atividade extracurricular atualmente.

A Srta. Glos baixou os óculos. As narinas dela estavam ficando muito vermelhas e Serena se perguntava se ela estava a ponto de ter uma hemorragia nasal. É claro que Serena estava acostumada com sangue, mas não sabia se podia lidar com uma das famosas hemorragias nasais da Srta. Glos. O cabelo da orientadora era fino e branco e a pele muito clara, com um toque amarelado. Todas as meninas pensavam que ela possuía alguma doença contagiosa terrível e antiga, como peste bubônica ou lepra.

— Nenhuma atividade extracurricular? Mas o que você está fazendo

para se aperfeiçoar?

Serena olhou a Srta. Glos de um jeito educado e vago. Desde quando ela precisava se aperfeiçoar?

— Vejamos. Bem, vamos ter que colocar você em *alguma coisa*, não vamos? — disse a Srta. Glos. — Temo que as faculdades não se disponham a ao menos considerar você sem atividades extracurriculares. — Ela se curvou e puxou um maço de folhas soltas de uma gaveta de sua mesa e começou a folhear páginas e mais páginas de folhetos impressos em papel colorido. — Aqui está uma coisa que começa esta semana. “Flores no Feng Shui, a Arte do Design Floral”.

Ela olhou para Serena, que fazia uma careta de dúvida.

— Não, tem razão. Isso não vai levar você a Harvard, não é? — Ela arregaçou as mangas da blusa e franziu o cenho para o maço de papéis enquanto folheava as páginas rapidamente. Não desistiria apenas com uma tentativa. Era muito boa em seu trabalho.

Serena roía o polegar. Não tinha pensado nisso. Essas faculdades realmente exigiriam que ela fosse um pouco mais do que era. E ela definitivamente queria ir para a faculdade. Uma faculdade boa. Seus pais certamente esperavam que ela fosse para uma das melhores universidades. Não que eles a pressionassem — mas faziam isso sem dizer nada. E quanto mais Serena pensava no assunto, mais percebia que realmente não havia *nada* que pudesse fazer. Fora expulsa do internato, as notas tinham caído, não fazia ideia do que estava rolando em qualquer uma de suas aulas e não tinha nenhum hobby nem atividades legais depois da escola, a não ser navegar por sites de armamento, fazer máscaras de lama do mar Morto, tirar sonecas e ficar com Nate. Sua pontuação nos testes de aptidão era terrível porque a mente sempre divagava durante aquelas provas idiotas de encheção de linguiça. E quando ela as fizesse de novo, provavelmente seriam ainda piores. Em suma, ela estava ferrada.

E seu índice de mortes? Isso devia se destacar em suas candidaturas.

— Que tal teatro? Suas notas de inglês são muito boas, você iria gostar de teatro — sugeriu a Srta. Glos. — Eles só estão ensaiando esta aqui há pouco mais de uma semana. O Clube de Teatro Interescolar está fazendo uma versão moderna de *Sweeney Todd*. — Ela olhou para Serena novamente. — Que tal?

Serena balançava o pé para cima e para baixo e roía a unha cor-de-

rosa. Tentou se imaginar sozinha no palco cantando em um musical. Teria de dançar também, usar espartilho e saíote armado. Talvez até uma peruca. Ela vira *Sweeney Todd*. Falava de um barbeiro que cortava a garganta dos clientes e puxava uma alavanca na cadeira, jogando o pobre cliente no porão onde sua cúmplice, a Srta. Lovett, livrava-se deles transformando-os em tortas de carne moída, as quais vendia em sua padaria ao lado. O clube de teatro da Hanover havia encenado o musical no inverno anterior, dando muita inspiração a Serena.

Serena pegou o folheto da mão da Srta. Glos, com o cuidado de não tocar onde a mulher enferma havia tocado.

— Talvez — disse ela em dúvida.

A Srta. Glos fechou a pasta.

— Talvez sua amiga Blair Waldorf possa ajudar — sugeriu. — Blair sempre participou de tantas atividades extracurriculares maravilhosas. Às vezes me pergunto como a menina consegue. — Ela sorriu com ternura. — A Blair candidatou-se antecipadamente a Yale, conforme você já sabe.

Blair. O coração de Serena disparou. A nuca se eriçou. *Blair.*

Blair era tão inteligente, tão perfeita, tão destinada às melhores universidades. Blair tinha Nate. Blair tinha amigas e um irmão mais novo que era um amor e ainda morava em casa. Blair tinha um gato de pedigree e uma seleção incrível de sapatos Christian Louboutin. Blair iria para Yale e Serena não iria a lugar nenhum.

A raiva em brasa correu pelo sangue de Serena, energizando seu sangue como glicose. Ela cerrou os molares.

— Que bom para a Blair — disse com amargura.

A Srta. Glos apertou as narinas vermelhas entre o polegar e o indicador.

— Ah, querida, acho que estou tendo uma de minhas crises.

Serena jogou o folheto pomposo do teatro de lado e se levantou.

— Tome um lenço — ofereceu, pegando a caixa de Kleenex na mesa da Srta. Glos. Puxou todo um maço de lenços de papel.

Pastas e papéis deslizaram ao chão enquanto ela mergulhava pela mesa e enfiava os lenços pelas narinas da surpresa orientadora de admissão, por sua boca aberta, metia pela goela. Um por um, Serena fazia uma bola e a enfiava, terminando com o folheto amassado de *Sweeney Todd* e asfixiando completamente a mulher ictérica de cabelos brancos.

Sem fôlego, Serena desceu da mesa, endireitou a saia e puxou as meias para cima, um tanto perplexa com o próprio comportamento. Matar uma professora por sugerir que devia experimentar fazer um musical era tão imprudente, algo que Blair faria, não ela.

Ai, a pressão dos colegas aflige até a melhor de nós.

As últimas aulas do dia estavam terminando. Os ensaios de *Sweeney Todd* aconteciam no auditório, mas só iam começar às seis, para que as alunas que praticavam esportes logo depois da aula pudessem participar da peça. Serena subiu a ampla escadaria central da Constance até o quarto andar para pegar o casaco no armário e ver se alguém queria passar o tempo por ali até as seis. Em volta dela, as meninas passavam voando, um borrão de energia de fim de dia, correndo para a próxima reunião, exercícios, ensaio ou clube. Por hábito, paravam por meio segundo para cumprimentar Serena, porque desde que se entendiam por gente, ser vista falando com Serena van der Woodsen era ser *vista*.

— Oi, Serena — cantarolou Elizabeth Young, do primeiro ano, antes de descer a escada às pressas para o Clube Glee na sala de música do porão. *Por favor, não venha atrás de mim*, ela rezou em silêncio, cruzando os dedos ao prosseguir.

— Até mais, Serena — murmurou Anna Quintana do segundo ano, o prodígio dos esportes, passando em alta velocidade com seus shorts de ginástica e chuteiras. *Por que não faço kickboxing em vez de futebol?*, ela repreendeu a si mesma. *Assim eu poderia te enfrentar*.

— A gente se vê amanhã, Serena — disse a caloura Lily Reed delicadamente, corando porque estava usando os culotes de montaria. *Às vezes sonho que sou um cavaleiro num cavalo branco e galopo até você com meu cavalo a derrubo com minha lança*.

— Tchau — rosnou Carmen Fortier, uma das poucas bolsistas do primeiro ano. Carmen dirigia-se para o clube de Design em Arte Floral, embora contasse às amigas do Bronx que fazia caratê. *Uau. O cabelo dela não tem aplique nenhum. É totalmente verdadeiro*.

De repente o corredor ficou vazio. Serena abriu seu armário, tirou o casaco Burberry do cabide e o vestiu. Depois fechou o armário com estrondo e trotou pelas escadas, saindo pelas portas da escola, virando à esquerda para a rua 93 em direção ao Central Park.

Tinha uma caixa de Tic Tac laranja no bolso, com apenas um Tic Tac. Serena pescou o Tic Tac e o colocou na língua, mas a Srta. Glos a deixou tão ansiosa a respeito do próprio futuro que ela mal sentiu o gosto.

Atravessou a Quinta Avenida, andando pela calçada que margeava o parque. Folhas caídas se espalhavam pelo asfalto. Mais à frente no quarteirão, duas menininhas do Sagrado Coração com aventais xadrezes vermelho e branco bonitinhos passeavam com um rottweiler enorme.

Parece que os cães de guarda estão ficando cada vez mais populares ultimamente.

Um bando de abutres voou da copa das árvores e pairou pela Quinta Avenida na direção da Constance Billard. Serena pensou em entrar no parque na 89 e se sentar para matar tempo antes de fazer o dever de casa.

Antes matar tempo do que gente.

Mas sozinha? O que ela ia fazer, observar os pássaros? Em vez disso, ela foi para casa.

O prédio 994 da Quinta Avenida era elegante e branco, perto do Stanhope Hotel e bem em frente do Metropolitan Museum of Art. Os Van der Woodsen eram donos de metade da cobertura. O apartamento tinha 14 cômodos, incluindo cinco suítes, dependências completas de empregada, uma sala de estar do tamanho de um salão de baile e duas salas elegantíssimas com bar e home theaters imensos.

Quando Serena chegou, o enorme apartamento estava vazio. Seus pais raramente estavam em casa. O pai administrava a mesma empresa de navegação holandesa que o tataravô fundara nos anos 1700. Os pais pertenciam ao conselho de todas as grandes organizações de arte e caridade da cidade. Saíam o dia todo e toda noite, comparecendo a reuniões e almoços, vernissages e coquetéis, leilões beneficentes e jantares dançantes. Deirdre, a empregada, tinha saído para fazer compras, mas o lugar estava imaculado e havia vasos de flores frescas em cada cômodo, inclusive nos banheiros.

Uma imensa bancada de açougueiro ficava no meio da cozinha — ah, o que ela poderia fazer com o corpo sarado de atividades

extracurriculares e notas altas de Blair naquela mesa. Primeiro separaria a carne do osso e a amaciaria em filés sem gordura do tamanho da frigideira. O cérebro destinado a Yale ela colocaria numa torta de carne moída tamanho família e daria à diretora da Constance Billard numa travessa de porcelana azul e branca...

Na bancada, estava a pilha de correspondência do dia. Serena deu uma olhada. A maioria era de convites para os pais — envelopes quadrados brancos impressos em tipologia antiquada. E havia os convites de vernissages — cartões-postais com a foto de uma obra do artista de um lado e os detalhes do evento no verso. Um deles chamou a atenção de Serena. Obviamente estava esquecido na correspondência há algum tempo, porque parecia surrado, e o vernissage que anunciava começava às cinco horas da tarde na quarta-feira, que era...
agora.

Serena virou o cartão e olhou a foto da obra do artista. Parecia um close em preto e branco de um olho, pintado de rosa. O título da obra era *Stefani* e o nome da exposição era “Nos Bastidores”. Serena semicerrou os olhos diante da imagem. Havia alguma coisa de inocente e belo naquilo, e ao mesmo tempo era meio grosseiro, como o buraco ensanguentado feito por um bastão de esqui quando ela o usou para apunhalar alguém. Talvez não fosse um olho. Ela não sabia bem o que era, mas era definitivamente bacana. Era inquestionável; Serena descobriu o que ia fazer nas duas horas seguintes.

Em minutos estava saindo de um táxi diante da Whitehot Gallery no Chelsea. A galeria estava cheia de *hipsters* de vinte e poucos anos com roupas moderninhas, bebendo martíni e admirando as fotos penduradas nas paredes. Cada fotografia era parecida com um cartão postal, aquele mesmo close de olho em preto e branco, ampliado, em diferentes formatos e tamanhos e pintados em cores diferentes. Debaixo de cada um deles havia uma etiqueta e em cada etiqueta o nome de uma celebridade: Mary-Kate, Justin, Arizona, Taylor, Miranda, James, Emma, Lindsay, Stefani, Ed, Kristen.

Música pop francesa ressoava de alto-falantes invisíveis. Os fotógrafos, os irmãos Remi, gêmeos idênticos de uma modelo francesa com um duque inglês, estavam sendo entrevistados e fotografados para a *Artforum*, *Vogue*, *W*, *New York* e o *New York Times*.

Serena examinou cada fotografia atentamente. Não eram olhos, concluiu, agora que as via ampliadas. Mas o que eram? Umbigos?

De repente Serena sentiu um braço em volta de sua cintura.

— Oi, *ma chérie*. Linda garota. Qual é o seu nome?

Era um dos irmãos Remi. Tinha 26 anos e 1,80m, quase a mesma altura de Serena. Tinha cabelos pretos crespos e olhos azuis brilhantes. Falava com sotaque francês e britânico. Estava vestido de azul-marinho da cabeça aos pés e tinha lábios vermelho-escuros que se curvavam num sorriso manhoso. Ele era absolutamente lindo, assim como seu irmão gêmeo.

Garota de sorte.

Serena ainda estava com o uniforme da Constance, mas não resistiu quando ele a colocou numa foto com ele e o irmão para a seção Styles da edição de domingo do *New York Times*. Um irmão ficou ao lado de Serena e a beijou no pescoço, enquanto o outro se ajoelhou diante dela e abraçou seus joelhos. Em volta deles, as pessoas olhavam sofregamente, ansiosas para ter um vislumbre da nova garota “da hora”.

Todo mundo em Nova York queria ser famoso. Ou pelo menos ver alguém que fosse famoso, para poder falar disso depois.

O colunista social do *New York Times* reconheceu Serena de festas às quais havia comparecido havia um ano ou mais, mas precisava se certificar de que era ela.

— Serena van der Woodsen, estou certo? — disse ele, desviando os olhos do bloco de anotações para olhar para Serena.

Serena enrubesceu e assentiu. Estava acostumada a ser reconhecida.

— Você *precisa* posar para nós — arfou um dos irmãos Remi, beijando a mão de Serena.

— Precisa mesmo — concordou o outro, dando uma azeitona a ela.

Serena riu.

— Claro. Por que não? — Mas não tinha ideia de com o que estava concordando.

Um dos irmãos Remi apontou uma porta com a placa PRIVATIVO do outro lado da galeria.

— Vamos conversar ali — disse ele. — Não fique nervosa. Nós dois somos gays.

Serena riu e bebeu um longo gole de seu drinque. Será que estavam brincando? *Eles* é que deviam ficar nervosos. Ela estava com seu canivete.

O outro irmão deu-lhe um tapinha na bunda.

— Está tudo bem, querida. Você é absolutamente estonteante, então não precisa se preocupar com nada. Vamos. Voltaremos rapidinho.

Serena hesitou, mas só por um segundo. Ela poderia se equiparar a gente como Lady Gaga e Emma Watson, sem problema. De queixo erguido, foi em direção à porta com a placa PRIVATIVO.

Mas aí um cara da Associação Pública de Artes e uma mulher do Departamento de Trânsito de Nova York apareceram para falar com os irmãos Remi sobre um novo programa público de arte de vanguarda. Queriam colocar uma foto dos irmãos Remi nas laterais dos ônibus, no metrô e na publicidade em cima de táxis em toda a cidade.

— Sim, claro que sim — concordaram os Remi. — Se puderem esperar um minuto, vamos fazer uma nova agora. Podemos dá-la exclusivamente para vocês!

— Qual é o nome dela? — perguntou ansiosamente a mulher do Departamento de Trânsito.

— *Serena* — disseram os rapazes Remi em uníssono.

o despertar social está próximo da santidade

— Encontrei uma gráfica que fará isso para amanhã à tarde e vai entregar por mensageiro cada um dos convites na sexta-feira de manhã — disse Laura, satisfeita consigo mesma por ser tão eficiente.

— Mas olha como ficou caro. Se a gente usar, depois vamos ter de cortar custos em outras coisas — observou Blair. — Viu quanto a Alaric está cobrando pelas flores?

Assim que terminaram as atividades da quarta-feira depois da aula, o que restava do comitê organizador da *Beije-me ou Morra* se reuniu com batatas fritas e chocolate quente numa mesa da 3 Guys Coffee Shop para tratar dos últimos preparativos para a festa. Blair Waldorf, Laura Salmon, Rain Hoffstetter e Tina Ford, da Seaton Arms School, estavam presentes. Nicki Button, Kati Farkas e Isabel Coates não, porque estavam mortas.

A crise com que lidavam estava no fato de que a festa ia acontecer em nove dias e ninguém recebera um convite ainda. Os convites haviam sido encomendados semanas antes, mas graças a uma confusão sobre o local da festa, que aconteceria no Pier 60, no Chelsea, e foi transferida para a Frick, uma antiga mansão na Sétima Avenida, os convites prontos se tornaram inúteis. As meninas passavam por um aperto. Tinham de providenciar convites novos, e depressa, ou não haveria festa nenhuma.

— Mas a Alaric é só *um* dos lugares para a gente comprar as flores. Sei que é cara, mas vale a pena. Ah, vamos lá, Blair, pense em como vai ser legal — choramingou Tina.

— Tem um monte de lugares para se comprar flores — insistiu Blair.

— Bom, talvez a gente possa pedir ao pessoal das aves de rapina para arrumar isso — sugeriu Rain. Ela pegou uma batata frita, mergulhou em ketchup e enfiou na boca. — Eles quase não fizeram nada.

Blair revirou os olhos e soprou seu chocolate quente.

— Aí é que está o problema. *NÓS* é que estamos levantando dinheiro para *eles*. É uma *causa*.

Rain enrolou uma mecha de seu cabelo preto brilhante no dedo.

— O que é uma ave de rapina, afinal de contas? É tipo um pica-pau?

— Não, é como a águia ou o abutre — disse Tina. — E eles comem outros animais, tipo coelhos, ratos, esquilos, essas coisas. Mesmo que já estejam mortos.

— Eca — disse Rain.

— Li uma definição um dia desses — refletiu Laura. — Não consigo me lembrar onde foi.

Na Internet, talvez?

— Eles estão quase extintos — acrescentou Blair. — E o sentido da coisa é esse. — Ela passou o dedo pela lista de convidados para a festa. Eram trezentos e dezesseis. Todos jovens — sem os pais, graças a Deus.

Os olhos de Blair foram atraídos automaticamente para um nome perto do final da lista: Serena van der Woodsen. O endereço dado era de seu quarto no alojamento da Hanover Academy, em New Hampshire. Blair baixou a lista na mesa sem corrigir o endereço de Serena.

— Vamos ter de gastar o dinheiro extra com a gráfica e cortar onde pudermos — disse ela rapidamente. — Posso falar com a Alaric para usar lírios em vez de orquídeas e ignorar as penas de pavão em volta dos vasos.

— Posso fazer os convites — disse uma vizinha atrás delas. — De graça.

As quatro meninas se viraram para ver quem era.

Olha só, é a menininha-boneca, pensou Blair. *Do nono ano, que fez a caligrafia e desenhou os anjos mortos horripilantes dos hinários da escola.*

— Posso fazer os convites à mão hoje à noite. Só vai ter o custo do material, mas eu sei onde conseguir papel de boa qualidade por um preço bom — disse Jenny Humphrey.

— Ela fez todos os hinários da escola — cochichou Laura para Tina. — Ficaram muito bons.

— É — concordou Rain. — São muito bacanas.

Jenny corou e encarou o brilhante piso de linóleo da cafeteria, esperando que Blair se decidisse. Ela sabia que era Blair quem importava.

— E você vai fazer tudo de graça? — questionou Blair, desconfiada. Jenny ergueu os olhos.

— Eu meio que estava esperando que, se eu fizesse os convites, talvez pudesse ir à festa — disse ela.

Blair pesou os prós e contras mentalmente. Prós: Os convites seriam exclusivos e, melhor de tudo, gratuitos, e assim elas não teriam de economizar nas flores. Contras: não havia absolutamente nenhum, a não ser o espaço tremendo que os peitos da calourinha ocupariam na festa.

Blair olhou a garota-boneca de cima a baixo. Sua ajudantezinha com um peito enorme. Ela era do tipo que gostava de dar duro e ficaria totalmente deslocada na festa. Mas quem ligava para isso?

— Claro, você pode fazer os convites. Faça um para suas amigas também — disse Blair, entregando a lista de convidados a Jenny.

Quanta generosidade. Que pena que ela já havia liquidado a única amiga de Jenny.

Blair deu todas as informações necessárias e Jenny saiu esbaforida da cafeteria. As lojas logo estariam fechadas e ela não tinha muito tempo. A lista de convidados era maior do que previra e ela teria de passar a noite toda trabalhando nos convites, mas ia à festa; era só o que importava.

Espere só até ela contar a Dan. Ele ia *surtar*. E ela iria fazer com que ele fosse à festa, gostando ou não — especialmente porque Elise parecia ter se mudado sem avisar e não respondia a nenhuma de suas mensagens.

Ela parou um táxi e disse ao motorista para levá-la à Michaels, a imensa papelaria no upper Broadway. A janela do táxi estava entreaberta e o ar fresco do final de tarde tinha o cheiro distinto do outono em Nova York — um misto de fumaça de lareira, folhas secas, corpos em decomposição, xixi de cachorro e escapamento de ônibus —, um cheiro que, para Jenny, era cheio de promessas. Ela se abraçou. Estava acontecendo: ela ia à *Beije-me ou Morra*. Compraria um vestido novo legal e usaria os saltos mais altos que conseguisse. Alisaria o cabelo — ou pelo menos tentaria — e curvaria os cílios. E, na festa, ela seria beijada.

Ou morreria?

assassinos por natureza

Dois martinis e três rolos de filme dos irmãos Remi depois, Serena saltou de um táxi na frente da Constance e subiu correndo a escadaria para o auditório, onde o ensaio da peça interescolar já havia começado. Depois de ter sua foto tirada de cada ângulo possível, ela teve uma crise de consciência, percebendo que tal tipo de atividade extracurricular também não a colocaria dentro de uma universidade. Como sempre, ela estava meia hora atrasada.

Uma música animada de piano fluía pelo corredor. Serena abriu a porta do auditório e viu seu velho colega da pré-escola, Ralph Bottoms III, cantando “The Ballad of Sweeney Todd” com paixão. Estava vestido como um barbeiro de tempos idos, com bigode falso, camisa branca aberta, suspensórios, botas pretas reluzentes e uma navalha ensanguentada. Ralph tinha engordado nos últimos anos e seu rosto estava corado, como se ele andasse comendo carne crua demais. Estava de mãos dadas com uma garota atarracada de cabelos pretos e lisos e um rosto em forma de coração, vestida como uma prostituta do século XIX, de veludo vermelho. Ela também cantava, cingindo as palavras com um forte sotaque coreano.

“He shaved the faces of gentlemen who never thereafter were heard of again.”

Serena se encostou na parede para assistir, com um misto de horror e fascínio. A cena na galeria de arte não a havia perturbado, mas isto... era apavorante. Nem a oportunidade de brandir a navalha ensanguentada a tentava.

A professora de teatro, uma inglesa meiga e entusiasmada de tamancos, encerrou a canção com um acorde prolongado ao piano. O restante do Clube de Teatro Interescolar assoviou e aplaudiu. Depois a professora começou a dirigir a cena seguinte.

— Coloque as mãos nos lábios — instruiu. — Mostre-me, mostre-me. Isso. Imagine que você é o Justin Bieber da Fleet Street!

Serena se virou para olhar pela janela e viu três meninas saindo juntas de um táxi na esquina da 93 com a Madison. Semicerrou os olhos e reconheceu Blair, Laura e Rain. Serena se abraçou, afastando a estranha sensação que a assaltava desde que voltara à cidade. Pela primeira vez em toda a vida, ela se sentia excluída.

Sem dizer uma palavra a ninguém do grupo de teatro — *Oi! Tchau!* — Serena escapuliu do auditório e saiu pelo corredor. A parede estava cheia de folhetos e avisos e ela parou para ler. Um dos folhetos era da seleção de elenco do filme de Vanessa Abrams: *Assassinos por natureza, uma recontagem moderna do clássico romântico e violento de Oliver Stone. Testes para Mallory. Quarta-feira, ao pôr do sol. Ponte do Brooklyn.*

Pelo pouco que ela sabia de Vanessa, o filme ia ser sério e obscuro, mas era melhor do que gritar músicas bobalhonas e dançar o Hokey-Pokey com aquele gordo de cara vermelha, Ralph Bottoms III. Ainda estava claro na rua. Com sorte, o teste ainda não havia terminado. Mais uma vez, Serena se viu correndo atrás de um táxi, diretamente para o Centro.

— É assim que quero que você faça — disse Vanessa a Marjorie Jaffe, segundanista da Constance e a única menina que apareceu para se candidatar ao papel de Mallory Knox, a noiva adolescente homicida do filme de Vanessa. Marjorie era atarracada, tinha cabelos ruivos crespos e sardas, e um narizinho de pug. Mascava chiclete enquanto falava, tinha braços flácidos que se sacudiam quando ela se mexia e era completamente errada para o papel, um pesadelo.

O sol estava se pondo e a passarela de pedestres da ponte do Brooklyn ficou imersa num brilho rosado. Balsas, navios de carga, barcas, cruzeiros, rebocadores, iates, pequenas lanchas e veleiros atravessavam o porto movimentado. Carros zuniam de um lado a outro pela ponte e helicópteros policiavam o céu — tudo sob o olhar delicadamente altivo da Estátua da Liberdade. O ar marítimo e tempestuoso estava fresco e frio, porém maculado pelo aroma de Nova Jersey e do aterro sanitário de Staten Island. Como sempre, a passarela estava apinhada de turistas com câmeras, ansiosos para capturar a si mesmos diante do pano de fundo mais famoso do mundo.

Dan se pendurava pela lateral da ponte, esperando que a enorme balsa laranja de Staten Island perdesse rumo e se chocasse na

Governor's Island. Veio-lhe à mente um haikai de Bashô que lhe agradava muito:

Cheiro de peixe
Tripas de perca
Nas ervas da água.

Dan usava o figurino de Mickey Knox, com as etiquetas de preço da Paragon Sports metidas para dentro para que não aparecessem e armado com a faca bowie, um pé de cabra e um bastão de beisebol, tudo pendurado do arnês de tapete de ioga preto transpassado pelo ombro e atravessado no peito. As faces encovadas e os olhos fundos de Dan eram quase grotescos no crepúsculo cinza-rosado, e suas costelas se projetavam incrivelmente pela camiseta branca e apertada. Vanessa pensou ter criado um psicopata muito crível.

— Preste bem atenção — disse Vanessa a Marjorie. Ela sacou a faca bowie da bainha de couro costurada à mão que estava presa no arnês no peito de Dan e fingiu cortar a própria mão.

— É uma faca de verdade? — lamuriou Marjorie, mascando o chiclete. — E se eu me cortar pra valer?

Vanessa pôs a câmera de vídeo no chão.

— Por que eu não faço a cena com Dan enquanto você olha? — disse ela. — Desta vez, vamos dizer suas falas. Quando fizer, não precisa dizer, só pensar nelas. Entendeu?

Ela devolveu a faca bowie à bainha e sorriu para Dan. Meu Deus, ele estava demais. De um jeito morto de fome e infeliz.

— Tudo bem. Vamos nessa. Ação!

Dan se balançou nos cabos da ponte e olhou a água, pasmado e com um sorriso de louco.

— A vida é frágil e absurda. Assassinar alguém não é tão difícil. — Foi o máximo que ele falou o dia todo.

Vanessa o abraçou e sacou a faca da bainha, rezando para que os turistas na ponte estivessem ocupados demais fotografando para prestar alguma atenção neles. Ela imitou o corte na mão aberta, arreganhando os dentes de dor.

— Mickey Knox, quer se casar comigo? — perguntou, indagando-se se na vida real um dia pronunciaria aquelas mesmas palavras a Dan.

Quer se casar comigo?

Dan pegou a faca e cortou a própria mão, pra valer. Cara, ele adorava aquela faca muito, muito afiada.

— Sim — disse ele. — Eu quero.

Foi só um corte superficial, como um corte de papel, mas ainda assim... Vanessa ficou irritada por ele ter sujado a faca. Eles estenderam as mãos e se cumprimentaram num aperto sangrento.

— Eu nos declaro Mickey e Mallory Knox — proclamou ela. — E vamos ficar juntos até morrermos, morrermos e morrermos de novo!

— Eu te amo, Mallory — disse Dan em voz baixa, oscilando para um beijo.

Caraca. A cara de Vanessa ficou vermelha. Imaginou os dois se beijando umas cem vezes, mas não assim, na frente de uma plateia, fazendo o papel de outras pessoas — representando psicopatas! Antes que seus lábios se encontrassem, ela escorou as mãos no peito ossudo de Dan e o afastou. Dan limpou o sangue da mão na nova camiseta branca.

Lá se foi a devolução.

Vanessa recuperou a compostura.

— Agora é a sua vez — disse ela a Marjorie.

— Tá legal — respondeu Marjorie mascando o chiclete de boca aberta. Tirou o elástico roxo metalizado dos cabelos vermelhos e duros e os afofou para o alto com a mão. — Mas ainda estou meio com medo dessa faca. — Ela ergueu o roteiro. — Tá legal — repetiu, com coragem. — Vamos nessa.

Dan colocou a faca no lugar e balançou os braços em círculos algumas vezes. O pé de cabra cravava em suas costas e as farpas do bastão de beisebol o furavam.

Vanessa pegou a câmera.

— Ação!

Dan se balançou nos cabos e disse sua fala, pensando no quanto odiava aquele babaca do Chuck Bass, e desta vez soou ainda mais convincente.

— Mickey Fox, quer se casar comigo? — disse Marjorie, piscando os olhos sedutoramente e estalando o chiclete.

Dan fechou os olhos. Podia passar por isso sem rir, desde que ficasse de olhos fechados.

— Eu quero. Eu quero.

Marjorie se atrapalhou para pegar a faca. O chiclete caiu de sua boca e caiu nas novas botas Red Wing de Dan.

— Eca! — gritou ela. — A faca... Tem sangue nela!

— Corta! — Vanessa ficou grata por eles não terem chegado à cena do beijo. — Marjorie, é Knox, e não Fox. E você não devia mascar chiclete nem falar. Só deve atuar.

Alguém cutucou braço de Vanessa e cochichou ao ouvido dela.

— Posso tentar?

Vanessa se virou e deu com a gloriosa Serena van der Woodsen parada atrás dela, sem fôlego por ter corrido até metade da ponte. As bochechas dela estavam rubras e os olhos cintilavam como o céu do crepúsculo. Serena era sua Mallory Knox, se é que já existiu alguma.

Dan olhou Serena fixamente. Uma etiqueta da Paragon Sports saiu como uma mola da cintura da calça cargo. Ele limpou a faca ensanguentada na camiseta branca e a embainhou, desejando não parecer uma aberração de circo ambulante. De imediato um haikai apareceu em sua mente.

*Linda estranha
Por que está aqui? Respirando
Nesta ponte esta noite?*

— Marjorie, acho que já basta — disse Vanessa. — Pode dar seu roteiro a Serena?

— Tá legal.

Serena e Marjorie trocaram de lugar. Dan agora estava com os olhos abertos. Nem piscava. Vanessa decidiu não dar nenhuma orientação a Serena para ver o que acontecia.

— Ação!

Eles começaram a ler.

“A vida é frágil e absurda”, Dan tinha vontade de gritar, de tão animado. “Assassinar alguém não é tão difícil”. Ele mataria umas cem pessoas se aquilo significasse ficar com Serena.

Serena retirou a faca da bainha com a precisão de uma especialista. O peito de Dan tremeu quando ela quase o tocou.

Ela riscou a lâmina da faca na palma da mão e a ergueu para Dan ver o corte. Seu sangue era mais vermelho do que qualquer um que ele já vira. Ele queria lambar. Queria comer a mão toda. Ou pelo menos chupar um pouquinho.

É seu sangue esta seiva?

Fruta sem estação — rosa, madura, vermelha.

Pensei estar morto.

— Mickey Knox, quer se casar comigo? — perguntou Serena com a mistura perfeita de excitação, expectativa e constrangimento juvenil.

Dan pegou a faca ansiosamente e cortou a mão.

— Sim — disse ele, levando a palavra a sério. O sangue pingou na calça nova. — Eu *quero*.

Serena cerrou a mão sangrenta na dele. Dan ofegou. Podia sentir realmente o sangue se misturando e a troca entre as células. Sentiu vontade de desmaiar. Na realidade, achou que iria desmaiar.

*Como um dente frouxo,
meu coração pende. Pegue. Guarde-o
sob seu travesseiro.*

— Eu nos declaro Mickey e Mallory Knox — dizia Serena. Deus, ela era boa. — E ficaremos juntos até morrer, morrer e morrer de novo.

Hora do beijo. Dan avançou para ela, tropeçando nos cadarços das botas novas e perdendo o equilíbrio enquanto o pé de cabra e o bastão de beisebol nas costas pendiam na direção contrária.

— Eu te amo, Mallory — disse ele, ofegante, caindo.

Talvez devesse ter comido um muffin ou coisa assim antes de ensaiar.

— Epa. — Serena riu, pegando-o.

Dan ficou deitado nos braços dela como se tivesse sofrido uma morte primorosa e agora chegasse ao paraíso. Serena também estava se divertindo. Dan era uma graça e o roteiro era engraçado.

Isso eu consigo fazer. Serena nunca pensou realmente no que queria fazer da vida, mas talvez atuar fosse a dela.

— Corta! — gritou Vanessa. Não tão cedo assim. A química entre Dan e Serena era totalmente nauseante. Se não houvesse tanta gente por perto, ela teria se apoderado daquela faca bowie e cortado a cara e o corpo perfeitos de Serena em dois, atirando cada metade de cada lado da ponte.

Os homens são tão previsíveis, pensou Vanessa, fechando furiosamente a tampa de proteção da lente da câmera.

— Obrigada, gente. — Ela fingiu rabiscar uns comentários no bloco.
— Vou comunicar a você amanhã, Serena. Está bem? — *Vai se foder e morra*, escreveu ela com ciúme.

— Foi divertido! — disse Serena, pegando a faca enquanto ajudava um Dan trêmulo a se levantar.

Ainda de ressaca pelo momento, Dan retirou o arnês desajeitadamente e passou as mãos ensanguentadas no cabelo, que se espigou num tom de rosa, como uma espécie de punk sujo.

— Você foi ótima — disse ele a Serena com sinceridade, encontrando sua voz. — Ótima mesmo.

Vanessa fechou a cara e mexeu na câmera.

— Marjorie, digo a você amanhã também, tá? — disse Vanessa à ruiva.

— Tá legal — respondeu, Marjorie ainda mascando. — Valeu.

Dan ficou ali, gingando debilmente na brisa, a mão cortada vertendo sangue, o cabelo espigado e um sorriso bobalhão colado na cara.

— Muito obrigada por me deixar fazer o teste — disse Serena a Vanessa com doçura, ainda segurando a faca. Virou-se para ir embora.

— Te vejo depois — disse Dan, sentindo-se drogado.

— Eu moro em Brooklyn Heights, então agora vou pra casa a pé. Tchau — disse Marjorie, acenando ao atravessar a ponte.

Vanessa desviou os olhos da câmera.

— Recoloque o arnês — disse ela a Dan. — Anda não terminamos. Quero tentar filmar seu monólogo.

Dan se curvou e mais uma vez passou os braços pelas alças do arnês carregado de armas. A bainha de couro costurada à mão pendia vazia em sua alça. Ele girou e procurou no chão.

— Ei — disse ele. — Cadê a faca?

Mas a faca já seguia dentro de um táxi com certa loura tão acostumada a carregar facas caras, que não achou nada demais ficar com aquela.

vive la france... só que não

— Esto é pepper-roni?

Nate ergueu os olhos da fatia de pizza. Ele e os amigos passaram a tarde toda no parque, matando aula, ignorando os celulares e basicamente desperdiçando o dia porque era quarta-feira, e as quartas-feiras eram um porre.

Nate devia estar jantando com os pais, mas foi tão dominado por seu desejo de comer pizza que fez um desvio a caminho de casa.

Uma linda menina de cabelos pretos da L'Ecole, com uma saia de uniforme de flanela cinza mínima e botas pretas de salto alto até os joelhos, estava bem na frente dele na calçada.

— Esstá boa? — perguntou ela.

— Arrã — disse ele, com o chão entortando sob seus pés.

Pegou sol demais, meu sol?

— Eu verr você na pizzaria o tempo todo — disse a menina, abrindo os olhos verde-oliva grandes e maquiados. — Eu estarr vigiando você!

Nate riu. As meninas da L'Ecole eram famosas por fingir não falar inglês direito, e normalmente elas e os pais eram nascidos e criados nos Estados Unidos. Os pais achavam que suas filhas seriam mais desejáveis se fossem bilíngues. As meninas achavam que os garotos gostariam mais se elas se esquecessem totalmente do inglês e só falassem *franglês* na cama. A L'Ecole era a única escola da cidade que permitia que as alunas usassem salto alto, batom vermelho, sutiã push-up e mal abotoassem as blusas, coisas que começavam a fazer no sexto ano. Quando se tornavam veteranas, já eram adúlteras experientes. Quase todo garoto da turma de Nate na St. Jude's havia perdido a virgindade com uma menina da L'Ecole.

— Pizza é meu prato preferido — explicou Nate, mastigando.

Era meio que um alívio falar com uma menina que não exigia demais dele. Blair necessitava de tanta atenção. E Serena era tão... perigosa, e exigente à sua maneira. Era bom apenas conversar com uma menina tranquila de vez em quando.

Ele estendeu a fatia.

— Quer um pedaço?

Menos, garoto. Menos.

A apenas algumas quadras dali, Blair marchava pela Madison para casa, atropelando crianças pequenas, esbarrando em parquímetros e quase sujando as sapatilhas Chanel com cocô de pastor alemão enquanto verificava os voicemails, e-mails e torpedos do telefone. Ela mandou um e-mail e dois torpedos para Nate, além de ter deixado três recados de voz hoje, e ele ainda não tinha respondido a nada. Não que ela precisasse vê-lo agora. Seria distração demais. Em dez minutos teria de se encontrar com sua orientadora de teste de aptidão em casa. Depois tinha de estudar para a prova de francês avançado, seguido por um jantar mais tarde com a mãe e o namorado parvo dela. Depois tinha umas trinta páginas de inglês avançado para ler. E depois dormir, seguido por tênis de manhã cedo, antes de ir para a escola. Ela só queria confirmar a disponibilidade de Nate à noite de sexta. Eles iriam transar e ele passaria a noite na casa dela. Blair gostava de saber dos planos. Odiava quaisquer surpresas ou desvios. E eles sempre conversavam às quartas-feiras. Sendo assim, onde diabos ele estava?

Tão perto e ainda assim tão longe.

Nate deu outra dentada na pizza. A garota da L'Ecole tirou o elástico que prendia o rabo de cavalo e balançou a cabeça. O cabelo comprido quase negro caiu em cascata nos ombros e roçou nos seios empinados.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele.

— Nadège — disse ela, fazendo beicinho com os lábios fartos pintados de batom vermelho. — Maman e papa me deram o nome de ma grandmère Nadège. Ela era supermodelo supercool em France nos anos 1960. — Ela arqueou as sobrancelhas grossas e escuras de um jeito sexy e mexeu os ombros para que o decote branco parecesse estar se apresentando sozinho a Nate. — Nadège querr dizerr “Esperrança” en français.

Nate deu outra dentada na pizza, tentando reprimir uma crise de riso. Ele *esperava* que Nadège tirasse as roupas para ele, ali mesmo na calçada.

— Quer outro pedaço da minha pizza, Nadège? — ofereceu, apontando a fatia na direção dos lábios vermelhos e fartos da menina.

Blair recolocou o telefone no bolso do blazer de cashmere cinza. Nate estava com Serena, tinha certeza disso. Não havia outra explicação lógica. É claro que ele estava com ela. Sempre que Nate desaparecia, era por causa de Serena. Blair trincou os dentes. Nate não sabia com quem estava lidando. Serena era louca. E não tinha sentimentos por Nate. Só o que queria era tirar o que era de Blair por direito — seus amigos, seus namorados, seu lugar na Fashion Week, sua vaga em Yale, seu último par de botinhas de pele de cobra prata tamanho 37 na Christian Louboutin.

Blair esperava de todo coração que Nate ainda estivesse vivo. Afinal, ela o amava — mesmo que ele fosse um babaca por não ligar para ela. Mas se Serena estava beijando Nate agora mesmo ou torturando-o antes de golpeá-lo com um baby-lyss, Blair iria arrancar a cabeça de Serena, ferver em água salgada e servir com fritas na primeira oportunidade que tivesse.

O sinal estava vermelho para ela. Blair correu pela rua e um táxi teve de pisar fundo nos freios para não a atropelar. Ela olhou a avenida, vendo a pizzaria onde os alunos de várias escolas do bairro se reuniam. Mas é claro que ali estava Nate, dando mole para uma piranhuda da L'Ecole que Blair nunca vira.

Nate na verdade dava pizza na boca da garota, como se ela não pudesse comer sozinha. Conhecendo as meninas daquela escola, ela provavelmente nem falava inglês. Só falava a língua das putas, e com sotaque francês.

Blair devia ficar aliviada. Nate afinal não estava com Serena. Ele estava vivo e comia pizza. Mas pensar em Serena incitou a fúria dela e, de algum modo, ver Nate com uma francesa morena e bonita só serviu para colocar mais lenha.

Atravessando a Madison na esquina, Blair disparou para dentro da pizzaria pelas costas de Nate. Pediu uma fatia com tudo o que tinha, e enquanto o atendente estava ocupado com seus recipientes de anchovas, cebolas e azeitonas, ela pegou um cortador de pizza circular no balcão e o meteu na bolsa com o movimento habilidoso de “você nunca viu isso” de uma assassina experiente.

De volta à rua com a fatia fumegante de pizza superdecorada, Blair flagrou a menina da L'Ecole abraçando e beijando Nate no rosto sem parar, enquanto ele tentava se livrar e se despedir. Blair passou furtivamente para a lateral do prédio e esperou.

A francesa tinha muito apetite. Comeria metade da fatia dele e agora Nate ainda estava com fome. Ele voltou para pedir mais

enquanto Nadège entrava numa transversal, presumivelmente para o bordel onde morava.

Blair estava esperando por ela quando Nàdege virou a esquina.

— Como se atreve? — Ela fervilhava. A saia cinza e curta da menina mal cobria a calcinha.

— Excusez-moi? — A menina parou e olhou para Blair indagativamente. — Desculpe, meu inglês non é muito...

— Cascata — cuspiu Blair. — Sei que pode me entender muito bem. Seus pais devem ser de Long Island. Provavelmente nem mesmo falam francês.

A menina ficou parada ali, encarando Blair.

— Nova Jersey — confessou ela, sem sotaque nenhum. — Eu nasci em Mahwah. Meu nome verdadeiro é Nancy.

— Cala a boca! — gritou Blair. Ela balançou a fatia gordurosa de pizza na frente da cara da menina. — Comprei uma pizza para você — provocou. — Parecia que estava com muita fome, comendo a pizza do *meu namorado*. — Blair pegou a menina pela nuca e enfiou a fatia inteira em sua boca pintada de batom. — Toma, dá uma dentada.

A garota sufocou e cambaleou para trás, mas não antes de Blair cortar sua garganta com o fatiador de pizza.

Zing!

O sangue jorrou do pescoço, vermelho e grosso como molho de tomate.

Uh-la-lá!

Com um toque a mais, Blair cortou um rasgo na saia cinza do uniforme da menina.

Zing!

A garota vacilou nos saltos e caiu de costas numa pilha de caixas de pizza quebradas que tinham sido colocadas ali para a reciclagem.

Nate estava junto à vitrine da pizzeria, de frente para a transversal, enquanto sua segunda fatia com queijo extra estava no forno. A vidraça era demarcada com cromo brilhante e, no reflexo lançado pelas luzes da rua, pensou ter visto a namorada Blair usar um cortador de pizza no pescoço da Nadège francesa, de um lóbulo de orelha a outro. Depois abriu um talho em sua saia. Havia sangue para todo lado e Blair parecia gostar disso.

— Cara. — Nate apertou os olhos com a ponta dos dedos. Pareciam bem, mas com certeza tinha alguma coisa errada com a maconha do último baseado que fumou.— Cara! — exclamou ele de novo,

enquanto Nadège caía morta na calçada. Blair correu dali, jogando o cortador de pizza na lixeira da esquina. — Estou alucinando, porra! É a merda da maconha!

Nate cambaleou de lado, agitando os braços como louco. Um táxi parou e ele entrou.

— Rápido! — gritou depois de dar o endereço ao motorista. Talvez ele só estivesse ansioso com a possibilidade de Blair descobrir que ele a traiu. Talvez estivesse preocupado com sua ficada desta sexta à noite. Ou talvez seus globos oculares estivessem prestes a explodir por todo o táxi antes de ele sequer conseguir chegar em casa.

Coitadinho. Ele precisa de um banho quente e uma xícara de chá de camomila. E um ou dois abraços, quem sabe três.

uma bela fatia

Vanessa estava na traseira de um triciclo, filmando cenas de fundo para seu remake fodido de *Assassinos por natureza*. Instruiu o motorista gordo e barbudo a seguir lentamente pela sarjeta, assim a câmera não tremeria. Eles subiram a Madison, passaram pela Ralph Lauren, pela E.A.T., pela Agnès B, pela Crewcuts e pela Williams-Sonoma. Vanessa queria filmar os lugares esnobes onde as vítimas de Mickey e Mallory faziam compras antes de morrer.

Enquanto o táxi passava pela pizzaria, ela deu um zoom num corpo esparramado no alto de uma pilha de caixas de pizza. Perfeito. Dois abutres machos jovens mergulharam e se empoleiraram nos joelhos expostos do cadáver. Os abutres guincharam, pavonearam-se e lutaram pela melhor parte do banquete, batendo as asas pretas e marrons, ondulando os pescoços rudes e rosados com suas penas brancas, piscando os olhos de miçanga pretos. Os bicos afiados, em gancho, e cinza-amarelados eram pontuados por narinas cor-de-rosa, dando-lhes uma aparência quase humana.

— Espere aí — disse Vanessa ao condutor do triciclo. — Tenho de pegar isso.

Ela desceu do triciclo e se aproximou da cena de crime. Os abutres agora bicavam o chão, jogando a cabeça para trás ao engolirem os pedaços maiores. E não era pizza que estavam comendo.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Particpei de uma peça interescolar uma vez. Tive uma ótima fala: “Iceberg!” Adivinha em que peça eu estava e o que estava vestindo? A centésima pessoa que acertar ganhará um pôster dos irmãos Remi.

Mas chega de falar de mim.

A estreia de S como modelo!

Fique de tocaia este fim de semana para o novo pôster que decora os ônibus, os murais dentro do metrô e o teto dos táxis, e disponível *online* para ser todo seu. É uma foto grande de **S** — não do rosto dela, mas com o nome para você saber que é ela mesma. Uma determinada parte dela. Parabéns a **S** por sua estreia como modelo!

Flagra

B, **L** e **R** na **3 Guys** comendo fritas e bebendo chocolate quente com grandes sacolas gordas da **Bendel's** debaixo da mesa. Será que essas garotas não têm outro lugar para ir? E nós que pensávamos que elas estavam sempre saindo para beber e cair na farra. Que decepção. Mas eu vi **B** colocar uns goles de conhaque no chocolate. Garota safada, isso é mais a cara dela. Também vi a mesma menina de peruca indo à clínica de DST no centro. Se era **S**, ela definitivamente está com um caso dos brabos. Ah, e para o caso de você se perguntar por que *eu* frequento a vizinhança da clínica de DST — corto meu cabelo num salão muito bacana do outro lado da rua.

P:

cara gossip girl,
você é mulher mesmo? parece o tipinho que finge ser mulher e na verdade é um jornalista de 50 anos entediado sem nada melhor para fazer do que sacanear gente como eu. mané.
— jdwick

R:

Caríssimo Jdwick,
Sou a garota mais mulher que você já conheceu. E sou pré-universitária e pré-eleitora também. Como é que eu vou saber se *você* não é um professor de geometria amargurado de 50 anos cheio de pereba na cara atirando sua angústia para cima de meninas inocentes como eu — com um transferidor bem afiado e apavorante? Bom, meus ovóides são maiores do que os seus. E pronto.
— GG

P:

Cara GG,
Eu adoooooro tanto sua coluna que mostrei a meu pai, que amou total! Todo mundo quer saber o que rola nas escolas particulares por causa de todos os assassinatos e desaparecimentos. E você tem a história em primeira mão! Mas então, ele tem amigos que trabalham na *Observer* e na *New Yorker*. Não se surpreenda se sua coluna ficar muito, muito maior! Espero que você não se importe! Te adoro sempre!!!
— JNYHY

R:

Me importar?! De jeito nenhum. Estou prestes a me tornar grande. Eu serei imensa. Chega de papéis de merda de uma fala em peças interescolares. É provável que você me veja na lateral de um ônibus um dia desses. Se eu conseguir permanecer intacta. Está na hora de começar a ficar de olho nas costas, gente, e nas nossas cabeças. Vocês viram os abutres pairando pela

cidade.

Eu tomo conta de você se você tomar conta de mim.

Pra você que me ama,

gossip girl

maltratada no recreio

— Hmmm — disse Serena, olhando os biscoitos sobre uma mesa no refeitório da Constance. Manteiga de amendoim, pedaços de chocolate, aveia. Perto dos biscoitos estavam copos de plástico cheios de suco de laranja ou leite. Uma funcionária de cara raivosa e bigoduda controlava os biscoitos, distribuía dois a cada uma, batendo nos nós dos dedos das alunas com uma pinça de servir caso tentassem pegar mais. Era o recreio, o intervalo diário de vinte minutos que a Constance dava às meninas depois do segundo tempo, independentemente do ano em que estivessem.

Quando a funcionária do refeitório virou a cabeça, Serena pegou um punhado de biscoitos de manteiga de amendoim e se afastou correndo para se empanturrar. Não era exatamente um café da manhã saudável, mas teria de ser esse mesmo. Tinha ficado a noite toda acordada assistindo ao *Assassinos por natureza* original para se preparar melhor para o filme de Vanessa, e acordou cinco minutos antes do início das aulas.

Nem teve tempo para detonar alguém pelo caminho.

Vanessa estava do outro lado do refeitório, soprando uma xícara de chá preto, com a habitual blusa preta de gola alta e uma expressão entediada, furiosa. Serena lhe acenou com um biscoito e se aproximou para falar com ela.

— Oi — cumprimentou Serena alegremente. — Ai, meu Deus. Eu total levei sua faca ontem. Sou tão lerda com essas coisas. Roubo canetas, gloss, facas. Sou uma idiota. — Ela meneou a cabeleira loura para indicar como era distraída. — Vou devolver a você. Aliás, vi o filme original ontem à noite. Uma loucura... Amei! Mas o seu será ainda melhor. Quando vamos começar a rodar?

Meu Deus, que metida. Vanessa esperou um instante antes de responder, deixando que o vapor do chá abrisse os poros de seu queixo. Revirou-se na cama a noite toda, tentando decidir entre Serena e Marjorie. Evidentemente Serena era perfeita — perfeita demais. Vanessa nunca se esqueceria da expressão avoadada, pasmada e

apaixonada de Dan quando ele estava ensaiando com Serena. Ela não queria ver aquilo de novo e certamente não queria capturar isso no filme, a não ser que envolvesse também cortar a linda cabeça de Serena com uma serra elétrica no filme.

Mas este seria um filme diferente.

Vanessa bebericou o chá.

— Na verdade — respondeu numa voz calculada —, ainda não falei com a Marjorie, mas vou dar o papel a ela.

Serena deixou o biscoito que estava comendo cair no chão, estarrecida.

— Oh.

— É. — Vanessa procurou um motivo decente para usar Marjorie quando Serena era obviamente perfeita para o papel. — A Marjorie é bem crua e inocente. É o que estou procurando. Dan e eu achamos que seu desempenho foi meio... hmmm... perfeito demais.

— Oh — repetiu Serena. Mal conseguia acreditar. Até Dan a havia vetado? Mas ele foi tão *meigo*. Ela podia sentir a consternação borbulhando por dentro. Papel nenhum significava atividade extracurricular nenhuma, o que significava nenhuma faculdade, o que significava perdição. Se ela não tivesse deixado a faca em casa no velho estojo de violino, onde começava a guardar todas as suas armas, poderia usá-la em Vanessa agora mesmo.

Pare com isso, disse Serena a si mesma. *É a Blair que você quer matar, lembra-se?* Era Blair que estava ultrapassando a todos com um milhão de atividades extracurriculares. Blair que se candidatou antecipadamente a Yale, a que tinha Nate, a que agia como uma imbecil. Era Blair que estava estragando a vida de Serena.

— Desculpe — disse Vanessa, sentindo-se meio mal por meter Dan na história. Ele nem sabia da decisão que ela tomara. Mas soava mais profissional desse jeito; como se ela não tivesse nada de pessoal contra Serena, era estritamente profissional. — Mas você tem talento — acrescentou ela. — Vou filmar muita coisa de fundo. Talvez você possa fazer uma ponta, sabe como é, se por acaso eu te pegar no meio de alguma coisa muito louca.

— Tudo bem — respondeu Serena entre dentes. Se Vanessa realmente queria alguma coisa louca, ela daria *agora* — suas entranhas espalhadas pelo espelho do refeitório, talvez, com a cabeça das funcionárias enfileiradas no piso abaixo.

— Não fique desanimada — continuou Vanessa. — E não se

esqueça da faca. Preciso devolver essa merda.

Ao som da palavra *faca*, os músculos de Serena se retesaram. Sua raiva aumentou, avançou e se debateu em sua mente. Nenhuma faculdade meio decente ia querê-la agora. Seus pais ficariam tão decepcionados. Que droga, ela precisava esfaquear alguém. Agora só conseguia pensar nisso. *Esfaquear, esfaquear, esfaquear*. Ela mordeu um biscoito e mastigou, com força. *Droga, droga, droga*.

Vanessa se virou para chamar Marjorie e lhe dar as boas-novas. Pelo menos Marjorie morava no Brooklyn. Vanessa podia avisar que ficasse em casa quando ela finalmente tivesse coragem e munição suficientes para explodir a Constance com todas as vacas pomposas ladras de facas como Serena ainda trancadas lá dentro.

Ela teria de mudar o filme todo, agora que Marjorie era a estrela. Teria de ser uma comédia. Ou talvez ela enrolasse, usando mais imagens de fundo e menos atuação. Já havia conseguido aquela cena ótima da pizzaria. Pelo menos se safou de fazer *Amor sem fim na ponte ao anoitecer*, estrelando a bela Serena van der Woodsen e o abobado Daniel Humphrey. Blargh.

Serena ficou no canto do refeitório, esfarelando os biscoitos restantes na mão enquanto tentava se acalmar. *Sweeney Todd* era uma imbecilidade total e ela era perfeita demais para *Assassinos por natureza*. O que mais podia fazer? Serena roía a unha do polegar, imersa em pensamentos. Matar Vanessa e Dan não a levaria a lugar nenhum. Ela podia matar Marjorie, mas isso seria pouco esportivo. Teria de deixar essa passar.

Talvez pudesse fazer o próprio filme. Quando eram mais jovens, Blair e Serena sempre falavam de fazer filmes. Blair sempre ia ser a estrela, usando minissaias descoladas e gritando a pleno pulmões como Mia Farrow em *O bebê de Rosemary* ou Janet Leigh, em *Psicose*. E Serena sempre queria dirigir. Ela usaria calças de linho largonas, gritaria num megafone e se sentaria numa cadeira com a letra “S”.

Talvez ela tivesse entendido tudo errado. Talvez Blair não precisasse morrer, afinal. Como era mesmo aquela expressão — algo sobre transformar limões numa limonada? Talvez esta fosse a chance de fazer algo juntas e reatar a amizade. Ela era Serena van der Woodsen, e limonada combinava muito bem com gelo e gim.

— Blair — Serena quase gritou quando viu Blair na mesa do leite. Correu até lá, animada. — Preciso de sua ajuda — disse Serena, apertando o braço de Blair.

Blair enrijeceu o corpo até Serena largá-la.

— Desculpe. — Serena deixou a mão cair. — Mas tive uma grande ideia, o máximo! Quero fazer um filme, mas não sei trabalhar com as câmeras e essas coisas, mas você sabe, porque faz cinema. Lembra-se de como a gente sempre quis fazer filmes juntas? Bom, essa é a nossa chance! Vou dirigir e você pode ser a estrela!

Blair olhou de lado para Rain e Laura, que bebericavam seu leite. Sorriu para Serena e balançou a cabeça.

— Desculpe, mas não posso. Estou cheia de atividades todo dia depois da escola. Não tenho tempo.

— Ah, vamos, Blair — suplicou Serena, pegando a mão da velha amiga. — Lembra, você pode ser Janet Leigh. E eu serei... Oliver Stone!

Blair retirou a mão e cruzou os braços para que Serena não a tocasse mais.

— Vou fazer todo o trabalho — acrescentou Serena desesperadamente. — Só o que você tem de fazer é me mostrar como usar a câmera e a iluminação, essas coisas. E a gente pode fazer compras e escolher o figurino mais legal. Podemos ir à Chanel...

— Não posso — interrompeu Blair. — Desculpe.

Serena não ficaria mais magoada se Blair tivesse cravado uma faca serrilhada em seu peito para depois apunhalar seu fígado. Cerrou os lábios para impedir que tremessem. Seus olhos pareciam aumentar cada vez mais e seu rosto estava ficando manchado.

Blair tinha visto esta transformação em Serena muitas vezes quando eram crianças. Serena estava prestes a dar um ataque de birra. Uma vez, quando as duas tinham oito anos, elas andaram cinco quilômetros da casa de campo de Serena até a cidade de Ridgefield para comprar sorvete de casquinha. Serena saiu da sorveteria com sua casquinha tripla de morango com flocos de chocolate e se abaixou para acariciar um cachorro amarrado à entrada. As três bolas de sorvete caíram no chão. Os olhos de Serena ficaram imensos e seu rosto parecia ter sarampo. Serena recolheu pedras para jogar no cachorrinho e na vitrine quando o bondoso sorveteiro saiu com uma nova casquinha e tudo ficou melhor.

Ver Serena à beira de um ataque mais uma vez tocou alguma coisa no fundo de Blair, como um reflexo involuntário. Talvez ela quisesse

se proteger. Talvez quisesse proteger as amigas — as poucas que ainda estavam vivas. Talvez ela quisesse proteger a escola, aonde ia todo dia desde que tinha cinco anos.

— Quer sair sexta-feira? — perguntou a Serena num tom neutro. — Vamos beber lá pelas oito no Tribeca Star?

Serena inspirou profundamente e engoliu a raiva.

— Como nos velhos tempos? — perguntou com a voz trêmula.

— Isso — Blair a tranquilizou. — Exatamente.

Ela fez uma anotação em seu Google Calendar mental para dizer a Nate para só encontrá-la mais tarde, agora que Serena iria. O novo plano de Blair era virar uns drinques calmantes e altamente alcoólicos com Serena no Tribeca Star, sair cedo, ir para casa, encher o quarto de velas, tomar um banho e esperar por Nate. E depois eles transariam a noite toda ao som da estranha música havaiana que ela havia carregado no iPod na noite anterior. Ela queria que a sexta à noite fosse especial e diferente. Como se ela e Nate estivessem na praia em Kauai, com nada além das ondas e de seus corpos nus e quentes, a milhares de quilômetros das francesas piranhudas ou aberrações que roubavam namorados.

— Legal — concordou Serena. Ela fungou e enxugou o nariz na manga do cardigã Max Mara cor de camelo que roubara da mãe. — Mal posso esperar pela sexta-feira.

A sineta tocou e as meninas tomaram caminhos separados para a sala de aula; Blair e Rain para a aula da tarde de realização acadêmica avançada, e Serena para a aula chata de artesanato americano.

No caminho, Serena meteu a cabeça pela porta do laboratório de fotografia para ver se podia roubar algum equipamento para o filme que ela não tinha nenhuma ideia de como realizar, em especial sem a ajuda de Blair. Meu Deus, Blair era má. Serena ainda não se sentia totalmente calma. Na realidade, ainda estava tremendo um pouco.

Estava escuro no laboratório. Anna Quintana passava uma película não revelada em uma cuba cheia de fixador claro e potente, usando uma pinça preta de plástico. O cabelo louro-escuro estava metido num boné de softball azul-marinho da Constance Billard e as pernas musculosas ondulavam numa calça de ginástica de lycra prata. Ela virou a cabeça de repente e olhou furiosamente para Serena.

— Só para sua informação — rosnou Anna —, Isabel me mandou um torpedo. Pouco antes de ela e Kati desaparecerem, entendeu? — Ela agitou a pinça no ar. — Estávamos nos falando porque ela precisava acrescentar mais um esporte em seu currículo e queria

experimentar o futebol. Disse que tinha acabado de ver você, que você e Nate tinham transado. Ele estava, tipo, no banho, o que é um nojo.

Ela passou a foto no fixador.

— Quero dizer, a primeira coisa que pensei foi, o que será que a Blair vai pensar? E aposto que você ameaçou Kati e Is. Aposto que você, tipo, matou as duas, segundos depois de ela me mandar o torpedão.

Anna ergueu a foto do fixador e a prendeu com um pregador em uma corda no alto para secar. Fixou os olhos verdes em Serena e acrescentou num tom acusativo:

— Você... não é uma boa pessoa.

Serena abriu para Anna seu famoso sorriso luminoso. Queria matar alguém no recreio. Agora tinha sua chance.

— Eu meio que estou de mau humor — avisou. — Talvez seja melhor ser mais gentil comigo.

As sobrancelhas louras de Anna se ergueram em alarme.

— Isso é uma ameaça?

Serena deu de ombros.

— Não. — Andou calmamente pela sala escura, derrubou o boné de Anna e agarrou as mechas louras e ásperas do cabelo da menina. — Isto é mais do que uma ameaça.

Anna tentou pisar no pé de Serena com as chuteiras.

— Ai. Ai. Ai. Socorro! Para com isso. Ai! Socorro! Ai!!

Serena enfiou a cabeça de Anna no balde de fixador.

— Se não tem nada de gentil para dizer, não diga nada.

Os pés de Anna se debatiam. Um vômito de biscoitos de chocolate saía de sua boca enquanto ela se afogava. O ar foi preenchido pelo cheiro de formaldeído do fixador misturado ao fedor de açúcar queimado e chocolate apodrecido.

Os pés com chuteiras de Anna se debateram até que, enfim, ela estava morta.

Serena lavou as mãos com cuidado na pia do quarto escuro e examinou as câmeras de vídeo agrupadas numa prateleira. As câmeras eram complicadas e a intimidavam. Mesmo que ela roubasse uma, não saberia usar. Além disso, ela e Blair iriam tomar uns drinques no dia seguinte à noite com Nate e o restante da turma. Talvez conseguisse convencer Blair a fazer filme com ela depois de algumas bebidas. E se Blair *ainda* não quisesse, ela poderia dar aquele ataque, afinal. Não ia desistir tão fácil.

A foto dela não estava na lateral de um ônibus à toa.

sonho romântico e enfumaçado de uma moradora do west side

Vanessa matou os primeiros cinco minutos da aula de cálculo no quarto escuro, filmando o cadáver afogado e ensopado de vômito e fixador de Anna Quintana antes que alguém limpasse tudo. Tinha entrado lá para pegar um novo filtro de lente e ficou agradavelmente surpresa ao descobrir outra ótima cena de fundo para seu filme.

Satisfeita, ela saiu da escola e tentou ligar para Dan. Sabia que ele tinha o quarto tempo livre para estudar às quintas-feiras e provavelmente estava fora da sala, escrevendo haikais suicidas enquanto se asfixiava com nicotina. Ela andou de um lado a outro da 93, esperando que ele se aventurasse para fora de seu voto de silêncio maníaco-depressivo e atendesse à merda do telefone.

Os garotos do primeiro grau jogavam queimado no pátio da Riverside Prep School, então Dan se exilou num banco de parque no canteiro central no meio da Broadway. Tinha acabado de abrir uma nova coletânea de haikais de Bashô, Buson e Issa, os quais estava lendo no original em japonês, só para se torturar. Dan nem mesmo entendia japonês. Teve de usar um dicionário de bolso para decifrar cada verso. Era impossível, mas ele se sentia muito hardcore. As pessoas passavam apressadas num borrão, enquanto ele, Dan, limitava-se a ficar sentado ali no banco do canteiro central, envenenando seu corpo com cafeína e nicotina, morrendo aos poucos, com um livro de símbolos indecifráveis. Havia certa calma nele. Certa beleza.

Visitantes o dia todo

No meio

A tranquilidade da peônia.

Ninguém dava a mínima para ele. Nem percebiam que ele hoje estava diferente. Não notavam as olheiras mais pronunciadas do que o

de costume. Que suas bochechas pálidas estavam mais encovadas. Eles não sabiam que Dan estava *apaixonado*.

Tinha ficado acordado a noite toda, pensando em Serena. Iam estrelar um filme juntos. Iam até se beijar. Era bom demais para ser verdade.

Coitadinho, ele tinha esse direito.

Dan percebeu que o celular tocava.

— Konnichiwa — atendeu ele em japonês, com um ânimo pouco característico.

— Já não era sem tempo — vociferou Vanessa. — Pensei que você estivesse morto.

— Ainda não — brincou Dan. Era divertido fazer piada.

— Olha, eu devia estar na aula de matemática, então tenho de falar rapidinho. Só queria que você soubesse que eu disse a Marjorie que o papel é dela.

— Você quer dizer Serena — contestou Dan, batendo as cinzas e dando outra tragada no cigarro.

— Não, quis dizer Marjorie.

Dan expirou e apertou o aparelho ao ouvido.

— Peraí. Do que é que você está falando? A Marjorie, do cabelo ruivo e do chiclete?

— É, ela mesma. Não estou confundindo os nomes — disse Vanessa pacientemente.

— Mas a Marjorie foi uma porcaria, não pode usar essa garota!

— É, bom, eu meio que prefiro aquela porcaria. É, tipo, meio cheia de arestas. Acho que vai ficar mais cortante, entendeu? Tipo assim, inesperado — disse Vanessa.

— Ah, definitivamente não — zombou Dan. — Olha, você está cometendo um tremendo erro. A Serena... Não sei por que você não a quer. Ela foi incrível. Não é por causa da faca, é? Sei que ela vai devolver.

— Ela não a levou para a escola hoje. — Vanessa se irritou. — De qualquer modo, o filme é meu, a decisão é minha e escolhi Marjorie. — Vanessa realmente não queria ouvir que Serena tinha sido incrível. — E, além disso, andei ouvindo todas aquelas histórias sobre Serena. Não acho que ela seja assim tão confiável.

Vanessa tinha plena certeza de que tudo o que ouvira era completamente falso, mas não ia se dar ao trabalho de mencionar isso a Dan.

— Como assim? — disse Dan. — Que histórias?

— Tipo ela fabricar a própria droga chamada S e ela ter uma doença venérea das brabas — retrucou Vanessa. — E ela pode ter matado um garoto no internato. Não quero lidar com isso.

— Onde foi que você ouviu essas coisas? — quis saber Dan.

— Tenho minhas fontes — insistiu Vanessa vagamente.

Um ônibus roncou na Madison, indo para os Cloisters. Na lateral, havia uma imensa foto de um umbigo. Ou era uma ferida de tiro? Rabiscado em uma letra azul feminina ao lado do pôster estava o nome “Serena”.

Vanessa ficou olhando o ônibus passar. Será que estava ficando maluca? Ou Serena realmente estava em toda parte? Cada pedaço dela?

— Só não acho que ela seja certa para nós — insistiu Vanessa, esperando que Dan mudasse de ideia se ela usasse a palavra *nós*. O filme era *deles*, e não só dela. — Além do mais — disse Vanessa, lembrando-se da filmagem da menina da L’Ecole, esparramada nas caixas de pizza, e do corpo que acabara de descobrir no quarto escuro. — Arrumei umas coisas incríveis para fazer o fundo do filme. Estou começando a achar que não preciso de atores. Será praticamente um documentário.

— Tá legal — disse Dan friamente. As palavras do haikai colérico de a vida-é-uma-merda de Bashô que ele acabara de traduzir lhe vieram à cabeça:

*Pulgas, piolho,
Um cavalo urinando
Perto do meu travesseiro.*

— E aí, vai comigo e com a Ruby ao Brooklyn amanhã à noite? — perguntou Vanessa, ansiosa para mudar de assunto.

— Não. — Dan desligou e jogou o celular com raiva na bolsa preta de carteiro.

Naquela manhã, Jenny tinha entrado cambaleando no quarto dele, os olhos injetados e as mãos cobertas de tinta vermelha, e largou no chão, ao lado da cama de Dan, um convite para aquela festa idiota das aves de rapina. Ele realmente ousou pensar que, como ia coestrelar o filme com Serena, podia *levá-la* à porcaria da festa como sua acompanhante. Agora aquele sonhinho tinha ido pro inferno.

Dan não conseguia acreditar. A única chance de ele conhecer Serena acabara porque Vanessa queria exercitar sua licença artística para fazer o pior filme de todos os tempos. Era inacreditável. Mais inacreditável ainda era que Vanessa, rainha da cena alternativa rebelde, dava-se ao trabalho de espalhar boatos sobre uma garota que ela mal conhecia. Talvez a Constance finalmente estivesse acabando com ela.

Ah, deixa de ser desmancha-prazeres. Fofoca é *sexy*. Fofoca é bom. Nem todo mundo faz, mas devia!

Dan voltou para a escola pela Broadway. Chuck Bass estava na frente das portas do prédio com Jeffrey Prescott e Roger Paine, fumando Marlboro.

— Espera só até eu levar a garota para minha suíte — estava dizendo Chuck. — Ela pode me retalhar e me humilhar do jeito que quiser.

Dan parou para espiar, fingindo verificar as mensagens no telefone.

— Acha que Serena pode mesmo matar alguém? — disse Jeffrey. — Tipo com as mãos nuas?

— As mãos nuas. Com tudo nu! — Chuck cacarejou.

— Merda. — Roger meneou a cabeça. — Acha que é ela que está dando sumiço em todas aquelas garotas da Constance?

Chuck deu de ombros.

— As meninas que sumiram eram todas feias, então não estou comovido.

— A sobrevivência do mais apto! — gritou Jeffrey, batendo a palma na de Chuck.

Dan acendeu outro cigarro e então o jogou fora sem fumar. Sentia-se meio nauseado. Não porque acreditasse no que Chuck e os amigos estavam dizendo, mas porque, pela primeira vez na vida, ele verdadeiramente tinha raiva suficiente para matar alguém além de si mesmo. Raiva suficiente para provar o gosto do sangue suculento e acobreado de Chuck enquanto ele jorrasse dos cotos da língua decepada e dos pés amputados com aqueles sapatos de couro de porco.

Ou talvez fosse só um resíduo do café instantâneo, grudado em seus molares.

Um ônibus parou no sinal bem na frente da escola. Primeiro Dan percebeu o nome de Serena. Estava garatujado em azul, numa caligrafia de menina num pôster gigante em preto e branco do que parecia um botão de rosa. Era bonito.

Ele voltou a atenção ao Chuck.

*Ah, rosas tão vermelhas
Meu sangue não é azul.
Você fodeu comigo e eu vou acabar com tu.*

pequena j, pequena j, corra por sua vida

Jenny era um zumbi na quinta-feira por ter perdido toda uma noite de sono, mas ainda estava viva, o que ultimamente era motivo de orgulho. Conseguira terminar os convites da *Beije-me ou Morra* — escritos a mão, com um pingo de tinta vermelho-sangue perfeito em formato de coração em cada um deles — e agora ela e Dan tinham convites só deles. Os demais convites estavam embrulhados num saco plástico da Gristedes na mochila de Jenny, prontos para ser entregues a Blair Waldorf assim que Jenny a visse.

Já era hora do almoço e Jenny estava faminta. Na noite anterior, num raro frenesi de fome, o porco do irmão devorara toda a carne moída crua. A única carne que restava era uma lata de Fancy Feast de cheiro horrível do gato Marx, mas Marx a devorou no instante em que Jenny a serviu numa tigela.

Recusando os sanduíches de queijo e o iogurte Danone, Jenny arrebanhou duas salsichas cruas e três sushis de atum cru das funcionárias do refeitório da Constance, depois parou no balcão de saladas para empilhar uns ovos cozidos. Carregou seu banquete para o canto mais distante do refeitório, procurando uma mesa tranquila onde pudesse fazer o dever de casa, que havia deixado de lado na noite anterior.

Tendo apenas sua mochila como companhia, ela começou a puxar tiras do atum cru de seu envoltório de arroz frio com algas, enrolando-os em pedaços de salsicha crua antes de enfiar a coisa toda na boca. Ao mastigar, percebeu como o silêncio no refeitório estava sinistro.

A cada dia parecia ficar mais e mais silencioso. Algumas das meninas mais barulhentas estavam mortas ou desaparecidas. Alguns pais mantinham suas filhas em casa, por segurança. Em menos de uma semana o barulho dentro do refeitório foi da histeria ruidosa, passando pelos cochichos repletos de informações, e acabou por cair num silêncio completo e pétreo.

Era de arrepiar. Mas pelo menos assim Jenny podia arrumar uma boa mesa.

Ela bateu um ovo cozido na bandeja e começou a descascá-lo, espalhando as cascas quebradas e brancas pelo prato e por todo o uniforme azul-marinho. O ovo não estava bem cozido e ela rapidamente chupou a gema amarela, extasiada com o gosto quase cru da gosma mole e sulfúrica.

Uma corrente de ar frio atravessou pelo refeitório. Arrepios tomaram os braços e pernas dela. Será que alguém deixou uma janela aberta?

Jenny tremeu e olhou para trás, sufocando ao ver Serena van der Woodsen saindo da fila do almoço e indo diretamente até ela. Será que Serena realmente ia se sentar com ela, ao vivo e *em pessoa*?

Mais especificamente: Jenny ficaria viva para contar a história?

Jenny baixou o ovo destrozado e tentou compor a cara em uma expressão semicool. Inspire fundo, expire fundo.

— Oi. — Serena sorriu radiante para Jenny e baixou a bandeja. — Você é a garota do banheiro. — *Tem sorte por estar viva*, ela quase acrescentou, mas não queria parecer má.

Meu Deus, como Serena era bonita. Os cabelos eram de um dourado claro que algumas garotas da Constance tentavam atingir gastando quatro horas no cabeleireiro. Mas o de Serena era natural. Ou talvez ela fosse alguma albina.

— Com fome? — perguntou Serena, apontando para a bandeja bagunçada de Jenny.

Jenny assentiu, sem fala na presença de tal grandeza.

— Não posso comer nada antes do jantar. — Serena suspirou, pousando a linda cabeça nos braços. — Comi seis biscoitos hoje de manhã. Sou uma porca.

Jenny futucou as salsichas. Nem acreditava que pegara duas. Serena devia pensar que ela era uma espécie de glutona. E ela nem acreditava que as duas estavam conversando. Como amigas. Só zoando por ali.

— Oh! — exclamou Jenny, lembrando-se dos convites. Pegou o saco da Gristedes na mochila. — Acabei de fazer os convites para a festona que vai ter na semana que vem, que todo mundo vai — disse Jenny, ansiosa para impressionar.

Serena ergueu a cabeça.

— Que festa?

Jenny abriu a sacola da Gristedes e separou a pilha de envelopes grossos na cor creme.

— Você sabe, aquela que Blair Waldorf está organizando? — Ela

pegou um envelope com o nome de Serena escrito numa caligrafia dourada elegante. O coração de tinta vermelha naquele convite havia sido particularmente bem realizado. Ela entregou o envelope a Serena. — A lista de convidados que Blair me deu ainda tinha o endereço do seu internato. Eu ia colocar no seu armário ou coisa assim — disse Jenny, corando. — Mas já que você está aqui...

Serena franziu o cenho para o envelope em sua mão.

— Obrigada.

Você parece uma maníaca, Jenny se repreendeu. *Colocar no armário dela? Não tinha de dizer isso!*

Serena abriu o envelope e leu o convite, os olhos escuros, a testa franzida.

Ai, meu Deus. Ela acha que está feio! Jenny entrou em pânico, ao mesmo tempo que criava notas mentais para agir como uma garota misteriosa, equilibrada e descolada, do mesmo jeito que Serena estava agindo naquele exato momento.

Se ao menos ela pudesse ouvir os pensamentos furiosos de Serena, zangada com Blair. *Ela não queria que eu fosse à festa. Nem me falou que tinha uma festa. Mas que egoísmo. Que maldade. Ela merece totalmente morrer.*

— Ginny? O que está fazendo?

Jenny e Serena viraram-se para olhar. Blair estava a poucos passos, com aquela expressão astuta de raposa e um olhar furioso.

— Ginny, posso falar com você um minuto em particular? — chamou Blair. — Podemos ir ao quarto escuro.

Serena agarrou o braço de Jenny protetoramente.

— Não vá a lugar nenhum com ela — cochichou. — Fique aqui mesmo.

— Ginny? — entoou Blair com raiva. — Estou falando com você.

Era apavorante desobedecer Blair Waldorf, mas Jenny deu ouvidos a Serena e ficou paralisada em sua cadeira. Estendeu a sacola da Gristedes.

— Fiz os convites — disse ela a Blair. — Está vendo? Estão todos prontos. — Ela apontou para Serena. — Acho que ficaram ótimos.

Blair se aproximou e arrebanhou a sacola fina.

— Espero que não tenha saído entregando para qualquer um — vociferou.

Jenny ficou vermelha. O refeitório estava ainda mais silencioso do

que antes.

Serena se perguntou o que aconteceria se pegasse o garfo de Jenny e apunhalasse Blair no pescoço. Provavelmente não a mataria. Ela podia jogar a garota por uma janela depois, mas isso talvez não a matasse também.

— Serena estava na lista — disse Jenny na defensiva.

Blair abriu um sorriso forçado. Era o que podia fazer para não enfiar o saco plástico Gristedes em volta do rostinho petulante de Jenny e asfixiá-la, mas assim os convites da festa ficariam amassados e não serviriam mais.

— Jenny corrigiu meu endereço — disse Serena com frieza.

— Estou vendo — respondeu Blair.

— Parece uma ótima festa. — Serena tinha um tom falso.

— É por uma boa causa — respondeu Blair num tom igualmente falso. Ela fuzilou a baixinha Ginny, que parecia tão emocionada por estar no meio da conversa das duas. *Se eu tivesse uma lança, pensou Blair. Uma lança comprida e afiada. Eu podia cravar a coisa bem na caixa torácica de Ginny e depois na de Serena também. Cravando na parede, onde deixaria as duas penduradas, como bandeiras de alerta: não se meta com Blair Waldorf, ou vai ficar cravada numa lança, pendurada na parede.*

— Acho melhor eu comprar um vestido novo — observou Serena, levantando-se. Ela era mais alta do que Blair e estava de botas. Provavelmente podia matar Blair com aquelas mesmas botas se pisoteasse por tempo suficiente.

— Eu também! — Jenny bateu palmas. A vida era cheia de milagres. Desde que continuasse viva, só ficava cada vez melhor. Ela sorriu ansiosa para Serena. — Blair deixou que eu fizesse um convite para mim.

— Que sorte a sua — disse Serena, pegando o garfo de Jenny.

— Muita sorte mesmo — concordou Blair, enfiando os convites na bolsa vermelha Longchamp. Queria estrangular a pequena Ginny no quarto escuro para pagar por sua interferência, mas os convites tinham de ser selados e enviados, e ela estava ficando sem tempo. Blair ergueu para Serena uma sobrelhaça perfeitamente pinçada e tentou sorrir.

— A gente se vê amanhã à noite?

Serena cravou o garfo numa das salsichas de Jenny e também tentou abrir um sorriso.

— Mal posso esperar.

Uma tensão daquelas apelava a algo mais afiado do que um garfo.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

S e B: pegando fogo na hidro!

Essa veio de uma fonte anônima: aparentemente, quando ainda eram inseparáveis, **S** e **B** passavam muito tempo juntas numa hidromassagem. Não estou falando do barril de madeira com água quente que Olga e Jorgen têm nos fundos de seu chalé na Suécia. Estou falando da notoriamente grande e pretensiosa hidro de mármore da suíte de **C** no Tribeca Star. Entre ensaboadas, **S** e **B** eram famosas por se espancar nuas com varas de salgueiro verde. Duas bobalhonas de porre praticando um tratamento de spa do Leste Europeu, ou uma expressão de seus verdadeiros sentimentos? Talvez elas se odeiem há muito tempo!

Lady Gaga, S e eu

No caso de você não ter visto o pôster colado em todos os ônibus, táxis e metrô na cidade toda, a foto original de **S** ainda pode ser vista na Whitehot Gallery no Chelsea, entre retratos de outras estrelas em cena, inclusive eu. Pode apostar seu traseiro, meu bem! Os irmãos Remi conhecem um bom quando encontram. E agora você pode ver também. *Piscadela*. Um ícone reconhece outro quando vê e vou te contar, tal qual Warhol antes deles, os Remi são ícones em formação. Só o que precisam fazer agora é morrer jovens, o que não é um desafio tão grande ultimamente.

Seu e-mail

P:

Cara Gossip Girl

Não vou te dizer quem sou, mas também estou na exposição dos irmãos Remi. Realmente adoro o trabalho deles, e adoro a foto que eles tiraram de mim, mas de jeito nenhum eu deixaria que eles a colocassem num ônibus. Se quer saber, acho que *S* está pedindo.

— Anônima

R:

Cara Anônima

É legal ser modesta, mas pessoalmente, se você quisesse colocar qualquer pedacinho de mim na lateral de um ônibus, eu deixaria. Ninguém conhece você se ninguém conhecer você.

— GG

Flagra

A pequena *J* comprando dez quilos de carne moída na Gristedes. Abastecendo para a grande noite, *J?* *N* grudado com *C* num bar da Quinta Avenida. Imagina que *N* quer grudar o olho em *C* para que *C* não dê com a língua nos dentes, hein? *V* filmando ratos no metrô. Sem comentários. E *B* comprando montes de velas e tinta corporal na **Ricky's** da 78 com a Lex para sua grande noite com *N*. Tinta corporal? Sem comentários.

Por hoje é só. Vejo vocês no brunch com os pais no domingo.

Pra você que me ama,

gossip girl

sexta-feira treze: o confronto final

O Star Lounge do Tribeca Star Hotel era grande e sofisticado, cheio de poltronas confortáveis, sofás e banquetas circulares de veludo preto para que os hóspedes se sentissem em sua festinha particular em cada mesa. As paredes eram pintadas de roxo-escuro, salpicadas com as cinzas do grande vulcão islandês, o que conferia ao lugar uma atmosfera sinistra e celestial. Tapetes de panda tinham sido jogados aleatoriamente no chão. Velas pretas bruxuleavam nas mesas baixas laqueadas de preto. Um famoso DJ tocava com máscara de hóquei a trilha de antigos filmes como *Rock Horror Picture Show* e *O exorcista*, entremeada com música de cítara e chill dance. Eram só oito horas, mas o Star Lounge era o bar do momento e já estava apinhado de gente, vestida na moda e bebericando os mais recentes coquetéis.

Blair não estava nem aí para a hora, para o que vestia nem para o que beberia — só precisava de um drinque.

A idiota cretina da garçonete a ignorava porque Blair estava usando seus jeans Hudson surrados e desbotados e um suéter preto comum. Logo, porém, ela estaria nua, recebendo Nate à porta, com o corpo coberto de tinta.

O sexo era uma grande ocasião e Blair decidira se enfeitar com tinta corporal, com setas coloridas e sugestivas e sinalização que levavam aos lugares certos, como uma pintura de Keith Haring. Nate ia adorar. A cara de Blair ficava quente só de pensar nisso! Ela olhou o salão, constrangida. Sentia-se uma otária sentada ali sozinha, sem nem menos uma bebida. Onde estava Serena afinal? Blair não tinha a droga da noite toda para esperar. Ainda precisava ajeitar o cabelo e escolher as taças de vinho certas.

Se Serena não aparecer em cinco minutos, vou enfiar essa vela preta acesa pela narina esquerda da grossa da garçonete, depois vou dar o fora daqui, disse a si mesma, amuada.

— Ohhhh, olhe só para *ela* — Blair ouviu uma mulher cochichar à amiga. — Não é uma coisa?

Blair se virou para olhar. É claro que era Serena.

Estava com botas de camurça azul até os joelhos e um minivestido Pucci estampado com espirais de azul néon, laranja cone de trânsito e verde-limão. O vestido tinha mangas compridas, gola alta e um cinto com contas de cristal. Em uma ode a Vidal Sassoon, Serena prendera o cabelo em um rabo de cavalo alto e parte dele balançava-se em seu queixo perfeito como um símbolo da Nike louro e oblíquo. A sombra azul-clara destacava o azul lago de seus olhos e o lábios sorridentes tinham um tom cor-de-rosa cremoso. Ela acenou para Blair do outro lado da sala, abrindo caminho pela multidão. Blair viu as cabeças se virando enquanto ela passava e seu estômago revirou. Espere só até ela estrangular a todos com o cinto do vestido brega de Serena.

— Oi — disse Serena, atirando-se num sofá de veludo preto ao lado da poltrona de Blair.

Imediatamente, a garçonete apareceu.

— Missy — cumprimentou Serena com um beijo caloroso.

— Oi! — exclamou Missy, deliciada por Serena se lembrar de seu nome. — Minha irmã disse que te viu uns dias atrás numa festa em que ela trabalhou no Chelsea. Disse que você está na foto em todos aqueles ônibus. É verdade?

Blair revirou os olhos, enojada. Só queria a porra da bebida.

— Sou eu. Que loucura, né?

— Você é tão radical! — guinchou Missy. Ela olhou para Blair, que a fuzilava com os olhos. — E o que vocês vão querer?

— Black Russian — disse Blair, olhando-a bem nos olhos, desafiando-a a pedir sua identidade.

Mas Missy perderia seu emprego se discutisse com Serena van der Woodsen por ela ser menor.

Os hotéis são o paraíso dos pagãos. E é por isso que gostamos tanto deles.

— E para você, bonitinha? — perguntou Missy a Serena.

— Ah, vou tomar um Dark and Stormy — disse Serena. — Com limões extras.

Missy se afastou às pressas para pegar os drinques, ansiosa para contar ao barman que a garota da foto dos irmãos Remi que se encontravam por toda a cidade estava sentada no bar, e elas eram amigas!

— Desculpe o atraso — disse Serena a Blair, olhando em volta. —

Achei que todo mundo iria estar aqui com você.

Blair deu de ombros.

— Achei que a gente pudesse ficar um tempo a sós. A galera só vem mais tarde.

— Tudo bem — disse Serena. Conversar a sós era um bom começo. Ela ajustou o vestido e procurou o maço de cigarros Gauloises — eram da França — na bolsinha vermelha. Pegou um e enfiou na boca. — Quer um? — ofereceu a Blair.

Blair balançou a cabeça em negativa.

— É proibido fumar nos restaurantes neste país, sabia? — Ela revirou os olhos. Serena era pior do que as garotas da L'Ecole.

— Ah, não ligo. — Serena riu. Estava prestes a acender com um fósforo quando o barman apareceu com um isqueiro.

— Obrigada — disse ela, dando uma tragada. O barman piscou para ela e voltou rapidamente ao bar. Blair teve vontade de pegar o isqueiro dele, despejar vodca no chão e atear fogo no lugar todo, mas, antes que pudesse se mexer, Missy trouxe as bebidas.

— Aos velhos tempos — disse Serena, batendo o copo no de Blair e bebendo um longo gole. Recostou-se no sofá e suspirou de prazer. — Você não adora hotéis? — disse ela. — São tão cheios de segredos.

Blair ergueu as sobrancelhas para Serena numa resposta silenciosa, certa de que Serena estava prestes a contar todas as maluquices que aconteceram nos hotéis quando ela estava na Europa no último verão. Todos os homens com quem ela transou e depois decapitou ou escalpelou. Tanto faz. Como se Blair se importasse.

— Quero dizer, você não fica pensando no que as pessoas fazem nos quartos? Tipo assim, elas podem estar vendo filmes pornô e comendo biscoitos de queijo, ou podem estar se esfaqueando no banho. Ou talvez estejam tomando uma overdose de aspirina infantil.

— Arrã — murmurou Blair, dando um gole em seu drinque. Ela teria de ficar muito bêbada se quisesse sobreviver àquela noite, especialmente à parte da tinta corporal. — E aí, que papo é esse de sua foto em todos os ônibus e essas coisas? Eu não vi ainda.

Serena deu uma gargalhada e se inclinou confidencialmente para Blair.

— Mesmo que você veja, provavelmente não vai me reconhecer. Meu nome está lá, mas não é uma foto do meu rosto.

Blair franziu o cenho.

— Não entendi — disse ela.

— É arte — disse Serena misteriosamente, e gargalhou de novo.

Tomou um gole do drinque.

As duas tinham os rostos separados por centímetros de distância e Blair podia sentir a mistura de óleos essenciais que Serena tinha começado a usar. Tinha cheiro da coisa que o dedetizador borrifava nos cantos de sua cobertura.

— Ainda não entendi. É alguma coisa obscena? — perguntou Blair, irritada.

— Na verdade não — respondeu Serena com um sorriso malicioso.

— Muita gente fez a mesma coisa. Sabe como é... Celebidades.

— Tipo quem?

— Tipo Lady Gaga e Justin Timberlake.

— Ah — disse Blair, sem se impressionar.

Os olhos de Serena se estreitaram.

— Tem algum problema? — perguntou ela.

Blair empinou o queixo e enfiou o cabelo castanho liso atrás das orelhas.

— Sei lá, é que acho que você está disposta a fazer qualquer coisa para chocar as pessoas. Você não tem orgulho?

— Hmmm, da última vez que verifiquei não era ilegal alguém tirar sua foto — respondeu Serena. — Além do mais, já fiz coisas piores. E tenho certeza absoluta de que você também. — Um filme nauseante, sangrento e acelerado de cada pessoa que ela havia assassinado passou diante dos olhos de Serena. Às vezes acontecia isso, quando ela estava bêbada. Era meio perturbador.

— Já pensou no fato de que essa época é a mais importante da vida da gente? Tipo, para entrar para a faculdade e tudo? — disse Blair. — Não pode sair por aí fazendo o que quer, na hora que quer. Precisa pensar no futuro.

Missy trouxe outra rodada. Desta vez Serena só assentiu em agradecimento. Olhou para o chão, com a unha cor-de-rosa roída e ensanguentada entre os dentes.

— É, só estou percebendo isso agora — admitiu. — Não pensei nisso antes... que devia estar entrando em times e clubes. Sabe como é, entrar pra valer nesse negócio da faculdade. Mas é por isso que quero que me ajude a fazer um filme. Só de pensar em como formaríamos uma ótima equipe... — A voz de Serena falhou.

Como a piranha que era, Blair estava meneando a cabeça.

— Tenho pena dos seus pais — disse ela baixinho. — Não sabe a sorte que você tem por ter pais que ainda estão juntos. Que ainda leem o jornal juntos na manhã de domingo e colocam você na cama à

noite. Olhe para você. — Ela voltou a menear a cabeça. Até o jeito como Serena roía as unhas a enojava. — Você não os merece.

Os olhos de Serena se arregalaram e os lábios começaram a tremer, mas ela estava decidida a não ter um ataque — pelo menos, ainda não. Talvez Blair só estivesse na TPM. Isso sempre a transformava num monstro.

Serena tomou um longo gole de sua bebida e enxugou a boca com o guardanapo.

— E aí, você nunca me contou o que você e Nate fizeram no verão todo. Você foi para o Maine? Viu o barco que ele construiu?

Blair negou com a cabeça. O tema de Nate era inteiramente proibido.

— Fui para o acampamento de tênis. Odiei.

Elas beberam num silêncio constrangedor.

— E a festa na semana que vem? — queria saber Serena, com sua irritação crescendo. — Aquela para a qual você não me convidou. Para o que é mesmo?

Blair sabia que a causa parecia capenga e nada sensual. Por isso chamou a festa de *Beije-me ou Morra*. Para criar algum apelo.

— É para aquelas aves de rapina que moram no Central Park. São espécies ameaçadas e todo mundo está preocupado se elas vão morrer ou definhar, ou se os esquilos vão destruir o ninho delas, ou coisa assim. Então criaram uma fundação para eles — explicou. — E não diga nada. Sei que é meio idiota.

Serena soltou uma baforada de fumaça.

— Eu não disse nada. Mas até parece que não existem pessoas passando necessidade. Quero dizer, e os... sei lá... órfãos?

Ou os paraplégicos escapelados sobreviventes aos infames ataques dela?

— Bem, é uma causa tão boa quanto qualquer outra. Queremos alguma coisa que não seja pesada demais para começar a estação — disse Blair ofendida, aborrecida. Tudo bem que *ela* risse da causa que tinha escolhido para a festa, mas Serena não tinha esse direito.

— Então é uma festa tipo só para a gente, ou é para os pais também? — perguntou Serena.

Blair hesitou.

— Só... para a gente — disse ela por fim. Ela virou o restante do drinque e olhou o relógio. — Hmmm, tenho de ir — Blair deslizou a alça da bolsa Mulberry pelo braço.

Serena fechou a cara. Tinha levado tempo para se vestir, preparando-se para uma noite de farra com os amigos. Não esperava um grande grupo — Blair e as meninas que restaram, Nate e a turma dele, Chuck e os amigos — todos os que sempre costumavam sair juntos. Ou pelo menos os que sobraram. E depois que Blair estivesse bem de porre, Serena simplesmente soltaria a bomba, confessaria ter dormido com Nate naquela vez — epa, naquelas duas vezes — e aí elas poderiam recomeçar a amizade e fazer o filme juntas. Serena até mesmo poderia fazer um curso de preparação para os testes de aptidão escolar, assim elas teriam a oportunidade de estudar juntas. Seria divertido.

Essa era a história que ela ainda contava a si mesma. No fundo, Serena sabia que só estava brincando com Blair, como um gato brinca com um rato, até se cansar do jogo e finalmente estar pronta para a morte de Blair.

— Mas aonde é que você vai? — perguntou ela, desconfiada.

— Tenho uma partida de tênis amanhã de manhã — disse Blair, sentindo-se extremamente superior, embora estivesse mentindo horrores. — Preciso dormir cedo.

— Oh. — Serena cruzou os braços e se recostou no sofá. — Pensei que nós todos íamos fazer uma festinha na suíte dos Bass lá em cima. Eles ainda têm o quarto, né?

No primeiro ano, Serena e Blair costumavam se embriagar como idiotas na hidro de Chuck e faziam todo o tipo de loucuras masoquistas.

Tipo espancar uma à outra com varas?

Quando os corpos se transformavam em ameixas secas, elas saíam da banheira e desmaiavam na cama king-size, dormindo ali até que a cabeça desanuviasse e as feridas estivessem curadas, ou as empregadas as expulsassem para esterilizar o quarto.

— Os Bass ainda têm o quarto — disse Blair, se levantando. — Mas eles não gostam que as pessoas usem. O primeiro ano já passou — acrescentou ela com frieza.

— Tudo bem. — Serena não conseguia dizer nada certo, né? Pelo menos, não para Blair. Devia matá-la agora, só para calar a boca da garota, mas tinha vindo ao bar desarmada.

Até parece que aquilo seria um empecilho para ela.

Ela examinou a mesa, fazendo um inventário de tudo o que poderia usar. O castiçal. Os copos das bebidas. O tapete de panda. Os saltos de suas botas. Ela podia bater na cabeça de Blair, asfixiá-la com o tapete

e arrancar os olhos dela com as botas.

O lábio inferior de Serena tremia. Apareceram pontos vermelhos em suas pálpebras, sob a sombra azul clara.

— Preciso mesmo ir — disse Blair, ansiosa para dar no pé antes que Serena pirasse.

— Espera! — Serena estava com os olhos azuis arregalados e tinha um jeito desvairado. O sangue das cutículas sangrentas sujava os dentes.

Blair olhou o relógio e suspirou de impaciência.

— O que é agora? — perguntou, batendo o pé.

Serena bebeu o que restava do segundo Dark and Stormy. Novamente, um filme sangrento em câmera lenta de cada uma de suas mortes passou por sua mente.

— Você não entendeu? — perguntou, com a voz tremendo. — Jude, Milos, Soren e Jeremy. Kati, Is, a Sra. Glos e Anna. — Ela fechou bem os olhos numa tentativa de parar o filme e os abriu de novo. — Eu fiz tudo por você, Blair — disse ela num tom monótono. — Sempre foi por você.

Blair ficou parada ali, mãos nos quadris, meneando a cabeça. Estava prestes a transar. Não tinha tempo para outro discurso ridículo e sentimental sobre o quanto Serena sentia falta dela.

— Poupe seu fôlego — rebateu Blair, mas hesitou quando Serena se levantou com o copo vazio entre os dedos marcados por nós brancos, e as narinas trêmulas. Tinha 1,80m de altura e a expressão em seus olhos azul-cobalto que encaravam Blair era de pura fúria.

Blair engoliu, a garganta seca. Tudo bem para ela que Serena matasse *outras* pessoas; nunca lhe ocorreu que podia matar a *ela*.

— Bem, tenha um ótimo fim de semana — disse ela com um último sorriso duro. O sexo com Nate era muito mais importante do que aquela bobajada. Ela largou cem dólares na mesa para pagar pelas bebidas. — Com licença — disse ela a três caras altos que bloqueavam seu caminho. — Querem sair da minha frente, porra?

Tremendo, Serena arriou no sofá de veludo preto e engoliu um cubo de gelo, inteiro, ao ver Blair partir. Queimou sua garganta e tinha gosto de limão.

Blair continuou abrindo caminho entre a multidão e seguiu porta afora. Ofegante, querendo ar, andou pela Sexta Avenida para pegar um táxi. Começava a chover e seu cabelo estava encrespando. Um ônibus roncou com a foto de Serena na lateral. Era o umbigo dela? Parecia o buraco escuro no meio de um pêssego. Blair deu as costas e

tentou parar o táxi que vinha atrás. Não conseguiu sinalizar com a rapidez necessária. Mas o primeiro táxi que parou tinha o mesmo anúncio iluminado no teto. Blair entrou e bateu a porta com raiva. Não conseguia se afastar completamente — a droga da Serena estava em toda parte.

E Blair a queria morta.

sexta-feira treze: a suíte quebra-nozes

Serena pegou outro cigarro e enfiou na boca com os dedos trêmulos. De repente a mão com anel rosa estendeu um Zippo e acendeu o cigarro para ela. O isqueiro era de ouro, com o monograma *C.B.*, assim como o anel.

— Oi, Serena. Você está seriamente gostosa — cumprimentou Chuck Bass. — O que está fazendo sentada sozinha aqui?

Serena inalou profundamente, lambeu o sangue das cutículas nos dentes e sorriu.

— Oi, Chuck. Que bom que você apareceu. Blair me largou aqui e agora estou sozinha. Vem mais alguém?

Chuck fechou o isqueiro e o colocou no bolso. Deu uma olhada na sala.

— Quem sabe? — disse ele despreocupadamente. — Podem vir, ou não.

Ele se sentou na poltrona onde Blair estava.

— Você está mesmo gostosa — disse ele novamente, olhando as pernas de Serena como se quisesse comê-las, com guarnição de vagens no alho e uma boa taça de Chianti.

— Obrigada — disse Serena, e riu. Era meio que um alívio ver que Chuck ainda era exatamente o mesmo, apesar de todos os outros estarem agindo como anormais. Serena tinha de gostar dele por isso.

Antes de arrancar a cabeça dele.

— Ei, Missy — Chuck chamou a garçonete. — Duas rodadas do meu drinque especial. E coloque tudo na minha conta. — Ele entregou a Serena a nota de cem que Blair tinha deixado na mesa. — Pode guardar isso.

— Mas é da Blair. — Serena pegou a nota e a examinou. A cara afável e feia de Benjamin Franklin a encarava, desafiando-a a um duelo. Ela enfiou a nota na bolsa de veludo vermelho.

Missy trouxe quatro copinhos até a borda contendo um líquido claro indefinível.

Chuck empurrou dois deles para Serena.

— Chamo essas bebidas de Sunday Bloody Sunday, porque você bebe e só o que sabe depois é que já é domingo, tem sangue nos seus sapatos e você não consegue se lembrar de como chegou ali. — Ele bateu o copo no de Serena. — Vamos virar!

O drinque tinha gosto de suco de picles. Era delicioso. Serena estendeu a mão para o segundo e derramou metade na boca e metade na roupa.

— Epa — disse ela, tomando um banho da bebida. — Droga.

Chuck mergulhou para o drinque derramado e o chupou do peito de Serena.

— Pronto. Peguei — disse ele, lambendo os lábios. — Nem dá para ver mais.

Serena riu e o empurrou.

— Obrigada, Chuck. Você devia sair comigo com mais frequência. Estou sempre fazendo sujeira. — De novo o filme sangrento apareceu diante de seus olhos. Ela balançou o rabo de cavalo louro e comprido, tentando fazer com que as imagens sumissem.

Chuck a olhou enviesado e grunhiu antes de secar o segundo drinque.

— Aposto que está. — Ele gesticulou para Missy trazer outra rodada.

Serena fechou os olhos e os abriu, rindo de maneira bêbada consigo. O cabelo com franja de Chuck balançava diante dela, parecendo ainda mais ridículo agora que ela estava de porre.

— Por que não tomamos a próxima na minha suíte? — ofereceu ele sem rodeios e todo sorrisos.

Serena hesitou, pensando no que Blair tinha dito sobre os Bass não gostarem mais que as pessoas fossem ao quarto deles.

— Tem certeza de que não tem problema com seus pais? — perguntou ela.

Chuck bufou e estendeu a mão.

— Eles? — disse com desprezo. — Estão em Caracas. Vamos. É sexta-feira 13, sei que tem uns filmes bons na TV pra ver. A banheira está gostosa e quente. Podemos pedir serviço de quarto. Eu visto a sua calcinha, você a minha cueca. O que você quiser.

Embora estivesse chovendo e ele estivesse com o rabo congelando, Nate não tinha pressa nenhuma para chegar à casa de Blair. Era uma tremenda ironia, na verdade. Ali estava ele, um cara de 17 anos, prestes a transar com a namorada pela primeira vez (a primeira vez

dela, pelo menos). Ele deveria estar *correndo*.

Ela deve estar sabendo agora, disse a si mesmo, repetidamente. Como não saberia? Agora toda a cidade sabia que ele tinha transado com Serena. Mas, se Blair sabia, então por que não disse nada?

Pensar nisso estava deixando Nate maluco, literalmente. Primeiro a piração na pizzaria. Depois, na noite anterior, ele viu um abutre barrigudo de penas pretas e brancas e bico rosa parado em sua janela aberta, encarando-o e parecendo... *faminto*.

Ele se enfiou numa loja de bebidas na Madison Avenue e comprou meia garrafa de Jack Daniel's. Já havia fumado um baseado em casa, mas precisava de algumas doses de coragem antes de encontrar Blair. As mãos tremiam tanto que ele nem sabia se conseguiria tirar a roupa da garota.

Tudo bem, Nate. Ela não estará usando nada mesmo. E ainda vem com bula.

Nate percorreu o restante do caminho com a maior lentidão que pôde, tomando golinhos disfarçados da garrafa. Entrou na 72, a poucos metros do prédio de Blair. Um abutre jovem desceu à calçada. Andou ao lado de Nate, fitando-o com aqueles olhos de miçanga, como se quisesse fazer amizade.

Nate jogou a garrafa nele e disparou a correr. A garrafa se espatifou e o abutre guinchou. Deu um salto e bateu as asas pesadas uma, duas vezes. Depois, no ar, voou para a noite.

Trôpega, Serena acompanhou Chuck até o elevador e subiu ao quarto dos Bass no nono andar. Parecia exatamente o mesmo de sempre: sala de estar com home theater e um bar; um quarto enorme com cama king-size e outro home theater, como se eles precisassem de dois; uma imensa banheira de mármore com hidromassagem e dois roupões de banho felpudos pendurados em suportes cromados em forma de ferradura. Essa era outra coisa que Serena adorava nos hotéis — os roupões. Nada era melhor depois de um banho de sangue particularmente brutal do que uma ducha fervendo e um roupão branco e limpo.

Não é do que todo mundo gosta?

Na mesa de centro da sala havia uma pilha de fotos antigas. Serena reconheceu o rosto de Nate na foto de cima. Pegou-a, embaralhando com as outras.

Chuck olhou as fotos por sobre o ombro de Serena.

— No ano passado — disse ele, meneando a cabeça. — Foi uma doideira.

Blair, Nate, Chuck, Isabel, Kati, Rain — todo mundo estava nas fotos, nus, na hidro, os corpos vermelhos do calor, dançando e bebendo champanhe na cama, a maquiagem aterrorizante escorrendo dos rostos suados. Eram todas fotos de festas do ano passado — a data estava no canto de cada uma delas — e todas tinham sido tiradas no quarto.

Então Blair havia mentido. Todo mundo ainda farreava na suíte dos Bass, como sempre. E Blair não era a boazinha que fingia ser, com seu escárnio em relação ao teste de aptidão e seu cardigã preto empertigado. Numa foto, Blair estava usando apenas uma tanga preta e uma peruca vermelha de palhaço, pulando na cama com uma garrafa de combustível na mão.

Serena engoliu o terceiro drinque e desabou do sofá. Chuck se sentou na outra ponta e colocou os pés de Serena no colo.

— Chuck — alertou Serena, tonta. — Estou bêbada pra valer.

— Então vamos tirar suas botas — disse Chuck, todo prestativo. — Sei fazer reflexologia.

— Claro que sabe. — Serena se deitou de costas no sofá e deixou que Chuck lhe tirasse as botas e se ocupasse de seus pés cansados com as mãos vorazes. Pegou o controle remoto e ligou a televisão. Estava passando *Jason vai para o inferno: a última sexta-feira* — a cena em que o legista comia o coração de Jason.

Ah, que bom.

Serena adorava essa parte. Com os olhos fixados na tela, ela baixou o controle. Chuck começava a chupar os dedos do pé dela. Ele mordeu o dedão e beijou o tornozelo.

— Chuck. — Serena riu, balançando as pernas. A sala se inclinou e a TV ficou indistinta. Ela não conseguia segurar a bebida.

Chuck passava a mão nas pernas de Serena. Seus dedos massageavam a face interna dos joelhos dela.

— Chuck — balbuciou Serena novamente, sentando-se, irritada. — Você se importa? Estou muito bêbada, tá legal? Vamos ficar no sofá e ver *Sexta-feira muito louca* ou sei lá o nome desse filme. Sabe como é, como meninas.

Chuck engatinhou rumo a Serena até ficar inclinado sobre ela, e ela presa embaixo dele.

— Mas não sou uma menina — grunhiu, ansioso. Ele baixou o rosto até o dela e começou a beijá-la. A língua de Serena tinha gosto de picles com aneto.

— Merda! — guinchou Blair quando ouviu o interfone. Nate chegou cedo. Ela ainda estava de roupa e tinha acabado deixar cair cera vermelha da vela no tapete todo.

Blair apagou a luz do quarto e correu para atender ao interfone na cozinha.

— Sim, ele pode subir — disse ela ao porteiro. Desabotoou os jeans e voou para o quarto, livrando-se deles. Depois arrancou o restante das roupas e as atirou no armário. Nua, pegou o tubo de tinta corporal preta e começou a desenhar setas gordurosas apontando para todas as áreas anatômicas de interesse. Em seguida, pegou o tubo vermelho e escreveu “Proibido estacionar” na bunda. Pegou o tubo amarelo táxi e escreveu “Por aqui” acima da seta que apontava entre as pernas.

Bi-bi!

Blair verificou seu corpo nu no espelho. A tinta era chamativa e fantasmagórica à luz de velas. Sua pele ainda estava bonita e bronzeada do verão, mas agora era impossível saber. Para piorar, o cabelo despenteado tinha um halo de fios crespos no alto da cabeça por causa da chuva. Ah, dane-se, Nate estava sempre com tesão. Ele não se importaria.

A campainha tocou.

— Peraí! — gritou ela, desenhando com cuidado coraçõezinhos vermelhos nas quatro bochechas.

Serena deixou que Chuck a beijasse por algum tempo porque ele era pesado e ela não conseguia sair de debaixo dele. Ela queria matá-lo, mas estava bêbada demais. Enquanto ele explorava sua boca com a língua, ela ainda assistia à TV. O coração de Jason tinha acabado de se transformar num bebê demoníaco e engatinhava para o pescoço de um cara chamado Randy. Serena virou a cabeça e fechou os olhos.

— Chuck, realmente não me sinto bem — disse ela. — Se importa se eu simplesmente ficar deitada aqui um pouquinho?

Chuck se sentou e enxugou a boca com as costas da mão.

— Claro, tudo bem. — Ele se levantou. — Vou pegar uma água para nós.

Chuck foi ao bar e encheu dois copos com gelo e Poland Spring.

Quando voltou, Serena já estava dormindo. A cabeça tinha caído

nas almofadas e as longas pernas estavam retorcidas. Chuck afundou no sofá ao lado dela, pegou o controle remoto e mudou de canal. Para ser franco, odiava filmes sangrentos e, olha só, o programa preferido dele: *Glee*.

— Oi — disse Blair, abrindo um pouco a porta.

— Oi. — Nate ofegava. O cabelo estava molhado da chuva e de suor frio devido ao medo.

— Estou nua — disse Blair. — Mais ou menos.

— Sério? — Nate mal absorveu a informação. Estava louco para entrar e se livrar dos abutres. — Posso entrar?

— Claro — disse Blair, escancarando a porta.

Nate a encarou, paralisando à soleira da porta. Ela parecia um mapa do metrô de Londres.

Blair corou, colocando os braços em torno do corpo.

— Eu te disse que estava nua. — Ela pegou a mão de Nate e o puxou para dentro.

— Estou todo molhado — disse ele, trêmulo, livrando-se dos sapatos aos chutes.

Blair riu. Nate estava nervoso, ainda mais nervoso do que ela.

— Então anda logo e tira a roupa. — Ela partiu para o quarto, a placa de PROIBIDO ESTACIONAR na bunda rebolando a cada passo.

Nate a seguiu sem fazer nenhuma das coisas que um cara normalmente faria em tais circunstâncias. Tipo jogar Blair na cama, ou se preocupar com camisinhas ou mau hálito. Ele mal conseguia pensar.

O quarto de Blair resplandecia de velas vermelhas. Uma estranha música havaiana de ukulele tocava baixinho no iPod. Uma garrafa de vinho tinto estava aberta no chão, com duas taças ao lado. Blair se ajoelhou e encheu as duas taças. Sentia-se mais à vontade nua no escuro de seu quarto.

— Quer que eu pinte você também? — perguntou ela, estendendo uma taça.

Nate bebeu o vinho, engolindo com ruído.

— Me pintar? Claro.

Blair tinha feito e refeito o filme desse momento na cabeça tantas vezes que se sentia como uma atriz que finalmente tinha seu grande momento, interpretando o papel de sua carreira.

— Tire a camisa.

Nate tirou a camisa e a jogou no chão.

Blair pegou o tubo de tinta preta, passou a mão carinhosa pelas omoplatas de Nate e escreveu no peito forte a primeira coisa que lhe veio à cabeça: *Minha namorada entrou antes em Yale e só ganhei essa camiseta vagabunda.*

— O que está escrevendo? — perguntou Nate. Ele tremia. — Faz cócegas.

Blair terminou de escrever e girou Nate para que ele a encarasse.

— Tira o restante da roupa — cochichou.

Nate obedeceu, tentando não olhar enquanto ela desenhava setas, pontos de exclamação e asteriscos por ele. Por fim, ele não conseguiu se conter. Ela estava nua e era linda. Ela era uma garota e ele era um cara. E ele também estava nu. E os dois estavam cobertos de tinta.

Deve haver um monte de músicas sobre isso.

Não tem?

Talvez depois eu conte a ela, pensou Nate. *Vou contar tudo a ela.*

Não parecia muito justo, mas ainda assim ele a beijou. Ele beijou um coração vermelho numa bochecha, depois outro coração vermelho em outra. E outro. E mais outro. A tinta corporal dos dois começava a se misturar e borrar. Lá fora, os abutres batiam as asas invejosas contra as janelas raiadas de chuva. Mas agora que tinha começado, ele não conseguia parar.

Quando Serena acordou um pouco mais tarde, Chuck estava usando o vestido Pucci e as botas de camurça, e estava cantando “Express Yourself” da Madonna com Gwyneth Paltrow, a estrela convidada de *Glee*. O jérsei de seda estampado se esticava no traseiro enquanto ele se pavoneava e fazia a coreografia de “Vogue”.

Serena se apoiou nos cotovelos e enxugou a baba do canto da boca.

— Que horas são? — Ela bocejou.

Chuck olhou para ela.

— Hora de ficarmos pelados — disse ele, impaciente. Tinha esperado muito tempo.

A cabeça de Serena parecia turva. Ela estava louca por um copo de água.

— Estou me sentindo péssima. — Serena se sentou e esfregou a testa. — Devolva meu vestido. Quero ir para casa.

— Ah, qual é — disse Chuck, desligando a tevê. — A gente pode

fazer uma hidro primeiro. Você vai se sentir melhor assim.

— Não — insistiu Serena.

— Tá legal — disse Chuck, irritado. Ele tirou o vestido e jogou para ela. O peito cabeludo fora depilado em formato de asas de morcego e a cueca boxer era preta e mínima. Ainda com as botas de salto alto de Serena, ele parecia um super-herói desvirtuado.

Pelas barbas do profeta, Robin, é o Bat-Chuck!

Ele abriu o zíper das botas e as jogou para Serena também.

— Está chovendo — observou Serena enquanto os dois se vestiam.

Chuck lhe atirou seu cachecol de cashmere creme característico, com o monograma *C.B.* em dourado.

— Coloca na cabeça — disse ele. — Está tudo bem. Uso um novo todo dia. — Ele calçou os sapatos. — Anda, vamos.

Eles desceram pelo elevador em silêncio. Serena sabia que Chuck estava decepcionado, mas ela não se importava. Mal podia esperar para tomar ar fresco e deitar na própria cama.

Um táxi parou, o pôster dos irmãos Remi no teto. Serena pensou que parecia uma foto em close de uma boca franzida num beijo.

— O que é isso? Marte? — brincou Chuck, apontando para o pôster. Ele olhou para Serena sem o menor sinal de humor nos olhos. — Não, é o seu ânus!

Serena piscou para ele. Ela não sabia se Chuck estava tentando ser engraçado ou se ele realmente pensava que a foto era aquilo. Chuck abriu a porta do táxi para Serena e ela deslizou para o banco traseiro.

— Obrigada, Chuck — disse ela, agradecida. — A gente se vê depois, tá?

— Tanto faz. — Chuck se curvou para o táxi e empurrou Serena contra o assento. — Qual é o seu problema, afinal? — sibilou. — Você fode com o Nate Archibald desde o primeiro ano e eu tenho certeza de que trepou com todos os caras do internato, e na França também. Por acaso você é boa demais para dar pra mim também?

Serena encarou Chuck, enxergando-o como ele realmente era pela primeira vez. Sempre foi difícil gostar dele, mas ela nunca o havia odiado de verdade antes disso. Mais uma vez a colagem de assassinatos brincou diante dos olhos dela. Ela procurou algo na bolsa, qualquer coisa que pudesse ser usada como arma. BlackBerry, chaves, o fio dos fones do iPod. Agarrada ao BlackBerry numa das mãos, ela abriu o zíper da bolsa de cosméticos Louis Vuitton e pegou o curvador de cílios com a outra. Aquilo teria de servir.

— Tudo bem, eu não queria transar com você mesmo — escarneceu

Chuck. — Ouvi dizer que você tem doenças.

— Fica longe de mim — sibilou ela e bateu na têmpora esquerda de Chuck com a maior força possível com o BlackBerry. Com a mão esquerda, ela prendeu o curvex na pálpebra direita de Chuck e puxou *com força*.

— Caralho! — gritou Chuck. Ele cambaleou para trás. A porta do táxi bateu e o motorista arrancou.

Serena não podia dizer para o motorista parar enquanto ela dava um fim em Chuck, então ela decidiu deixar pra lá. A pálpebra ensanguentada de Chuck pendia do curvador de cílios. Ela abriu a janela e a jogou na sarjeta. Segundos depois, dois filhotes de abutres bem nutridos lutavam por ele, guinchando.

Uma espécie sob risco de extinção.

Olhando pelo para-brisa respingado de chuva, Serena limpou os dedos sujos de sangue nas pontas do cachecol creme de Chuck. Quando o táxi parou num sinal na esquina da Broadway com a Spring, ela abriu a porta, curvou-se para fora e vomitou na sarjeta.

Isso a ensinaria a não beber de estômago vazio.

O cachecol de cashmere creme de Chuck balançou-se no pescoço, dependurado acima da poça de vômito rosa na calçada.

— Eca. — Serena tirou o cachecol, limpou a boca nele e o enfiou na bolsa. Bateu a porta do táxi novamente.

— Quer um lenço, senhorita? — ofereceu o taxista, passando uma caixa de lenços de papel.

Serena puxou um da caixa e limpou a boca.

— Obrigada — disse ela, grata, como sempre, pela gentileza de estranhos.

— E a camisinha ou coisa parecida? — murmurou Blair, embaçada com a ereção pintada de tinta de Nate. Parecia que ia dominar o mundo todo.

Eles ficaram se agarrando por quase uma hora, os corpos pegajosos de tinta preta. Blair pegou uma vela. Estava ficando sem ideias para as preliminares. Já era hora de eles irem até o fim.

Nate rolou e deitou de costas enquanto Blair pingava cera quente da vela vermelha na barriga vazia dele. Cara, ele estava com fome. Talvez, quando fosse para casa, pegasse um burrito na lanchonete mexicana na Lexington Avenue. Era o que ele queria, um burrito de frango e feijão preto com guacamole extra.

Blair pegou a mão dele e meteu o mindinho de Nate na chama.

— Ai — disse Nate, o pênis desinflando como se tivesse sido furado por um alfinete. Ele se sentou e soprou a mão dolorida. — Não posso fazer isso — murmurou ele, ofegante.

— O quê? — Blair sentou-se também, deixando a vela de lado. — Qual é o problema? — O coração dela desabou. Aquilo não estava no roteiro. Nate estava estragando um momento perfeito.

Nate pegou a mão de Blair de modo desajeitado e olhou nos olhos dela pela primeira vez em toda a noite. A cara de Blair estava preta, vermelha e horripilante, como uma tribal do filme *Avatar*, só que sem a pele azul.

— Preciso te contar uma coisa — disse ele.

Pelo olhar de Nate, Blair sabia que o momento não estava apenas arruinado — estava morto.

— O que é? — disse ela suavemente.

Nate se abaixou e pegou as pontas da colcha. Colocou uma ponta em volta dos ombros de Blair e passou a outra ponta pela própria cintura. Não parecia certo falar disso quando os dois estavam nus, cobertos por uma gosma preta. Ele pegou a mão de Blair novamente.

— Lembra-se do verão retrasado, quando você foi para a Escócia, para o casamento da sua tia? — começou Nate.

Blair assentiu.

— Estava quente pra cacete naquele verão. Eu estava na cidade com meu pai, andando por aí enquanto ele ia a algumas reuniões, essas coisas. Eu estava entediado, então liguei para Serena em Ridgefield e ela veio. — Nate percebeu as costas de Blair se enrijecerem quando ele mencionou o nome de Serena. Ela tirou as mãos das dele e cruzou os braços, os olhos subitamente desconfiados. — A gente bebeu um pouco e se sentou no jardim. Estava tão quente, a Serena começou a espalhar a água da fonte, depois espirrou água em mim. E eu acho que fiquei meio empolgado. Quero dizer... — Nate se atrapalhou. Lembrou-se do que Cyrus tinha dito sobre as garotas gostarem de surpresas. Bom, Blair estava prestes a ter uma surpresa e tanto, e Nate não achava que ela fosse gostar dessa.

— E o quê? — exigiu Blair. — O que aconteceu?

— A gente se beijou. — Nate inspirou profundamente e prendeu a respiração. Não podia deixar isso assim. Soltoou o ar. — E depois a gente transou.

Blair tirou a colcha dos ombros e se levantou.

— Eu sabia! — gritou. — Quem é que *não* transou com a Serena? Aquela *puta* suja! Claro que ela quer ser minha amiga de novo. Eu vou matar aquela desgraçada. Vou arrancar o coração dela e comer, depois vomito e obrigo você a comer, depois faço você vomitar e quem vai ter de comer é *ela*!

— Desculpe, Blair. Mas não foi, tipo, planejado ou coisa assim — justificou Nate. — Simplesmente aconteceu. E depois meio que aconteceu de novo, no início dessa semana, logo depois de ela voltar. — Ele engoliu em seco, percebendo o quanto soava totalmente idiota. — Eu só queria que você soubesse que esta não seria minha primeira vez.

Blair pisou duro até o banheiro e apanhou o robe de cetim rosa do gancho. Vestiu-o, apertando o cinto. A pele pichada brilhava à luz das velas. Lágrimas coléricas borravam o rosto pintado formando filetes cinza oleosos.

— Dê o fora daqui, Nate. — Ela soluçava. — Antes que eu te mate.

Os olhos azuis de Blair se arregalaram ao perceber a realidade com extrema clareza, como uma lâmpada fraca que enfim era atarraxada direito.

Não era Nate que ela queria matar. Era Serena.

— Blair... — implorou Nate. Ele percebeu então o mesmo olhar desvairado na cara de Blair, o mesmo da alucinação, quando ela matou a garota da L'Ecole perto da pizzeria.

Blair bateu a porta do banheiro na cara dele.

Nate se levantou e vestiu a cueca. Kitty Minky expôs a cabeça peluda e cinza de sob a cama e o encarou acusadoramente, os olhos felinos dourados brilhando sinistramente no escuro. Nate deixou o restante das roupas no chão e foi para a porta da frente. Foda-se o gato horripilante de Blair. Fodam-se os abutres. Foda-se a chuva. Ele ia correr, descalço, de cueca, até chegar em casa.

A porta da frente se fechou com um barulho surdo. Blair continuou trancada no banheiro, encarando no espelho o reflexo sujo de tinta e lágrimas. O batom de Serena ainda estava na pia, onde ela o havia deixado. Blair o pegou com os dedos trêmulos. *Gash*, era como se chamava. Que nome feio. É claro que Serena podia usar brilho nos lábios com nomes feios, e calças esburacadas, botas velhas e sujas, nunca cortar o cabelo, matar qualquer um que tivesse vontade e ainda conquistar os caras. Blair grunhiu diante da ironia de tudo aquilo e abriu a janela do banheiro, atirando o batom para a noite sem esperar

para ouvir os guinchos aflitos do rato que o objeto matou na calçada lá embaixo.

A cabeça estava cheia demais com o novo filme que estava elaborando. O filme no qual ela empurrava a fabulosa Serena van der Woodsen na frente de um ônibus em alta velocidade, com aquela foto idiota colada na lateral. Serena cairia e se debateria no asfalto como uma sereia desidratada enquanto Blair observava. Depois Blair rasparia todo o irritante cabelo louro de Serena para que os pombos e abutres usassem como ninho, arrancaria seus olhos muito azuis com moedas e deixaria a carcaça feia, mutilada e alquebrada apodrecer ali enquanto ela morria.

um díptico

Jenny tinha ido dormir havia horas, ainda se recuperando da noite de preparação de convites. Rufus caíra no sono diante da TV ligada no Food Network. Gostava de rir dos chamados chefs gourmets lutando para preparar pratos simples como risoto com aspargos e salmão escaldado. As próprias especialidades incluíam uma sopa de maçã silvestre ao curry feita com frutas frescas colhidas no Riverside Park e uma torta acebolada de bagel com manteiga de amendoim, usando bagels da caçamba dos fundos da Zabar's. Daí o gosto de Jenny por carne moída crua.

Era sexta à noite. O apartamento estava silencioso.

Sexta-feira treze

Lua cheia — tão apropriado.

Menino, homem. Porta-cachecol, morto.

Quando Dan deu uma boa olhada em volta, viu que seu apartamento era um arsenal de armamento. Atizadores de incêndio. Sacarrolhas. Cutelos. Facas de trincar. Navalhas. Patins de gelo. Um bastão de beisebol. Uma machadinha. Um vidro de solvente de tinta. Seu pai tinha até um maçarico, que usava para preparar seus pratos inventivos, embora intragáveis.

Se Serena não tivesse levado a faca que ele e Vanessa compraram na Paragon. Estaria perfeito. Dan optou por um cutelo. Conseguia se imaginar atirando a coisa em Chuck, no estilo ninja, e vendo a expressão de choque de Chuck enquanto ele partia seu coração podre em dois. Ele sangraria lentamente até a morte, de dentro para fora. Também seria legal tossir um pouco de sangue.

Dan tinha ouvido falar da suíte de Chuck no Tribeca Star e, como era sexta à noite, ele tinha certeza de que Chuck estaria lá. Pegou um táxi para o centro com o cutelo embrulhado num pano de prato e enfiado no bolso da frente do casaco Gap de capuz cinza, só com o cabo se projetando para fora.

Composta quase inteiramente por prédios residenciais pré-guerra com porteiro, a ladeira imponente da West End Avenue era sempre elegantemente sonolenta depois do anoitecer. Tribeca, por outro lado, era uma mixórdia de blocos de lojas com tapumes, prédios de fachada de vidro novos em folha e novos restaurantes da moda, hotéis e bares com leões de chácara, cordas de veludo e tapetes vermelhos em suas entradas.

O Tribeca Star era um lugar desses. A entrada para o bar ficava à direita da entrada principal do hotel, discreta, sem placas e totalmente imperceptível, salvo pela fila de pessoas na frente, que dava a volta na esquina e abrangia metade do quarteirão. É claro que todos os estabelecimentos na cidade desejavam aquilo. Quanto mais pessoas viessem, mais gente viria. Uma ambulância com as luzes acesas estava estacionada na frente da entrada principal do hotel, multiplicando a sensualidade do lugar por mil. Haveria alguma celebridade ali dentro? O que aconteceu? Uma overdose? Uma briga de bar? Uma tentativa de suicídio?

Um acidente com um curvador de cílios?

No alto, nos beirais do hotel, os abutres se empoleiravam, os olhos de contorno vermelho entreabertos, sonhando com a próxima carcaça deliciosa.

Dan nunca estivera num lugar tão excitante. Entrou na longa fila, já se sentindo um assassino com sua calça de veludo cotelê surrada, o casaco de capuz pequeno demais, os tênis sujos, cercado por meninas altas e bonitas usando gloss brilhante e sapatos de salto alto de aspecto caro. A calçada molhada tinha cheiro de perfume.

Passou-se uma hora antes que ele chegasse ao enorme segurança na porta. O segurança vestia uma jaqueta bufante de couro preto e parecia poder levantar uns cem quilos só com o pescoço. A batida de uma música dos Rolling Stones que o pai de Dan apreciava soava alta dentro do bar.

“Uh-ah-uh-ah-ah uh-ah-ah-ah

You will be mine, you will be mine, all mine.”

Dan meteu as mãos nos bolsos do casaco, fazendo o possível para esconder o cutelo. Ele era o cavaleiro na armadura reluzente de Serena, lembrou a si mesmo. Veio para o resgate emocional dela.

— Oi — disse ele, tenso, cumprimentando o segurança.

— Posso ver sua identidade, por favor? — respondeu o segurança.

Dan estava preparado. Entregou ao segurança o cartão da Riverside Prep.

O segurança o devolveu.

— Você só tem 17 anos. Dê o fora daqui.

— Mas não quero beber nada. Vim ver Chuck Bass. — A língua de Dan era regada por uma bile amarga enquanto ele falava. — É amigo meu.

O segurança ficou parado ali, imenso e inabalável.

— Dê o fora daqui — disse ele de novo.

Dan saiu da fila, a mão agarrada ao cutelo no pano de prato. Podia simplesmente matar o segurança. Seus olhos percorreram a fila de clientes lindos e felizes. Ele podia simplesmente matar todo mundo. Mas não era louco. Nem mesmo desejava mal àquela gente. Havia ido até ali por causa de Chuck Bass. Ele se virou e partiu para a entrada principal do hotel.

A ambulância ainda estava estacionada ali, com as luzes acesas, as portas traseiras ligeiramente entreabertas. Dentro dela, Dan só conseguia distinguir as pontas de dois sapatos irritantes de couro de porco, costurados sob medida por ativos gnomos na Inglaterra para ninguém mais senão o poderoso babaca em pessoa: Chuck Bass.

O coração de Dan foi às alturas. Chuck estava deitado numa maca. Será que já estava morto, tendo sido bicado até a morte por aquelas aves carniceras que pareciam estar por toda parte ultimamente, pelo simples motivo de ele ser um lixo que usava sapatos de couro de porco sob medida?

Dan só podia torcer.

Ele se afastou do hotel e sinalizou para um táxi, aliviado de seus deveres de assassino, pelo menos por esta noite.

Blair só estava começando.

Os irmãos Remi ficaram felizes por recebê-la em sua galeria.

— Sou a melhor amiga de Serena. Nós fomos criadas juntas — disse Blair ao galerista deles por telefone. — Serena quer fazer nosso retrato juntas. Sabe como é, tipo nós duas numa foto só?

Os irmãos Remi usavam terno Hugo Boss de seda azul-marinho idênticos, com gravatas estreitas de seda azul-marinho, e tinham bigodes pretos e finos idênticos. O cabelo dos dois era reduzido a uma penugem preta e fina. Um dos irmãos, o mais baixo e mais gay, literalmente bateu palmas quando Blair chegou à galeria. Ela nem se

dera ao trabalho de vestir umas roupas — simplesmente jogou o casaco por cima do corpo pintado e do roupão de cetim rosa.

— Eu *a-do-ro* seu corpo mignon — disse ele. — E toda essa tinta corporal. É tão moderno. Tão buon giorno!

E você, meu caro senhor, é tão arrivederci.

A galeria ficava no térreo, imensa e branca, com janelas até o teto dando para as ruas desertas do Chelsea. Nas paredes, imensos “retratos” de botões de rosa perfurados da exposição “Nos Bastidores” dos Remi. Blair reconheceu o de Serena de pronto, exibido isoladamente, de frente para a entrada da galeria. Enquanto Blair fingia esperar por Serena, os Remi abriram uma garrafa de champanhe e fizeram um brinde.

— Às lindas meninas! — exclamaram num unísono de gêmeos.

Eles estavam na segunda garrafa quando Blair fingiu receber um torpedo de Serena.

— Ela disse que está no táxi e chegará em cinco minutos. — Blair revirou os olhos teatralmente. — A Serena sempre chega atrasada.

Ela pediu licença para ir ao toalete.

— Ah, sim — disse um dos irmãos Remi. — A gente sempre pede que nossos modelos se refresquem antes de os fotografarmos.

Ao lado do banheiro feminino, Blair encontrou um armário. Nele havia todo tipo de suprimentos e ferragens para pendurar os quadros. Ela encontrou justamente o que necessitava para fazer o que precisava.

Ela sempre encontra.

Os irmãos Remi mexiam nos tripés, câmeras e luzes numa pequena antessala — o estúdio deles —, onde fotografavam os modelos.

— Pode tirar a roupa para podermos ajustar as luzes? — perguntou um dos irmãos Remi.

Blair terminou o champanhe e sorriu amavelmente. Agiu como se fosse desamarrar o roupão, em vez disso, pegando no bolso o rolo de arame que escondera ali.

— Espera, tem alguma coisa nos meus dentes? — perguntou ela, caminhando até a câmera Polaroid no tripé e erguendo o queixo.

Os Remi aproximaram a cabeça para ver melhor.

— Não importa — disse o menos gay. — Não vamos fotografar seu rosto.

— Estou ciente disso.

Blair desenrolou o arame e o passou com força pelos pescoços magrelos dos dois Remi. Em suas mãos habilidosas de unhas bem-

feitas, o arame se transformou num garrote, esmagando a delicada traqueia dos dois e asfixiando-os ao mesmo tempo. Os riscos pretos e insolentes de seus bigodes se contraíram quando eles arquejaram pela última vez.

Assim que ambos morreram, Blair admirou a dedicação dos dois em usar apenas azul-marinho. Ela pensou que podia experimentar ela mesma na primavera, variações sobre um tema de marinheiro de A.P.C., Agnès B., J. Crew e Armani, com botinhas Christian Louboutin para combinar.

Os Remi caíram num montinho sem vida aos pés dela. Com os pescoços ainda enrolados no fio de arame, Blair os arrastou para a parede mais distante da galeria e os colocou no mesmo prego onde pendia o retrato de Serena. Virou a cabeça morta dos dois para que se encarassem, com os corpos gêmeos pendurados — um díptico — sobre sua obra-prima: a narina, umbigo ou sei lá qual orifício de Serena.

Blair recuou para admirar seu trabalho, uma obra-prima em si. Ficou satisfeita de se empenhar no jogo de tênis e estar em plena forma para matar dois homens adultos ao mesmo tempo com as próprias mãos.

E ela só estava se aquecendo.

será que s e n vão ficar juntos novamente?

Pouco antes da meia-noite, o táxi encostou no número 994 da Quinta Avenida. Do outro lado da rua, a escadaria do Metropolitan Museum of Art estava deserta, brilhando sinistramente branca à luz dos postes. Serena saiu do táxi e acenou para Roland, o porteiro da noite, que cochilava no saguão. Uma das portas de ferro fundido e vidro do prédio foi aberta, mas não por Roland. Era Nate, só de cueca boxer e uma estranha tinta preta na cara e no peito, parecendo meio apavorado.

— Nate! — gritou Serena, sinceramente surpresa. — Oi, bobão. Me arranja 5 pratas? Não tenho dinheiro suficiente. Em geral o porteiro me ajuda, mas acho que ele está dormindo.

Nate deu o cartão de crédito ao taxista confuso. Colocou os dedos nos lábios e se aproximou de fininho da portaria do prédio. Depois chutou alto a porta de vidro.

— Olá! — gritou ele.

— Ah, Nate. — Serena riu. — Você é tão mau!

Roland abriu os olhos de repente e quase caiu da cadeira. Então abriu a porta para eles, e Serena e Nate correram para dentro e subiram pelo elevador até o apartamento de Serena.

Serena liderou o caminho até seu quarto e se sentou pesadamente na cama.

— Recebeu meu recado? — Ela bocejou para Nate, tirando as botas. — Achei que você viria hoje à noite.

— Não pude. — Nate pegou a pequena bailarina de vidro empoleirada na tampa da caixa de mogno que guardava as joias de Serena. Tinha pés minúsculos, como alfinetinhos. Ele tinha se esquecido dela.

— Bom, não era nada importante — suspirou Serena.

Ela se deitou na cama, perguntando-se se Chuck tinha ido ao hospital com sua pálpebra ausente ou se — por acaso — ele cambaleou pela rua e foi atropelado por uma limusine em alta

velocidade.

— Estou tão cansada. E bêbada de verdade. — Ela deu um tapinha na cama e chegou para o lado para dar lugar a Nate. — Vem deitar aqui e me conta por que está sem roupa nenhuma.

Nate largou a bailarina e engoliu em seco. Respirar o perfume do quarto de Serena com Serena ali dentro fazia o coração dele doer. Ele se deitou ao lado dela, os corpos se tocando. Nate colocou o braço em volta de Serena e ela beijou o rosto borrado de tinta, aninhando-se mais perto dele.

— Acabei de sair da casa da Blair — disse Nate.

Serena não respondeu. A respiração era ruidosa. Talvez já estivesse dormindo.

Nate ficou deitado quieto, de olhos bem abertos, a mente em disparada. Ele se perguntava se agora ele e Blair tinham terminado oficialmente. Perguntava-se como Serena reagiria caso ele a beijasse agora na boca e lhe dissesse que a amava. Perguntava-se se ele teria seguido em frente e feito sexo com Blair se tudo tivesse corrido bem. Perguntava-se se aquela maldita tinta corporal um dia sairia de sua pele e se aqueles abutres assustadores um dia parariam de segui-lo.

Nate deu uma olhada no quarto, vendo todos os estimados objetos familiares com que tinha crescido e dos quais havia se esquecido completamente. O ursinho de pelúcia vestido com kilt escocês sentado aristocraticamente na penteadeira de Serena. O grande armário de mogno com suas gavetas entreabertas e todas as roupas cuspindo para fora. A pequena marca de queimadura marrom que ele tinha feito no nono ano no dossel branco acima da cama.

No chão do quarto estava a bolsa de veludo vermelha de Serena. O conteúdo se derramava para fora. Um maço azul de Gauloises. Uma nota de cem dólares. Seu BlackBerry. E um cachecol creme com as letras *C.B.* gravadas em ouro, coberto de sangue e vômito.

Por que ela precisou pegar dinheiro emprestado com ele quando tinha cem dólares?, perguntou-se Nate. E que diabos ela estava fazendo com o cachecol de Chuck Bass, sujo de sangue e vômito?

Nate se virou para o lado e Serena murmurou algo delicadamente enquanto rolava a cabeça no travesseiro. Ele a analisou criteriosamente. Ela era tão bonita, mas tão cheia de surpresas. Era meio que fácil acreditar em algumas coisas que diziam sobre ela.

Serena estendeu o braço e o colocou em torno do pescoço de Nate, puxando-o para ela.

— Vem cá — murmurou, de olhos ainda fechados. — Dorme

comigo.

Todo o corpo de Nate se retesou. Ele não sabia se Serena queria simplesmente dormir ou *dormir com ela*, mas ficou definitivamente excitado. Qualquer cara em seu juízo perfeito ficaria, e foi exatamente isso que desestimulou Nate.

Havia algo tão descuidado na forma como Serena dissera aquilo. Nate de repente não teve dificuldade em imaginá-la fazendo as coisas que ouvira que ela havia feito. Sexo. Homicídio. Seitas. Drogas. Com Serena, tudo era possível.

Um brilho prateado no chão chamou a atenção dele. Os fechos de um estojo preto de violino. Desde quando Serena tocava violino?

Nate rolou para fora da cama e abriu o estojo. Uma faca de caça que parecia cara estava no interior forrado de veludo. A lâmina estava matizada de sangue seco. Ao lado da faca, havia um canivete de cabo de osso, do tipo feito na Itália, sob medida para uma mão pequena.

Ele estremeceu. Quer dizer então que as ditas mentiras e os boatos maldosos sobre Serena eram verdadeiros? Pelo menos os abutres eram carniceiros, pilhando quem já estivesse morto. Serena era... Nate não sabia exatamente o que era, mas sabia que não gostava.

Ele fechou o estojo de violino, levantou-se e jogou o cachecol sujo de Chuck na pilha ao lado da cabeça adormecida de Serena. Depois, sem nem mesmo olhar para ela novamente, saiu, batendo a porta.

Serena abriu os olhos ao som da porta se fechando e sentiu o cheiro do próprio vômito. Nauseada, retirou as cobertas e correu ao banheiro. Agarrou a borda da pia e se inclinou sobre ela, o estômago doendo devido ao esforço. Não saiu nada. Serena abriu o chuveiro o mais quente que pôde e tirou seu pegajoso vestido colorido Pucci pela cabeça. Só precisava de um bom banho quente com seu esfoliante preferido Biotherm Aquathermale Spa, seguido de uma esfregada de Decléor Aromessence Baume Spa Relax. No dia seguinte ela estaria nova em folha.

E pronta para matar de novo.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Últimas notícias

Os irmãos Remi — aqueles meninos bonitos franceses que usam azul-marinho e são gênios do mundo da arte — foram encontrados pendurados pelo pescoço numa discussão muda acima de uma de suas obras-primas na galeria no Chelsea no início da manhã, onde a última exposição, “Nos Bastidores”, esteve pegando fogo. Não está claro se a morte dos artistas foi causada por suicídio ou assassinato. Uma coisa é certa — os irmãos Remi se uniram a Keats e Basquiat em seu triste destino de brilhantismo juvenil condenado: serão ainda mais famosos agora que estão mortos.

Chegou perto, mas nada de charuto

Dá pra acreditar em *N*? Ele esteve um *tiquinho assim* de pegar uma bela fatia da torta de *B*, se é que vocês me entendem. Acho que ele deve admirar seu autocontrole, sua capacidade de manter a salsicha no pão, seu *savoir faire*, sua correria seminu a troco de nada pela Quinta Avenida. Será que era coisa do time de lacrosse?

Eu estava enganada sobre o cara. Ele tem um traço de loucura.

Oooh, isso me faz gostar dele ainda mais. Ele pode liberar a loucura dele comigo sempre que quiser.

Seu e-mail

P:

Oi, gossip girl,
eu vi *S* subir com um cara no Tribeca Star. ela estava um trapo. eu também. eu meio que fiquei tentado a bater à porta e ver se tinha uma festa rolando lá dentro ou qq coisa, mas amarelei. só queria seu conselho. vc acha que ela transaria comigo? quero dizer, ela parece facinha.
— Coop

R:

Caro Coop,
Se você é o tipo de cara que tem que perguntar, então provavelmente a resposta é não. *S* pode ser uma puta perigosa, mas tem excelente gosto.
— GG

Flagra

N na lanchonete de burritos na Lexington tarde da noite, batendo papo com uma atendente bonita. Ela deu uma porção extra de guacamole a ele de graça. É, aposto que ela fez. E *C* saindo para sua caminhada matinal de sábado, exibindo um tapa-olho de couro caramelo recém-enviado via aérea da Itália por artesãos da Hermès e com suas iniciais gravadas em ouro. Não dá para tirar o olho!

Pra você que me ama,

gossip girl

a galera do west side pira na barneys

— Dan — sussurrou Jenny, cutucando o peito do irmão. — Acorda.

Dan atirou o braço sobre os olhos e chutou os lençóis.

— Cai fora. É sábado — murmurou ele.

— Por favor, acorda — gemeu Jenny. Ela se sentou na cama, cutucando-o repetidamente até que ele tirasse o braço para olhar para ela.

— Qual é o seu problema? — disse Dan. — Me deixa em paz.

— Não — insistiu Jenny. — A gente tem de fazer compras.

— Tá legal — Dan rolou na cama, virando a cabeça para a parede.

— Por favor, Dan. Preciso arrumar um vestido para a festa da sexta-feira e você precisa me ajudar. O papai me deu o cartão de crédito dele. Ele disse que você pode comprar um smoking também. — Jenny deu uma risadinha. — Visto que estamos nos transformando naquele tipo de adolescentes nojentos mimados que precisam de smokings, vestidos e essa merda toda. Além do mais, preciso fazer alguma coisa para tirar da cabeça todos os assassinatos sobre os quais estou lendo. Estão me dando arrepios.

Dan rolou na cama, pensando em Chuck. Torcia para que estivesse morto, embora não tivesse obtido a satisfação de matá-lo pessoalmente.

— Não vou a essa festa — insistiu.

— Cala a boca. Você vai, sim. Você vai e vai encontrar Serena e dançar com ela. Eu apresento você a ela. Ela é totalmente bacana — tagarelou Jenny, alegremente.

— Não — respondeu Dan de maneira resoluta.

— Bom, você pode pelo menos me ajudar a comprar um vestido. — Jenny fez beicinho. — Porque eu vou. E quero ficar bonita.

— Papai não pode ir com você? — perguntou Dan.

— Ah, tá. Sabe o que o papai me disse? “Vai na Sears, é a loja de departamentos do *proletariado*.” Seja lá o que isso queira dizer. Nem mesmo sei *onde é* que fica a Sears, se é que ainda existe. Mas então, eu quero ir na Barneys. Não consigo acreditar que nunca fui lá.

Aposto que Serena van der Woodsen e Blair Waldorf vão lá, tipo, todos os dias.

Dan se sentou e bocejou alto. Jenny estava toda arrumada e pronta para sair, com os cabelos crespos puxados num rabo de cavalo. Ela até já estava com o casaco e os sapatos. Seria meio difícil dizer não.

— Você é um pé no saco! — disse Dan, se levantando e cambaleando para o banheiro.

— Você sabe que me ama! — disse Jenny às costas dele.

Para Dan, a Barneys era cheia de babacas, como o cara que abriu a porta para ele, sorrindo da forma mais cafona possível. Mas Jenny adorava o lugar e, muito embora nunca tivesse ido ali, parecia saber tudo sobre a loja. Jenny sabia que não devia se importar com os andares inferiores, que eram cheios de roupas de estilistas que ela nunca poderia comprar, e foi diretamente ao andar de cima. Quando as portas do elevador se abriram, ela sentiu como se tivesse morrido e chegado ao céu. Havia tantos vestidos bonitos pendurados nas araras que ela salivava só de olhá-los. Queria experimentar todos, mas é claro que não podia.

Quando você usa sutiã 42 bojo grande fica meio limitada. E, definitivamente, precisa de *ajuda*.

— Dan, dá para pedir àquela mulher para me ajudar a encontrar um desses no meu número? — sussurrou Jenny, apontando um modelo cintura-império de veludo púrpura com alças de miçangas. Ela puxou a etiqueta de preço. Seiscentas pratas.

— Meu Deus do céu! — exclamou Dan, vendo o preço por sobre o ombro de Jenny.

— Cala a boca. Só estou experimentando para me divertir — insistiu Jenny. — Não vou comprar. — Ela ergueu o vestido para si. O corpete mal cobria seus mamilos. Jenny suspirou e devolveu o vestido à arara. — Poderia pedir àquela moça para me ajudar? — repetiu.

— Por que você não pede? — Dan esfregou as mãos na calça de veludo cotelê e se encostou numa prateleira de madeira.

— Por favor?

— Tá legal.

Dan andou a passos largos para uma mulher de aparência abatida com cabelos louros opacos. Parecia trabalhar em lojas de departamentos a vida toda, só tirando férias uma vez por ano em Atlantic City, Nova Jersey. Dan imaginou-a fumando Virginia Slims como louca numa praia, preocupada com as garotas na loja se virando

sem ela.

— Posso ajudá-lo, meu jovem? — perguntou-lhe a mulher. O crachá dizia que seu nome era “Maureen”.

Dan sorriu, constrangido.

— Oi. A minha irmã ali precisa de ajuda. — Ele apontou para Jenny, que via a etiqueta de preço de um drapeado de seda vermelha com mangas franzidas. Jenny tinha tirado o casaco e usava uma camiseta branca muito pequena.

— Perfeitamente — disse Maureen, andando até Jenny de maneira decidida.

Dan ficou onde estava, dando uma olhada no salão e sentindo-se totalmente deslocado. Ouviu uma voz conhecida detrás de si.

— Eu pareço uma freira, mãe, estou dizendo. Está completamente errado.

— Ah, Serena — disse outra voz. — Acho que está encantador. E se você desabotoasse um pouco a gola? Assim. Viu? É tão Jackie O.

Dan girou o corpo. Uma mulher alta de meia-idade parecida com Serena estava parada com metade do corpo para dentro de uma cabine de provas. A cortina estava ligeiramente aberta e Dan só pôde ver parte do cabelo de Serena, a clavícula, os pés descalços, as unhas dos pés pintadas de vermelho-escuro. Suas bochechas arderam e ele correu para o elevador.

*Noite passada — faca na mão —
calçada fedendo a urina e medo.*

Durmo para talvez sonhar.

— Ei, Dan, aonde é que você vai? — gritou Jenny atrás dele. Seus braços já estavam com uma pilha alta de vestidos e Maureen adejava com eficiência pelas prateleiras, dando-lhe todo tipo de conselhos bons sobre sutiãs e as novidades nas roupas íntimas que realçavam as formas. Jenny nunca fora tão feliz.

— Vou dar uma olhada nas coisas masculinas — balbuciou Dan, olhando de forma tensa para o lado do salão onde tinha visto Serena.

— Tudo bem — disse Jenny alegremente. — Eu te encontro lá embaixo em quarenta e cinco minutos. E, se precisar de ajuda, eu ligo para o seu celular.

Dan assentiu e saltou para dentro do elevador assim que a porta se abriu. No departamento masculino, trotou para um balcão e borrifou

colônia Gucci nas mãos, franzindo o nariz para o forte aroma italiano do perfume masculino. Olhou o intimidador salão revestido de madeira, procurando por um banheiro para lavar as mãos. Em vez disso, encontrou um manequim todo vestido para a noite e, ao lado, uma arara de smokings. Dan passou os dedos pelo tecido luxuoso dos paletós e olhou as etiquetas. Hugo Boss, Calvin Klein, Donna Karan, Yves Saint Laurent, Armani.

Ele se imaginou descendo de uma limusine usando seu smoking Armani com Serena apoiada em seu braço. Eles caminhariam delicadamente pelo tapete vermelho que levava à festa, a música palpitando em volta deles. As pessoas se virariam e diriam “*Oh*” aos sussurros. Serena pressionaria a boca perfeita na orelha de Dan. “Eu te amo”, sussurraria ela. Depois Dan pararia e a beijaria, e a pegaria no colo, levando-a de volta para a limusine. Foda-se a festa. Eles tinham coisa melhor para fazer.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou um vendedor.

Dan se virou abruptamente.

— Não, eu... — Ele hesitou e olhou o relógio. Jenny levaria uma eternidade lá em cima, e por que ele não deveria fazer o mesmo, visto que já estava ali? Ele pegou um smoking Armani e o mostrou ao vendedor. — Posso experimentar um desses no meu tamanho?

Toda aquela colônia deve ter subido à cabeça dele.

O vendedor ensinou Dan a fazer um nó de gravata-borboleta perfeito antes de deixá-lo a sós na cabine de provas para admirar seu reflexo. Ele parecia mais velho, mais limpo e superelegante. É incrível como um smoking pode transformar você em James Bond num átimo. Dan posou na frente do espelho, fingindo sacar uma arma e disparar em agentes duplos estrangeiros.

— Merda de gravata-borboleta de seda. — Ele ouviu uma voz conhecida idiotizada dizer na cabine ao lado. — Odeio essas porras.

Dan se espremeu de costas na parede da cabine, apontando para o alto a arma de mentirinha. Então Chuck Bass ainda estava vivo. Quem dera ele ter uma arma de verdade.

— Caralhoporramerdaputaquepariu! — O babaca continuava a xingar.

Dan inspirou profundamente, abriu a cortina de veludo e saiu da cabine de provas.

— Ei, é você, Chuck? — chamou, animado. — É o Dan, seu colega de turma. Talvez eu possa te dar uma mãozinha.

Jenny e Maureen tinham limpado completamente as prateleiras e Maureen enchera uma sala de provas com dezenas de possibilidades em tamanhos variados. O problema de Jenny era que ela vestia tamanho 36, mas seus peitos eram pelo menos 42. Maureen pensou num meio-termo e pegou tamanho 40, abrindo a costura no busto e apertando todo o restante.

Os primeiros vestidos foram um desastre. Jenny quase arrebentou o zíper de um tentando desprendê-lo do sutiã. E o seguinte nem cobria os peitos. O terceiro era completamente obsceno. O quarto coube mais ou menos, mas era laranja berrante e tinha um franzido ridículo, como se alguém o tivesse retalhado com uma faca. Jenny enfiou a cabeça pela cortina para procurar por Maureen. Na porta ao lado, Serena e a mãe estavam acabando de sair da sala de provas rumo ao caixa.

— Serena! — chamou Jenny, sem pensar duas vezes. Serena se virou e Jenny enrubesceu. Nem acreditava que estava falando com Serena van der Woodsen vestida numa roupa laranjona com um franzido idiota.

— Oi, Jenny — disse Serena, sorrindo exultantemente para ela. Foi até Jenny e a beijou no rosto. Jenny prendeu a respiração e agarrou a cortina para se apoiar. Serena van der Woodsen havia acabado de beijá-la. — Uau, que roupa mais doida — disse Serena. Ela se inclinou para cochichar ao ouvido de Jenny. — Sorte que sua mãe não está com você. Tive de comprar o vestido mais feio da loja. — Serena ergueu o vestido. Era longo, preto e totalmente lindo.

Jenny não sabia o que dizer. Queria ser o tipo de garota que podia se queixar por fazer compras com a mãe. Queria ser o tipo de garota que podia chamar um vestido lindo de feio. Mas ela não era assim.

— Está tudo bem, querida? — perguntou Maureen, entregando a Jenny uma geringonça de sutiã sem alça para experimentar com os vestidos.

Jenny pegou o sutiã e olhou para Serena, o rosto em brasa.

— É melhor eu continuar experimentando essa coisa — disse ela. — Te vejo na segunda, Serena.

Ela fechou a cortina toda, mas Maureen abriu-a um pouco.

— Esse parece bom — disse ela, assentindo com aprovação para o vestido laranja. — Fica ótimo em você.

Jenny fez uma careta.

— Não tem preto? — perguntou ela.

— Mas você é jovem demais para usar preto — comentou Maureen, franzindo o cenho. Ela entrou no provador e puxou para cima o zíper

do vestido, que só estava parcialmente fechado.

O vestido não lhe dava espaço para respirar. Jenny sentia-se espremida de todos os lados, sufocada, torturada. Ela olhou o reflexo de Maureen no espelho com desconfiança. Como é que ela ia saber se aquela vendedora da Barneys não era uma psicopata total? Para Jenny, Maureen podia ser a assassina biruta responsável por todas as mortes sobre as quais lera na internet.

Ela empurrou as mãos abusivas de Maureen e tirou o vestido laranja pela cabeça.

— Obrigada pela ajuda — agradeceu Jenny, metendo o vestido e o horrível sutiã sem alças cor da pele nos braços de Maureen. Empurrou a vendedora para fora da cabine de provas e fechou a cortina na cara dela. — Prefiro terminar de experimentar com privacidade, por favor.

Arrancando o sutiã, pegou o vestido de seda-stretch preta que ela mesma escolhera. Vestiu e sentiu-o se derramar por todo o corpo de um jeito confortável e sensual. Esse tinha até bolsos ocultos.

Para o caso de ela precisar levar uma arma?

Quando levantou os olhos, a pequena Jenny Humphrey tinha desaparecido da cabine de provas. Em seu lugar havia uma linda deusa que parecia poder disparar balas de verdade de seus peitos consideráveis.

Na seção masculina, Dan torcia para que Chuck o permitisse falar com ele, uma vez que Dan estava com um terno Armani muito caro.

Chuck abriu a cortina da cabine com um puxão. Um tapa-olho de couro com as letras *C.B.* douradas cobria seu olho direito. Dan nem acreditava. Aquela ambulância toda era só para isso — Chuck tinha machucado o olho?

— O cara da Barneys acabou de me ensinar a fazer isso. — Dan gesticulou para a gravata-borboleta torta de Chuck, de seda roxa escura com uma etiqueta preta pendurada dizendo Yves Saint Laurent. — Na verdade é muito fácil — acrescentou, tentando, sem sucesso, eliminar a condescendência da voz. A família de Chuck provavelmente empregava babás ou escravos para dar os laços de gravata para ele, e por isso Chuck não sabia fazer nada sozinho.

Chuck deu de ombros e meteu as mãos nos bolsos da calça YSL do smoking elegante.

— Pode fazer. Não vai ficar pior do que isso mesmo.

Dan estendeu a mão e puxou a gravata-borboleta até que ela desamarrou e ficou pendurada na gola da camisa branca de Chuck. Ele

foi para trás de Chuck e pôs os braços em volta dele, a fim de refazer o laço.

Os meninos encararam o espelho. Dan fuzilava para o reflexo dos dois. O cabelo de Chuck estava penteado para trás de um jeito particularmente irritante, e com os braços de Dan em volta do pescoço do outro, parecia que eles estavam abraçados.

— Primeiro você faz uma laçada — instruiu ele. — Depois outra laçada, gira e passa pelo...

— Mas isso não é totalmente gay? — comentou Chuck com um sorriso malicioso.

Dan o ignorou.

— Depois puxa firme. — Ele apertou o laço da gravata e continuou apertando, sem parar. Ficou na ponta dos pés e apertou um pouco mais.

Seda tesa em torno do seu pescoço.

Esperemos que seja seu último suspiro.

Ninguém sabe que estou aqui.

— Ei — ofegou Chuck. — Ei!

O vendedor abriu a cortina e colocou a cabeça para dentro da cabine.

— Está tudo bem, rapazes?

Ele franziu o cenho quando viu a cara vermelha de Chuck e o olhar de consternação culpada de Dan. Os laços da gravata estavam imensos, como os da Minnie Mouse.

— Ah, meu caro, deixe comigo. — O vendedor entrou e desatou a gravata roxa.

Chuck se curvou e respirou profundamente.

— Porra de babaca idiota!

Mas Dan, frustrado de novo, já havia desaparecido.

ela se solta

— Cala a boca! Cala a boca! Cala a boca! Cala a boca!

Blair jogou o laptop pelo quarto, quebrando-o contra a porta do closet. Os sapatos caíram aleatoriamente da prateleira. Kitty Minky pulou da almofada e se escondeu embaixo da cama. Blair arrancou o roupão Natori de veludo vermelho e o jogou pelo quarto também. Se tivesse de ler mais uma palavra que fosse sobre como os irmãos Remi agora eram famosos porque estavam mortos, e como seus retratos se valorizariam, ela iria se jogar pela janela da cobertura e o cadáver seria qualquer coisa menos lindo depois que aquelas aves asquerosas e sem risco de extinção algum terminassem de bicá-lo.

Mas isso seria dar a Serena exatamente o que ela queria.

As Barbies antigas de Blair pendiam dos nós corrediços, louras, mortas e tristes. Ela as amarrou ao lustre sobre a cama para poder se deitar embaixo delas, tramando e maquinando com uma dedicação mórbida. Mas matar suas Barbies não lhe dera mais satisfação do que matar os irmãos Remi. Ela não ia descansar até Serena estar morta e fora de sua vida. Na verdade, Blair estava tão obcecada em matar Serena que achou ser necessário matar Serena não uma vez só, mas duas, só pela emoção do ato.

Já nas livrarias um novo livro de receitas no estilo de vida da nova sociedade: *Os prazeres de matar*.

Blair vestiu leggings preta e uma camiseta de cashmere Tse preta e sanguinariamente macia. Depois começou a procurar pela arma certa para a execução de sua ex-melhor amiga.

A cobertura estava deliciosamente deserta. Eleanor e Cyrus ficariam fora até o domingo e o irmão caçula, Tyler, estava na casa de um amigo. Tyler havia feito esgrima anos antes. Ela entrou no quarto dele e começou a cavoucar o armário fedorento do irmão mais novo, procurando por um velho florete de esgrima. O florete estava enfiado atrás de um bastão de hóquei e de um taco de golfe. Era uma decepção de tão torto e não era nada afiado. Não ia servir.

Ela passou ao armário de remédios da mãe. As prateleiras estavam

apinhadas de um número chocante de remédios de tarja preta com nomes que ela reconhecia vagamente como potencialmente perigosos — Valium, Percocet, Ambien, Xanax —, mas Blair não queria matar Serena com comprimidos. Queria matá-la a sangue-frio.

E assim continuou. Blair passou o dia todo andando de um cômodo a outro, tramando o medonho fim de Serena com vários atizadores de lareira, abridores de carta, tesoura de unha, a coleção de cutelos e facas de pão da cozinha, o equipamento de passar roupa da empregada, a pistola de pregos e a furadeira elétrica guardadas no armário do corredor para usos desconhecidos.

Ela estava na sala de estar, junto da janela, passando entre as mãos uma faca japonesa de sushi que encontrou na despensa, quando viu uma loura descer a rua, saindo da Quinta Avenida e entrando no parque.

Um dia digno de adrenalina bombeava pelas veias de Blair. Sem se dar ao trabalho de vestir um casaco ou pegar a bolsa, ela seguiu para o elevador com a faca de sushi na mão.

Ninguém pareceu se importar ao ver uma morena de quase 17 anos meio louca brandindo uma faca grande e afiada e correndo atrás de sua presa.

— Serena! — gritou Blair, perseguindo a loura por um caminho arborizado que ia para o norte.

A garota olhou para trás e começou a correr.

Blair correu ainda mais depressa. Tinha ficado entocada em casa o dia todo. Era bom correr. Elas correram pela trilha e por um campo, atravessaram uma ponte e subiram outro caminho mais íngreme pelo bosque. Quando o espaço entre as duas se estreitou, Blair ergueu a faca, preparando-se para matar.

Mas a garota continuava correndo, sem parar, até o obelisco atrás do Metropolitan Museum of Art, onde a trilha terminava de repente. Não tinha mais para onde ir.

A loura virou-se para Blair assim que ela brandiu a faca, segurando-a com as duas mãos para ter mais potência na decapitação. Serena nasceu no Dia da Bastilha. Parecia especialmente adequado que perdesse a cabeça; embora uma guilhotina tivesse sido ainda melhor.

A cabeça da garota se separou do pescoço com um talho satisfatório. O corpo caiu, enquanto a cabeça voou pelo ar, pousando com respingos numa poça na base do obelisco de pedra. Blair a olhou enquanto recuperava o fôlego. O cabelo era comprido e louro, mas os olhos apavorados e fixos eram de um castanho cor de lama, e não

azul-marinho. A cabeça não era de Serena, mas pelo menos havia sido um bom exercício.

A decapitação trabalha todos os grupos musculares.

Blair conhecia bem aquele local. Em maio, todo ano, quando as cerejeiras estavam em plena floração, as alunas da Constance Billard andavam pela Quinta Avenida para fazer um piquenique na Agulha de Cleópatra, como era chamado o obelisco. Os professores de arte as faziam desenhar, os de história as obrigavam a escrever trabalhos sobre isso e os de educação física o usavam com meio marco para as corridas de revezamento.

O obelisco era o objeto feito pelo homem mais antigo do Central Park, parte de um par encomendado por um faraó egípcio em 1500 a.C. Os trabalhadores levaram 120 dias para transferi-lo da margem do rio Hudson, onde foi entregue por um navio do Egito, a seu lugar na Greywacke Knoll, no Central Park. Veio gente de toda a cidade para ver a subida do obelisco à luz de duas imensas fogueiras numa noite de neve em janeiro de 1881. O outro obelisco estava em Londres. Blair teve crédito a mais em história no quinto ano por tirar uma foto dele e mandar por e-mail à professora.

O sol estava se pondo e o parque parecia pungente e tranquilo. Blair olhou o prédio agigantado e perolado do Met. Vários abutres espiavam-na de seu poleiro na beira do telhado. Sem ter muito o que comer ultimamente, as aves estavam satisfeitas em esperar até que ela saísse dali para reivindicar seu prêmio sangrento.

Blair voltou à trilha, indo para casa. Logo voltaria ali. No dia seguinte sua família, os amigos e as famílias deles se reuniriam para o brunch anual de outono ao lado do espelho d'água da ala Sackler do museu que abrigava o Templo de Dendur. A família dela era benfeitora do museu há mais de um século. Na verdade, a coleção de Armas e Armaduras havia sido doada pelos Waldorf. A coleção por acaso era vizinha do Templo de Dendur.

Enquanto caminhava, um sorriso lento e perverso se abria no rosto de Blair.

Aproveite os ovos Benedict, S. Talvez seja sua última refeição.

reticências

Naquele fim de tarde, Vanessa Abrams patrulhava o Madison Square Park, filmando mais cenas de fundo para o remake de *Assassinos por natureza*. Ela suspirou, cansada das mesmas paisagens de Manhattan — um mendigo com pênis de fora, um cão de três pernas, um garotinho vendendo caixas amarelas roubadas de M&M's de amendoim. Ela precisava de mais coisas como o corpo perto da pizzeria e a garota afogada no quarto escuro. Se conseguisse imagens suficientes, poderia transformar o filme inteiro em um documentário e se esquecer completamente da questão do elenco. Chamaria de *Assassinos natos: Um filme escolar enjoado e viciante sem música, bailes de formatura, carros ou jeans*.

O sol tinha acabado de se pôr. Vanessa decidiu se sentar num banco e aguardar por algum acontecimento interessante.

Nem teve de esperar muito tempo.

Três abutres jovens desceram do céu e largaram três pequenos objetos na calçada. Os objetos rolaram e pararam na frente do banco de Vanessa. Dois olhos humanos e um nariz também humano a encaravam, enfileirados, como reticências.

Vanessa deu um zoom neles, animada.

Mas isso que é found art.

brunch de domingo

No final da manhã de domingo, a escadaria do Metropolitan Museum of Art estava abarrotada de gente. Turistas principalmente, e moradores que tinham vindo para uma breve visita com o objetivo de se gabar com os amigos e aparentar cultura.

Dentro do museu, o brunch era servido na ala egípcia para todos os membros do conselho e suas famílias. A ala egípcia era um cenário soberbo para festas noturnas — em ouro reluzente e exótica, com o luar brilhando dramaticamente em todas as modernas paredes de vidro. Mas era totalmente inadequada para um brunch. Salmão defumado, ovos e faraós egípcios mumificados realmente não combinam. Além disso, o sol da manhã brilhava tão forte pelas paredes de vidro oblíquas que até a mais leve ressaca parecia dez vezes pior.

Quem foi o idiota que inventou o brunch, afinal? O único lugar decente para se estar em uma manhã de domingo é a cama.

A sala estava cheia de grandes mesas redondas e moradores do Upper West Side de banho tomado. Eleanor Waldorf, Cyrus Rose, os Van der Woodsen, os Bass, os Archibald e seus filhos estavam ali, todos sentados em volta de uma mesa. Blair sentou-se entre Cyrus Rose e a mãe, mal-humorada.

Nate estava intermitentemente chapado, bêbado ou inconsciente desde sexta-feira e parecia tonto e amarrado, como se tivesse acabado de acordar. Serena usava um belo vestido amarelo que havia comprado com a mãe na véspera e tinha um novo corte de cabelo, com camadas suaves emoldurando o rosto. Estava ainda mais bonita do que nunca, porém nervosa e apreensiva por estar sentada com Blair e Chuck. Apenas Chuck parecia tranquilo, engolindo seu Bloody Mary alegremente e ainda mais elegante com seu tapa-olho Hermès.

Cyrus Rose cortou a omelete de salmão e alho-poró ao meio e a enfiou num pão de centeio.

— Estou louco para comer ovo — disse ele, dando uma dentada faminta. — Sabe quando seu corpo informa que você precisa de uma

coisa? — disse ele, para ninguém em particular. — O meu está gritando, “Ovos, ovos, ovos!”.

E o meu está gritando, “Cala a porra da boca antes que eu enfie essa omelete por sua traqueia”, pensou Blair.

Ela estremeceu e empurrou o prato.

— Odeio ovo.

Cyrus empurrou o prato de volta.

— Não, coma. Vocês meninas estão morrendo porque são magras demais.

— Ele tem razão, Blair — concordou a mãe dela. — Coma seu ovo. Vai deixá-la forte para o tênis.

Entre outras atividades desgastantes.

— Ouvi dizer que ovo dá brilho aos cabelos — acrescentou Misty Bass.

Blair meneou a cabeça.

— Ovos me dão enjoo.

Chuck estendeu o braço por sobre a mesa.

— Eu como, já que você não quer.

Blair entregou-lhe o prato, com o cuidado de não olhar para Serena nem para Nate, sentados de cada lado de Chuck. Ficou olhando o centro de mesa, um terrário cheio de sapos venenosos de um tom vivo de azul, pulando freneticamente por sua prisão de vidro.

Entupida de café forte, Serena estava ocupada cortando a omelete em quadradinhos, como peças de Scrabble. Começou a construir torres altas com eles.

Nate a observava de soslaio. Ele também observava as mãos de Chuck. Toda vez que elas se enfiavam por sob a toalha de mesa e saíam de vista, Nate imaginava que estivessem nas pernas de Serena.

— Alguém viu a seção Styles do *Times* de hoje? — perguntou Cyrus, olhando para toda a mesa.

Serena teve um estalo. A foto dela com os irmãos Remi. Tinha se esquecido disso.

Franziu os lábios e afundou na cadeira, esperando por uma inquisição de seus pais e de todos os outros à mesa. Mas não teve nenhuma. Era parte do código social não insistir no que fosse constrangedor.

— Me passe o creme, Nate, querido? — pediu a mãe de Serena com um sorriso.

Então fica combinado assim.

A mãe de Nate pigarreou.

— Como estão os preparativos para a festa *Beije-me ou Morra*, Blair? Vocês garotas estão prontas? — perguntou ela, balançando seu Seven and Seven.

— Sim, estamos preparadas — respondeu Blair educadamente. — Finalmente conseguimos enviar todos os convites. E Kate Spade vai mandar as bolsas de brinde depois da aula na quinta.

— Eu me lembro dos bailes que costumava organizar — disse a Sra. Van der Woodsen com uma expressão sonhadora. — Mas o que sempre nos preocupava era se os meninos iriam aparecer. — Ela sorriu para Nate e Chuck. — Não precisamos nos preocupar em relação a vocês dois, não é? — disse ela.

— Estou totalmente nessa — confirmou Chuck, esqueteando a omelete de Blair.

— Estarei lá — disse Nate, olhando para Blair, que agora o encarava.

Nate estava usando o mesmo suéter verde de cashmere que ela lhe dera em Sun Valley. Aquele com o coração de ouro.

— Com licença. — Blair se levantou de repente e deixou a mesa.

Nate a seguiu.

— Blair! — gritou ele, serpenteando pelas mesas, ignorando seu amigo Anthony, que acenava do outro lado da sala. — Espera!

Sem se virar, Blair começou a caminhar ainda mais depressa, martelando os saltos no piso de mármore branco.

Eles chegaram ao corredor para os toaletes.

— Qual é, Blair. Desculpa, tá bem? Será que a gente pode conversar? — gritou Nate.

Blair chegou à porta do banheiro feminino e se virou, empurrando-a pela metade com o traseiro.

— Me deixa em paz, tá bom? — disse, ríspida, e entrou.

Nate ficou do lado de fora da porta por algum tempo, com as mãos nos bolsos, pensando. Naquela manhã, quando vestiu o suéter verde que Blair lhe dera, encontrou um coraçãozinho de ouro costurado na manga. Nunca o tinha percebido antes, mas era óbvio que tinha sido Blair quem o colocou ali. Pela primeira vez ele percebeu o que ela realmente quis dizer quando falou que o amava.

Foi muito intenso. E muito lisonjeiro. E meio que o fez desejá-la novamente. Não era qualquer garota que costurava um coração de ouro nas suas roupas. Ou que cobria o corpo de tinta e o recebia nua à porta.

Ele tinha esse direito.

Serena precisava desesperadamente fazer xixi, mas Blair estava no banheiro. No entanto, passados cinco minutos desde que Blair e Nate tinham saído, Serena não aguentou esperar mais. Levantou-se e foi para o toalete das senhoras.

Rostos conhecidos observavam Serena enquanto ela passava pelas mesas. Uma garçonete ofereceu-lhe uma taça de champanhe. Mas Serena meneou a cabeça e disparou pelo corredor de mármore que dava para os banheiros. Passos rápidos e pesados martelavam o chão atrás dela, e ela se virou. Era Cyrus Rose.

— Diga a Blair para se apressar se ela quiser a sobremesa, está bem? — disse ele.

Serena assentiu e empurrou a porta do toalete. Blair lavava as mãos. Levantou a cabeça e viu o reflexo de Serena no espelho sobre a pia.

— Cyrus disse para você se apressar se quiser a sobremesa — disse Serena abruptamente, andando para um reservado e batendo a porta. Sentou-se na privada, porém nada aconteceu. A bexiga estava cheia, mas não saiu nada.

Serena não conseguia acreditar. Quantas vezes no passado ela e Blair foram ao banheiro juntas, conversando e rindo enquanto faziam xixi?

Houve uma pausa pacífica e estranha.

Você simplesmente não *odeia* pausas estranhas?

— Prepare-se para morrer. — Serena pensou ter ouvido Blair cochichar num rosnado antes de sair do banheiro.

A porta se fechou e, mesmo sem Blair, Serena não conseguiu relaxar. Como Diana, deusa da caça, ela era a caçadora. Não estava acostumada a ser caçada.

Cyrus pegou Nate no banheiro dos homens.

— Você e Blair brigaram? — perguntou Cyrus.

Ele abriu o fecho da calça e parou no mictório. Mas que sorte, Nate. Nate deu de ombros enquanto lavava as mãos.

— Mais ou menos.

— Deixe-me adivinhar. Foi por causa de sexo, não foi? — disse Cyrus.

Nate corou e puxou uma toalha de papel do suporte.

— Bom, mais ou menos... — disse ele.

Ele realmente não queria entrar no assunto. E é claro que não ia

mencionar a pintura corporal.

Cyrus deu a descarga no mictório e se juntou a Nate nas pias. Lavou as mãos e começou a remexer na gravata cor-de-rosa brilhante com cabeças de leão em amarelo. Muito Versace.

Leia-se: *brega*.

— As únicas coisas que levam os casais a brigar são sexo e dinheiro — observou Cyrus.

Nate ficou parado ali, com as mãos no bolso.

— Tudo bem, garoto. Não vou dar nenhum sermão nem nada disso. É de minha futura enteada que estamos falando. De jeito nenhum vou dizer a você como entrar nas calças dela.

Cyrus deu uma risadinha e saiu do banheiro, deixando Nate encarando suas costas. Ele se perguntava se Blair sabia que Cyrus estava planejando se casar com a mãe dela.

Nate abriu a torneira e jogou água fria no rosto. Olhou-se no espelho. Tinha ficado acordado até tarde com os garotos, brincando de jogos idiotas envolvendo bebida idiotas e *Tomb Raider*. Toda vez que vissem os mamilos de Angelina Jolie, tinham de beber. Ele tentou afogar os pensamentos sobre Blair e Serena no máximo de álcool que conseguiu engolir, e agora pagava por isso. Seu rosto estava pálido, tinha círculos marrom-arroxeados sob os olhos e as bochechas ainda estavam meio cinzentas por causa da tinta. Ele estava uma porcaria.

Assim que o maldito brunch terminasse, ele iria direto ao parque para fumar ao sol e tomar um uísque com Coca. A cura perfeita para tudo.

Mas primeiro precisava flertar com Blair um pouquinho. Se ela deixasse.

Em vez de voltar para a mesa quando saiu do banheiro das mulheres, Blair foi para a Ala Sackler, na direção de Armas e Armaduras. Já havia esperado o suficiente. Estava na hora.

Rain e Laura a viram primeiro.

— Blair! Aqui! — gritou Rain, batendo na cadeira vazia ao lado. Os pais e amigos caminhavam pela sala, fazendo o social, então as meninas tinham a mesa só para elas.

— Toma — disse Laura, entregando a Blair uma taça de champanhe com suco de pêsego.

— Obrigada. — Blair tomou um gole impaciente.

— Anthony Avuldsen acabou de tentar levar a gente ao parque com

ele. — Rain riu. — Ele é meio bonitinho, sabe, de um jeito assim meio mauricinoide.

Ei, que palavra legal!

Laura revirou os olhos.

— Que chatura, né? E a sua mesa?

— Nem pergunte — disse Blair. — Já viram com quem estou sentada?

As duas meninas abafaram o riso.

— Viu aquele cartaz dela, feito pelos artistas mortos? — perguntou Laura.

Blair assentiu e revirou os olhos.

— O que é aquilo, afinal? — disse Rain. — O umbigo dela?

Blair esteve pavorosamente perto de fazer seu próprio retrato com os irmãos Remi, mas ainda não sabia.

— E quem se importa?

— Ela não tem vergonha — arriscou Laura. — Eu realmente meio que tenho pena dela.

— Eu também — concordou Rain.

— Bom, eu não — disse Blair de maneira irritada antes de escapulir dali.

Nate abriu a porta do banheiro dos homens exatamente na hora em que Serena empurrou a porta do das mulheres. Juntos, eles seguiram pelo corredor de volta à mesa.

— Nate — disse Serena, ajeitando o novo vestido Marni amarelo nas pernas. — Pode me explicar por que não está falando comigo, por favor?

— Eu não deixei de falar com você — disse Nate. — Tá vendo, estou falando com você agora.

— Quase nada — disse Serena. — O que aconteceu? Qual é o problema? Blair disse alguma coisa sobre mim?

Instintivamente, Nate colocou a mão no bolso do casaco e passou os dedos no frasco de uísque escondido ali. Olhou o piso de mármore, evitando os belos olhos tristes de Serena.

— A gente devia voltar — sugeriu Nate, acelerando o passo.

— Tá legal — respondeu Serena, seguindo-o.

Chuck sorriu com malícia para eles quando ambos retornavam às suas cadeiras. *Como é que foi?*, a expressão dele parecia perguntar.

Serena teve vontade de arrancar a outra pálpebra dele. Pediu mais

uma xícara de café e colocou quatro colheres de açúcar, mexendo e remexendo, perguntando-se onde Blair tinha se metido.

Nate pediu um Bloody Mary. Chuck o acompanhou.

— Vamos virar! — declarou Chuck alegremente, batendo seu copo no de Nate e tomando um grande gole. O suco de tomate vermelho-sangue espirrou na toalha de mesa branca. Os sapos azuis pularam como loucos em sua gaiola de vidro.

Serena empurrou a cadeira para trás e se levantou, à caça de Blair.

Um rifle Kentucky. Uma espingarda de cartucho carregada pela culatra de cano duplo. A besta usada pelo conde Ulrich V de Württemberg. O florete de Cristiano II, eleitor da Saxônia. A espingarda de pederneira de Luís XIII, rei da França. As pistolas de pederneira da imperatriz Catarina, a Grande. Esporas de roseta. Um polvorinho. O espadim do coronel Marinus Willet.

Blair olhou as vitrines, finalmente optando por um lindo revólver de percussão Colt modelo Dragoon gravado com animaizinhos dourados e exibido em uma caixa de madeira forrada com um belo veludo azul. Um retrato a óleo em tamanho natural do altivo líder da Guerra Revolucionária, coronel Marinus Willet, olhava enquanto ela enrolava o pulso no cardigã de cashmere lavanda Lutz & Patmos e quebrava o vidro.

Serena ouviu o alarme. O instinto lhe disse para correr em direção ao som, certa de que Blair aprontava alguma. Ela disparou pelo pátio Charles Engelhard banhado pelo sol na Ala Americana e passou pelas portas de vidro que levava a Armas e Armaduras. As portas se fecharam e se trancaram às costas dela. A peça central da coleção estava diante dela, uma vitrine em tamanho natural com quatro cavaleiros em seus cavalos. O alarme soava alto. Turistas andavam perto da vitrine, sem se abalar. Blair não estava à vista.

— Senhorita, não pode fazer isso! — Um segurança de terno do outro lado da vitrine gritou para Blair.

Blair apontou o revólver para ele.

— Ah, cala essa boca — vociferou. — Minha família praticamente é dona de toda a ala.

Serena contornou os cavaleiros montados e atravessou o hall principal. Correu para trás do segurança trêmulo sob a mira de Blair e parou de repente.

— Duvido que tenham colocado uma arma carregada em exposição, Blair.

Blair puxou o gatilho, torcendo para abrir um grande buraco no peito do segurança e depois no de Serena. O gatilho estalou. Nada aconteceu. Merda. Serena tinha razão.

As duas meninas correram para se armar. Serena quebrou uma caixa de vidro e escolheu o sabre do sultão Murad V. Era longo, afiado e tinha um arco perfeito, com um lindo punho de jade e franjas douradas, cravejado de ouro e pedras preciosas. Blair quebrou outra caixa e escolheu um iatagã da corte pertencente a Suleiman, o Magnífico, um combo espada-facão cintilante com uma lâmina de quase um metro que parecia afiada como o inferno e era decorada em ouro com uma cena de luta entre um dragão com olhos de rubi e uma fênix com dentes de prata.

As armas eram tão pesadas que as garotas precisavam usar as duas mãos para manejá-las. O segurança desaparecera, temendo pela própria vida ou para chamar reforços, ou as duas coisas. O alarme era alto. Soava nos ouvidos das garotas. Mas nada detinha os turistas.

Nada nunca detém os turistas.

— Meninas, sabem onde fica a ala de Artes da África, Oceania e Américas? — perguntou-lhes um careca trapalhão de óculos de leitura.

— Cala a boca! — Blair gritou e o cortou ao meio.

— Blair! — Serena a censurou ao tentar golpear Blair com o sabre.

— Até parece que você é perfeita — zombou Blair, afastando-se num salto gracioso de bailarina.

Serena recuou o sabre e se preparou para outro golpe, estripando sem querer um grupo de matronas do Cosmopolitan Club.

Ops.

Blair girou para Serena com a lâmina reluzente do iatagã. Dois seguranças correram para impedi-la, perdendo as pernas enquanto Serena girava com o sabre para se defender.

Ops de novo.

Além das portas agora trancadas da Ala Americana, a coleção de Armas e Armaduras tinha apenas duas vias de acesso — a entrada principal e uma escada no canto direito do hall. Serena disparou para a escada, a respiração se acelerando e encurtando, os braços doendo ao correr com o sabre pesado.

O sangue pingava da arma de Blair nas mules Miu Miu cinza-escuras.

— Ah, não vai não! — gritou Blair, saindo em perseguição.

Os passos das meninas ecoavam no imenso hall. Uma armadura de guerreiro samurai japonês a cavalo observava com prazer, a espada de

bastão de críquete ainda na bainha de pele de leopardo.

Correr escada acima com o sabre comprido e pesado era trabalho árduo. Além do mais, Serena não jogava tênis. Com as pernas e braços doendo, ela sofria, suando e ofegando, ao alto da escada, indo para a ala de Instrumentos Musicais, no segundo andar.

Daqui a pouco você vai vê-las empunhando violoncelos.

Bem mais em forma, Blair subiu a escada de mármore de dois em dois degraus. Logo estava bem atrás da cabeleira loura e familiar de Serena. Blair endireitou os ombros e mirou. Lançou o braço para trás como um arco e arremessou o iatagã na forma tensa de Serena, pegando-a entre as omoplatas. O sangue brotou do vestido amarelo. Lentamente, como uma guerreira abatida num filme, Serena deixou cair o sabre, cambaleou e tombou.

Blair queria ter uma serra elétrica. De algum modo esperava que a morte de Serena fosse horrenda, repulsiva e *barulhenta*. Mas o poço da escada estava em silêncio. Ela esperou que Serena se levantasse e golpeasse novamente, como Glenn Close na banheira no final de *Atração fatal*, mas nada aconteceu, nem mesmo um tique da mão ensanguentada de Serena. Blair se virou e desceu a escada, sentindo-se um tanto enganada. Pelo menos Serena agora estava morta, mas seus sapatos novos estavam totalmente arruinados.

A segurança estava ocupada trancando a área. Ninguém tinha permissão para entrar ou sair com as assassinas à solta. Blair retornou à mesa e começou a devorar o crême brûlée. Era cheio de ovos, mas ela não deu a mínima — logo vomitaria tudo mesmo.

— Ei, Blair. — Nate apareceu atrás dela e pôs as mãos em seus ombros, fazendo com que Blair deixasse cair a colher com estrondo. Ele sorriu e se curvou para ela. — Isso parece bom — disse ele. — Me dá um pouquinho?

A mão de Blair agitou-se nervosamente para o coração. O sensual Nate. O seu Nate. Meu Deus, ela ainda o desejava — tanto. Mas não ia ceder com tanta facilidade. Tinha seu orgulho. Recuperando a compostura, ela pegou o Bloody Mary e bebeu todo o drinque de um gole só, inclusive o sapo venenoso que Chuck tinha jogado nele só para se divertir.

— Pode ficar com o resto. — Ela arrotou e empurrou a cadeira para trás. — Com licença.

Na frente do Met, as ambulâncias chegavam. Haveria uma

tremenda comoção depois que descobrirem que Serena van der Woodsen estava morta.

Blair estalou as mules sujas para o banheiro feminino, onde podia meter o dedo na goela e se esconder da segurança.

Uma dama e tanto.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Achei a *S* uma graça na foto da seção Styles do *Times* de domingo. Mas acho que os professores dela não devem ter ficado satisfeitos por vê-la empunhando martínis duplos numa noite de aulas. Para falar a verdade, estou meio cheia disso tudo. Quero dizer, não basta a gente ter de ver aquela foto toda vez que usa um transporte público? Obviamente *you* não está enjoada ainda.

Seu e-mail

P:

oi, gg

fui na exposição da galeria e vi sua foto. muito sexy. gosto da sua coluna também. vc é demais.

— Bigfã

R:

Caro Bigfã,

Se você não é um maníaco, acho que estou lisonjeada.

— GG

P:

Cara Gossip Girl,

Quando vi a foto de **S** no jornal, tive uma ideia! Você é **S**? Se é, você é cheia de segredinhos. Além disso, meu pai adora você e quer que você escreva um livro. Ele conhece um monte de gente. Se me disser quem você é, ele pode te deixar famosa.

— JNYHY

R:

Oi, JNYHY,

Você é que é cheio de segredinhos. E não é para me gabar, mas eu já tenho um pouco de fama. Quero dizer, mais para infâmia. O que é um motivo a mais para não contar a você quem eu sou.

— GG

Flagra

D devolvendo um lindo smoking **Armani** na **Barneys** e alugando outro muito menos lindo numa loja de trajes a rigor. Sua irmã **J** comprando roupa íntima na **La Petite Coquette**, embora tenha amarelado na hora de comprar fio dental. **N** comprando um grande saco de maconha no Central Park. Me conta uma novidade. **B** foi vista no salão **J. Sisters** fazendo uma depilação com cera quente, amarela e brilhante. E **S**? **S** desapareceu. Não foi à escola, não está em lugar nenhum. Certamente havia um monte de ambulâncias no Met ontem. Será verdade...?

Notícias do museu

Primeiro, uma valiosa adaga indiana do século XVII com uma lâmina muito afiada de aço forjado e punho de ouro cravejado de esmeraldas ainda está desaparecida da coleção Armas e Armaduras recentemente saqueada do Metropolitan Museum of Art. Conhecem alguém com queda por esmeraldas ou facas afiadas?

Segundo, a Frick, a notoriamente linda e antiga casa do industrial Henry Clay Frick na rua 70 com a Quinta, agora um museu e lar de tantas de nossas melhores festas, foi rebatizada de Katherine Farkas and Isabel Coates Memorial House em homenagem às nossas irmãs mortas. Mal posso esperar para brindar a elas na sexta-feira!

Duas perguntas

Primeira: Se você soubesse de uma festa para a qual não foi convidada, você não iria, só para irritar as pessoas? Eu iria.

Segunda: Se você decidisse ir à festa, não ia querer esfregar sua presença na cara dos outros aparecendo do nada totalmente linda e roubando o namorado de todo mundo? *Definitivamente sim.*

Mas quem sabe o que *S* vai decidir fazer, se ainda estiver entre nós? Essa garota é cheia de surpresas...

Pelo menos eu dei alguma coisa para pensar enquanto vamos à pedicure, pinçamos a sobrancelha e escondemos nossos defeitos e facadas.

Vejo vocês na festa!

Pra você que me ama

gossip girl

s, a ressurreição

— Feio, feio, feio — resmungou a loura alta, embolando o novo vestido e atirando-o na cama.

Um lindo vestido preto de crepe Tocca? Ah, qual é, como pode ser feio?

Durante toda a semana ela ficou em coma induzido na Clinic Schloss Mammern na Suíça, curando-se. O ferimento estava fechado, mas Serena ainda se sentia um tanto distante, uma sombra espectral de sua antiga personalidade, uma garota que as pessoas conheceram, mas da qual não conseguiam se lembrar mais. E pela primeira vez na vida ela se sentia feia e desajeitada. Seus olhos e seu cabelo estavam opacos, e o lindo sorriso e comportamento descolados tinham sido suspensos até segunda ordem.

Agora era sexta-feira, a noite da festa *Beije-me ou Morra*. E a pergunta que ela não conseguia responder era: ir ou não ir?

Antigamente, antes de festas elegantes como essa, Serena e as amigas passariam metade da noite arrumando-se juntas — bebendo gim-tônica, dançando de calcinha e sutiã, experimentando as roupas mais loucas. Mas nesta noite Serena esquadrihava seu armário sozinha.

Havia uma calça jeans com um rasgo na perna de quando ela a prendeu numa cerca de arame farpado em Ridgefield. O vestido de cetim branco que ela usou na festa de Natal do nono ano. A velha jaqueta de couro do irmão. Os tênis mofados que deveriam ter ido para a lixeira dois anos antes. E o que era aquilo? Um suéter vermelho de lã — de Nate. Serena o segurou perto do rosto e cheirou. Tinha o cheiro dela, não dele.

No fundo do armário havia um vestido de veludo preto que Serena comprara com Blair em uma loja vintage. Era um vestido apropriado para beber, dançar e circular decorativamente numa casa enorme cheia de gente se divertindo. Lembrava a garota dos bons tempos que Serena era na época em que comprou o vestido — seu velho eu, a garota que era até duas semanas atrás. Ela deixou o roupão cair no

chão e colocou o vestido pela cabeça. Talvez ele lhe devolvesse parte de seu poder.

Descalça, foi até o quarto de vestir dos pais, onde eles se arrumavam para um evento de gala.

— O que vocês acham? — perguntou Serena, dando uma volta na frente deles.

— Oh, Serena, você não vai usar *isso*. Diga-me que não — exclamou a mãe, prendendo um longo colar de pérolas no pescoço.

— Qual é o problema com ele? — disse Serena.

— É uma velharia horrorosa — disse a Sra. Van der Woodsen. — É o tipo de vestido que acompanhou minha avó em seu caixão. Além disso, ele é aberto nas costas. Aparece sua cicatriz.

— E aquelas roupas que você comprou com sua mãe na semana passada? — sugeriu o Sr. Van der Woodsen. — Não comprou nada para usar na festa?

— É claro que comprou — antecipou-se a Sra. Van der Woodsen. — Comprou um vestido preto adorável.

— Que me deixa parecida com a Noiva de Frankenstein — disse Serena, rabugenta. Colocou as mãos nos quadris e fez uma pose diante do espelho de corpo inteiro da mãe. — Gosto deste. Ele tem personalidade.

A mãe suspirou em desaprovação.

— Bem, o que Blair vai usar?

Serena encarou a mãe e piscou. Em circunstâncias normais, ela saberia exatamente o que Blair ia usar, até a calcinha. E Blair insistiria em comprar os sapatos com ela, porque se você compra um novo vestido, precisa ter um novo par de sapatos. Blair adorava sapatos.

Mas no fim de semana anterior, ela quase a matara.

— Blair disse a todo mundo que ia de vintage — mentiu Serena.

A mãe estava prestes a responder quando Serena ouviu o telefone tocar em seu quarto. Era Nate ligando para se desculpar? Blair? Ela disparou pelo corredor, descalça, atrapalhando-se ao pegá-lo.

— Alô? — disse ela sem fôlego.

— E aí, safada? Desculpe por não ligar há algum tempo.

Serena suspirou profundamente e se sentou na cama.

— Oi — disse ela. Erik não sabia da Suíça. Não sabia que ela quase tinha morrido. A mãe queria que fosse do conhecimento do menor número possível de pessoas.

— Eu te vi na Styles do jornal do domingo passado. Você é maluca ou o quê? — Erik riu. — O que a mamãe disse?

— Nada. Agora eu posso fazer o que quiser. Todo mundo pensa que eu, tipo assim, estou *acabada* ou coisa parecida — disse Serena, procurando pelas palavras certas.

— Isso não é verdade. Ei, o que é que tá pegando? Você parece triste.

— É — disse Serena. Seu lábio inferior começou a tremer. Desta vez não era um ataque fermentando, mas lágrimas de verdade. — Tô meio assim.

— Assim como? O que foi?

— Sei lá. Tem uma festa que eu tenho de ir, e todo mundo vai. Você sabe como é — começou ela.

— Isso não parece tão ruim — retrucou Erik com delicadeza.

Serena ajustou os travesseiros na cabeceira da cama e se enfiou debaixo do edredom.

— É só que ninguém mais fala comigo. Eu nem sei por quê, mas desde que voltei é como se eu tivesse a doença da vaca louca ou coisa parecida. — Uma por uma, as lágrimas começaram a cair.

— E a Blair e o Nate? Eles devem estar falando com você — disse Erik. — São seus melhores amigos.

— Não são mais — disse Serena baixinho. Agora as lágrimas jorravam livremente pelo rosto. Ela pegou um travesseiro e apertou-o contra as bochechas para conter o choro.

— Bom, sabe o que eu acho? — disse Erik.

Serena engoliu em seco e limpou o nariz com as costas da mão.

— O quê?

— Eles que se fodam. Totalmente. Você não precisa deles. Você é tipo a gata mais cool do hemisfério ocidental. Eles que se fodam, fodam-se, fodam-se — disse ele.

— Tá — disse Serena com dúvida. — Mas eles são meus amigos.

— Não são mais. Você mesma acabou de dizer isso. Pode ter novos amigos. Estou falando sério, Serena. Não deixe que esses babacas transformem você numa babaca. Manda eles à merda.

Era o perfeito erikismo. Serena riu, esfregou o nariz escorrendo no travesseiro, e o atirou pelo quarto.

— Tudo bem — disse ela, sentando-se. — Você tem razão.

— Eu sempre tenho razão. É por isso que é tão difícil entrar em contato comigo. A demanda por gente como eu é enorme.

— Estou com saudade — disse Serena a ele, roendo uma unha cor-de-rosa. Os nós dos dedos ainda estavam machucados por causa do fim de semana anterior.

— Eu também — disse Erik.

— Serena? Estamos indo! — Ela ouviu a mãe gritar do corredor.

— Tá legal, é melhor eu ir — disse Serena. — Te adoro.

— Tchau.

Serena desligou. O convite para a festa *Beije-me ou Morra* que Jenny tinha feito para ela estava na beirada da cama. Serena o rasgou e jogou na cesta de lixo.

Erik estava certo. Ela não tinha de ir a uma festa beneficente idiota só porque todo mundo ia. Eles nem mesmo a queriam lá. Fodam-se. Ela era livre para fazer o que bem entendesse. E além do mais, se fosse à festa, ela e Blair tentariam se matar de novo e Serena estava meio cansada desse joguinho. Já bastava. Estava na hora de tocar a vida.

Serena levou o telefone para a mesa e vasculhou uma pilha de papéis até achar a lista de alunos da Constance Billard School, que tinha vindo com a correspondência na segunda-feira. Serena leu os nomes. Não era a única a deixar de ir à festa. Podia achar um novo amigo.

Serena discou um número e o telefone tocou. Ela se enfiou embaixo da cama e pegou o estojo de violino. Abrindo-o, retirou a faca de caça ensanguentada.

o vermelho ou o negro

— Alô — disse Vanessa, pegando o telefone. Estava se arrumando para sair com a irmã. Agora estava de sutiã preto, jeans pretos e seus Doc Martens. Não tinha nenhuma blusa preta limpa. A irmã tentava convencê-la a usar uma vermelha.

— Oi. É a Vanessa Abrams? — perguntou uma voz feminina do outro lado da linha.

— É. Quem fala? — Vanessa, diante do espelho do quarto, segurava a blusa vermelha de encontro ao peito. Não usava nenhuma outra cor havia dois anos. Por que deveria começar agora?

Por favor?

— É Serena van der Woodsen.

Vanessa parou de se olhar no espelho e atirou a blusa na cama.

— Oi. Pensei que estivesse morta. Cadê a minha faca, sua cretina?

— É por isso que estou ligando. Queria devolver.

— Arrã — disse Vanessa, tentando imaginar por quê, de todas as pessoas, era justamente Serena van der Woodsen que estava ligando para ela numa sexta-feira à noite. Ela não tinha um baile ou coisa parecida? Alguma fête?

— Posso entregar agora. Hoje à noite. Se não tiver problema.

— Parece legal. — Vanessa franziu a testa para a ondulação branca de flacidez acima da cintura. Murchou a barriga. — Mas vou sair agorinha mesmo.

— Tudo bem. — Serena pausou. Não parecia muito ansiosa para desligar o telefone.

— Ei, não vai ter uma festona na Frick ou sei lá o que hoje à noite? — disse Vanessa. — Você vai?

— Não — respondeu Serena. — Não fui convidada.

Vanessa assentiu, processando a informação. Serena van der Woodsen não foi convidada? Talvez ela não fosse assim tão má.

— Bom, quer sair com a gente esta noite? — Vanessa se ofereceu antes que conseguisse se reprimir. — Eu e minha irmã mais velha vamos a um bar aqui em Williamsburg. A banda dela vai tocar. É uma

coisa meio pancadão para bater cabeça. As pessoas sempre se machucam ou são presas, quando não morrem pisoteadas.

— Parece ótimo! — exclamou Serena. — Vou levar a faca.

Vanessa deu o endereço do Five and Dime — o bar onde a irmã ia tocar — e desligou.

A vida era tão estranha. Num dia você está tirando meleca do nariz e tramando explodir sua escola com todo mundo dentro, no outro está convidando Serena van der Woodsen para sair e falar de facas. Ela pegou a blusa vermelha, vestiu-a e se olhou no espelho. Parecia uma tulipa. Uma tulipa com uma cabeça preta eriçada.

— Dan vai gostar disso — disse a irmã, parada à soleira da porta. Entregou à Vanessa um batom vermelho. *Vamp.*

— Bom, Dan não vai com a gente hoje à noite. — Vanessa sorriu com afetação para a irmã. Passou o batom e comprimiu os lábios. — Ele tem de levar a irmã mais nova numa festa chique.

Ela se olhou no espelho mais uma vez. O batom deixava seus grandes olhos castanhos ainda maiores, e a blusa era meio legal, de um jeito berrante olha-eu-aqui. Ela empinou o peito e sorriu convidativamente para seu reflexo. *Talvez eu arrume uma transa*, pensou ela. Ou talvez não.

— Tem alguém que vai se encontrar com a gente — Vanessa informou à irmã.

— Homem ou mulher? — perguntou Ruby, virando-se para verificar a bunda no espelho.

— Mulher.

— Nome? — Ruby passava gel nas mechas pretas.

— Serena van der Woodsen — murmurou Vanessa.

— A garota da foto que está na cidade toda? — perguntou Ruby, claramente deliciada. — A garota que pode ou não ter matado aqueles artistas gêmeos?

— É, ela mesma — disse Vanessa.

— Pensei que tivesse batido as botas — disse Ruby.

Até parece que uma lenda realmente morre.

beije-me ou morra

— Que flores fantásticas! — exclamou Becky Dormand, aluna do primeiro ano da Constance. Ela beijou Blair no rosto. — E que vestido demais!

— Obrigada, Beck. — Blair olhou o próprio vestido simples de cetim verde-escuro Prada que estava usando. A adaga de cabo de esmeralda que roubou do Met estava presa na coxa, escondida por baixo do vestido longo, na altura do tornozelo. Pode chamá-la de paranoica, mas, desde sua batalha com Serena na coleção de Armas e Armaduras, ela decidiu permanecer armada, só por precaução.

Nunca se sabe quando sua melhor amiga vai surgir dos mortos e lhe dar uma facada nas costas.

Um garçom passou com uma bandeja de champanhe. Blair pegou uma flûte rapidamente e esvaziou em questão de segundos. Era a terceira até agora.

— Adorei seus sapatos — disse Blair. Becky estava de sandálias pretas de salto alto com tiras trançadas até os joelhos. Combinavam perfeitamente com o tutu preto e curto e o rabo de cavalo superalto. Parecia uma bailarina do mal.

— Mal posso esperar que a galera abra a bolsa de brindes — guinchou Laura Salmon.

— Nem acredito que colocamos camisinhas que brilham no escuro nela. — Rain Hoffstetter riu. — E aqueles canivetinhos! Não somos doidas?

— Até parece que você vai usar. — Laura fez graça.

— Como é que *VOCÊ* pode saber? — ofendeu-se Rain.

— Blair? — Blair ouviu alguém falar com a voz trêmula.

Blair se virou e viu a pequena Ginny Humphrey parada atrás dela, parecendo um Wonderbra humano com seu vestido de cetim preto.

— Ah, oi — disse Blair com frieza. — Obrigada novamente por fazer os convites. Ficaram mesmo ótimos.

— Obrigada a você por *me deixar* fazê-los — disse Jenny. Seus olhos disparavam pelo salão imenso, que pulsava de gente, música e

fumaça. Velas pretas de um metro de altura em copos altos de vidro decorados com penas de pavão e fragrantes orquídeas brancas tremulavam em toda parte. Jenny nunca tinha visto nada tão bacana. — Meu Deus, não conheço ninguém aqui — disse ela, nervosa.

— Não? — Blair se perguntava se Ginny achava que ia conversar com *ela* a noite toda.

— Não. Meu irmão Dan devia vir comigo, mas não quis, então eu deixei ele pra lá. Na verdade, eu só conheço uma pessoa — disse Jenny.

— Oh — disse Blair. — E quem é?

— Serena — piou Jenny. — Você a viu por aqui?

Exatamente nessa hora uma garçonete brandiu um prato de sushi debaixo do nariz de Blair, que pegou um sushi de atum parrudo e o enfiou na boca. A adaga futucava sua coxa. Poderia ser divertido dar a partida na festa cortando a garganta da Ginny.

— Serena não vem — disse ela, mastigando, faminta. *Ela está morta*, acrescentou presunçosamente para si mesma. *E você também vai morrer, logo, logo, pequena Ginny. Assim que eu comer um pouco mais desses hors d'oeuvres deliciosos.*

Jenny pegou duas flûtes da bandeja de uma garçonete. Franziu o cenho ao entregar uma a Blair.

— Sei que Serena estava doente, mas não acho que ela perderia a festa. — Ela parou para tomar um golinho de champanhe. Blair parecia meio zangada por algum motivo. Talvez ela devesse parar de falar antes que alguma coisa ruim acontecesse.

Blair arrotou, enjoada. A veneração na voz da Ginny ao falar de Serena lhe dava náuseas. Ela teria de esperar para matá-la para depois que vomitasse.

— Volto já — disse ela, praticamente correndo para o toalete.

Jenny bebeu todo o champanhe. Outro garçom passou com mais taças e ela pegou duas. Nunca tinha bebido champanhe na vida. O sabor era maravilhoso.

A festa estava lotada, mas não havia com quem conversar. Jenny levou o champanhe para o pé da escada de mármore e se sentou. Quem dera o vestido não fosse tão apertado. Ela continuou a beber, olhando a sala cintilante e se parabenizando por ter conseguido ir à festa.

Dois pés com sapatos de couro de porco apareceram ao lado dela no

degrau.

— Ei, *oi* — disse uma voz grave, pairando acima dela.

Jenny olhou para cima. Seus olhos deram na cara de comercial de loção pós-barba com tapa-olho de monograma dourado de Chuck Bass. Ela prendeu a respiração. Ele era o cara mais elegante que já vira e estava olhando diretamente para ela.

— Não vai me apresentar? — Chuck olhava o peito de Jenny.

— A quem? — disse Jenny, franzindo a testa, confusa.

Chuck riu e estendeu a mão. Olha o decote dessa menina!

— Meu nome é Chuck Bass. Quer dançar?

Jenny hesitou, mas só por um segundo. Não estava usando um vestido preto *sexy* para ficar sentada na escada a noite toda. Ela se levantou, um pouco tonta depois de tanto champanhe.

— Claro, vamos dançar — balbuciou Jenny, caindo no peito de Chuck.

Ele passou o braço pela cintura dela e a apertou com força.

— Boa menina — disse ele, como se estivesse falando com uma cadelinha.

Jenny tropeçava e vacilava em Chuck enquanto dançavam. O cara era tão lindo, tão encantador. A música era incrível. A festa era incrível. Aquela noite definitivamente iria ficar como uma das mais memoráveis de sua vida.

Se ela sobrevivesse.

o five and dime

— Peça o que quiser — disse Vanessa a Serena. — É por conta da casa.

Ruby pegou os pedidos. Como era da banda, podia beber de graça.

— E não se esqueça da minha cereja! — gritou Vanessa quando Ruby foi buscar as bebidas.

— Sua irmã é incrível — disse Serena, admirando o cabelo preto cool de Ruby e a calça de couro verde-escura.

Vanessa deu de ombros.

— É — concordou. — Mas é um pé no saco pra mim. Quero dizer, todo mundo sempre diz, “Ruby é tão legal”, e para mim, “Oi? Vai se foder!”.

Serena riu.

— Sei o que quer dizer. Meu irmão mais velho... ele foi para a Brown e todo mundo gosta dele. Meus pais sempre acompanham tudo o que ele faz; agora que voltei do internato é tipo assim: “Oh, nós temos uma filha?”

— É isso aí — concordou Vanessa. Não conseguia acreditar que estava tendo uma conversa ridiculamente normal com Serena van der Woodsen, a psicopata assassina.

Ruby trouxe as bebidas.

— Tá legal, meninas, tenho de ir à luta.

— Boa sorte — disse Serena.

— Obrigada, docinho. — Ruby pegou o estojo do baixo e foi se encontrar com os companheiros da banda.

I-na-cre-di-tável, pensou Vanessa. Ruby nunca chamava ninguém de docinho, só Tofu, o periquito dela. Serena certamente tinha um jeitinho especial de derreter o coração das pessoas. Vanessa até já estava começando a gostar um pouco dela.

Ela pegou seu drinque e brindou com Serena.

— Às gatas supermaneiras — disse ela, sabendo que pareceria seriamente gay, mas sem dar a mínima para isso.

Serena riu e bebeu seu gole da Stoli. Enxugou os olhos e piscou

algumas vezes. Um cara meio desganhado com um smoking grande demais entrava no bar. Parou perto da porta e olhou para Serena como se tivesse visto um fantasma.

— Ei, não é o seu amigo Dan? — perguntou Serena a Vanessa, apontando.

Dan usava smoking pela primeira vez. Ele se sentiu elegante quando o colocou, mas ainda assim não conseguiu lidar com a festa *Beije-me ou Morra*. Depois de deixar Jenny na festa, ele pediu ao taxista que seguisse para o Five and Dime, na esperança de Vanessa aceitar suas desculpas por ser um mala com o filme.

No caminho para o bar, ele tentava se convencer de que não se importava por nunca mais ver Serena van der Woodsen. Soube de um estranho boato de que ela estava mesmo morta.

*O taxímetro corre.
A vida é frágil e absurda.
Este amor jamais morre.*

A vida era mesmo frágil e absurda. Porque *Serena estava ali*. Viva e em Williamsburg, justamente ali. A garota dos sonhos dele.

Dan se sentia uma Cinderela de smoking. Enfiou as mãos nos bolsos para evitar que tremessem e tentou planejar o próximo movimento. Iria até lá e ofereceria um drinque a Serena com a maior elegância. O pior é que a única coisa elegante nele era a roupa. Mesmo que tivesse só metade da elegância que teria se tivesse comprado o smoking Armani na Barneys.

— Oi — disse Dan quando chegou à mesa, a voz falhando.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Vanessa. Não conseguia acreditar na própria sorte. Tinha de ficar ruim desse jeito? Então ela ia ter de ficar sentada ali pelo restante da noite vendo Dan babar pela Serena? A faca bowie anda estava na linda bolsa de couro preto de Serena. Vanessa disse a ela para guardar ali até a hora de ir embora. Ela podia pegá-la agora e livrar Dan de sua infelicidade babona.

— Matei a *Beije-me ou Morra* — explicou Dan. — Não é a minha onda.

— Eu também. — Serena sorriu para Dan como ele nunca viu antes.

Dan se segurou no encosto da cadeira de Vanessa para recuperar o equilíbrio.

Coração!

Você mesmo.

Aquilo não era vida — isto é.

— Oi — cumprimentou ele, tímido.

— Você se lembra de Serena — afirmou Vanessa. — Ela é da minha turma na Constance.

— Belo smoking — disse Serena.

Dan corou e olhou para si mesmo.

— Obrigado. — Ele levantou a cabeça. — E esse vestido... é... bonito também — gaguejou. Nunca pensou que seria possível soar tão retardado. Quando foi que se esqueceu de como se fala?

Quando parou de falar e começou a escrever haikais deprimentes?

— E a *minha* blusa? — perguntou Vanessa em voz alta. Ela se levantou e deu uma voltinha. — Já me viu assim tão gostosa?

Dan olhou a blusa vermelha de Vanessa. Não era muito excitante.

— É nova? — perguntou ele, confuso.

— Deixa pra lá. — Vanessa arriou na cadeira, de olho na bolsa de Serena. Quem esfaquear: Dan ou Serena? Os dois?

— Senta aí. — Serena se afastou para abrir espaço para Dan. — A banda da Ruby vai tocar daqui a pouco. Soube que a coisa fica bem feia.

Os boatos não podiam ser verdadeiros, pensou Dan. Serena não parecia uma doida por sexo, viciada em drogas e maníaca homicida. Ela era delicada, perfeita e excitante, como uma flor silvestre com que a gente topa inesperadamente no Central Park. Dan queria ficar de mãos dadas com ela e ler poemas em seu ouvido a noite toda.

Doce mal-me-quer.

Cortarei minha garganta agora, sorrindo.

Esqueça-me — nunca.

Ele se sentou ao lado dela. Suas mãos tremiam tanto que ele teve de se sentar em cima delas para mantê-las paradas.

A banda começou a tocar. Ruby soltou um uivo arrepiante e bateu cabeça com o baterista. Serena terminou a vodka.

— Quer outra? — ofereceu Dan, ansioso.

Serena balançou a cabeça.

— Vamos ouvir a música um pouco.

Ela se recostou na cadeira. Os cotovelos de ambos se tocavam. Ruby soltou outro uivo e jogou os coturnos pretos de bico de aço na plateia.

Dan apertou o cotovelo contra o de Serena com a maior força que se atreveu. Ela podia matá-lo agora e ele morreria feliz.

como sempre, b está no banheiro e n está chapado

— Que comecem as festividades! — gritou Anthony Avuldsen, escancarando as portas da Katherine Farkas and Isabel Coates Memorial House.

Como sempre, Nate, Anthony e Charlie tinham fumado um bom baseado antes da festa. Nate estava doidão e, quando passou pela porta e viu Blair abrindo caminho entre as pessoas com a mão na boca, começou a rir. Diziam os boatos que Blair tinha esfaqueado Serena, e por isso Serena ficou uma semana sem ir à escola. Mas às vezes você tinha de rir. Blair, com o estômago fraco, esfaqueando alguém? Ha!

Ha!

— Está rindo de quê, imbecil? — disse Anthony, dando uma cotovelada nas costelas de Nate. — Não aconteceu nada ainda.

Nate passou a mão no rosto e tentou parecer sério, mas era difícil fazer uma cara séria numa sala cheia de caras vestidos como pinguins e de garotas com roupas sensuais. Blair provavelmente já estava no banheiro. A questão era, será que devia ir lá resgatá-la? Era o tipo de coisa que um namorado bom e preocupado faria.

— O bar é bem ali — disse Charlie, liderando o grupo.

— Encontro vocês depois. — Nate passou por Chuck com seu tapa-olho, girando a virilha na bunda de uma garota baixinha de cabelos crespos castanhos e um decote insano, e foi para o banheiro das mulheres.

Mas Blair não estava lá. Foi parada por uma mulher de meia-idade com um *tailleur* Chanel vermelho e um *button* com os dizeres “Salve as Aves”.

— Blair Waldorf? — disse a mulher, abrindo seu melhor sorriso de levantamento de fundos. — Sou da Fundação Aves de Rapina.

Mas que hora péssima para isso.

Blair olhou a mão estendida da mulher. A própria mão direita estava grudada na boca, prendendo o vômito que ameaçava sair a

qualquer momento. Blair começou a tirar a mão para cumprimentar a mulher, mas um garçom passou com espetos de frango apimentados crepitando e ela sentiu náuseas.

Blair apertou os lábios para evitar que o vômito saísse pelos cantos da boca. Estendeu a mão esquerda. Teria de servir.

— É tão maravilhoso finalmente conhecer você — disse a mulher das aves. — Mas tenho uma pequena confissão a fazer. — Ela se aproximou um passo, ainda segurando a mão de Blair. — Nossas aves não correm mais risco de extinção. Na realidade, o prefeito quer começar a sacrificá-las. É claro que nos opomos a isso.

Blair puxou a mão de volta, sem saber se deveria vomitar em cima da mulher ou apunhalá-la com um dos espetinhos de frango. As duas coisas fariam uma sujeira e a festa estava tão elegante. Seus olhos dispararam pela sala lotada, procurando desesperadamente por ajuda.

Lá estavam Rain e Laura, dançando uma com a outra. Havia Anthony Avuldsen, oferecendo comprimidos de ecstasy. Lá estava Charlie Dern, perto do bar tentando ensinar um grupo de alunas da Seaton Arms a fazer anéis de fumaça. Lá estava Chuck, segurando a menina-boneca com tanta força que parecia que os peitos dela iam explodir.

Todos os codjuvantes estavam ali, mas onde estava o protagonista, seu salvador?

— Blair?

Ela se virou e viu Nate abrindo caminho pela multidão em direção a ela. Os olhos de Nate estavam injetados, o rosto calmo e os cabelos despenteados. Ele mais parecia um ator coadjuvante fácil de ser esquecido do que um protagonista.

Era isso o que ele era? Nate era *isso*?

Blair não tinha muita escolha. Arregalou os olhos, pedindo em silêncio a Nate para ajudar e rezando para que ele assumisse a tarefa.

A mulher das aves franziu o cenho e se virou para ver o que Blair olhava. Blair disparou para o banheiro, e Nate chegou bem a tempo.

Graças a Deus ele estava chapadão.

— Nate Archibald — cumprimentou ele, apertando a mão da mulher. — Minha mãe é uma grande fã das aves.

A mulher riu. Que rapaz encantador.

— Ora, talvez sua família queira fazer uma doação.

Nate pegou duas flûtes de champanhe numa bandeja que passava. Ergueu a taça e bebeu. Depois ergueu a outra taça e bebeu também.

— Às aves — disse ele, tentando conter outro acesso de riso.

Rain e Laura estavam na margem da pista, jogando o cabelo, inúteis como sempre. Nate acenou para elas.

— Oi, Nate — disse Rain, cambaleando sobre saltos de dez centímetros.

Isabel tinha tomado um ecstasy de Anthony.

— *Adorei* seu terninho vermelho — disse ela à mulher das aves, abraçando-a.

— Com licença — disse Nate, aproveitando a deixa para escapulir.

— Blair? — chamou Nate, empurrando cautelosamente a porta do banheiro das mulheres. — Você está aí?

Blair estava agachada no último reservado.

— Merda — disse ela baixinho, limpando a boca com uma toalha de papel. Levantou-se e deu a descarga. — Já vou sair — disse ela, esperando que ele fosse embora.

Mas Nate abriu completamente a porta do banheiro e entrou. Na bancada das pias havia garrafinhas de Evian, perfume, spray para cabelo, Advil e creme para as mãos. Ele abriu uma garrafa de água e colocou dois comprimidos de Advil na palma da mão.

Blair abriu a porta do reservado.

— Você ainda está aí.

Nate estendeu o comprimido e a água.

— Ainda estou aqui — repetiu ele.

Blair engoliu os comprimidos, bebericando a água lentamente.

— Obrigada. Estou bem. Pode voltar para a festa.

— Você está bonita. — Nate ignorou o que ela disse. Estendeu a mão e acariciou um dos ombros expostos de Blair. A pele era quente e macia, e Nate quis se deitar com ela no chão de mármore frio e dormir juntos. E talvez transar.

— Obrigada. — Blair mordeu o lábio inferior. Não queria mais esfaquear Nate, queria beijá-lo. — Você também.

— Desculpe, Blair. Eu realmente sinto muito — começou Nate.

Blair assentiu e começou a chorar. Nate pegou uma toalha de papel e estendeu a ela.

— Acho que o único motivo para o que eu fiz... quero dizer, para o que eu fiz com a Serena... é porque eu sabia que ela ia topa — disse ele, procurando pelas palavras certas. — Mas era você que eu queria o tempo todo. Sempre foi você.

Ai.

Blair engoliu em seco. Ele disse a coisa certa, exatamente do jeito

que ela havia escrito em seus roteiros mentais. Aqueles sem esfaqueamentos brutais, cadáveres em decomposição ou cabeças decapitadas penduradas em árvores. Ela passou os braços pelo pescoço de Nate e deixou que ele a abraçasse. As roupas dele cheiravam a maconha.

Nate a afastou e olhou nos olhos dela.

— Então está tudo bem de novo? Você ainda quer ficar comigo?

Blair viu o reflexo dos dois juntos no espelho. Fitou os lindos olhos verdes de Nate e assentiu indicando que sim.

— Mas só se você prometer nunca mencionar a Serena — fungou ela.

Nate enrolou uma mecha do cabelo de Blair no dedo e sentiu o aroma do perfume dela. Atrás deles um abutre batia as asas na janela do banheiro. Nate o ignorou. Era bom ficar ali, abraçado a ela. Era uma coisa que ele podia fazer. Agora, e talvez para sempre. Ele não precisava pensar em Serena, especialmente se ela já estivesse morta.

— Eu prometo — disse Nate.

E eles se beijaram — um beijo doce e triste. Em sua cabeça, Blair podia ouvir a música crescendo, indicando o final do filme. Tinha começado de um jeito meio sangrento e metade do elenco estava morto, mas pelo menos o final era romântico. O abutre bicou o vidro, encarando-os com os olhos pretos de miçanga.

— Vamos. — Blair se afastou e limpou as manchas de rímel sob os olhos. — Vamos dançar.

De mãos dadas, eles saíram do banheiro das mulheres. Rain Hoffstetter abriu um sorriso malicioso quando passou por eles na entrada do banheiro.

— Gente — resmungou ela. — Arranjem um quarto!

s, d, j e c na luta livre

— Essa banda é demais! — gritou Serena para Vanessa por sobre as marteladas do baixo e da bateria. Rebolava o traseiro na cadeira, os olhos brilhavam. Dan não conseguia respirar normalmente. Mal tinha tocado na bebida.

Vanessa sorriu, satisfeita por Serena ter gostado da música. Pessoalmente, ela odiava, embora nunca tivesse dito isso a Ruby. Preferia ficar deitada sozinha no escuro ouvindo canto gregoriano.

Creeedo!

Uma garota de colete de couro vermelho e legging preta de renda era jogada no ar pela multidão palpitante. As pernas dela pareciam deslocadas, como se tivessem sido arrancadas e presas nas costas.

— *Você é um horror odeio minha vida você é um horror odeio minha vida você é um horror adoro suas mentiras!!!!* — berrava Ruby ao microfone.

— Vamos lá — disse Serena, levantando-se. — Vamos dançar.

Vanessa balançou a cabeça.

— Para mim está bom aqui — disse ela. — Eu dou valor à minha vida.

— Dan? — Serena puxou a manga do paletó dele. — Vamos!

Dan nunca, jamais havia dançado. Olhou para Vanessa, que ergueu as sobrancelhas, desafiando-o. *Se você se levantar e dançar agora, vai diretamente para o topo da minha lista de manés*, era o que dizia o olhar.

Dan se levantou. Serena pegou a mão dele e abriu caminho pela multidão. De repente ela rodou e bateu o corpo todo no dele.

Dan ficou parado ali por um momento, sem saber como reagir. Depois começou a balançar a cabeça no ritmo da batida. Em volta dele as pessoas pulavam no ar e se jogavam umas contra as outras. Dan tomou fôlego e bateu o corpo no de Serena, rindo. Serena levantou os braços, fechou os olhos e soltou um grito louco de banshee. Dan

fechou os olhos e uivou em meio à barulheira.

A música estava tão alta, a multidão tão louca, que não importava o que eles fizessem. Não importava que ele não soubesse dançar ou que fosse o único no ambiente de smoking — provavelmente o único em Williamsburg.

Ele abriu os olhos. Serena sorria para ele. Ela mostrou a língua e bateu o corpo perfeito no dele mais uma vez. Dan cambaleou para trás, sorrindo. O que importava era que *ele estava com ela*. E estava vivo.

Sozinha à mesa, Vanessa primeiro terminou seu drinque e depois o de Dan. Enfim se levantou e foi se sentar no bar.

— Bonita blusa. — Observou o barman quando a viu. A irmã sempre dizia que ele era uma graça; 20 e poucos anos, ruivo, costeletas longas e um sorriso sacana.

— Obrigada — disse Vanessa, sorrindo para ele. — É nova.

— Devia usar vermelho com mais frequência. — Ele estendeu a mão. — Meu nome é Clark. Você é Vanessa, né?

Vanessa assentiu. Ficou se perguntando se ele só estava sendo legal com ela porque gostava da irmã.

— Posso te contar um segredo? — disse Clark. Colocou um monte de coisas diferentes numa coqueteleira e agitou.

Ah, porra, pensou Vanessa. *Nesse ponto ele se abre e me conta tudo, que sempre foi apaixonado pela Ruby, mas que ela parece não perceber, e ele quer que eu banque o Cupido e blá-blá-blá. Ou vai me contar que matou alguém uma vez, o que seria igualmente tedioso.*

Ultimamente, quem não tinha matado?

— O quê? — Ela bocejou, fingindo desinteresse.

— Bom — disse Clark. — Vejo você e Ruby aqui o tempo todo.

Lá vem ele, pensou Vanessa.

— E você nunca apareceu aqui no bar e falou comigo. Mas eu meio que tenho uma quedinha por você desde a primeira vez em que te vi.

Vanessa o encarou. Ele estava brincando, né?

Clark despejou o drinque da coqueteleira num copinho baixo e espremeu uns limões-galegos nele. Empurrou-o para Vanessa.

— Experimente este. Por conta da casa.

Vanessa pegou o copo e provou. Era doce e amargo ao mesmo

tempo, e ela não conseguia sentir o gosto de álcool.

— Eu podia beber uns dez desses — admitiu Vanessa.

— Não beba — Clark a alertou.

Vanessa baixou o copo vazio. Serena e Dan podiam bater a bunda o quanto quisessem, ela não ligava.

— Por que não?

Clark substituiu o copo por uma garrafa de água.

— Porque quero te beijar e quero que você se lembre.

A DJ da *Beije-me ou Morra* tinha uma queda por Celine Dion. Casais elegantemente vestidos se abraçavam e balançavam lentamente sob os gritos esganiçados, mal se mexendo sob as luzes suaves. Não era a festa batidão que alguns esperavam, mas também não era uma festa ruim. Ainda havia muita bebida, nada tinha se incendiado e a polícia não aparecera para pegar a identidade das pessoas. No fundo, todos os presentes sentiam que tinham o que comemorar — por terem sobrevivido.

De olhos fechados, Nate e Blair se abraçavam, a bochecha dela colada no peito dele, os lábios dele roçando o alto da cabeça de Blair. Blair tinha dado um tempo ao cérebro e sua cabeça estava cheia de estática. Estava cansada de imaginar filmes ou matar pessoas. Naquele momento a vida real lhe convinha muito bem.

A alguns casais de distância, Chuck estava com as mãos em cheio em Jenny Humphrey, que queria que a DJ acelerasse o ritmo. Tentava dançar o mais depressa que podia, para impedir que Chuck a apalpassse, mas sempre que mexia os ombros, os peitos saltavam do vestido e batiam no queixo de Chuck.

Chuck estava deliciado. Colocou os braços em torno da cintura de Jenny e a puxou para longe da pista, diretamente para o banheiro das mulheres.

— O que estamos fazendo? — perguntou Jenny, confusa. Ela olhou nos olhos dele. Sabia que Chuck era amigo de Serena e de Blair, e queria confiar nele. Mas Chuck ainda não tinha perguntado o nome dela. Mal tinha falado com ela a noite toda.

— Eu só quero te beijar. — Chuck baixou a cabeça e envolveu a boca de Jenny na dele. O tapa-olho de couro lhe futucou o rosto. A língua musculosa se meteu entre os dentes de Jenny com tanta força que ela soltou um gritinho.

Cedendo, ela abriu a boca e deixou que ele enfiasse a língua até a garganta. Já havia beijado meninos, em brincadeiras de festas. Mas

nunca um beijo de língua como aquele. *É assim que deve ser?*, Jenny se perguntava, assustada. Estendeu os braços e empurrou o peito de Chuck, afastando a cabeça dele, desesperada por ar.

— Tenho de ir ao banheiro — murmurou Jenny, tropeçando para um reservado e trancando a porta.

Ela conseguia ver os pés de Chuck, parado do lado de fora do reservado.

— Tudo bem — disse ele. — Mas ainda não terminei com você.

Jenny se sentou na privada sem levantar o vestido e fingiu fazer xixi. Depois levantou-se e puxou a descarga.

— Pronto? — gritou Chuck.

Jenny não respondeu. A mente disparava. O que devia fazer? Ansiosa, ela procurou o celular em sua bolsinha.

Chuck se agachou para olhar por baixo da porta do reservado. O que ela estava fazendo ali, a pentelhinha? Ele rastejou de quatro.

— Tá legal — disse ele. — Acabou, estou entrando.

Jenny fechou os olhos e se recostou na parede do reservado. Rapidamente pressionou os botões do número do celular de Dan, rezando para ele atender.

A banda de Ruby tocava a última música, e Serena e Dan estavam pegajosos de suor. Dan executava uns movimentos novos. Estava no meio de uma guinada para o lado, agachando-se e batendo no vizinho quando o celular vibrou no bolso.

— Droga — disse ele, pegando o aparelho.

Era um torpedo da irmã.

Festa mt ruim. Me leva pra casa, por favor!

Dan deu um tapinha no braço de Serena e apontou para a tela do celular.

— Desculpe — gritou acima da música. Abriu caminho pela multidão, cobrindo um ouvido enquanto ligava para Jenny.

— Dan? — A voz dela parecia muito baixinha, assustada e distante. — Preciso da sua ajuda. Pode vir aqui me buscar?

— Agora? — berrou Dan. Ele olhou para cima. Serena estava indo na direção dele, linda, suada, perfeita e maravilhosa, com o sangue de outros dançarinos como blush em seu rosto.

— Por favor, Dan? — implorou Jenny.

— Qual é o problema? — perguntou Dan à irmã. — Não pode pegar um táxi?

— Não, eu... — A voz de Jenny falhou. — Vem aqui, por favor, *agora* — disse ela e desligou.

Ruby soltou um gemido final, orgiástico, como uma sirene, jogou o baixo na cabeça do guitarrista e disparou como um canhão para a multidão que pulava.

— Quem era? — Serena perguntou acima dos uivos da multidão.

— Minha irmã mais nova. Está na *Beije-me ou Morra*. Está com problemas.

— Vai lá buscá-la?

— É, acho melhor. Ela estava meio estranha — disse ele, pensando em todos os assassinos no Upper East Side. Aquele bairro era ruim. O Brooklyn parecia o paraíso perto dele.

— Vou com você — ofereceu-se Serena. — Só preciso pegar minha bolsa e me despedir.

— Que bom. — Dan sorriu. — Ótimo.

Ela encontrou Vanessa no bar.

— Ei — disse Serena, tocando o braço dela. — Vamos buscar a irmã do Dan.

Vanessa se virou lentamente, esperando que os olhos de Clark se arregalassem e registrassem “linda garota” em grandes caracteres como as cerejas num caça-níqueis. Mas Clark só olhou Serena como se fosse outra cliente qualquer.

— Até mais, Vanessa! — gritou Dan de perto da porta.

Vanessa o fuzilou com os olhos. Queria que Clark parasse de fatiar limões-galegos só por um segundo para que ela me desse um beijo bem na cara de Dan.

Serena pegou a bolsa e se curvou para cochichar ao ouvido dela.

— Sei que quer a faca de volta, mas posso ficar com ela um pouco, só por esta noite?

Vanessa deu de ombros. Clark rolou uma azeitona pelo balcão e a pegou com os dentes. Ela riu.

— Pode levar.

Serena meteu a bolsa embaixo do braço.

— Legal, a gente se vê. Diga para a Ruby que ela é demais!

Vanessa se virou para Clark sem dizer uma palavra.

— Quem são eles? — Clark pegou uma azeitona num prato e a segurou diante dos lábios de Vanessa.

Vanessa mordeu a azeitona e deu de ombros.
— Só uns manés do uptown.

casal que mata unido permanece unido

Dan fez sinal para um táxi e abriu a porta para Serena. O ar de outubro estava fresco e cheirava a açúcar queimado. Dan de repente se sentiu muito elegante e maduro — um homem de smoking saindo com uma linda garota. Deslizou para o banco traseiro ao lado dela e olhou as próprias mãos enquanto o táxi se afastava do meio-fio. Não tremiam mais.

Embora parecesse inacreditável, ele tinha tocado em Serena com essas mesmas mãos quando estavam dançando. E agora estava a sós com ela num táxi. Se quisesse, podia pegar a mão dela, acariciar seu rosto, até mesmo beijá-la. Ele olhou atentamente o perfil de Serena, a pele dela brilhando sob a luz amarela dos postes, mas não encontrou coragem para fazer isso.

— Meu Deus, eu adoro dançar — exclamou Serena, deixando a cabeça cair no encosto. Ela se sentia completamente relaxada. — Eu podia dançar loucamente toda noite.

Dan assentiu.

— É, eu também.

Eles rodaram o restante do caminho em silêncio, desfrutando a sensação de cansaço nas pernas e o ar frio que entrava pela janela aberta na testa suada. Não havia nada de estranho no fato de eles não conversarem. Era legal.

O táxi encostou na frente da Katherine Farkas and Isabel Coates Memorial House, antes conhecido como Frick. Dan pensou que Jenny estaria esperando por ele do lado de fora, mas a calçada estava vazia.

— Acho que vou ter de entrar e pegá-la lá dentro. — Ele se virou para Serena. — Você pode ir para casa. Ou pode esperar...

— Eu vou com você — disse Serena. — Assim posso ver o que perdi.

Eles saíram do táxi e foram para a porta.

— Espero que deixem a gente entrar — cochichou Serena. — Joguei meu convite fora.

Dan puxou do bolso o convite amassado que Jenny fizera para ele e

mostrou ao segurança na porta.

— Ela está comigo. — Dan colocou o braço em torno de Serena.

— Vai em frente — disse o segurança, acenando para eles.

Ela está comigo?

Ela está comigo.

Ela está comigo!

O salão estava cheio de velhos rostos conhecidos. Tão conhecidos que ninguém ali tinha muita certeza se Serena van der Woodsen havia acabado de chegar ou se ela esteve ali a noite toda. Tinham ouvido dizer que ela estava morta, mas parecia mais saudável do que nunca. Na realidade, parecia ter se divertido muito. Os cabelos estavam desgrenhados pelo vento, o vestido escorregava dos ombros, havia um tremor em suas coxas e as bochechas estavam completamente rosadas, como se ela tivesse corrido. Parecia dissoluta, como o tipo de garota que fez o que todo mundo diz que fez e provavelmente muito mais.

Blair percebeu Serena de imediato, em sua volta dos mortos, parada à beira da pista de dança naquele vestido velho engraçado que elas compraram juntas na Alice Underground.

Mas que merda é essa? É claro que ela estava viva. Serena não ia morrer nunca, porra.

Blair afastou-se de Nate.

— Olha quem está aqui — disse ela.

Nate se virou, apertando a mão de Blair quando viu Serena.

O aperto de mão foi por choque, mas Blair o tomou como uma demonstração de dedicação dele. Ela retribuiu o aperto na mão.

— Por que não vai falar com ela? — perguntou a ele. — Diz a ela que acabou. Que não pode mais ser amigo dela. Que não pode ter nenhuma relação com ela. — A barriga dela roncava nervosamente. Afinal, depois de ter vomitado tudo, ela realmente precisava de outro sushi de atum.

Nate olhou para Serena com uma determinação levemente chapada. Se Blair achava essencial que ele dissesse a Serena para sumir, então ele faria isso. Estava louco para deixar tudo para trás e poder relaxar. Na verdade, depois de falar com Serena, ele ia subir e encontrar um lugar reservado para acender um.

Regra número um do mauricinoide: Quando o bicho pega, fique chapado.

— Tudo bem. — Nate largou a mão de Blair. — Lá vou eu.

— Oi — disse Serena, dando um beijo no rosto de Nate. Ele corou. Não esperava que ela tocasse nele. — Você está ma-ra-vi-lho-so, querido — completou ela, de um jeito tolo e fútil.

— Obrigado. — Nate tentou colocar as mãos nos bolsos, mas seu smoking não tinha nenhum. — Você está... bem também. Está... melhor?

— Estou ótima! Meio que fugi da festa. — Ela estava radiante. — Fui dançar num lugar muito doido no Brooklyn!

Nate ergueu as sobrancelhas de surpresa. Mas nada que Serena dissesse iria surpreendê-lo mais.

— E aí, quer dançar? — perguntou Serena. Colocou os braços em volta do pescoço de Nate antes que ele respondesse e começou a balançar os quadris de um lado a outro.

Nate olhou para Blair, que os observava atentamente.

— Olha, Serena. — Ele deu um passo para trás e retirou os braços dela. — Eu não posso... sabe como é... ser seu amigo... não como a gente era antes — começou Nate.

Serena franziu o cenho.

— E por que não? — disse. — Fiz alguma coisa errada?

— Blair é minha namorada — continuou Nate. — Tenho de... Tenho de ser fiel a ela. Não posso... Realmente não posso... — Ele engoliu em seco.

Com os nós dos dedos brancos, Serena enfiou a mão na bolsa de couro preto e segurou o punho da faca bowie. Se ao menos conseguisse odiar Nate por ser tão cruel e tão idiota. Quem dera ele não fosse tão bonito. Quem dera ela não o amasse. Ela o mataria desta vez por ser tão mau. Era que ela pretendia fazer quando voltou para Nova York. Mas não conseguiu. Jamais conseguiria.

— Bom, acho que a gente deve parar de se falar, então. Blair pode ficar nervosa. — Ela enfiou a bolsa sob o braço outra vez e se afastou abruptamente.

Enquanto atravessava o salão, os olhos de Serena encontraram os de Blair. Ela parou e abriu a bolsa. Mais uma vez seus dedos se fecharam no punho largo da faca. Ela a sacou, pronta para dar o golpe.

Blair puxou o vestido verde para cima. Retirou a adaga de ouro e esmeralda de sua bainha de ouro maciço.

En garde.

Touché.

Mas em vez de se atacarem, as duas meninas sorriram.

Foi um sorriso estranho e nenhuma das duas sabia o que a outra queria dizer com ele.

Será que Blair sorria porque tinha conquistado o cara no final e tinha pisado nos sapatos de festa de Serena, deixando-a assustada e ferida? Porque — como sempre — ela conseguia o que queria?

Estaria Serena sorrindo porque admirava o gosto de Blair por armas antigas? Ou porque já estava tramando sua vingança?

Ou era um sorriso triste porque a amizade das duas tinha acabado?

Talvez estivessem sorrindo porque, no fundo, as duas sabiam que não importava o que viesse a acontecer — não importava por quem o cara tivesse se apaixonado, que roupas elas usavam, como foram seus testes de aptidão, a quem haviam incinerado ou decapitado, ou para que faculdades iriam — não valia a pena se matarem.

Não é divertido arrebentar os outros sem um pouco de competição.

Serena devolveu a faca à bolsa e a colocou embaixo do braço. Continuou andando, rumo ao banheiro das mulheres, para jogar uma água gelada na cara.

Blair levantou o vestido e meteu a adaga em sua bainha de ouro.

Perto da porta, a diretora da Fundação Aves de Rapina vestia o casaco de mink e dava um beijo de boa noite em Rain e Laura.

Blair se aproximou e colocou uma bolsa de brindes na mão dela.

— Aquelas aves têm sorte de você estar viva — disse Blair com um sorriso.

Serena abriu a torneira e jogou a água fria e limpa no rosto repetidas vezes. Era tão bom que ela queria tirar toda a roupa e mergulhar nela.

Apoiou-se na fileira de pias, secando o rosto. Seu olhar deslizou para o chão, onde viu um par de sapatos caramelo de couro de porco, a ponta franjada de um cachecol creme e uma bolsa roxa feminina da H&M.

Serena revirou os olhos e foi até lá.

— Chuck, é você? — disse ela na fresta da porta. — Quem está aí com você?

Uma garota arfou.

— Droga — xingou Chuck. Ele erguera Jenny em cima da tampa da privada no último reservado e puxara seu vestido para baixo a fim de pegar aqueles enormes peitos. Serena tinha chegado na pior hora

possível. Ele abriu a porta do reservado alguns centímetros.

— Vai se foder — grunhiu.

Atrás dele Serena pôde ver a pequena Jenny Humphrey, o vestido puxado para baixo até a cintura, os braços pendendo, parecendo apavorada.

Alguém abriu a porta do banheiro.

— Jenny? Você está aí? — chamou Dan.

Serena de repente entendeu: Jenny era a irmã de Dan. Não admirava que ela parecesse assustada ao telefone. Estava prestes a ser traçada por Chuck.

— Estou aqui — choramingou Jenny.

— Sai daqui. — Serena deu um tapa em Chuck. Abriu a porta apenas o suficiente para que ele passasse por ela sem Dan ter de ver a irmã seminua.

Chuck a empurrou, afastando-a da porta do reservado.

— Ah, me desculpe, vaca psicopata — sibilou. — Da próxima vez vou me lembrar de pedir sua autorização.

— Um minutinho aí, Porta-Cachecol — vociferou Dan. Se tivesse matado Chuck antes, nada daquilo estaria acontecendo. — O que é que está fazendo com a minha irmã?

Serena fechou a porta do reservado e ficou do lado de fora, esperando que Jenny descesse da privada e se arrumasse.

— Vai se foder — disse Chuck, empurrando Dan.

— Vai se foder você. — As mãos de Dan tremiam. Chuck ia morrer. Era agora ou nunca.

Serena odiava quando os meninos brigavam. Deixava-os parecendo uns babacas. Ela abriu a bolsa e pegou a faca.

— Ei, Chuck. — Serena o cutucou nas costas com a ponta da faca. — Belo tapa-olho.

— Sua puta — sibilou Chuck, girando para encará-la. — Você acha que pode voltar e bancar a superior cheia de poder depois de tudo o que fez?

— O que foi que eu fiz, Chuck? — quis saber Serena, a ponta da faca pressionando contra o peito de smoking. — O que é que você acha que eu fiz?

Chuck lambeu os lábios e riu baixinho. Uma gota de suor escorria abaixo do tapa-olho.

— E o que você *não* fez? Você foi expulsa do internato porque é uma puta pervertida que deixou marcas na parede acima da cama do seu quarto para cada cara que pegou. Você tem doença venérea. Você

é viciada em todo tipo de drogas e fugiu da reabilitação, e agora está traficando seus próprios trecos. Você era membro de uma seita aí que matava galinhas. Você teve um filho na França. E você mata pessoas. — Chuck tomou fôlego e lambeu os lábios. — Você tentou me matar.

Serena sorria, com a faca preparada.

— Caramba. Eu andei bem ocupada.

Chuck franziu a testa. Olhou para Dan, que estava parado ali, observando em silêncio, com as mãos no bolso.

Snif, snif.

Ainda presa no reservado, Jenny não conseguiu mais se controlar. Não acreditava que, de todas as pessoas do mundo, tinha de ser encontrada daquele jeito por Serena van der Woodsen. Serena devia achá-la ridícula.

— Vai se foder, Chuck — sussurrou Serena. Ela pegou o cachecol de Chuck e o puxou para ela, erguendo a faca.

Dan pegou um vidro de perfume Dolce & Gabbana rosa com o frasco em formato de silhueta feminina e o ergueu. Estava prestes a batê-lo na cabeça de Chuck quando Jenny irrompeu do reservado, segurando com as duas mãos uma tampa de privada de porcelana.

— Não o matem, ele é meu! — gritou ela, erguendo a tampa de privada e correndo a toda para Chuck.

Serena e Dan saíram do caminho.

A tampa pegou Chuck pouco abaixo da cintura, espatifando sua pélvis.

— Caralho! — gritou Chuck, curvando-se e caindo de joelhos.

— Tome — disse Serena, oferecendo a faca a Jenny. — Cuidado, é muito afiada.

Dan baixou o vidro de perfume e acendeu um cigarro. Quando seria a vez dele?

De faca na mão, Jenny assomou o corpo caído de Chuck, sentindo-se poderosa e alta.

— Levante a cabeça — ordenou. — Quero ver sua cara idiota enquanto você morre.

Chuck olhou para cima, a testa rosada e molhada de suor.

— Não — gemeu, lutando para se levantar. Seus sapatos de couro de porco escorregavam no ladrilho molhado. O cachecol se embaralhava nas pernas.

— Vai! — Serena instigava. Seus dedos coçavam para cuidar do abate, mas Jenny merecia isso.

Jenny se aproximou um passo e estendeu a faca.

— Você sabe que eu vou.

— Não — implorou Chuck mais uma vez, as mãos e pés se debatendo no piso escorregadio. Meio ajoelhado e meio de pé, ele escorregou e caiu para frente, em cima faca apontada para ele. Jenny soltou o punho de aço azulado da faca. Projetava-se do tronco de Chuck como um dardo no alvo.

Serena avançou e segurou o punho da faca. Girou-a para os dois lados, estripando-o. Chuck desabou no piso de mármore ensanguentado, esmagando o crânio. Suas tripas estavam pelo chão. O tapa-olho tinha se entortado, revelando um globo ocular que girava sem pálpebras. Serena ergueu o pé e esmagou o olho bom com o salto pontudo de seus Louboutins dourados.

— Babaca — disse ela.

Desesperado para participar da queda de seu mais odiado colega de turma, Dan acendeu um fósforo e pegou uma lata de spray capilar.

— Vou tocar fogo em você! — berrou, borrifando spray diretamente na cara de Chuck e erguendo o fósforo aceso na frente do jato.

A metade superior de Chuck foi momentaneamente banhada em chamas. A gravata-borboleta de seda preta inflamou-se e encolheu. Os botões de madrepérola da camisa branca do smoking calcinado escureceram e viraram cinzas. Como cera derretendo-se, as bochechas e o queixo de Chuck pareciam amolecer e escorregar dos ossos.

Com as narinas pálidas infladas, Dan se postou sobre ele, exultante. Fazer a coisa era melhor do que escrever sobre ela.

Com os cabelos soltando fumaça, as tripas numa poça, os globos oculares sem pálpebras rolando às cegas pela cabeça, Chuck se contorcia de dor no chão. Os sapatos de couro de porco deram um último chute, um golpe valente.

— Mas eu sou Chuck Bass. — Ele arquejou e morreu.

O fedor de carne e cabelo queimado, de seda e couro incendiado e de spray capilar em chamas era quase insuportável.

— Você sabe que amamos você — disse Serena, borrifando o perfume feminino no corpo caído. Chuck não respondeu. Parecia bem mortinho. Ela deu meia-volta para abrir uma janela do banheiro — para que a fumaça saísse e os abutres entrassem.

Jenny pegou a faca no chão e passou o dedo na lâmina ensanguentada. Ela não havia jantado. Uma comida sólida ajudaria a absorver o champanhe que sacudia por seu estômago. A língua de Chuck pendia, rosada e carnuda, para fora da boca. Ela podia cortá-la, levar para casa, fatiar e comer.

Dan acendeu outro cigarro, curtindo o momento. Ele era o homem mais bonito e elegante no ambiente. Aquela frase do roteiro de Vanessa ecoava em sua mente: *A vida é frágil e absurda. Assassinar alguém não é tão difícil.* Na verdade, era ridiculamente fácil — era até mesmo *divertido*.

Ele passou um braço reconfortante nos ombros da irmã.

— Você está bem?

Jenny se agarrava à faca ensanguentada, oscilando sem equilíbrio nos saltos.

— Não sei dizer se ainda estou muito bêbada, ou apenas cansada e com muita fome.

— Aqui, eu fico com isso. — Serena tirou a faca de caça das mãos de Jenny e a jogou na bolsa. Olhou para Dan e estendeu a mão.

— Pronto?

Dan manteve o braço em torno da irmã e pegou a mão de Serena. Juntos, eles saíram do banheiro e abriram caminho pela multidão, indo para a porta.

— Peraí! As bolsas de brindes! — gritou Rain Hoffstetter. Estendeu a Serena e a Jenny uma bolsa preta Kate Spade. — Tem camisinhas que brilham no escuro. E facas!

Dan abriu as portas da antiga mansão e correu para a Quinta Avenida para chamar um táxi. Eles sentaram no banco traseiro, com Jenny no meio. Ela colocou os pés na lombada do piso do carro e abraçou os joelhos sujos de sangue. Serena estendeu o braço e remexeu seus cabelos castanhos crespos.

— Vocês vão para casa primeiro — sugeriu.

Dan olhou para Jenny. Ela precisava lavar todo aquele sangue, beber um leite morno e ir para a cama. Ele deu o endereço ao motorista.

Serena se recostou, ainda acariciando os cabelos de Jenny.

— Puxa — disse ela com um suspiro. — Ainda bem que não fiquei em casa esta noite.

Dan a encarou.

— Então, aquelas histórias... — disse ele, depois corou. — Quero dizer, alguma coisa daquelas aconteceu mesmo?

Serena franziu a testa. Pescou um cigarro na bolsa, então hesitou. O sangue da faca provavelmente tinha estragado tudo mesmo.

— Bom, o que você acha? — perguntou ela.

Dan deu de ombros.

— Acho que é um monte de besteira — disse ele.

Serena ergueu as sobrancelhas, meio sacana.

— Mas como você pode ter certeza?

A boca de Serena estava aberta, os cantos tremiam. Os olhos azuis brilhavam à luz do farol de um carro que passava. Dan havia acabado de vê-la estripar o cara que ele mais odiava. Ela estava carregando uma faca muito grande e cara. Podia ser um anjo ou uma assassina, ou as duas coisas.

— Não tenho medo de você.

Os cantos da boca de Serena se ampliaram.

— Que bom. — Ela suspirou e deixou a cabeça tombar de novo no encosto do banco.

Dan tombou a cabeça ao lado da dela, ainda se perguntando se devia ter medo ou não.

Enquanto passavam velozmente pelo Central Park South e pelo Columbus Circle, Serena mantinha os olhos abertos. Sempre achou o restante de Manhattan feio e deprimente se comparado às ruas bem cuidadas e tranquilas do Upper East Side. Mas agora as luzes fortes, o barulho e o vapor que subia das grades nas esquinas da Broadway estavam lindamente caóticos. O táxi rugiu por uma lombada. Sua bolsa caiu no chão. A faca saiu dela. Na escuridão do táxi, Serena, Dan e Jenny estenderam a mão para pegá-la ao mesmo tempo.

Estavam loucos para ver o que ia acontecer depois.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Bom, eu me diverti muito na *Beije-me ou Morra*. Devo ter perdido uns sete quilos dançando — ou talvez alguém tenha cortado minhas pernas e eu nem percebi.

Nem preciso dizer que estou me sentindo ótima. Quero dizer, eu sobrevivi.

Flagra

B e **N** na casa de **N**, juntos, na madrugada de sexta-feira. Tomara que ela deixe a arma de lado antes de ele revistar sua coxa. **C**, ou o que resta dele, sendo levado numa ambulância — de novo. **D**, **J** e o pai desganhado tomando um café da manhã em família naquela lanchonete onde costumavam gravar *Seinfeld*. **V** tirando fotos do novo namorado, servindo de modelo ao lado dos corpos em decomposição de uma família de ratos em uma lixeira no Brooklyn. **S** entregando uma bolsa Kate Spade preta a um sem-teto que alimentava os abutres na escadaria do Met. Uma das aves tinha o que parecia um tapa-olho de couro caramelo pendurado como um medalhão no pescoço. E **V** na **Paragon Sports** na Broadway, devolvendo um monte de coisas e entregando um cheque de 4.500 dólares, preenchido em ouro com um nome comprido e vagamente holandês. Acho que afinal **S** quer ficar com aquela linda faca. E é claro que fará bom uso dela!

Seu e-mail

Oi, GG

Só queria te dizer que estou escrevendo minha tese na faculdade sobre você. Você é demais!

— Estudioso

R:

Caro Estudioso

Estou lisonjeada... E aí... como é que você é?

— GG

Perguntas e respostas

Por que se preocupar com a faculdade? Estou me divertindo muito mais agora. E são tantas as perguntas a serem respondidas:

Será que *S* e *D* vão se apaixonar? Será que *S* não vai se cansar do veludo cotelê dele e o cortar em farrapos juntamente às suas pernas brancas e magricelas? OU *D* já está morto??

J vai renunciar à alta sociedade e aos vestidos elegantes e fará novos amigos da idade dela? Ela é nossa heroína assassina? Ou também está morta?

V um dia realmente explodirá a escola?

B vai ficar com *N*? Será que ele vai viver para contar a história? Será que ele se tornará um vegetal de tanto fumar maconha para acalmar os nervos em frangalhos?

C voltará dos mortos com olhos de vidro, uma prótese facial e uma bengala de platina maciça e nos assombrará, como sempre fez?

Será que a prefeitura adotará algum predador para comer todos os abutres? O que virá por aí... Lobos?

Será que o Departamento de Educação Física da Constance Billard atualizará seu currículo, incluindo arremesso de facas, combate corpo a corpo, esgrima e justas a fim de acompanhar suas alunas homicidas?

S e *B* manterão a trégua?

Só por cima do meu cadáver.

É melhor ficar a uma distância segura. A não ser que você saiba usar muito

bem uma faca. E — como eu — não queira ficar de fora.

Pra você que me ama

gossip girl

Agradecimentos

Ninguém se feriu nem foi mutilado durante a concepção deste livro, exceto Joelle Hobeika (editora, Alloy), Sara Shandler (diretora editorial, Alloy), Liz Dresner (designer, Alloy), Aiah Wieder (gerente editorial, Alloy), Josh Bank (presidente, Costa Leste, Alloy), Leslie Morgenstein (diretor executivo, Alloy), Jeanne Detallante (ilustradora), Andrew Smith (editor associado, Poppy), Suzanne Gluck (WME) e toda a família da autora. A autora gostaria de agradecer a estas pessoas e a Cindy, das profundezas mais sombrias de seu coração.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S. A.

Gossip Girl psycho killer:

Sobre a autora

- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=136

Saiba mais sobre o livro na página do Skoob

- <http://www.skoob.com.br/>

Página da autora na Wikipédia

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Cecily_von_Ziegesar

Twitter da autora

- <https://twitter.com/cesvonz>

Página da autora no Facebook

- <https://www.facebook.com/cecilyvonziegesar>

Entrevista com a autora

- <http://jovem.ig.com.br/cultura/livros/2012-08-17/cecily-von-ziegesar-critica-sagas-nao-me-interessa-pelo-universo-sobrenatural.html>

Resenha do livro

- <http://www.concentrofoba.com.br/2012/08/gossip-girl-psycho-killer-cecily-von.html>

Site da série de TV baseada nos livros da autora– em inglês

- <http://gossipgirl.alloyentertainment.com/>

Página da série no Facebook

- <https://www.facebook.com/officialgossipgirl>

Twitter da série de TV

- <https://twitter.com/gossipgirl>

Capa

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

Rosto

Créditos

Epígrafe

gossipgirl.net

como muitas histórias de matar, esta começou numa festa

os fins justificam os meios

uma hora de sexo queima 360 calorias

s voltou!

s e n

gossipgirl.net

eu sei o que você fez no inverno passado

ouçam os anjos da anunciação cantando

outra fã de s

no coração de cada clínica socialmente alienada existe uma romântica incurável

um almoço das poderosas

gossipgirl.net

os nus e os mortos

só os bons morrem jovens

a vida é frágil e absurda

almoço seminu

gossipgirl.net

guia de caça e pesca para garotos

s tenta se aperfeiçoar

o despertar social está próximo da santidade

assassinos por natureza

vive la france... só que não

uma bela fatia

[gossipgirl.net](#)

maltratada no recreio

sonho romântico e enfumaçado de uma moradora do west side

pequena j, pequena j, corra por sua vida

[gossipgirl.net](#)

sexta-feira treze: o confronto final

sexta-feira treze: a suíte quebra-nozes

um díptico

será que s e n vão ficar juntos novamente?

[gossipgirl.net](#)

a galera do west side pira na barneys

ela se solta

reticências

brunch de domingo

[gossipgirl.net](#)

s, a ressurreição

o vermelho ou o negro

beije-me ou morra

o five and dime

como sempre, b está no banheiro e n está chapado

s, d, j e c na luta livre

casal que mata unido permanece unido

[gossipgirl.net](#)

Agradecimentos

Colofão

Saiba mais